

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**PATRÍCIA AUGUSTA POSPICHIL CHAVES LOCATELLI**

**A RELAÇÃO DO IDOSO COM O TRABALHO: UMA PROPOSTA DE  
COMPREENSÃO À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

**PORTO ALEGRE**

**2018**

**PATRICIA AUGUSTA POSPICHIL CHAVES LOCATELLI**

**A RELAÇÃO DO IDOSO COM O TRABALHO: UMA PROPOSTA DE  
COMPREENSÃO À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Di Diego Antunes

**PORTO ALEGRE**

**2018**

### CIP - Catalogação na Publicação

Locatelli, Patrícia Augusta Pospichil Chaves  
A relação do idoso com o trabalho: uma proposta de  
compreensão à luz da teoria das Representações Sociais  
/ Patrícia Augusta Pospichil Chaves Locatelli. --  
2018.  
212 f.  
Orientadora: Elaine Di Diego Antunes.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de  
Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS,  
2018.

1. Envelhecimento. 2. Trabalho. 3. Representações  
sociais. I. Antunes, Elaine Di Diego, orient. II.  
Título.

**PATRICIA AUGUSTA POSPICHIL CHAVES LOCATELLI**

**A RELAÇÃO DO IDOSO COM O TRABALHO: UMA PROPOSTA DE  
COMPREENSÃO À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Tese defendida e aprovada em:

---

Profa. Dra. Elaine Di Diego Antunes (Orientadora) - UFRGS

---

Profa. Dra. Andrea Poletto Oltramari – EA/UFRGS

---

Prof. Dr. Johannes Doll – FACED/UFRGS

---

Profa. Dra. Janaina Macke – Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho a meus filhos Rafael  
e Mariana.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela existência, pelas oportunidades e pelas conquistas.

Aos meus filhos, Rafael e Mariana, por completarem minha vida.

Aos familiares e amigos por seu carinho e apoio.

À Profa. Elaine Di Diego Antunes, pela orientação acadêmica e, mais ainda, pela profissional humana que é.

Aos Profs. Johannes Doll, Andrea Poletto Oltramari e Janaina Macke por suas contribuições nas diferentes etapas de construção desta tese.

Aos idosos participantes desta pesquisa por sua disponibilidade e confiança em relatar suas histórias.

A todos, muito obrigada!

*Idoso é quem tem o privilégio de viver uma longa vida... velho é quem perdeu a jovialidade. Você é idoso quando sonha... você é velho quando apenas dorme. Você é idoso quando ainda aprende... você é velho quando já nem ensina. Você é idoso quando tem planos... você é velho quando só tem saudade. Para o idoso a vida se renova a cada dia que começa... para o velho a vida se acaba a cada noite que termina. Que você, quando idoso, viva uma vida longa, mas que nunca fique velho.*

Autor desconhecido

## RESUMO

Esta tese apresenta o resultado de uma investigação que entrecruzou os temas envelhecimento e trabalho à luz da teoria das Representações Sociais. Partindo-se do entendimento de que a forma como os indivíduos pensam e agem é determinada pelo social e de que a relação que os idosos estabelecem com o seu trabalho está diretamente vinculada e pode ser mais bem compreendida a partir da interpretação das representações sociais por eles elaboradas, este estudo objetivou compreender como as representações sociais de trabalhadores idosos permeiam sua relação com o trabalho. O percurso metodológico partiu de uma perspectiva interpretativista, sendo este um estudo qualitativo. A coleta de dados foi conduzida de acordo com os pressupostos da metodologia narrativa, operacionalizada por meio de entrevistas narrativas biográficas e notas de campo. O corpus da pesquisa foi formado por seis idosos trabalhadores do meio urbano – com 60 anos ou mais e distintas ocupações. Os resultados deste estudo apontaram para a variabilidade das representações sociais. No que tange especificamente à fase de vida atual, foram identificadas seis distintas representações sobre o trabalho: ‘atividade’, ‘meio’, ‘segurança’, ‘missão’, ‘dom’ e ‘obrigação’. Todavia, em alguns casos constatou-se a coexistência e o atravessamento de representações oriundas de outras etapas de vida, o que diverge da ideia de que o surgimento de novas representações resultaria na eliminação das mais antigas. A função das representações sociais, como norteadoras da conduta dos indivíduos foi evidenciada em todos os casos apresentados. A análise das trajetórias de vida e de trabalho dos idosos revelou como elas foram transpassadas pelas representações dos entrevistados. De igual modo, as representações influenciam no comportamento dos indivíduos, na tomada de decisões e, conseqüentemente, em sua relação com o trabalho, inclusive no que se refere a planos futuros. No que tange ao envelhecimento, as percepções dos entrevistados perpassaram duas perspectivas divergentes de velhice, uma com foco nas perdas e outra com foco nos ganhos. A associação entre aposentadoria e envelhecimento esteve presente nas narrativas dos entrevistados, principalmente no que se refere às perdas decorrentes do processo de envelhecimento – físicas, sociais, profissionais e financeiras. Na opinião deles, a velhice não deve representar um período de ociosidade. Destacou-se entre os idosos a menção a planos futuros e o desejo pela continuidade da realização de atividades produtivas. De modo geral, a relação dos idosos com o trabalho está pautada pela realização e satisfação que o desempenho da atividade pode oferecer, além da possibilidade de ocupação do tempo e da mente.

**Palavras-Chave:** Envelhecimento. Trabalho. Representações sociais.



## **ABSTRACT**

*This thesis presents the result of an investigation that intertwined the themes of aging and work in the light of the theory of Social Representations. Based on the understanding that the way individuals think and act is determined by the social and that the relationship that the elderly establish with their work is directly linked and can be better understood from the interpretation of social representations by them elaborated, this study aimed to understand how the social representations of older workers permeate their relation with work. The methodological course started from an interpretative perspective, this being a qualitative study. The data collection was conducted according to the assumptions of the narrative methodology, operationalized through biographical narrative interviews and field notes. The corpus of the research was formed by six elderly urban workers - with 60 years or more and distinct occupations. The results of this study pointed to the variability of representations. With regard to the current stage of life, six distinct representations of work were identified: activity, medium, security, mission, gift, and obligation. However, in some cases the coexistence and the crossing of representations from other stages of life have been verified, which diverges from the idea that the emergence of new representations would result in the elimination of the oldest ones. The role of social representations, as guiding the conduct of individuals was evidenced in all cases presented. The analysis of the life and work trajectories of the elderly revealed how they were pierced by the representations of the interviewees. Similarly, representations influence the behavior of individuals, in decision-making, and consequently in their relation to work, including in relation to future plans. Concerning aging, the interviewees' perceptions crossed two divergent perspectives of old age, one focusing on losses and another focused on earnings. The association between retirement and aging was present in the interviewees' narratives, especially regarding the losses resulting from the aging process - physical, social, professional and financial. According to the interviewees, old age should not represent a period of idleness. Among the elderly, mention was made of future plans and the desire for the continuity of productive activities. In general, the relation between the elderly and the work is based on the fulfillment and satisfaction that the performance of the activity can offer, besides the possibility of occupation of time and mind.*

**Keywords:** Aging. Work. Social representations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação esquemática do estudo .....	173
--	-----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados .....	70
Quadro 2 - As representações sociais de Eva sobre trabalho e envelhecimento.....	95
Quadro 3 - As representações sociais de Bertoldo sobre trabalho e envelhecimento .....	110
Quadro 4 - As representações sociais de Miguel sobre trabalho .....	123
Quadro 5 - As representações sociais de Nilda sobre trabalho e envelhecimento..	133
Quadro 6 - As representações sociais de Jonas sobre trabalho e envelhecimento	146
Quadro 7 - As representações sociais de Francisco sobre trabalho e envelhecimento .....	159
Quadro 8 - Representações do trabalho nas diferentes etapas de vida dos entrevistados.....	162
Quadro 9 - Indicadores de perdas e ganhos advindos do processo de envelhecimento .....	168

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO: Afinal, por que estudar idosos?</b> .....	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 CONTEXTUALIZANDO O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO MUNDO E NO BRASIL</b> .....	<b>24</b>
2.1 ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL .....	24
2.2 ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA .....	26
<b>3 ENVELHECIMENTO INDIVIDUAL E SOCIAL</b> .....	<b>30</b>
3.1 A HETEROGENEIDADE DO ENVELHECIMENTO INDIVIDUAL.....	30
3.2 O ENVELHECIMENTO COMO UM FENÔMENO SOCIAL .....	33
<b>4 ENVELHECIMENTO: DISTINTAS PERSPECTIVAS</b> .....	<b>35</b>
4.1 O ENVELHECIMENTO COMO UM PROCESSO DE PERDAS .....	35
4.2 TERCEIRA IDADE E ENVELHECIMENTO BEM SUCEDIDO .....	37
4.3 A ABORDAGEM DO ENVELHECIMENTO ATIVO.....	40
4.4 CRÍTICA AOS DISCURSOS A RESPEITO DA VELHICE .....	42
<b>5 ENVELHECIMENTO E TRABALHO</b> .....	<b>46</b>
<b>6 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	<b>55</b>
6.1 CONTEXTUALIZANDO REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	55
6.2 A FUNÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	58
6.3 OS PROCESSOS DE ANCORAGEM E OBJETIVAÇÃO .....	60
<b>7 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>64</b>
7.1 PARADIGMA INTERPRETATIVO E PESQUISA SOCIAL QUALITATIVA .....	64
7.2 ENTREVISTA NARRATIVA BIOGRÁFICA E NOTAS DE CAMPO .....	66
<b>7.2.1 Entrevista narrativa biográfica</b> .....	<b>66</b>
<b>7.2.2 Notas de campo</b> .....	<b>68</b>
7.3 CORPUS DA PESQUISA .....	68
7.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS: MÉTODO RECONSTRUTIVO .....	70
7.5 OS BASTIDORES DA PESQUISA: UM ENFOQUE A PARTIR DAS NOTAS DE CAMPO .....	72
<b>7.5.1 Eva</b> .....	<b>72</b>
<b>7.5.2 Bertoldo</b> .....	<b>73</b>
<b>7.5.3 Miguel</b> .....	<b>74</b>
<b>7.5.4 Nilda</b> .....	<b>75</b>
<b>7.5.5 Jonas</b> .....	<b>76</b>
<b>7.5.6 Francisco</b> .....	<b>78</b>

<b>8</b>	<b>“NINGUÉM REPETE O ENVELHECIMENTO DO OUTRO” – A APRESENTAÇÃO DOS CASOS</b> .....	<b>79</b>
8.1	EVA, PESQUISADORA: O TRABALHO COMO REALIZAÇÃO .....	79
8.1.1	<b>Biografia resumida da entrevistada</b> .....	<b>79</b>
8.1.2	<b>As representações sociais de Eva e sua relação com o trabalho</b> .....	<b>80</b>
8.2	BERTOLDO, PROCURADOR: O TRABALHO COMO MEIO.....	96
8.2.1	<b>Biografia resumida do entrevistado</b> .....	<b>96</b>
8.2.2	<b>As representações sociais de Bertoldo e sua relação com o trabalho</b> ...	<b>97</b>
8.3	MIGUEL, ANALISTA DE SISTEMAS: O TRABALHO COMO SEGURANÇA 111	
8.3.1	<b>Biografia resumida do entrevistado</b> .....	<b>111</b>
8.3.2	<b>As representações sociais de Miguel e sua relação com o trabalho</b> .....	<b>112</b>
8.4	NILDA, VOLUNTÁRIA: O TRABALHO COMO MISSÃO .....	124
8.4.1	<b>Biografia resumida da entrevistada</b> .....	<b>124</b>
8.4.2	<b>As representações sociais de Nilda e sua relação com o trabalho</b> .....	<b>125</b>
8.5	JONAS, RELOJOEIRO: O TRABALHO COMO DOM .....	135
8.5.1	<b>Biografia resumida do entrevistado</b> .....	<b>135</b>
8.5.2	<b>As representações sociais de Jonas e sua relação com o trabalho</b> .....	<b>136</b>
8.6	FRANCISCO, GEÓLOGO: O TRABALHO COMO OBRIGAÇÃO .....	147
8.6.1	<b>Biografia resumida do entrevistado</b> .....	<b>147</b>
8.6.2	<b>As representações sociais de Francisco e sua relação com o trabalho</b>	<b>148</b>
<b>9</b>	<b>AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES IDOSOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DOS CASOS</b> .....	<b>161</b>
9.1	AS REPRESENTAÇÕES DOS IDOSOS SOBRE TRABALHO E ENVELHECIMENTO .....	161
<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>172</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>179</b>
	<b>APÊNDICE A – ARTIGOS SOBRE ENVELHECIMENTO PUBLICADOS NO ENANPAD (2012-2018)</b> .....	<b>205</b>
	<b>APÊNDICE B – ARTIGOS SOBRE ENVELHECIMENTO PUBLICADOS NOS EVENTOS ANPAD DE CADA ÁREA (2004-2018)</b> .....	<b>208</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>211</b>

## **PRÓLOGO: Afinal, por que estudar idosos?**

Diante de uma habilidade de escrita impessoal e da dificuldade de “se colocar no texto”, aceitei o exercício proposto por minha orientadora, qual seja, fazer uma apresentação da pesquisa e das motivações da pesquisadora que vos escreve. Desafio que tentarei desenvolver neste prólogo.

O interesse, ou melhor, o incentivo para estudar o tema do envelhecimento, mais especificamente os idosos, surgiu durante o curso de mestrado, em uma das disciplinas que cursei – Antropologia na Administração, ministrada pela Profa. Dra. Neusa Cavedon. Como avaliação final da disciplina foi solicitado aos alunos que realizassem um exercício etnográfico. A professora sugeriu que, para a escolha do campo, optássemos por um local próximo de nossas residências ou trabalho, o que facilitaria o acesso e as observações. Logo pensei em três possibilidades de locais aos quais, acreditava, teria acesso facilitado: uma loja de produtos naturais, um salão de baile para a terceira idade e uma escola de natação que oferecia aulas de hidroginástica, frequentadas, em sua maioria, por idosos.

Durante muito tempo, considerei que minhas alternativas contemplavam apenas o quesito acessibilidade (confesso que, na época, essa era minha prioridade). Porém, hoje percebo que existiam muitas outras possibilidades e que, de alguma forma, mesmo sem intenção, contemplei em duas das três opções aquilo que despertava meu interesse: idosos. Com base nos locais apresentados, a professora responsável pela disciplina sugeriu a escola de natação.

A entrada em campo não foi tarefa fácil. Como pesquisadora iniciante, refletia acerca do melhor modo de aproximar-me do grupo. Surgiu, então, a ideia de matricular-me nas aulas de hidroginástica, acompanhando mulheres idosas nesta prática, duas vezes por semana. Esta experiência resultou não apenas em minha aprovação na disciplina e na publicação de um artigo (LOCATELLI e CAVEDON, 2011), mas principalmente, na descoberta do tema que tomaria meu interesse por completo, a ponto de, às vésperas da defesa, abandonar o projeto de dissertação anterior e construir um novo em duas semanas. O tema do novo projeto? Envelhecimento.

Essa mudança de direção trouxe um misto de receio e motivação. Felizmente, quando o novo projeto ficou pronto, o receio havia se dissipado. Só restava a motivação.

Para a dissertação de mestrado (LOCATELLI, 2012), escolhi investigar uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Campo que se revelou extremamente fecundo, além de inédito, na área da Administração. Nesta pesquisa, foi possível vivenciar a realidade de uma ILPI e compreender – certamente, não em seu esgotamento – as representações sociais de gestores, funcionários e idosos institucionalizados sobre a velhice.

Esta escolha, na época, refletiu meu viés enquanto pesquisadora. Afinal, a ideia que tinha dos idosos era a de vitimização, de perdas, de doença, de vulnerabilidade. A visão de que o envelhecimento é um processo amplo e heterogêneo, de que não existem apenas aspectos negativos na velhice e de que o ingresso nesta fase de vida não representa para todos os idosos o fim imediato, foi sendo por mim assimilada durante a construção da pesquisa, principalmente a partir das descobertas empíricas. “Saltava-me aos olhos” a vitalidade e a disposição de muitos idosos, apesar da idade avançada e do contexto de institucionalização. A partir de então, passei a pensar o envelhecimento em seu caráter dual, com perdas e ganhos (LOCATELLI e CAVEDON, 2012), e passível de apresentar as mais distintas configurações.

Ao término do curso de mestrado, muitas eram as questões que me instigavam a continuar investigando o universo das ILPI's. As possibilidades de estudo eram vastas e o tempo havia sido insuficiente para cobrir todas as peculiaridades do campo.

No pré-projeto de tese, apresentado por ocasião da candidatura ao curso de doutorado, reforcei meu interesse por instituições de longa permanência, mas desta vez o foco se voltava para os idosos voluntários que atuavam neste tipo de organização asilar. Iniciava-se ali um redirecionamento que somente mais tarde se consolidaria. Um redirecionamento rumo à investigação de outro perfil de idoso.

Muitas foram as conversas, durante encontros de orientação, até que meu objeto de interesse fosse delineado. Investigaria os “idosos ativos”. Mas quem seriam eles? Idosos que trabalham de forma remunerada? Trabalho formal ou informal? Idosos que se dedicam a algum hobby? Idosos que realizam atividades

domésticas? Poderia considerar atividades outras como as voluntárias ou o cuidado dos netos?

Na tentativa de melhor especificar meu objeto de estudo, realizei duas entrevistas exploratórias. A primeira com uma idosa de 80 anos, que trabalhou, por mais de 30 anos como professora de comunidades indígenas e que atualmente, coordena, em caráter voluntário, um trabalho de assistência social, na cidade de Gravataí. A segunda entrevistada, de 78 anos, pesquisadora, atuava em uma instituição universitária de Porto Alegre.

A realização destas entrevistas foi de extrema importância para a aproximação inicial com meu objeto de interesse e com o método proposto nesta tese. As narrativas apresentadas pelas idosas, não apenas em relação ao trabalho desenvolvido na atualidade, mas também com relatos de suas trajetórias de vida e profissional, fizeram-me descobrir um campo de estudo extremamente rico – e que incita a determinadas escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas.

Sabe-se que o interesse do pesquisador sobre determinado tema ou fenômeno não constitui justificativa suficiente para estudá-lo. É preciso que o objeto do estudo apresente relevância científica e social. Este é, certamente, o caso do envelhecimento. Com base na perspectiva de um campo a ser explorado, a proposta para esta pesquisa foi a de uma investigação aberta, ou seja, sem pressuposições. A construção da pesquisa e suas descobertas são apresentadas nos capítulos que seguem este prólogo.



## 1 INTRODUÇÃO

Visto que, o trabalho tem sido considerado uma das mais impactantes questões da contemporaneidade (ANTUNES, 2005; MERCURE e SPURK, 2005) e que o processo de envelhecimento – caracterizado como um fenômeno de impacto social, econômico e cultural – exige análise, reflexão e o repensar de atitudes, comportamentos e posturas (CAUDURO *et al.*, 2010), esta tese apresenta o resultado de uma investigação que entrecruzou os temas envelhecimento e trabalho à luz da teoria das Representações Sociais.

Entendida como uma consequência natural do processo de envelhecimento (NUNES, 2010; PAPALÉO NETTO, 2016; 2011; SOUZA, 2010; SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010), a velhice tem sido comumente associada a perdas, impotência, decrepitude, desajuste social, pauperização, inatividade, improdutividade, entre outros (HENDY, 2015; PASCHOAL, 2011; SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010). Nesta etapa, é corrente atribuir-se à população idosa características como dependência e vulnerabilidade em relação às suas capacidades para administrar as atividades cotidianas e de trabalho (CAMARANO, 2004; PAPALÉO NETTO, 2011).

Neste sentido, esta fase da vida estaria relacionada à saída da atividade econômica e produtiva, com níveis crescentes de morbidade devido a doenças crônico-degenerativas, com mudanças na aparência física e com perda de papéis sociais e de autonomia<sup>1</sup> (CAMARANO, 2004; PAPALÉO NETTO, 2011; RIBEIRO e JANEIRO, 2015). A partir desse entendimento, os idosos são vistos como um grupo homogêneo, dotados das mesmas qualidades, atributos e potencialidades, não distintos uns dos outros e relegados a uma existência sem significado (DEBERT, 2007; DEBERT e SIMÕES, 2011; ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013). “Ser velho, na sociedade em que vivemos, é uma representação que associa as mudanças naturais dos corpos físicos a um irreversível processo de decadência que antecede a morte” (FIGUEIREDO e CAVEDON, 2009, p. 12).

O próprio termo ‘velho’ apresenta conotação negativa, pois é utilizado para expressar incapacidade laboral, falta de *status* e exclusão social (ALCÂNTARA, 2004; DEBERT, 1999; FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008; PEIXOTO, 1998).

---

<sup>1</sup> Entende-se autonomia como a capacidade de decisão, de comando (PAPALÉO NETTO, 2016).

‘Velho’ representa mero objeto inanimado do passado (FERREIRA e GOULART, 2010), algo obsoleto, arcaico, antiquado (GARCIA, 2007). Por sentir-se desqualificada e inútil, a maioria das pessoas não aceita ser identificada como tal (FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008)<sup>2</sup>.

Essa concepção de envelhecimento se opõe a que considera a velhice de um modo mais positivo, exaltando os ganhos que podem ser auferidos nesta etapa da vida (BULLA e MEDIONDO, 2010). Apesar de a dependência para realizar as atividades cotidianas representar um dos maiores fatores de hospitalização e isolamento na velhice, pois ela acarreta em maior vulnerabilidade (COSTA *et al.*, 21017; FARÍAS-ANTUNEZ, 2018; GARCIA, 2007), a ideia de que todas as pessoas com mais de 60 anos são dependentes é uma premissa falsa. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria das pessoas se mantém independente<sup>3</sup> na idade mais avançada (WHO, 2015; 2005).

Aceitar que o envelhecimento corresponde à incapacidade funcional e que acarreta maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que resultam em morte, é satisfazer-se apenas com meia verdade (PAPALÉO NETTO, 2016; 2011). A soma do aumento da expectativa de vida com a maior interatividade social do idoso vem quebrando e reorganizando a percepção de idade. Tornar-se idoso deixa de corresponder a um quesito que, culturalmente, determinava a estagnação, a exclusão e a vergonha, para representar mais uma das tantas etapas da vida em que se faz necessário adotar novas estratégias (FERREIRA e GOULART, 2010).

O envelhecimento é um processo que engloba constantes transformações que podem ser interpretadas simultaneamente como ganhos e perdas (LOCATELLI e CAVEDON, 2012; TORELLY, 2010). A população idosa é caracterizada por grande diversidade. Especialistas em envelhecimento têm afirmado que não se pode mais falar em “velhice”, mas em “velhices”, visto que a variabilidade de fatores que

---

<sup>2</sup> Considerando a visão pessimista que permeia a palavra ‘velho’ e que o termo ‘idoso’ – que em seu bojo carrega uma conotação de respeitabilidade (GARCIA, 2007) –, tem repercutido através da mídia, do discurso especializado, dos discursos governamental e legislativo, entre outros (GROISMAN, 2014), nesta tese, adotou-se o termo ‘idoso’ e suas variações.

<sup>3</sup> O cerne do conceito de independência está na capacidade funcional que, em sua expressão máxima, corresponde à possibilidade de sobrevivência sem ajuda de terceiros para o desenvolvimento das atividades instrumentais de vida diária e de autocuidado (NERI, 2005).

envolvem o processo de envelhecimento impossibilita a elaboração de um conceito único e pleno (RIBEIRO e JANEIRO, 2015).

A mesma velhice que por um lado se vê desvalorizada por não atender as exigências sociais atuais quanto à agilidade, produtividade e independência dos indivíduos – resultado de perdas biológicas, sociais ou psicológicas –, por outro, pode ser caracterizada pela sabedoria, pela ressignificação de valores, pela esperança, pela consciência da finitude (HERÉDIA, CORTELETTI e CASARA, 2010b) e representa a superação de desafios, experiência de vida, maturidade e que mantém viva a memória e os valores de uma coletividade. É preciso contrapor-se aos estereótipos ligados ao envelhecimento e às normas prescritas pela sociedade, que veem o idoso como um ônus, um fardo, à margem, sem capacidade e com prazos que se esgotam nos eventos previstos e programados pelo senso de normalidade (DEBERT, 1999; FERREIRA e GOULART, 2010; MARTINS, 2010; TORELLY, 2010).

Apesar de a sociedade ainda discriminar o idoso, afastando-o, dificultando e inibindo possíveis tentativas de engajamento (TORELLY, 2010), o envelhecimento atual pode ser definido como a total quebra de paradigmas. A cada dia, os conceitos sobre os idosos e sobre o envelhecimento vêm sendo desconstruídos (BÓS, 2010), distanciando-se do estereótipo do idoso frágil e doente (TAVARES, 2015). Como fruto de uma nova visão que encara a velhice como uma etapa de novas oportunidades e conquistas, percebe-se o rejuvenescimento desse grupo, evidente não apenas no estado de saúde, na vitalidade e na aparência física, mas também na busca por melhor qualidade de vida e nas atividades desenvolvidas.

A grande mudança surgiu quando os idosos passaram a ser vistos como menos dependentes do cuidado familiar, agentes ativos na sociedade, consumidores em potencial e cada vez mais atuantes, inclusive como trabalhadores (BEHAR *et al.*, 2010). No Brasil, segundo o IBGE (2015), 27,5% dos idosos trabalham. Em 2050, eles corresponderão a aproximadamente metade da população em idade ativa (IBGE, 2014). De acordo com o IPEA (2018), os idosos brasileiros estão adiando a saída do mercado de trabalho. Apesar de correspondem ao grupo com menor participação no total da ocupação no país, o percentual de trabalhadores mais idosos vem crescendo ao longo do tempo, passando de 6,3% em 2012, para 7,8% em 2018 (IPEA, 2018).

Idosos estão inseridos no mercado formal ou o fariam se tivessem oportunidade (GARCIA, 2007; KALACHE, 2015; TORELLY, 2010; WHO, 2005). Outros, por sua vez, contribuem por meio de trabalho informal – trabalho doméstico e atividades autônomas – ou atividades voluntárias (WHO, 2005). Existem casos de instituições sem fins lucrativos não sobreviveriam sem o voluntariado idoso<sup>4</sup> (HENDY, 2015; LOCATELLI, 2012). Avós têm cooperado com o cuidado de crianças e muito mais tem sido feito em auxílio à sociedade (HENDY, 2015; SARGENT *et al.*, 2013; SOUZA e LAUTERT, 2008; WHO, 2005). É expressivo o número de idosos que se encontram aptos e dispostos ao trabalho (CAMARANO, KANSO e FERNANDES, 2012; KALACHE, 2015). Esse movimento reflete não só o envelhecimento da população, mas também uma mudança de comportamento dos idosos brasileiros sobre suas decisões em relação ao trabalho (IPEA, 2018). A parcela de idosos que decidem sair da força de trabalho para a inatividade está recuando (IPEA, 2018).

Ao se pensar sobre trabalho – como um dos principais objetos de sentido da vida humana (TAVARES, 2015) –, vários temas são trazidos à reflexão. O lugar do trabalho na vida das pessoas, a ausência ou o excesso de trabalho, as distintas formas por ele assumidas, as transformações de vínculo, as condições de trabalho que se mostram específicas a determinados grupos sociais, constituem alguns deles (MERCURE e SPURK, 2005).

O alongamento da longevidade coletiva e o trânsito por uma era onde os idosos estão cada vez mais saudáveis, produtivos e atentos a uma melhor qualidade de vida assinalam a necessidade de maior atenção ao trabalho do idoso (GARCIA, 2007). A ciência pouco sabe sobre a produtividade e as expectativas dos trabalhadores idosos que permanecem ativos nos dias e nas condições atuais (TAVARES, 2015).

---

<sup>4</sup> Contato realizado pela pesquisadora com duas Instituições de Longa Permanência para Idosos de grande porte e natureza filantrópica do Rio Grande do Sul, em agosto de 2013, corrobora tal afirmação. Uma das instituições confirmou a existência de grande número de voluntários idosos, o que também foi constatado por Locatelli (2012). A segunda ILPI forneceu à pesquisadora a relação de seus voluntários com respectivas atividades e datas de nascimento. A partir destes dados, verificou-se que do total de 150 voluntários cadastrados, 90 possuíam 60 anos ou mais, sendo os mais idosos na faixa dos 80 anos.

A realidade gerada pela revolução da longevidade requer novos olhares sobre a relação entre velhice e trabalho, pois não apenas o aumento da longevidade impacta o mundo do trabalho, mas também o trabalho influencia a forma como os indivíduos envelhecem (TAVARES, 2015). Todavia, o mundo do trabalho tem sido dos mais lentos em reconhecer as transformações ocorridas no que se refere ao envelhecimento nas últimas décadas (KALACHE, 2015). Não apenas a natureza do trabalho mudou – não demandando tanto fisicamente como no século XIX –, mas os trabalhadores idosos tampouco são o que costumavam ser. Associado a isso, não mais se pode medir em anos a sobrevida após a aposentadoria, mas em décadas (KALACHE, 2015).

O aumento no somatório de conhecimentos sobre envelhecimento, principalmente nas últimas décadas do século 20, incentivado pela pressão passiva exercida pelo aumento do número de idosos em todo o mundo (PAPALÉO NETTO, 2016; 2011), revelam que o tema tem ocupado cada vez mais espaço entre as questões que preocupam a sociedade brasileira (DEBERT, 2007). Ultrapassando os aspectos biológicos do envelhecimento e da velhice, trabalhos científicos específicos de cada área têm colaborado para a construção dos conhecimentos sobre o tema (PAPALÉO NETTO, 2016).

O envelhecimento populacional tem se revelado uma realidade no Brasil e o interesse pela temática tem crescido (FONTOURA e PICCININI, 2012). Todavia, no campo da Administração, a relação entre envelhecimento e trabalho ainda tem sido pouco discutida (CEPELLOS, 2018; 2017; LIMA e HELAL, 2013; LOCATELLI e FONTOURA, 2013; NASCIMENTO *et al.*, 2016).

Em sua meta-análise qualitativa desenvolvida a partir dos anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD) – de 1997 a 2011 – que correspondem às 15 primeiras edições do evento, Locatelli e Fontoura (2013) encontraram 26 artigos sobre envelhecimento, concentrados principalmente nas áreas de Gestão de Pessoas (11) e Marketing (9). As publicações das duas áreas apresentaram como principais temas abordados: aposentadoria e comportamento do consumidor.

Estendendo-se a pesquisa de Locatelli e Fontoura (2013) para as últimas sete edições do ENANPAD – período compreendido entre 2012 e 2018 –, foram encontrados 28 artigos (APÊNDICE A)<sup>5</sup>. Deste total, 13 artigos são oriundos da área de Marketing e oito da área de Gestão de Pessoas. Os demais estão distribuídos entre as áreas de Administração da Informação (3), Administração Pública (3) e Estudos Organizacionais (1). Especificamente na área de Gestão de Pessoas, os artigos publicados contemplaram diversos temas – significado do trabalho; envelhecimento populacional e gestão de pessoas; representações sociais; mercado de trabalho; aposentadoria; gestão de idade; entre outros –, apresentando expansão nos temas explorados.

Já em consulta aos anais de eventos específicos de cada área, promovidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), foram encontrados, no período de 2004 a 2018, 31 artigos (APÊNDICE B)<sup>6</sup>. Destes, 12 foram publicados nos anais do Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho (EnGPR). A maioria dos trabalhos publicados no EnGPR versa sobre aposentadoria (7).

Como se pode constatar nas buscas supracitadas e nas revisões sistemáticas realizadas por Cepellos (2018) – estudos acadêmicos nacionais e internacionais sobre envelhecimento na área da Administração – e Kai e Lourenço (2018) – produção científica internacional sobre envelhecimento e trabalho –, os estudos acadêmicos sobre envelhecimento na área da Administração têm-se mostrado dispersos. E mais, dentre os 84 artigos encontrados nos anais de eventos promovidos pela ANPAD, não foram encontradas publicações que entrecruzem os temas envelhecimento e trabalho à luz da teoria das Representações Sociais, como proposto neste estudo.

---

<sup>5</sup> Assim como no estudo de Locatelli e Fontoura (2013), as palavras-chave utilizadas para a busca foram: envelhecimento, velhice, idoso (a), velho (a), terceira idade, quarta idade, aposentadoria.

<sup>6</sup> A busca foi realizada com as mesmas palavras-chave das pesquisas anteriormente mencionadas. Foram encontrados artigos sobre envelhecimento nos seguintes eventos: Encontro de Administração Pública e Governança (EnAPG); Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ); Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO); Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho (EnGPR); Encontro de Marketing da ANPAD (EMA).

A fim de compreender as demandas e as mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, a Administração se constitui mediante a aplicabilidade de Ciências como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, dentre outras, que dão sustentação teórica ao fazer administrativo (LOCATELLI, 2012). Assim como no caso dos estudos sobre envelhecimento, ao longo de sua história, o estudo das representações sociais tornou-se um empreendimento interdisciplinar (JOVCHELOVITCH, 2015; SPINK, 1993).

Mas, sobre o que trata a teoria das representações sociais? Por que ela pode ser útil para a compreensão dos temas envelhecimento e trabalho?

As representações sociais têm a função de tornar familiar elementos não familiares (MOSCOVICI, 2003). Para isso, determinada sociedade classifica e enquadra em categorias ou modelos já conhecidos as pessoas, objetos e eventos a fim de que possam ser explicados. Trata-se de significações, construídas em diferentes ocasiões e lugares onde os indivíduos se encontram, circulam e se comunicam (FRUTOS e CRUCIOL, 2008). Partindo-se desse entendimento, a forma como os indivíduos pensam e agem é determinada pelo social (LOCATELLI, 2012). Conseqüentemente, a relação que os idosos estabelecem com o seu trabalho está diretamente vinculada e pode ser mais bem compreendida a partir da interpretação das representações sociais por eles elaboradas.

Mas, quais seriam estas representações? Qual a visão que trabalhadores idosos possuem a respeito de si, do trabalho que realizam e do processo de envelhecimento? Por que eles trabalham? Idosos que trabalham podem ser considerados bem-sucedidos em seu processo de envelhecimento? Qual a relação dos idosos com o trabalho desenvolvido? Como o trabalho influencia no processo de envelhecimento desses indivíduos? Ou ainda, como o processo de envelhecimento influencia no desenvolvimento do trabalho?

Tendo em vista os inúmeros questionamentos que cercam essa temática, constitui questão principal desta pesquisa: *Como as representações sociais de trabalhadores idosos permeiam sua relação com o trabalho?*

O objetivo geral é *compreender como as representações sociais de trabalhadores idosos permeiam sua relação com o trabalho*. Para isso, os objetivos específicos são:

- Reconstruir, por meio de relatos de trajetórias de vida e de trabalho, as biografias de trabalhadores idosos;
- Identificar e caracterizar as representações sociais dos trabalhadores idosos a respeito de seu trabalho e de seu processo de envelhecimento;
- Analisar de que forma essas representações influenciam na relação dos idosos com o trabalho.

O percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa partiu de uma perspectiva interpretativista, sendo este um estudo qualitativo (CAVEDON, 2005; DENZIN e LINCOLN, 1994; FLICK, 2009). A coleta de dados foi conduzida de acordo com os pressupostos da metodologia narrativa (ROSENTHAL, 2014), operacionalizada por meio de entrevistas narrativas biográficas e notas de campo. O *corpus* da pesquisa foi formado por idosos trabalhadores do meio urbano – com 60 anos ou mais e distintas ocupações.

Esta tese está organizada em dez capítulos, sendo o primeiro esta introdução. Os capítulos dois, três e quatro voltam-se, respectivamente, à apresentação do processo de envelhecimento: contextualização estatística, envelhecimento como um processo individual e social e distintas perspectivas. O quinto capítulo entrecruza os temas envelhecimento e trabalho. No sexto apresenta-se a teoria das Representações Sociais. O percurso metodológico encontra-se no sétimo capítulo. Os casos selecionados para este estudo são apresentados e analisados individualmente no oitavo capítulo, enquanto o nono retoma os distintos casos de forma conjunta. Por fim, o capítulo dez destina-se às considerações finais deste estudo.



## **2 CONTEXTUALIZANDO O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO MUNDO E NO BRASIL**

Tendo por base dados estatísticos, neste capítulo apresenta-se uma breve contextualização do envelhecimento da população mundial, visto ser este um fenômeno de alcance global. Posteriormente, o processo de envelhecimento populacional específico ao contexto brasileiro.

### **2.1 ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO MUNDIAL**

Visto como conquista do século XX, o envelhecimento populacional apresenta-se como um dos grandes desafios do século XXI. Em 1950 havia 205 milhões de pessoas com 60 anos ou mais no mundo e a estimativa para o final do século passado era a de 590 milhões. Em 2012, esse número aproximou-se de 810 milhões e as projeções populacionais apontam que atingiremos a quantia de 1 bilhão de indivíduos idosos em menos de 10 anos (UNFPA, 2012) e de 2 bilhões até 2050 – sendo 80% desse crescimento nos países em desenvolvimento –, o que corresponde a 22% da população global (FRANÇA, 2007; FREITAS, 2006; TAVARES, 2015; UNFPA, 2012; UNITED NATIONS, 2015; WHO, 2005).

Em 2000, já havia mais pessoas com 60 anos ou mais que crianças menores de cinco anos. Em 2050, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos e o número de centenários aumentará de 316.600, em 2011, para 3,2 milhões de pessoas (UNFPA, 2012).

O aumento da esperança de vida tem ocorrido de forma sustentada em quase todo o mundo desde a Segunda Guerra Mundial e se deve, inicialmente, à redução da mortalidade infantil, que progressivamente englobou todas as idades. As taxas de mortalidade que tem experimentado maior queda são as referentes à população idosa (CAMARANO e KANSO, 2011). A expectativa de vida, no período 2010-2015, alcançou 78 anos nos países desenvolvidos e 68 nos países em desenvolvimento. Em 2045-2050, a expectativa de vida ao nascer será de 83 anos nas regiões desenvolvidas e 74 anos naquelas em desenvolvimento (UNFPA, 2012).

Globalmente, apesar de nascerem mais crianças do sexo masculino do que do feminino, as mulheres tendem a viver mais do que os homens, em média 4,5

anos, e correspondem à maioria das pessoas idosas (CAMARANO e BARBOSA, 2016; TAVARES, 2015). Quanto mais elevada a faixa etária, maior a participação de mulheres em relação a de homens na população total (CAMARANO e BARBOSA, 2016; TAVARES, 2015). Em 2012, para cada 100 mulheres com 60 anos ou mais, havia 84 homens. Proporção que tende a diminuir com o avanço da idade, pois para cada 100 mulheres com 80 anos ou mais no mundo, existiam 61 homens, no período (UNFPA, 2012). Essa diferença na expectativa de vida pode ser atribuída a fatores biológicos e à diferença de exposição a fatores de risco de mortalidade (VERAS, 1996) – mortes por arma de fogo, acidentes automobilísticos, abuso de bebidas alcoólicas e outras drogas. Além disso, as mulheres tendem a se cuidar mais ao longo da vida.

O aumento da longevidade e a redução nas taxas de mortalidade e fecundidade – esta última resultado dos avanços da ciência e das transformações nos papéis sociais das mulheres na sociedade<sup>7</sup> – assegurarão a continuidade do envelhecimento da população mundial (CAMARANO e BARBOSA, 2016; TAVARES, 2015; TORELLY, 2010; UNFPA, 2012; WHO, 2015).

A atual média de filhos por mulher – referente ao período 2010-2015 – equivale a 2,5 filhos, metade da existente no período de 1950-1955 quando cada mulher tinha em média cinco filhos (UNFPA, 2012). A tendência é que este número continue a diminuir (CHAMIE, 2013; UNFPA, 2012), como já ocorre em cerca de 80 países, incluindo Brasil, Canadá, China, Cuba, Irã, Suíça, Tailândia e Vietnã, que apresentam taxas de fertilidade abaixo do valor de reposição (que seria de dois filhos por mulher) (CHAMIE, 2013). Estima-se que até 2025, 120 países terão atingido índices de fecundidade abaixo do nível de reposição (TAVARES, 2015).

---

<sup>7</sup> Tavares (2015, p. 47) explica: “O fenômeno de elevação das taxas de participação das mulheres na força de trabalho está intimamente ligado à queda de fecundidade e extrapola o escopo do controle populacional. Esta forma de empoderamento confere a elas maior autonomia sobre sua vida e o próprio corpo. Dispondo de renda própria, ela participa mais ativamente das decisões relacionadas à família. Juntos, trabalho e maior nível de escolaridade contribuem para que a mulher consiga protagonizar decisões sobre a idade para o casamento e até mesmo a opção de não se casar, a idade para a primeira gestação e também o direito a não ter filhos. O aumento da independência financeira também acarreta na diminuição da necessidade de ter filhos como forma de seguro para a velhice.”.

Em seu estudo sobre envelhecimento de mulheres executivas, Cepellos (2016) e Cepellos e Tonelli (2017b) abordam a temática ‘maternidade tardia’ e algumas de suas implicações.

A população idosa está crescendo a um ritmo mais rápido que a população total em quase todas as regiões do mundo (UNFPA, 2012). É nos países em desenvolvimento, onde vivem aproximadamente 70% da população idosa, que o envelhecimento populacional está progredindo mais rapidamente (BLOOM, 2013; EUZÉBIO, 2013; UNFPA, 2012; WHO, 2005). Se, em 2002, quase 400 milhões de pessoas com 60 anos ou mais se encontravam no mundo em desenvolvimento, em 2025 este número se elevará para aproximadamente 840 milhões (WHO, 2005). Estima-se que, em 2050, quatro em cada cinco pessoas idosas viverão nessas regiões (UNFPA, 2012). Prevê-se ainda que haja mais do que o dobro de pessoas com 80 anos ou mais em regiões em desenvolvimento. Serão 280 milhões, em comparação a 122 milhões nas regiões desenvolvidas (UNFPA, 2012).

O envelhecimento populacional configura um fenômeno mundial que chegou tardiamente ao contexto brasileiro (EUZÉBIO, 2013). Até os anos 1980, o Brasil podia ser considerado um país com população predominantemente jovem. Porém, nas últimas décadas, esse perfil vem se alterando gradativamente, enquadrando o Brasil entre os países que mais envelhecem no mundo (TAVARES, 2015; VENTURI e BOKANY, 2007), como apresentado a seguir.

## 2.2 ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil vem experimentando uma queda significativa do seu nível de fecundidade, a redução da mortalidade em todas as idades e o aumento acentuado da expectativa de vida. Essas variáveis reconfiguram a composição etária e contribuem significativamente para o processo de envelhecimento populacional (CAMARANO *et al.*, 2011; CAMARANO e KANSO, 2011; 2009; CAUDURO *et al.*, 2010; IRIGARAY, 2004; TAVARES, 2015; TERRA, BÓS e CASTILHOS, 2013; VENTURI e BOKANY, 2007).

A cada ano, aproximadamente 650 mil brasileiros completam 60 anos. Em 2025, calcula-se que o País esteja classificado como a sexta maior população de idosos do mundo, com aproximadamente 32 milhões de pessoas (CARVALHO, 2009; FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008; FERREIRA *et al.*, 2010; NOVAES, 1997; TERRA, BÓS e CASTILHOS, 2013; TOSIM, MOREIRA e SIMÕES, 2009; WHO, 2005).

Com população atual estimada em aproximadamente 208.813<sup>8</sup> mil pessoas (IBGE, 2018a), no período de 2000 a 2010 o Brasil apresentou taxa de crescimento populacional equivalente a 12,3%, o que corresponde a um crescimento médio anual de 1,17%<sup>9</sup> (IBGE, 2014). Conforme projeções, para as décadas de 2010-2020 e 2030-2040, as taxas de crescimento populacional corresponderão, respectivamente, a 0,7% a.a. e negativa (CAMARANO *et al.*, 2011).

Tendo em vista o declínio nos níveis de fecundidade<sup>10</sup> no país, que em 2000 correspondiam a 2,39 filhos por mulher (IBGE, 2014; IPEA, 2000) e em 2014 a 1,8 filhos por mulher (UNFPA, 2014) (representando uma queda de 26%), a taxa de 12,3% – referente ao crescimento populacional entre 2000 e 2010 – se deve ao incremento da população adulta, com destaque para o aumento da participação da população idosa – 8,6% em 2000, 11% em 2010, 13% em 2013 e projeções de 27% para 2040, 29% para 2050 e 33,7% para 2060 (CAMARANO e KANSO, 2011; 2009; IBGE, 2014; 2011; UNFPA, 2012).

A velocidade com que se deu a queda da taxa de fecundidade é uma característica marcante da transição demográfica vivida pelo Brasil, quando comparada à experiência dos países desenvolvidos. Tal queda produz efeitos sobre a estrutura etária da população que serão observados durante várias décadas (NONATO *et al.*, 2012; TAVARES, 2015). Se em 2008, para cada 100 crianças de zero a 14 anos, havia em média 25 idosos, em 2050, serão 172 idosos para cada 100 crianças (EUZÉBIO, 2013). A redução, em curto prazo, da proporção da população jovem resultará no acentuado crescimento do segmento idoso, comumente considerado inativo ou dependente (CAMARANO e KANSO, 2011; NONATO *et al.*, 2012; TAVARES, 2015).

---

<sup>8</sup> Data de referência: 10 de setembro de 2018.

<sup>9</sup> Foi entre os anos de 1950 e 1970 que a população brasileira atingiu suas maiores taxas de crescimento, em torno de 3% ao ano (a.a.). A partir deste período, como resultado da redução da fecundidade, iniciada em meados dos anos 1960, estas taxas apresentaram declínio acentuado (CAMARANO e KANSO, 2011; CAMARANO *et al.*, 2011; NONATO *et al.*, 2012).

<sup>10</sup> Número médio de filhos que uma mulher teria até o final de sua idade reprodutiva (15 a 49 anos de idade) (IBGE, 2013). A taxa de fecundidade total projetada para 2018 é de 1,77 filho por mulher (IBGE, 2018b).

Em 1940, a vida média do brasileiro correspondia e menos de 50 anos de idade (TAVARES, 2015) – 45,5 anos, segundo o IBGE (2017). Em 2000, a esperança de vida ao nascer para o brasileiro era de 69,8 anos (IBGE, 2017). Em 2013 este número elevou-se para 74,8 anos, em média (IBGE, 2014). De acordo com a Organização das Nações Unidas - ONU, em 2013, a esperança de vida ao nascer, no contexto mundial, correspondia a 70 anos. Ou seja, a estimativa de vida dos brasileiros apresentou-se bem acima do previsto para as regiões menos desenvolvidas (68,3 anos)<sup>11</sup> (IBGE, 2014).

Atualmente, a esperança de vida ao nascer é, em média, de 75,8 anos, sendo 72,2 anos para homens e 79,4 anos para mulheres (IBGE, 2017). Desde 1940 a expectativa de vida do brasileiro subiu mais 30 anos. Calcula-se que em 2030, se atinja a média de 78,3 anos, sendo 74,9 anos para homens e 81,9 anos para mulheres (IBGE, 2006). Em 2050, este número poderá atingir a média de 81,2 anos (IBGE, 2011).

A redução do crescimento populacional e a dinâmica demográfica levaram o Brasil a deixar de ser um país de jovens (CAMARANO *et al.*, 2011; EUZÉBIO, 2013) para se tornar um “jovem país de cabelos brancos” (VERAS, 2009, p. 2). As últimas duas décadas destacam-se não apenas pela elevação do número de pessoas que passam a integrar o segmento idoso, mas também pelo crescimento do grupo de indivíduos com 80 anos ou mais, considerado ‘muito idoso’ (CAMARANO e KANSO, 2009; GARCIA, 2007; HERÉDIA, CORTELETTI e CASARA, 2010a; TAVARES, 2015).

A participação deste grupo no total da população idosa tende a aumentar e em ritmo bastante acelerado – correspondia a 12,6% em 2000; 14,2% em 2010 e estima-se que atinja 24,6% em 2040 (CAMARANO *et al.*, 2011; CAMARANO e KANSO, 2011; 2009; UNFPA, 2012). Em um período corresponde a cem anos, a população de idosos com mais de 80 anos passará de 14 milhões em 1950 para 396 milhões em 2050 (TAVARES, 2015).

Vislumbra-se ainda a continuidade da redução da mortalidade em todas as idades – em especial nas mais avançadas –, uma contração no ritmo de crescimento

---

<sup>11</sup> A expectativa de sobrevida nas idades mais avançadas também é bastante elevada no Brasil, aproximando-se da observada nos países desenvolvidos (CAMARANO e KANSO, 2011).

populacional e um processo acelerado de envelhecimento (CAMARANO, 2006; CAMARANO *et al.*, 2011; CAMARANO e KANSO, 2009; LEBRÃO e DUARTE, 2007; TAVARES, 2015). Como resultado, espera-se, para a primeira metade deste século, um superenvelhecimento da população brasileira. A continuidade do aumento da população muito idosa alterará a composição etária dentro do próprio grupo, resultando em uma maior heterogeneidade do segmento considerado idoso (CAMARANO *et al.*, 2011; CAMARANO e KANSO, 2011; 2009).

Ao se tratar sobre envelhecimento, é imprescindível distinguir entre envelhecimento populacional ou demográfico – como o processo pelo qual o número de pessoas mais velhas se torna proporcionalmente maior na participação da população total (abordado nesta seção) – e envelhecimento individual que é o processo de um indivíduo que se torna mais velho (UNFPA, 2012), tema tratado no próximo capítulo.

### 3 ENVELHECIMENTO INDIVIDUAL E SOCIAL

Este capítulo trata sobre a heterogeneidade do processo de envelhecimento tendo em vista duas abordagens: a individual e a social. Isso porque, suas consequências podem ser distintamente vivenciadas a depender da cultura em que o fenômeno se insere.

#### 3.1 A HETEROGENEIDADE DO ENVELHECIMENTO INDIVIDUAL

O envelhecimento é pautado geneticamente para uma espécie, ou seja, há um aspecto universal e generalizante nesse fenômeno, o que significa que todos os seres humanos são por ele afetados (NERI, 2005; NUNES, 2010). Dessa forma, quem não morrer precocemente, com certeza, envelhecerá (BEAUVOIR, 1990). Trata-se de um processo inevitável, natural e processual, compreendido como processo de vida (GARCIA, 2007; MARTINS, 2010; NASCIMENTO, 2010; SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010).

Todavia, ao mesmo tempo em que é amplo, o processo de envelhecimento, ou seja, o declínio biológico enfrentado pelo homem – processo lento e silencioso que acompanha a pessoa por toda a vida (NUNES, 2010; PASCHOAL, 2011; TAVARES, 2015) –, possui um forte componente individual. O ritmo, a duração e os efeitos do envelhecimento variam de indivíduo para indivíduo, comportando diferenças de natureza genético-biológicas, sócio históricas, culturais e psicológicas, uma vez que as idades cronológica, fisiológica e psicológica raramente coincidem<sup>12</sup> (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 2003; FIGUEIREDO, 2005; GARCIA, 2007; LOUREIRO, 1998; NASCIMENTO, 2010; NERI, 2005; NUNES, 2010; PAPALÉO NETTO, 2016; 2011; PASCHOAL, 2011; SALGADO, 2000; SILVA, 2010; TAVARES, 2015; WHO, 2015).

Trata-se de um processo complexo, heterogêneo, multidimensional (GARCIA, 2007; NUNES, 2010; PASCHOAL, 2011; SILVA, 2010), ou ainda, multifacetado e

---

<sup>12</sup> Uma breve explicação sobre as idades biológica, cronológica, psicológica e social pode ser encontrada em Papaléo Netto (2016; 2011). No estudo realizado por Souza, Matias e Bretas (2010), sobre envelhecimento no mercado de trabalho, é possível encontrar excertos de entrevistas que retratam a discrepância entre envelhecimento físico e psicológico.

multifatorial (PAPALÉO NETTO, 2016). Existe uma dimensão existencial que se modifica com a relação do indivíduo com o tempo, com o mundo e com sua própria história (RIBEIRO e JANEIRO, 2015). Não existe um caso típico de idoso (WHO, 2015). “Ninguém repete o envelhecimento do outro” (PASCHOAL, 2011, p. 103).

Mais do que em qualquer outro grupo etário, existem grandes diferenças individuais entre os idosos, seja na idade – neste segmento estão incluídas pessoas de 60<sup>13</sup> a mais de 100 anos (CAMARANO e KANSO, 2011; CAMARANO, KANSO e FERNANDES, 2012; GARCIA, 2007; TAVARES, 2015) –, no gênero, na etnia, na religião, nos aspectos físicos, mentais e psicológicos ou nas condições socioeconômicas (ambientes físicos e sociais, educação e renda) e de saúde (NUNES, 2010; PASCHOAL, 2011; RIBEIRO e JANEIRO, 2015; SILVA, 2010; SOUZA, 2010; UNFPA, 2012; WHO, 2015).

Em relação à idade, autores como Herédia, Corteletti e Casara (2010a) e Camarano e Kanso (2009) apresentam dois extremos do envelhecimento. Para isso, os idosos são agrupados em categorias distintas – ‘idosos jovens’ e ‘idosos mais velhos’. Para cada grupo definiu-se uma idade específica. Para Herédia, Corteletti e Casara (2010a), os idosos jovens correspondem aos indivíduos de 60 a 69 anos, enquanto Camarano e Kanso (2009) enquadraram nesta população os indivíduos entre 60 e 79 anos. Em tese, os ‘idosos jovens’ ainda cumprem com as mesmas atribuições desempenhadas ao longo de sua vida, gerenciam suas obrigações sociais e auxiliam as pessoas de seu convívio com sua presença, experiência e sabedoria, além de possuírem maior autonomia sem necessidade direta de intervenção da família (HERÉDIA, CORTELETTI e CASARA, 2010a).

Já o termo ‘idosos mais velhos’ corresponde aos indivíduos de 80 anos e mais (HERÉDIA, CORTELETTI e CASARA, 2010a; CAMARANO e KANSO, 2009). Trata-se de uma fase de perdas significativas, que, por conseguinte, leva os indivíduos à dependência nos aspectos físicos, mentais e emocionais. É nas idades mais avançadas onde se encontra maior incidência de doenças crônico-degenerativas e dificuldade em lidar com as atividades do cotidiano (CAMARANO, 2006; LEBRÃO e DUARTE, 2007). Convém destacar que tais definições, propostas

---

<sup>13</sup> “O limite de idade entre o indivíduo adulto e o idoso é de 65 anos para as nações desenvolvidas e 60 anos para os países em desenvolvimento.” (PAPALÉO NETTO, 2016, p. 10).



por Camarano e Kanso (2009) e Herédia, Corteletti e Casara (2010a), apresentam uma tendência, não constituindo regra imutável, pois é possível, por exemplo, encontrar idosos jovens em estado de dependência física e/ou mental assim como idosos mais velhos que dispõem de boas condições de saúde (LOCATELLI, 2012).

O processo de envelhecimento também atinge a homens e mulheres de formas distintas. Isso porque as relações de gênero estruturam todo o curso de vida, influenciando o acesso a recursos e oportunidades com impacto contínuo e cumulativo. Além disso, homens e mulheres possuem diferentes padrões de saúde e morbidade e as mulheres geralmente têm menor renda, mas maiores e melhores redes de apoio familiar (ALCÂNTARA, 2004; TAVARES, 2015; UNFPA, 2012).

Essas diferenças são acentuadas pelas condições desiguais de vida e de trabalho a que as pessoas idosas foram submetidas (FERREIRA *et al.*, 2010) e pelas distintas trajetórias vivenciadas – muitas das quais fortemente marcadas por desigualdades sociais, regionais e raciais em curso no país (CAMARANO e KANSO, 2011), além de circunstâncias histórico-culturais e a incidência ou não de patologias entre o início da vida e o envelhecimento (RIBEIRO e JANEIRO, 2015). Portanto, cada grupo de idosos – a exemplo dos de baixa renda, de mulheres, de homens, de indígenas, de analfabetos, de população urbana ou rural, entre outros – apresenta necessidades e interesses que devem ser tratados especificamente, por meio de programas e modelos de intervenção adequados a cada segmento (UNFPA, 2012).

No que se refere à saúde, por um lado, muitos idosos podem adquirir incapacidades irrecuperáveis em um ou mais domínios físico, mental, psicológico ou socioeconômico. As condições crônico-degenerativas diminuem as reservas funcionais, resultando na incapacidade. Outros, por sua vez, permanecem saudáveis e com alto nível de habilidade funcional até anos tardios, mantendo estáveis as características já mencionadas (PASCHOAL, 2011).

A precariedade na saúde não precisa dominar a idade mais avançada (WHO, 2015). Os efeitos biológicos do envelhecimento têm sido progressivamente atenuados, manifestando-se cada vez mais tardiamente em relação à idade cronológica dos indivíduos (TAVARES, 2015). A existência de hábitos e estilo de vida saudáveis possibilita, na ausência de doença grave, a adaptabilidade e reserva funcional para a realização da maioria das atividades (PASCHOAL, 2011).

Como visto, o processo de envelhecimento ocorre de maneira diferente para cada pessoa, podendo variar fortemente de indivíduo para indivíduo, mas, também, de sociedade para sociedade. Para ser compreendida, a velhice deve ser analisada em sua totalidade, uma vez que não corresponde apenas a fatores biopsíquicos, mas também sociais e culturais (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 2003; RIBEIRO e JANEIRO, 2015) – questão abordada na próxima seção.

### 3.2 O ENVELHECIMENTO COMO UM FENÔMENO SOCIAL

Além de ser o destino de cada indivíduo, a velhice corresponde a uma categoria produzida socialmente (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 2003; DEBERT, 1998; PAPALÉO NETTO, 2016; 2011; RIBEIRO e JANEIRO, 2015; TAVARES, 2015), a um julgamento social, pois ser ‘velho’ é sinônimo de ser considerado velho pelos outros (MOREIRA, 1996). Nas palavras de Beauvoir (1990, p. 12), “a velhice é uma coisa que só concerne aos outros”. Logo, é a sociedade que impede os mais jovens de verem os idosos como seus semelhantes (BEAUVOIR, 1990).

A posição que os indivíduos mais velhos ocupam na sociedade e o modo como são tratados refletem as formas como são distribuídas e significadas as diferenças etárias, variando de acordo com os contextos históricos, sociais e culturais (DEBERT, 1998; GROISMAN, 1999; TAVARES, 2015). O momento em que se inicia a velhice não é definido, variando de acordo com lugares e épocas (BEAUVOIR, 1990).

De acordo com essa ideia, existiria uma idade social ou uma definição social da idade, segundo a qual, cada sociedade, em cada época da história e em decorrência de sua visão de mundo, atribuiria um sentido, um valor e um consenso social diferente à velhice (MOREIRA, 1996; PAPALÉO NETTO, 2016; SILVA, 2010; TAVARES, 2015). O estatuto da velhice é imposto pela sociedade a qual pertence (BEAUVOIR, 1990).

Apesar de as categorizações de idade serem construções culturais e mutáveis historicamente isso não significa que não tenham efetividade, pois estas categorias constituem realidades sociais específicas, uma vez que recortam o todo social, definindo direitos e deveres diferenciais em uma dada população, estabelecendo as relações entre as gerações, distribuindo poder e privilégios

(DEBERT, 1998) e separando os indivíduos para que cumpram suas respectivas funções sociais (TAVARES, 2015). Tais grupos de idade impõem uma visão de mundo social, contribuindo para a manutenção ou a transformação das posições ocupadas por cada um em espaços sociais específicos (DEBERT, 1998).

Para Ribeiro e Janeiro (2015), o processo de envelhecimento caracteriza um estado de espírito decorrente do modo como a sociedade e o próprio indivíduo concebem essa etapa da vida. Sendo assim, a forma como são encarados o processo de envelhecimento e as pessoas idosas é determinada pelos valores culturais e as tradições (WHO, 2005). O lugar e o papel do idoso são socialmente definidos a partir de sua idiossincrasia individual. De forma recíproca, o idoso é condicionado pelas práticas e ideologias da sociedade em relação a ele (BEAUVOIR, 1990). A velhice como uma construção social é muitas vezes associada a mudanças de funções e atividades sociais, por exemplo, tornar-se avô ou aposentado.

Lopes (2007) acredita que a cultura é corresponsável por boa parte dos sofrimentos dos idosos, pois, o modelo de velhice, ainda presente na sociedade brasileira, induz a uma representação social e a uma imagem que enquadram esses indivíduos em uma situação de fragilidade e de dependência. Os próprios idosos costumam definir a velhice como uma fase em que a capacidade funcional, mental e física está em declínio e as pessoas são mais propensas à doença ou deficiência (LOCATELLI, 2012; UNFPA, 2012). O foco estaria nas perdas e não no processo de desenvolvimento (LOPES, 2007).

Na opinião de Silva (2010), a compreensão do processo de envelhecimento faz-se necessária para que esta fase da vida se desenvolva como um *continuum* natural e não se reduza à fase final de vida – associada ao preconceito, desvalorização social e inatividade. Todavia, existe uma variedade de visões a respeito do envelhecimento. O próximo capítulo apresenta as principais perspectivas sobre o tema.

## 4 ENVELHECIMENTO: DISTINTAS PERSPECTIVAS

Neste capítulo são apresentadas três distintas perspectivas sobre o envelhecimento, sendo algumas com pontos divergentes e antagônicos. Quais sejam: o envelhecimento como um processo de perdas, envelhecimento bem-sucedido e envelhecimento ativo.

### 4.1 O ENVELHECIMENTO COMO UM PROCESSO DE PERDAS

A partir de meados do século XIX, a velhice é tratada como um período marcado pela decadência física, vulnerabilidade e pela perda de papéis sociais (saída do mercado de trabalho, aposentadoria, entre outros). O avanço da idade encarado como um processo contínuo de perdas e de dependência é responsável pela associação a um conjunto de ideias negativas sobre o que vem a ser velhice (CAMARANO, 2004; DEBERT, 2007; 1999; DEBERT e SIMÕES, 2011; PAPALÉO NETTO, 2011; TAVARES, 2015), mas também colaborou, como elemento fundamental, para a legitimação dos direitos sociais dos idosos, a exemplo da universalização da aposentadoria e da criação da legislação para a proteção do idoso (DEBERT, 1999; RIBEIRO e JANEIRO, 2015; TAVARES, 2015). Para isso, o pressuposto de que a velhice estaria à mercê do desamparo pela incapacitação para o trabalho foi fundamental (SIMÕES, 2000).

Ao reunir, sob uma mesma regra institucional, indivíduos que anteriormente formavam um segmento heterogêneo da população, a universalização da aposentadoria teve grande impacto para a criação de uma identidade comum ao segmento dos idosos. Tanto quanto sujeitos de direito como grupo populacional, para os quais políticas específicas foram formuladas (GROISMAN, 2014). É a partir da invenção da aposentadoria que os idosos passam a existir politicamente e a serem observados sob a ótica da coletividade (GROISMAN, 2014; TAVARES, 2015).

Até pouco tempo, tratar da velhice nas sociedades industrializadas era sinônimo da perda do *status* social desses indivíduos. Isso porque, com a industrialização, a segurança econômica e as estreitas relações familiares que vigoravam nas sociedades tradicionais teriam sido destruídas e o idoso se transformado em um peso para o Estado e para a família, por não conseguir suprir

suas necessidades (ALCÂNTARA, 2004; BEAUVOIR, 1990; DEBERT, 2007; 1999; VIORST, 2008; ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010).

Essa visão aponta as perdas advindas deste processo, tanto nas esferas físicas e psicológicas quanto nas sociais, econômicas, entre outras, reforçando os estereótipos associados à velhice como um período em que o indivíduo se retrai frente à doença e à pobreza, tornando-se incapaz, improdutivo, dependente e passivo. Ferreira, Cunha e Menut (2008) citam alguns dos estereótipos aos quais a velhice pode ser comumente associada: perda, incapacidade, dependência, impotência, decrepitude, doença, desajuste social, baixos rendimentos, solidão, viuvez, cidadania de segunda classe, entre outros. O idoso é visto ainda como chato, rabugento, implicante, triste, demente e oneroso (CAMARANO, 2004; DEBERT, 1999; FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008). Uma vez que a velhice surge como uma desgraça, a decadência física, dela decorrente, “salta aos olhos”, mesmo nas pessoas que consideramos conservadas (BEAUVOIR, 1990, p. 12).

Sendo o esforço e a capacidade produtiva o que mensura o valor do homem na sociedade capitalista (CARVALHO, 2009; RIBEIRO e JANEIRO, 2015; SOUZA e LAUTERT, 2008), ao idoso atribui-se a marginalização, a perda do valor social e psicológico, pois se supõe que ele não tem mais com o que contribuir, uma vez que já atingiu os potenciais evolutivos (LOPES, 2007). Por outro lado, nas sociedades contemporâneas mais tardias coexistem, no entendimento da velhice, tanto imagens negativas quanto positivas (ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013).

No contexto brasileiro, as novas imagens e formas de gestão da velhice são ativas na revisão dos estereótipos associados ao envelhecimento, desestabilizando imagens culturais tradicionais. Essas novas imagens oferecem ao envelhecimento um quadro mais positivo, passando a ser percebido como uma experiência heterogênea (DEBERT, 2007; 1999). Todavia, trata-se de um processo longo, “fruto de conquistas que exigiram muitas lutas” (RIBEIRO e JANEIRO, 2015, p. 10).

Uma vez que muitas das percepções e suposições atribuídas às pessoas mais velhas têm por base estereótipos ultrapassados, perspectivas atuais fazem-se necessárias (MARTINS, 2010; WHO, 2015). Em substituição à ideia de processo de perdas surge a consideração de que as etapas mais avançadas da vida são momentos propícios para novas conquistas, para a busca do prazer e da satisfação pessoal, para produção intelectual e para utilização de recursos tecnológicos

(DEBERT, 1999; NUNES, 2010). A próxima seção trata sobre o conceito de terceira idade e envelhecimento bem-sucedido.

## 4.2 TERCEIRA IDADE E ENVELHECIMENTO BEM SUCEDIDO

No Brasil, mais do que uma referência a determinada idade cronológica, o termo 'Terceira idade' tem sido adotado como uma forma de tratamento das pessoas idosas que ainda não adquiriu uma conotação depreciativa (DEBERT, 2007; 1999). A ideia de terceira idade é caracterizada por idosos considerados ativos, saudáveis e capazes, que redefinem sua experiência de forma a se contrapor aos estereótipos ligados à velhice (DEBERT, 2010; 2007; 1999; LOPES, 2007).

O que difere a concepção da terceira idade da visão negativa de velhice é a caracterização de uma fase privilegiada de vida em que as pessoas aproveitariam seu tempo intensamente, em busca de realizações pessoais (GROISMAN, 1999; ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013; SARGENT *et al.*, 2013). Uma etapa voltada para a reflexão ou ainda a idade do lazer, partindo da imagem de que a vida começa aos 60 anos (BATH, 2013; NOVAES, 1997; STUCCHI, 1998). Neste enfoque, o idoso tem perspectivas de futuro, alimentando novas oportunidades à medida que conquista o direito de construir novos projetos (LOPES, 2007). Novas formas de sociabilidade e lazer marcam essa fase da vida, onde identidades anteriores são recicladas e relações familiares e parentais redefinidas (DEBERT, 2007).

Os idosos se apresentam como importantes agentes de mudança social (CAMARANO, 2004) e estão presentes os cuidados com o corpo e a saúde, o exercício da sexualidade, a ampliação do círculo social, a participação na vida pública como ator político, a conquista por atenção da mídia e da indústria de consumo, do lazer e do turismo, entre outros (ALCÂNTARA, 2004; CAMARANO, 2004; GROISMAN, 1999; UNFPA, 2012). As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oportunizam a realização de planos abandonados em outras etapas e o estabelecimento de relações mais proveitosas com os mais jovens e os mais velhos (DEBERT, 1999; TORELLY, 2010).

Este conceito de terceira idade traz consigo a imagem do idoso bem-sucedido – comumente representada por indivíduos dinâmicos com tempo e recursos para realizar novos projetos e usufruir de diversão e liberdade e que

mantêm sua funcionalidade, flexibilidade e adaptabilidade frente aos desafios advindos do envelhecimento (ALCÂNTARA, 2004; DEBERT, 1999; FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008; PEIXOTO, 1998; SARGENT *et al.*, 2013). Possibilita ainda a abertura de espaços onde é possível vivenciar coletivamente novas experiências, formas de sociabilidade e lazer, além de buscar a auto expressão e explorar identidades de uma forma antes exclusiva à juventude (DEBERT, 2010; 1999).

Esse movimento de redefinição dos conceitos e concepções sobre o envelhecimento veio acompanhado pelo surgimento de um novo mercado de consumo direcionado para pessoas idosas detentoras de certa posição social e que adquirem produtos e serviços especialmente destinados a elas como turismo, produtos de beleza e alimentares, bem como novas especialidades profissionais (GROISMAN, 2014; PEIXOTO, 1998; STUCCHI, 1998). Os idosos passam a ser vistos como consumidores em potencial (GROISMAN, 1999). Todavia, Alcântara (2004) alerta para o fato de que pensar os idosos nos termos propostos pela sociedade de consumo é desviar-se do debate sobre o papel exercido por eles em uma sociedade produtiva, na qual estar e sentir-se inserido significa estar produzindo.

Cabe ressaltar que o termo ‘envelhecimento bem sucedido’ data de 1961, quando Robert Havighurst publicou seu artigo seminal “Successful Aging”, no periódico americano *The Gerontologist*. Neste artigo, Havighurst (1961) apresentou duas teorias do envelhecimento bem sucedido – a Teoria da Atividade e a Teoria do Desengajamento<sup>14</sup>.

Resumidamente, na ‘Teoria da Atividade’, envelhecimento bem sucedido significaria a manutenção, na medida e no maior tempo possível, das atividades e atitudes da meia idade. Já na Teoria do Desengajamento, envelhecimento bem-sucedido significaria a aceitação e o desejo para o processo de retirada da vida ativa. Após a apresentação de uma série de definições e métricas de envelhecimento bem sucedido, Havighurst (1961) concluiu ser improvável uma teoria dar conta de todas as pessoas felizes e satisfeitas em seus últimos anos.

---

<sup>14</sup> Mais informações sobre as Teorias da Atividade e do Desengajamento podem ser encontradas em Fontoura, Doll e Oliveira (2015) e Doll *et al.* (2007).

Baltes e Baltes (1990) corroboraram essa ideia ao afirmar ser provável que nenhum conjunto de condições e nenhuma trajetória única do envelhecimento se qualificaria como a forma de envelhecimento ideal ou bem-sucedido. Para os autores, tanto o desenvolvimento quanto o envelhecimento bem-sucedido baseiam-se em seleção de metas, otimização dos meios para atingi-las e busca de compensações quando os meios disponíveis estiverem ausentes.

De acordo com esta visão, um 'bom envelhecimento', ou seja, o envelhecer com qualidade de vida e bem-estar, ocorre quando as pessoas se reorganizam, mantendo a independência e um envolvimento ativo com a vida pessoal e a vida social, desenvolvendo novos projetos e relacionamentos como forma de compensar o que foi perdido em função da idade (FRAQUELLI, 2010; TORELLY, 2010; NOVAES, 1997). A velhice bem-sucedida não nega as perdas, mas enfoca a capacidade de adaptação dos indivíduos tanto nos aspectos biológicos quanto nos psicológicos e sociais (FERREIRA e GOULART, 2010; NERI e CACHIONI, 1999; NUNES, 2010; SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010; VARGAS e TACQUES, 2010).

Neri e Cachioni (1999) contextualizam a velhice bem-sucedida não como a preservação de níveis de desempenho condizentes com indivíduos mais jovens, mas com a ideia de que o requisito principal para uma 'boa velhice' é a preservação do potencial para o desenvolvimento individual. Considerando que na velhice o potencial de desenvolvimento fica resguardado dentro dos limites de plasticidade do indivíduo, definida pela idade, pelas condições de saúde, pelo estilo de vida e pela educação, os prejuízos advindos do envelhecimento podem ser minimizados por meio da ativação das capacidades de reserva para o desenvolvimento (BALTES e BALTES, 1990; NERI e CACHIONI, 1999; VARGAS e TACQUES, 2010).

Para Rowe e Kahn (1998), o envelhecimento bem sucedido contempla a combinação de três elementos principais. São eles: a) baixa probabilidade de doenças incapacitantes; b) elevada capacidade funcional cognitiva e física; e c) engajamento ativo com a vida.

Sabidamente, não existe um jeito certo de viver a velhice, pois as pessoas envelhecem de maneiras distintas. Como afirmou Havighurst (1961), se satisfação com a vida ou a felicidade é tomada como um sinal e como o produto do envelhecimento bem sucedido, o envelhecimento bem sucedido não pode ser associado a apenas um estilo de vida particular (HAVIGHURST, 1961). Porém, nas



posições apresentadas por diversos autores, existem certos elementos em comum, como a saúde, os contatos sociais e o atendimento das necessidades dos idosos. Rowe e Kahn (1998), quando tratam sobre engajamento ativo com a vida como um dos principais elementos para o envelhecimento bem sucedido, destacam os relacionamentos interpessoais e a realização de atividades produtivas como de suma importância.

O envelhecimento bem-sucedido é acompanhado de bem-estar e qualidade de vida e deve ser fomentado ao longo dos estados anteriores de desenvolvimento (VARGAS e TACQUES, 2010). A manutenção de um autoconceito positivo vem da substituição dos papéis sociais perdidos com o processo de envelhecimento por novos. Desta forma, “o bem-estar na velhice seria o resultado do incremento de atividades relacionadas a esses novos papéis” (TORELLY, 2010, p. 80).

Em complemento, a abordagem do envelhecimento ativo, reconhece, como um de seus pressupostos implícitos, que os idosos constituem um grupo heterogêneo. Diversidade que tende a aumentar com o avanço da idade (ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013; WHO, 2015; 2005). Trata-se da manutenção do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades individuais. Perspectiva a seguir apresentada.

### 4.3 A ABORDAGEM DO ENVELHECIMENTO ATIVO

O termo ‘envelhecimento ativo’ foi cunhado pela OMS no final dos anos 1990 a fim de apresentar um conceito mais abrangente do que ‘envelhecimento saudável’<sup>15</sup> e reconhecer que, além dos cuidados com a saúde, fatores como participação e segurança também afetam o modo como indivíduos e populações envelhecem (ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013; TERRA, 2013; WHO, 2005). Conforme definição da OMS, “envelhecimento ativo é o processo de otimização das

---

<sup>15</sup> Em estudo realizado por Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) sobre a definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos, as categorias mais citadas foram as relacionadas à saúde física, social e emocional. Todavia, o relatório sobre envelhecimento e saúde publicado pela OMS, em 2015, destaca que envelhecimento saudável vai além da ausência de doença. Para a maioria dos idosos pesquisados, a manutenção da habilidade funcional seria o fator mais importante (WHO, 2015).

oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam velhas” (WHO, 2005, p. 13).

No que se refere especificamente à participação, uma das propostas da abordagem do envelhecimento ativo é “reconhecer e permitir a participação ativa de pessoas idosas nas atividades de desenvolvimento econômico, trabalho formal e informal e atividades voluntárias, de acordo com suas necessidades individuais, preferências e capacidades” (WHO, 2005, p. 51). Essa ideia está fundamentada no pressuposto de que a forma como as pessoas mais velhas continuam a participar ativamente nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, independente de terem encerrado ou não suas atividades laborais, determina o nível de sua qualidade de vida (ROSA, BARROSO E LOUVISON, 2013; TORELLY, 2010; WHO, 2005).

Neste sentido, os aposentados, os que apresentam alguma doença ou os que portam alguma necessidade especial podem contribuir ativamente para suas famílias, companheiros, comunidades e países (WHO, 2005). Esta abordagem busca o equilíbrio biopsicossocial e a integralidade de um ser humano que, embora idoso, está inserido em um contexto social e ainda é capaz de desenvolver suas potencialidades (FERREIRA *et al.*, 2010; MARTINS, 2010).

Reconhece-se que a participação social não é possível para todas as pessoas mais velhas, pois o aumento da deficiência pode minimizar as possibilidades de ser socialmente ativo. O desafio está em como garantir pelo menos algum nível de interação que evite o isolamento e promova uma maior comunicação com os pares e as famílias, mesmo na presença de deficiências (UNFPA, 2012). “O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados” (WHO, 2005, p. 13).

Esta abordagem está baseada no reconhecimento dos direitos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização, afirmados pela ONU. Desta maneira, abandona-se o enfoque nas necessidades – que considera as pessoas idosas como alvos passivos – para se basear nos direitos dos idosos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida (WHO, 2005).

Essa visão busca a renovação ao invés de resignação, oportunidades ao invés de ameaças e inserção ao invés de isolamento (TORELLY, 2010). “Trata-se de uma proposta para recriar essa fase do desenvolvimento em sua máxima potencialidade e de uma nova concepção do envelhecimento que deve ser divulgada, ensinada e perpetuada em todos os meios sociais” (TORELLY, 2010, p. 79).

A utilização dessa abordagem para o desenvolvimento de políticas e programas voltados aos idosos, visando o seu bem estar físico e psicológico, apresenta potencial de reunir muitos dos desafios próprios do envelhecimento individual e populacional (TORELLY, 2010; WHO, 2005). A elaboração dessas políticas e programas deve considerar a diversidade de fatores determinantes das quais depende o envelhecimento ativo. Fatores que envolvem indivíduos, famílias e países (WHO, 2005).

São fatores determinantes do envelhecimento ativo: os serviços sociais e de saúde, o ambiente físico e os determinantes econômicos, comportamentais, pessoais e sociais (WHO, 2005). A cultura e o gênero constituem fatores determinantes transversais (WHO, 2005). Segundo a OMS, pesquisas que esclareçam e especifiquem o papel de cada fator determinante, assim como a interação entre eles, no processo de envelhecimento ativo, são de extrema necessidade (WHO, 2005).

Apesar de a abordagem do envelhecimento ativo não considerar a realização de atividades laborais como elemento fundamental à manutenção da qualidade de vida do idoso – visto que ele pode participar ativamente em diferentes esferas (social, cultural, espiritual, entre outras) –, entende-se que a realização de atividades produtivas – não limitadas unicamente ao trabalho remunerado –, pode constituir fator determinante para tal. O capítulo cinco é dedicado a esses dois temas: envelhecimento e trabalho. Previamente, na próxima seção, apresentam-se algumas vozes críticas aos discursos a respeito da velhice.

#### 4.4 CRÍTICA AOS DISCURSOS A RESPEITO DA VELHICE

Sabe-se que os distintos discursos são necessários para a compreensão do processo de envelhecimento. Entretanto, eles se tornam insuficientes, se tomados

de forma individual. Isso porque, um discurso dominante tende a excluir os demais e como afirma Papaléo Netto (2011), analisar o processo de envelhecimento a partir de uma única perspectiva, seria satisfazer-se apenas com meia verdade.

Pode-se considerar que os estereótipos, tanto positivos quanto negativos, com facilidade se transformam em barreiras psicológicas e sociais, dificultando a comunicação entre os diferentes segmentos etários (LOPES, 2007), os novos discursos sobre a velhice, apesar de seu viés positivo, também podem apresentar efeitos negativos. Os velhos e os novos estereótipos sobre a velhice revelam que a sociedade age na tentativa de homogeneizar os grupos etários, limitando os comportamentos e o estado em que as pessoas vivem (GROISMAN, 1999; TAVARES, 2015). Loureiro (1998) já afirmava que esses carimbos que se colocam nos idosos fazem com que as características reais destes indivíduos sejam ignoradas e esquecidas.

Autores como Alcântara (2004), Debert (2010; 2007; 1999), Groisman (1999), Peixoto (1998), entre outros apresentam algumas críticas ao discurso positivo a respeito da velhice, mais especificamente ao conceito de 'Terceira Idade'. Segundo Debert (2010), apesar de as iniciativas voltadas à terceira idade transformarem o envelhecimento em uma experiência mais gratificante, tal imagem não oferece ferramentas para o enfrentamento de problemas advindos de perdas de habilidades cognitivas e de controles físicos e emocionais que estigmatizam e que servem de base aos estereótipos negativos que marcam a experiência dos indivíduos idosos (DEBERT, 2010; 2007; 1999).

Groisman (1999) defende a mesma ideia ao afirmar que a tentativa de apresentar estereótipos positivos sobre esta etapa da vida, superando as imagens negativas atribuídas a ela desde o início do século, negaria as perdas advindas do processo de envelhecimento, como os problemas físicos e mentais decorrentes da idade avançada. Ademais, apesar de os indivíduos com esse perfil, enquadrado como terceira idade, representarem apenas uma parcela privilegiada da população, a sociedade promove e reproduz as imagens positivas do envelhecimento, ignorando a realidade social e a heterogeneidade econômica e etária dos idosos (ALCÂNTARA, 2004; PEIXOTO, 1998).

Ainda em relação aos efeitos negativos dos novos discursos sobre a velhice, não se pode desconsiderar o fato de que, na sociedade moderna, consumista e

imediatista, predominam os valores da juventude como beleza, energia e ativismo (LOCATELLI, 2012). Especificamente a cultura brasileira tende a valorizar o jovem e o que é novo. Institui-se a juventude como um estilo de vida compulsório (TAVARES, 2015). Nesse movimento, os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pela sua própria aparência e saúde (DEBERT, 2010; TAVARES, 2015).

De acordo com Castro (2004), no século XXI, as pessoas idosas têm como missão a conquista de uma vida boa, superando as transformações e as dificuldades impostas pela sociedade e pela idade, pois as questões físicas podem, cada vez mais, ser contornadas com os recursos médicos e tecnológicos disponíveis. O termo 'missão' implica em 'responsabilização' ou 'culpabilização' do indivíduo. Logo, os idosos que não se empenham em desenvolver novos projetos, como uma nova carreira ou um novo conjunto de atividades de lazer, ou que não se envolvem ativamente em programas voltados para a terceira idade são considerados seres problemáticos, que necessitam de motivação (DEBERT, 2010; LOCATELLI, 2012). Ademais, "as rugas ou flacidez se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer" (TAVARES, 2015, p. 31).

Nas palavras de Garcia (2007, p. 19): "A longevidade exige a participação ativa para que possa ser desfrutada. Nada vem de graça. Manter-se ativo é a chave para tirar proveito desta conquista." Para isso, o autor cita como fatores essenciais a manutenção de atividades físicas e intelectuais, a participação comunitária, incluindo-se a religiosidade e o amor – seja entre os familiares ou conquistas sexuais –, a adoção de uma dieta saudável e os cuidados básicos de higiene e saúde.

A esse respeito, Debert (2010) chama atenção para que ao se destacar as formas inovadoras e bem-sucedidas do envelhecimento não se subestime a velhice abandonada e dependente, transformando-a em consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da falta de adoção de estilos de vida saudáveis e de formas de consumo inadequadas. A ideia de terceira idade ou de idoso bem-sucedido não pode conduzir a uma responsabilização dos indivíduos pela perda de habilidades e controles físicos e emocionais desencadeados pelo próprio processo de envelhecimento (DEBERT, 2010).

Bulla e Mediondo (2010) destacam a importância de se considerar a heterogeneidade das pessoas idosas e dos grupos sociais a que pertencem, pois existem populações idosas bastante diferenciadas, uma vez que a visão a respeito do envelhecimento depende da filosofia de vida, valores pessoais e sociais, contextos econômico, histórico, social e cultural (DEBERT, 1999; KELLY, RIBAS e COSTA, 2010; NERI e CACHIONI, 1999).

É essa heterogeneidade que inviabiliza que amplas generalizações sejam associadas a toda a categoria (NERI, 2007). Baltes e Smith (2006) reconhecem ainda que, em etapas distintas, o envelhecimento apresenta duas faces – uma de ganhos e outra de perdas.

Não existe uma verdade única sobre a velhice, mas sim, múltiplas verdades (TAVARES, 2015). Desde que tomados em conjunto, os diferentes discursos são relevantes em seu papel explicativo. Todavia, se abordados de forma isolada, eles não dão conta de explicar a velhice em sua heterogeneidade.

Quando se trata a respeito do fenômeno de aumento da longevidade e suas implicações, não se pode desconsiderar o fator trabalho, pois este constitui campo estruturante e de relevância incontestável (TAVARES, 2015). Por esta razão, o próximo capítulo é dedicado ao entrecruzamento destes temas: envelhecimento e trabalho.

## 5 ENVELHECIMENTO E TRABALHO<sup>16</sup>

Uma das consequências do processo de envelhecimento populacional é a alteração no perfil da força de trabalho (CEPELLOS e TONELLI, 2017a; DALEN, HENKENS e SCHIPPERS, 2010; PATRICKSON e RANZIEN, 2005). Percebe-se um prolongamento na permanência da população idosa no mercado de trabalho, resultando em uma mão de obra mais envelhecida e experiente (CEPELLOS, 2018; CEPELLOS e TONELLI, 2017a; CAMARANO e PASINATO, 2004; IPEA, 2018; KALACHE, 2015; WAJNMAN, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2004; TAVARES, 2015; UYEHARA, 2003), pois assim como ocorre o aumento da longevidade, ocorre também a extensão dos anos de trabalho (GARCIA, 2007; TAVARES, 2015).

O trabalho do idoso não constitui novidade, mas sim o número de idosos envolvidos com o trabalho (GARCIA, 2007). O fato de as pessoas estarem vivendo mais tempo e com mais saúde aumenta as chances de que elas não queiram se desligar do mundo produtivo (FONTOURA, DOLL e OLIVEIRA, 2015; GOULART JÚNIOR *et al.*, 2009), ou, caso o façam, que queiram retornar, após um período de afastamento<sup>17</sup>.

No Brasil, a aposentadoria, ou seja, a posse de um benefício social, não significa necessariamente o desligamento do trabalho. De acordo com a legislação brasileira<sup>18</sup>, é possível ao trabalhador aposentado retornar, sem nenhuma penalidade, à atividade econômica (exceto em caso de aposentadoria por invalidez) (CAMARANO, KANSO e FERNANDES, 2014; 2012; GARCIA, 2007; TAFNER, 2006). Por conseguinte, muitos idosos decidem manter ou retomar sua relação com o trabalho remunerado.

Tem sido cada vez mais comum, após a aposentadoria, o idoso buscar ocupação profissional, seja no prosseguimento de suas atividades no próprio local

---

<sup>16</sup> Sendo a definição de 'trabalho' fruto de uma construção social que se altera de acordo com os contextos histórico, econômico e social (PICCININI *et al.*, 2005), esta seção não objetiva apresentar uma conceituação do termo, mas sim relacioná-lo à temática do envelhecimento, uma das mais significativas tendências do século XXI.

<sup>17</sup> A Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994 – que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso – e a Lei 10.741 de 1 de outubro de 2003 – que dispõe sobre o Estatuto do Idoso –, incentivam a permanência e a reinserção do idoso no mercado de trabalho.

<sup>18</sup> Lei n.8.212, de 24 de julho de 1991 – que dispõe sobre a organização da Seguridade Social.

de trabalho ou em local distinto, seja no desenvolvimento de outro tipo de atividade ou ainda na condição de empreendedor (FRANÇA e CARNEIRO, 2009; GARCIA, 2007; MARRA *et al.*, 2013; SARGENT *et al.*, 2013; TAVARES, 2015). O aumento da longevidade trouxe como um dos seus efeitos a necessidade de reinserção no mercado de trabalho, a obrigação de permanecer atuante (GARCIA, 2007).

Neste sentido, a qualificação constitui um fator relevante (GARCIA, 2007), pois, em parte, a precarização do trabalho a que estão submetidos alguns indivíduos idosos justifica-se pela falta de qualificação desses trabalhadores, incompatível com o atual mercado de trabalho (COCKELL, 2014; COUTRIM, 2006). Por conseguinte, a falta de oportunidade de continuidade no trabalho formal resulta na (re)inserção desses indivíduos em trabalhos informais, precários e, muitas vezes, nocivos à saúde, a fim de suprir necessidades de ordem financeira (COCKELL, 2014; COUTRIM, 2006; GARCIA, 2007; SALVADOR, CARRERA-FERNANDEZ e MENEZES, 2001; WAJNMANN, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2004).

Em relação à manutenção da atividade econômica de trabalhadores em idades mais elevadas, a escolaridade torna-se fator preponderante. Isso porque, a qualificação tende a compensar a perda de capacidade laborativa (CAMARANO, KANSO e FERNANDES, 2014; WAJNMANN, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2004), impeditivo para a realização de atividades que dependam da força física. De acordo com Camarano e Fernandes (2018), grupos de pessoas mais velhas tendem a apresentar escolaridade mais baixa comparativamente às mais jovens, o que pode resultar em mais baixa produtividade. Segundo Tavares (2015, p. 76), “o acesso a oportunidades de formação ao longo da vida influencia a expectativa dos indivíduos em relação a suas fontes de renda na velhice”.

A decisão por manter ou retomar o vínculo com o trabalho pode ocorrer por desejo – considerando a perspectiva de anos produtivos pela frente e manutenção da autonomia – ou necessidade financeira – o rendimento do trabalho do idoso tem-se revelado fundamental na composição não apenas de sua renda pessoal, visto que os benefícios previdenciários não garantem a manutenção do padrão de vida obtido durante os anos trabalhados, mas também familiar, já que muitos têm



ocupado o papel de arrimo de família<sup>19</sup> (ALCÂNTARA, 2004; CAMARANO, KANSO e FERNANDES, 2012; COCKELL, 2014; COUTRIM, 2006; FONTOURA e ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2014; GARCIA, 2007; NASCIMENTO *et al.*, 2016; POST *et al.*, 2013; WAJNMAN, OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2004; UYEHARA, 2003).

A aposentadoria ou pensão tem-se revelado uma renda fixa de fundamental importância na redução do grau de pobreza, pois garante o sustento da casa, de filhos adultos e netos, notadamente quando afetados por desemprego, crise conjugal e doenças (ALCÂNTARA, 2004). Associado a isso, a atual configuração social, impõe aos filhos uma maior permanência na casa dos pais. Ao jovem inexperiente as necessidades mercadológicas de uma formação profissional é mais demorada, demandando mais tempo para os estudos, qualificação, treinamentos, estágios, entre outros, protelando, inclusive, as uniões matrimoniais<sup>20</sup> (GARCIA, 2007).

O sentido que os idosos atribuem ao trabalho, também pode representar fator relevante para essa permanência (FONTOURA, DOLL e OLIVEIRA, 2015). Afinal, é por meio do trabalho que as pessoas têm buscado suprir suas necessidades, alcançar seus objetivos e realizar-se (PICCININI *et al.*, 2005). De acordo com Garcia (2007), a perda de papéis sociais e o aparecimento de doenças crônicas e degenerativas, faz com que o desejo de continuar produzindo supere o medo de ser considerado ultrapassado. O trabalho passa a representar mais do que ocupação ou fonte de renda (NASCIMENTO *et al.*, 2016; TAVARES, 2015). Frente à iminente realidade da morte, é capaz de dar sentido à vida de um indivíduo (TAVARES, 2015).

Morin (2001) e Torelly (2010) apontam o trabalho como central na vida dos indivíduos, tanto como mecanismo de realização, como de desenvolvimento e retorno material. O trabalho confere ao trabalhador a identificação com a tarefa, além de permitir sentimentos de satisfação e realização pela tarefa executada e de pertença ao grupo no qual se encontra inserido (NASCIMENTO *et al.*, 2016;

---

<sup>19</sup> Segundo o IPEA (2018), em levantamento realizado no segundo trimestre de 2018, do total de trabalhadores ocupados com mais de 60 anos de idade, 63% se declararam como chefes de família.

<sup>20</sup> Balbinotti (2012) define como a “Síndrome do ninho cheio” este fenômeno atual de retorno à casa dos pais ou ainda a permanência de filhos adultos, muitos na faixa dos trinta ou quarenta anos, que não se mostram motivados a sair de casa.

PICCININI *et al.*, 2005). Para os idosos, ele atua como elemento fundamental para a manutenção da autoestima (SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010) e para a constituição da identidade – principalmente, no caso dos homens (FONTOURA, DOLL e OLIVEIRA, 2015).

Apesar de Piccinini *et al.* (2005) definirem como ‘sem sentido’ o trabalho rotineiro ou pouco desafiador<sup>21</sup>, Souza, Matias e Bretas (2010) entendem que, em sua relação com o trabalho, os indivíduos idosos desempenham funções que, independentemente de serem rotineiras, proporcionam reconhecimento social. Visto desta forma, o trabalho não constitui apenas um recurso para produção de riqueza, mas também uma forma de integração social (KOVÁCS, 2002; NASCIMENTO *et al.*, 2016).

Na opinião de Doll (2007), é o trabalho que faz com que o indivíduo sinta-se integrado à sociedade, pois a atividade profissional traz consigo o sentimento de utilidade e reconhecimento. A motivação propiciada pela reconstrução ou pela manutenção do cargo reflete um forte fator de valorização. Esta seria a razão pela qual o trabalhador idoso tende a responder com maior empenho e dedicação ao trabalho (GARCIA, 2007).

A atividade sistemática confere significado à existência, seja pelo compromisso e responsabilidade social nela implícitos, seja porque oportuniza a manutenção do convívio social – inclusive com pessoas de outras gerações –, além da valorização, reconhecimento e fonte de poder que evoca (NASCIMENTO *et al.*, 2016; SOUZA, MATIAS e BRETAS, 2010; TORELLY, 2010). Ela favorece também a obtenção de satisfação pessoal, a prevenção de doenças e o prolongamento do tempo de vida (TORELLY, 2010). Além de representar fonte de renda, o trabalho proporciona autonomia e independência, senso de eficiência e dignidade humana. Trata-se de uma fonte de prazer, convívio, *status*, poder, experiência e criatividade (NASCIMENTO *et al.*, 2016; TORELLY, 2010).

---

<sup>21</sup> Na definição dos autores, “um trabalho sem sentido é aquele que entra em choque com valores pessoais, não é reconhecido, não possibilita desenvolvimento, é improdutivo, rotineiro ou pouco desafiador.” Por outro lado, “um trabalho com sentido relaciona-se à busca pela realização de um trabalho que seja útil para a organização e para a sociedade e que permita o desenvolvimento, valorização, reconhecimento e, conseqüentemente, a auto-realização” (PICCININI *et al.*, 2005, p. 2).

Pesquisa realizada por Torelly (2010) verificou que a maioria dos idosos com mais de 70 anos que continuam trabalhando consideram o trabalho uma fonte de satisfação e realização. A continuidade das atividades laborais se deve, respectivamente, à manutenção da vida ativa, ao gostar de trabalhar e aos ganhos financeiros (TORELLY, 2010). Apesar de não se enquadrar na questão econômica, o trabalho voluntário também representa uma poderosa ferramenta para alcançar o envelhecimento bem-sucedido e, por sua vez, a qualidade de vida (SOUZA e LAUTERT, 2008).

Como visto, o trabalho representa um dos mais importantes determinantes das condições de vida das pessoas. O indivíduo pode ser reconhecido e valorizado por seu trabalho e desvalorizado pela perda dele (BERTONCINI, 2002; TAVARES, 2015). Trata-se de um elemento integrante na vida dos trabalhadores, exercendo papel central e positivo (PICCININI *et al.*, 2005). No contexto atual, têm-se grandes dificuldades em estabelecer as divisas que separam os domínios do trabalho do não trabalho (SORJ, 2000). O trabalho constitui condição básica e fundamental de toda a vida humana, um fator que molda a forma de pensar, agir e sentir dos indivíduos (TAVARES, 2015). Como elemento essencial na vida do indivíduo e na vida em sociedade, a influência do trabalho permeia todas as etapas da vida humana, da infância à velhice. Ou seja, a vida de um indivíduo é influenciada pelo trabalho antes de sua entrada no mercado até depois de sua saída (TAVARES, 2015).

Alcântara (2004), Nascimento *et al.* (2016) e Tavares (2015) percebem o rompimento com o trabalho produtivo como uma mudança brusca na vida dos sujeitos. Sua associação à autonomia, utilidade, capacidade e acesso a bens legítima a inserção do indivíduo na sociedade.

Sabe-se que o impacto da perda do trabalho afeta trabalhadores de todas as gerações e de ambos os gêneros. Todavia, a maneira como homens e mulheres percebem a perda de trabalho varia, assim como eles também diferem quanto à decisão para aposentadoria (POST, 2013; TAVARES, 2015; VIORST, 2008). Algumas mulheres podem relutar em deixar o mundo do trabalho uma vez que entraram nele tardiamente. É comum entre as mulheres ingressar ou retornar ao mercado após terem cumprido a tarefa de criar os filhos (TAVARES, 2015; VIORST, 2008). Essa pode ser uma oportunidade para a conquista da independência em sua última fase de desenvolvimento (CEPELLOS e TONELLI, 2017b).

O evento aposentadoria afeta diretamente a autoestima e a percepção de utilidade que o indivíduo constrói para si neste cenário em que somente se é útil enquanto se é capaz de produzir bens e serviços. Uma vez que os homens acreditam serem os provedores – responsáveis pela subsistência da família –, para eles o trabalho está diretamente associado à masculinidade – ao ideal masculino de força e resistência – e constitui um pré-requisito para serem reconhecidos perante a sociedade como adultos (ALCÂNTARA, 2004; CAMARANO e FERNANDES, 2018; GONZALEZ e SEIDL, 2011; TAVARES, 2015; VIORST, 2008). Sendo o trabalho o evento social mais importante da vida dos homens (CAMARANO E FERNANDES, 2018), essa perda de poder repercute significativamente na imagem de autonomia e liberdade vivida pela maioria deles (ALCÂNTARA, 2004; GONZALEZ e SEIDL, 2011). “Na ausência do trabalho, por ocasião da aposentadoria, o homem perde a conexão com o sentimento de utilidade que carregou durante toda a vida enquanto podia cumprir o papel social que lhe foi atribuído” (TAVARES, 2015, p. 57).

O retorno do homem ao ambiente doméstico pode representar dificuldades de adaptação, principalmente quando não houve planejamento para esta experiência. Associado ao despreparo para as atividades domésticas, para as quais não foi criado e educado, o homem sente que não exerce mais poder em relação ao seu papel como mantenedor da família (ALCÂNTARA, 2004; GARCIA, 2007). Estudo que buscou identificar as diferenças entre gêneros na velhice, realizado por Figueiredo *et al.* (2007), constatou que, ao envelhecerem, os homens apresentam baixa autoestima, pois o afastamento do mundo do trabalho os retira do espaço público, onde detinham poder, e os transfere para o espaço privado, considerado território pertencente ao feminino.

Já no caso das mulheres, Tavares (2015) acredita que, embora a participação feminina no mercado de trabalho aumente cada vez mais, o sentido de utilidade que mais lhes sobressai ainda está situado mais no sucesso das responsabilidades para com a família do que nas atividades laborais. Culturalmente, as atividades domésticas e o papel de cuidadoras continuam sendo destinadas às mulheres, mesmo as que trabalham fora, o que, de certa forma, facilita seu ajustamento social, ou seja, sua adaptação à ausência do trabalho, pois, quando elas se aposentam, estas atividades – domésticas e de cuidado – ficam preservadas (ALCÂNTARA, 2004; BALBINOTTI, 2012; CAMARANO e FERNANDES, 2018; TAVARES, 2015).

Entretanto, nos casos em que as mulheres se dedicam sobremaneira à carreira, a atitude em relação à aposentadoria apresenta-se de forma diferente das primeiras, configurando-se de maneira semelhante à reação dos homens (TAVARES, 2015). Em seu estudo sobre o processo de envelhecimento de mulheres executivas, Cepellos (2016) e Cepellos e Tonelli (2017b) adotam os termos ‘morte social’ e ‘morte executiva’ ao tratar sobre as implicações da aposentadoria para mulheres executivas. “Para elas, o cargo executivo não representa somente uma posição profissional ocupada: ele representa a forma como elas se reconhecem pessoalmente.” (CEPELLOS, 2016, p. 178).

A saída do mundo produtivo apresenta fortes implicações para a organização temporal da vida, para a autoimagem e para as relações sociais. A reorganização da vida, sem o fator trabalho, envolve uma série de questionamentos e enfrentamentos, além de exigir processos de aprendizagem e de adaptação a um novo estilo de vida (FONTOURA, DOLL e OLIVEIRA, 2015).

O trabalho é o esteio de nossa identidade, a âncora do eu social e privado, define esse eu para si mesmo e para o mundo. Se não tivermos um local de trabalho, um círculo de colegas para manter contato, uma tarefa para confirmar nossa competência, um salário que determine o valor dessa competência, uma descrição profissional que é como uma mensagem taquigráfica que informa aos estranhos quem somos, pode acontecer de passarmos a perguntar, no momento em que nos aposentarmos: “Quem sou eu?” (VIORST, 2008, p. 297).

À ausência do trabalho pode ser atribuída a responsabilidade pela redução de relacionamentos, autoestima e qualidade de vida do indivíduo idoso, pois é essa ausência que, muitas vezes, dá concretude à velhice (ALCÂNTARA, 2004; NASCIMENTO *et al.*, 2016; SOUZA, MATIAS E BRETAS, 2010). Para Cepellos e Tonelli (2017), a aposentadoria é um indicador do processo de envelhecimento, uma vez que ela significa doença, morte e pesadelo. Por outro lado, “quem trabalha, não é velho, e não cai na categoria do imaginário negativo da velhice, marcado de perdas, solidão, inutilidade e morte” (FONTOURA, DOLL e OLIVEIRA, 2015, p.67).

Para os trabalhadores idosos a perda do emprego ocorre normalmente de forma abrupta – mesmo quando decorrente de aposentadoria – e simultânea às mazelas atribuídas à velhice (NASCIMENTO *et al.*, 2016; TAVARES, 2015), caracterizando um período declinante da capacidade física (SOUZA e LAUTERT,

2008). Segundo Garcia (2007), em pesquisa realizada com pessoas entre 40 e 75 anos sobre os piores fatores e principais preocupações advindos da aposentadoria, foram apontadas: perda da saúde, diminuição de renda, perda de vínculos e redução do *status* social. O trabalho ou o cargo exercido pelo idoso está intimamente vinculado ao respeito e admiração no imaginário popular (GARCIA, 2007).

Estudos têm comprovado que os idosos que permanecem em atividades profissionais, que se envolvem em ações comunitárias, que participam da vida social, entre outros, apresentam menos sintomas depressivos, são mais saudáveis e possuem melhores índices de qualidade de vida. Kalache (2015), por exemplo, destaca a importância da participação continuada no mercado de trabalho como contribuição para a saúde cognitiva de pessoas idosas.

Ao se pensar na relação entre envelhecimento e trabalho, não se pode deixar de considerar as representações sociais compartilhadas pelos idosos trabalhadores e a respeito deles, pois, elas influenciam em suas atitudes (NOVAES, 1997; TAVARES, 2015; VIORST, 2008) e delimitam as oportunidades e os postos de trabalho por eles ocupados.

Cepellos e Tonelli (2017a) e Cepellos, Tonelli e Aranha Filho (2013) constataram que são bastante diversificadas as percepções dos gestores sobre profissionais mais velhos. As principais percepções positivas estão relacionadas à fidelidade à empresa, pontualidade, comprometimento, capacidade de realizar diagnósticos e equilíbrio emocional. Entretanto, as principais percepções negativas referem-se à incapacidade de realizar trabalho físico pesado, dificuldade de adaptação às mudanças e novas tecnologias, preferência por atividades menos desafiadoras, inflexibilidade e falta de disposição para treinamentos.

Crenças de que trabalhadores mais velhos devem aposentar-se a fim de ceder empregos para as gerações mais jovens; que trabalhadores mais velhos são mais lentos, menos produtivos e menos dispostos a aprender; que trabalhadores mais velhos custam mais em salários e benefícios; e que trabalhadores mais velhos querem se aposentar representam obstáculos à atuação profissional destes indivíduos (CAMARANO e FERNANDES, 2018; KALACHE, 2015). A incompreensão a respeito de como utilizar as capacidades do público idoso, também pode resultar em sua preterição (GOULART JÚNIOR *et al.*, 2009; KALACHE, 2015; SÁNCHEZ,

1980). A visão que se tem dos jovens, como pessoas mais ágeis, flexíveis e habituadas a novas tecnologias, direta ou indiretamente, desvaloriza o idoso.

O preconceito em relação ao idoso é fato concreto no mercado de trabalho formal brasileiro (CAMARANO e FERNANDES, 2018; COCKELL, 2014; FOGUEL e NORMANHA FILHO, 2006; GARCIA, 2007; GOLDANI, 2010; NASCIMENTO *et al.*, 2016; TAVARES, 2015; UYEHARA, 2003). Em um sistema que valoriza o lucro, empresas têm optado por substituir funcionários mais velhos por mão de obra mais jovem e mais barata (GOLDANI, 2010; UYEHARA, 2003). Os próprios trabalhadores envelhecidos por vezes acreditam que o emprego de trabalhadores mais jovens pode representar vantagens ao empregador.

Uma vez internalizado esse entendimento, o idoso assume uma postura passiva diante do fato de que será substituído pelos mais novos. Para Goldani (2010), à medida que se aproximam da idade para a aposentadoria legal, tanto homens quanto mulheres – acreditando que o preconceito em relação à idade irá pesar contra eles no mercado de trabalho –, sentem-se menos inclinados a buscar emprego. Em sua pesquisa, Cepellos e Tonelli (2017a) constataram que a maioria das empresas não adotava uma postura proativa na contratação de profissionais mais velhos ou próximos da idade de se aposentar, encontrando-se despreparadas para enfrentar o cenário de envelhecimento da força de trabalho.

Todavia, tendo em consideração a heterogeneidade do processo de envelhecimento – resultado de eventos, oportunidades e decisões ao longo da vida de cada indivíduo –, não se pode precisar ao certo a idade em que a incapacidade laboral de um indivíduo será determinante para declinar sua produtividade no trabalho (TAVARES, 2015). Muitas vezes, a incapacidade para o trabalho pode ocorrer antes da idade legal prevista para a aposentadoria, resultando na saída precoce do trabalhador do mercado de trabalho. E também pode ocorrer muito depois da idade na qual se supõe que o idoso trabalhador terá perdido sua capacidade laboral. Pode, inclusive, sequer ocorrer (TAVARES, 2015).

Uma vez que esta tese propõe uma reflexão sobre a relação do idoso com o trabalho, relação esta que pode ser variada, dado o caráter individual do processo de envelhecimento, e que está circunscrita pelas representações que os idosos possuem a respeito de si mesmos, do seu trabalho e dos outros, o próximo capítulo é destinado à apresentação da teoria das Representações Sociais.

## 6 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como já visto, os efeitos do envelhecimento podem variar de indivíduo para indivíduo e, por conseguinte, as percepções sobre a velhice também, podendo apresentar-se de forma positiva para alguns e de forma negativa para outros. Ao se tratar sobre velhice é preciso extrapolar as questões biológicas e adentrar no campo social. Este capítulo é dedicado à apresentação da Teoria das Representações Sociais.

### 6.1 CONTEXTUALIZANDO REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das Representações Sociais foi formulada em 1961 pelo psicólogo francês Serge Moscovici em sua obra seminal 'A Psicanálise, a sua imagem e o seu público', mas adquiriu notoriedade a partir de 1976, data de sua segunda edição (JESUÍNO, 2015). Influenciado pela sociologia de Émile Durkheim, mais especificamente pelo conceito de representações coletivas, Moscovici buscou compreender fenômenos múltiplos, observados e estudados a partir de suas complexidades individuais e coletivas ou psicológicas e sociais (CAVEDON, 2003; FARR, 2011; JODELET, 1986; MORAIS, *et al.*, 2008; SÊGA, 2000).

A teoria das Representações Sociais apresenta uma dimensão individual, pois necessita ser ancorada em sujeitos para que possa ser aceita como existente, e uma dimensão social, pois na medida em que perpassa uma sociedade, ela passa a existir em certo nível de generalização (GUARESCHI, 2000). Neste sentido, essa teoria busca superar diversas dicotomias, sendo a principal a estabelecida entre o individual e o social (CAVEDON, 2005; GUARESCHI, 2000).

Trata-se de um projeto teórico cuja competência situa-se na intersecção da Psicologia e da Sociologia e que procura dar sentido ao indivíduo enquanto agente ativo em determinada sociedade (JODELET, 1986; VALSINER, 2015). "Esse papel ativo é tornado possível pela internalização dos sistemas de significado que são operacionais, em paralelo com os níveis coletivo e pessoal." (VALSINER, 2015, p. 29).

As representações sociais têm sido pensadas como fruto do sociocultural, uma vez que estas esferas são interligadas por significados compartilhados



(CAVEDON, 2003). A existência da subjetividade é reconhecida, mas esta só é construída e consolidada por meio das relações estabelecidas entre os diferentes atores sociais componentes de determinado grupo, pois é construída uma significação comum (CAVEDON, 2003). É por meio da ação dos indivíduos, agindo em um espaço comum a todos, que um grupo social desenvolve e sustenta saberes sobre si mesmo, ou seja, representações sociais (JOVCHELOVITCH, 2011). Trata-se de um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado (JODELET, 1986).

A origem das representações sociais situa-se nos processos de comunicação (JOVCHELOVITCH, 2011; VALSINER, 2015) e nas práticas sociais, como o diálogo, o discurso, os rituais, os padrões de trabalho e produção, a arte e a cultura (JOVCHELOVITCH, 2011). Todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações que são interpretações da realidade, ou seja, a relação com o real é sempre mediada por categorias construídas histórica e subjetivamente, nunca é direta (MOSCOVICI, 2003; SPINK, 1993).

O conceito de representação social “permite o descortinamento do simbólico em um dado contexto cultural” (CAVEDON, 2003, p. 101). Essa teoria – cujo objeto de investigação são os modos sociais de representação do mundo (VALSINER, 2015) – está vinculada à ordem do simbólico, uma vez que determinados elementos, sejam materiais ou imateriais, podem apresentar significados distintos a depender da cultura do grupo social que o esteja significando (CAVEDON, 2005; ROWLAND, 1996). Essa mesma ideia é apresentada por Debert (1998, p. 52) quando afirma que “as formas de periodizar a vida e a definição das práticas relacionadas a cada período apresentam também variações, segundo os grupos sociais de uma mesma sociedade”.

Minayo (1996) referencia as representações como categorias do pensamento por meio das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. A representação atribui a posição que as pessoas ocupam na sociedade, pois toda representação social representa alguma coisa ou alguém (JODELET, 2001; 1986). Representar ou se representar constitui um ato de pensamento onde um sujeito se reporta a um objeto (JODELET, 2001; 1986).

Os indivíduos que possuem condições de pensamento ativo, ao vivenciarem diferentes episódios de interação social, reelaboram as informações advindas

dessas interações, constroem suas próprias representações e as compartilham com os demais sujeitos, incentivando, dessa maneira, um ciclo que é constantemente retroalimentado (CAVEDON, 2003). A circulação das representações de um lugar social para outro permite a mescla e a ressignificação, alterando o sentido original (CAVEDON, 2003).

As representações não são elaboradas por um indivíduo isoladamente (GUARESCHI, 2000), mas por indivíduos e grupos que as criam ao longo dos processos comunicativos e cooperativos (CAVEDON, 2003). Segundo Cavedon (2003, p. 105) “as representações, ao serem criadas, acabam ganhando uma vida própria, circulam, encontram-se, repetem-se e abrem espaço para o surgimento de novas representações, enquanto outras, mais antigas acabam desaparecendo”. Todavia, convém ressaltar que, nem sempre uma nova representação suplantar a(s) anterior(es). Existem casos em que as representações passam a coexistir, como no caso das distintas representações da velhice.

Apesar de sua origem estar situada na interação social, isso não significa que todos os indivíduos, integrantes de uma mesma sociedade, compartilhem da mesma visão. A diversidade das representações sociais pode ser identificada a partir da divisão da sociedade em comunidades ou grupos sociais menores, de contextos – histórico e cultural – específicos e, também, por sua característica circular. Cavedon (2005) explica este fenômeno utilizando como exemplo o processo de envelhecimento, pois se para um determinado grupo, a chegada aos 60 anos representa o ingresso na etapa final da vida, na velhice, para outro grupo pode significar um tempo de maturidade.

As representações são transformáveis, inclusive durante sua construção, pois são influenciadas por diversos sujeitos e podem ser modificadas a partir dos processos cotidianos dos indivíduos (GUARESCHI, 2000). Entretanto, da mesma forma como Debert (1998) defende as categorias de idade, construídas culturalmente, que apesar de mutáveis historicamente, apresentam efetividade, Guareschi (2000) chama a atenção para o fato de que as representações sociais não podem ser consideradas como realidades absolutamente flutuantes, ou seja, desprovidas de aspectos duradouros, pois dentro de determinado grupo social há sempre um nível de realidade compartilhada. Esse compartilhamento, que orienta a

organização da sociedade e o comportamento dos indivíduos, diz respeito à função das representações sociais.

## 6.2 A FUNÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das Representações Sociais se propõe a explicar as formas de conhecimento do senso comum de conhecer e se relacionar com um determinado universo real e simbólico. Podendo ainda ser designada como saber do senso comum, saber ingênuo, natural ou como uma forma de conhecimento diferenciada do conhecimento científico (MORAIS *et al.*, 2008). Para Marková (2015), esta teoria pertence a um universo diferente de conhecimento, por exemplo, do da cognição social, do estudo das opiniões, das atitudes, dos preconceitos, entre outros. Entretanto, sua importância para a vida social e para a elucidação dos processos cognitivos e das interações sociais, a legitima como objeto de estudo, uma vez que a internalização das representações sociais possibilita a organização da realidade (CAVEDON, 2003; JODELET, 2001; 1986).

As representações sociais são criadas com a finalidade de regular as relações, ou seja, ajustar os indivíduos ao mundo a sua volta, para que saibam como se comportar, como dominá-lo física e intelectualmente, identificando e resolvendo os problemas que se apresentam (JODELET, 1986; 2001; ROWLAND, 1996; VALSINER, 2015). Como nos casos de alguns idosos que, ao tomarem conhecimento sobre as expectativas a seu respeito, deixam-se influenciar e comportam-se de maneira a confirmar determinadas normas sociais (BOSI, 2003; LOPES, 2007; TAVARES, 2015; VALSINER, 2015; VIORST, 2008; ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010).

Por outro lado, o fato de os indivíduos revelarem papéis e comportamentos diferentes do inicialmente esperado desestabiliza os parâmetros da interação social, violando as normas do contato social. Como no caso das “velhas inconvenientes”, identificadas no estudo de Barros (1998), cuja aparência – modo de vestir-se e maquiagem – não condizia com sua idade, ou seja, não refletia as representações sociais vigentes naquele contexto.

Tais práticas sociais contraditórias geram reelaborações simbólicas que objetivam redirecionar as ações dos indivíduos que, por sua vez, fomentam outras

representações (ARRUDA, 2015; LOCATELLI, 2012). Essa circularidade revela a dinâmica presente no social, pois, ao mesmo tempo em que estabiliza a identidade, a questiona frente aos novos juízos compartilhados (CAVEDON, 2005). As representações perpassam determinada sociedade ou grupo social, como algo anterior e habitual reproduzido e modificado a partir das estruturas e das relações coletivas, não sendo necessariamente um processo consciente (MINAYO, 2011; 1996).

Elas funcionam como orientadoras das práticas sociais e podem ser pensadas como o elemento comum presente nas diferentes opiniões individuais, a lógica que lhes une e que é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo social de forma mais ou menos estável (BAUER e AARTS, 2003; VALSINER, 2015; VICTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000). Trata-se de uma interpretação que se organiza em estreita relação com o social e que se torna a realidade ela mesma. Para os indivíduos que compartilham a representação social, ela é a própria realidade (VICTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000). As representações sociais têm por função preservar o vínculo entre os indivíduos, além de prepará-los para que pensem e ajam de modo uniforme (MOSCOVICI, 2001).

Enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, as representações sociais contribuem no sentido de orientar e organizar as condutas e as comunicações sociais. Além disso, interferem em diversos processos como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento tanto individual quanto coletivo, a definição de identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001).

Como visto, as representações sociais possuem diversas funções: a função social que orienta as condutas, as relações e as comunicações; a função afetiva que protege e legitima as identidades sociais; e a função cognitiva que interpreta e integra a novidade (JODELET, 1986; SPINK, 1993). Para Moscovici (2003), as representações apresentam precisamente duas funções: a convenção e a prescrição.

A primeira função refere-se ao fato de que as representações convencionalizam as pessoas, os objetos e os eventos, dando-lhes uma forma definitiva, enquadrando-os em categorias, modelos que são partilhados por um

grupo social. Mesmo que inicialmente a pessoa ou objeto não sejam adequados ao modelo, há, por parte do grupo, um esforço para fazê-lo assumir a forma desejada, para que possa ser incluso em determinada categoria se tornando assim igual aos demais, do contrário, não poderia ser compreendido e, conseqüentemente, codificado (MOSCOVICI, 2003).

Em sua segunda função, as representações são prescritivas, isto é, são impostas aos indivíduos com uma força irresistível que resulta da combinação de uma estrutura preexistente ao pensar do sujeito e de uma tradição que determina o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2003). As representações dominantes na sociedade pressionam os indivíduos que, nesse meio, pensam e expressam seus sentimentos. Logo, as representações apresentam diferenças de acordo com o contexto social em que nascem e são moldadas (MOSCOVICI, 2001). Cada mentalidade é distinta e corresponde a um tipo de sociedade, às instituições e às práticas que lhe são próprias (MOSCOVICI, 2001).

Moscovici (2003) ainda apresenta uma diferenciação entre universos consensuais e reificados. Sendo que, no universo consensual a sociedade é entendida como criação visível, contínua, detentora de sentido e finalidade. Neste contexto, ao ser humano é atribuído o sentido de todas as coisas. No universo reificado, por sua vez, a sociedade é encarada como um sistema de entidades sólidas, básicas, invariáveis, que são indiferentes à individualidade e não detém identidade. Desta forma, a compreensão do universo reificado é obtida por meio da ciência, enquanto que as representações sociais dão conta da compreensão do universo consensual, o que ocorre por meio de dois processos: a ancoragem e a objetivação.

### 6.3 OS PROCESSOS DE ANCORAGEM E OBJETIVAÇÃO

Os processos de ancoragem e objetivação se referem à elaboração e ao funcionamento de uma representação social, pois mostram a interdependência entre a atividade psicológica e suas condições sociais de exercício (JODELET, 1986). O processo de ancoragem objetiva “ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (MOSCOVICI, 2003, p. 60).

A ancoragem consiste em classificar e dar nome a um objeto. Existe um distanciamento, uma resistência natural, em relação a objetos que não se pode descrever e para ultrapassar essa resistência, tende-se a enquadrar tal objeto ou pessoa em uma categoria, rotulando-a com um nome conhecido. Após a classificação do objeto, é possível imaginá-lo, representá-lo. A representação é basicamente um sistema de classificação, de alocação de categorias e nomes. É o que ocorre com a velhice que, na tentativa de ser explicada, tem sido referenciada a partir de distintas nomenclaturas: período de perdas, terceira idade, bem sucedida, saudável, ativa, entre outras.

Quando se categoriza algo ou alguém, escolhe-se um dos paradigmas já existentes e se estabelece uma relação com ele, positiva ou negativa (CAVEDON, 2003; MOSCOVICI, 2003). De acordo com Jodelet (2001), a ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações, permitindo situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência. Esse processo consiste na inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído, onde o desconhecido é ancorado em representações já existentes (SPINK, 1993). Um exemplo de formação do processo de ancoragem pode ser encontrado no estudo de Locatelli (2012) no qual se identificou que gestores e funcionários de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos apoiam suas práticas e comportamentos em casos conhecidos, vivenciados no ambiente doméstico com familiares idosos ou com os próprios filhos.

Pela própria lógica do sistema, onde cada objeto e ser possui um valor positivo ou negativo e assume um determinado lugar em uma escala hierárquica, a neutralidade é proibida (MOSCOVICI, 2003). A intervenção do social se traduz no significado e utilidade que são conferidos às representações sociais. A ancoragem implica a integração cognitiva do objeto representado dentro do sistema de pensamento preexistente (JODELET, 1986). Em suma: o processo de ancoragem corresponde à interpretação do sujeito sobre uma dada realidade, é tornar o estranho familiar (FRUTOS e CRUCIOL, 2008).

Já o processo de objetivação tem por propósito transformar um elemento abstrato em algo quase concreto, visível, aliando-o a um conceito com uma imagem, tornando-o quase tangível (MOSCOVICI, 2003). Ou seja, transforma-se o que está na mente em algo que exista no mundo físico (FRUTOS e CRUCIOL, 2008;

MOSCOVICI, 2003). Consiste em unir não familiaridade e realidade. Objetivar é reproduzir um conceito em uma imagem, é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser impreciso (MOSCOVICI, 2003).

Neste processo, a intervenção do social se traduz no agenciamento e forma dos conhecimentos relativos ao objeto de uma representação, articulando-se com uma característica do pensamento social, a propriedade de fazer concreto o abstrato, de materializar a palavra. Desta forma, a objetivação pode definir-se como uma operação estruturante e formadora de imagem (JODELET, 1986; SPINK, 1993).

Spink (1993) explica a objetivação como uma operação que implica três etapas: a descontextualização da informação por meio de critérios culturais e normativos; a formação de um núcleo figurativo, ou seja, a reprodução de um conceito em forma figurativa; e a naturalização que corresponde à transformação das imagens em elementos reais. Nas palavras de Jovchelovitch (2011, p. 69), “objetivificar é também condensar significados diferentes – significados que frequentemente ameaçam, significados indizíveis, inescutáveis – em uma realidade familiar”.

Moscovici (2003) exemplifica o processo de objetivação ao declarar que basta comparar Deus – intelectual e remoto – a um pai – físico e acessível – para que o que era invisível se torne visível na mente. Logo pode ser reconhecido e explicado. A objetivação corresponde à simbolização (FRUTOS; CRUCIOL, 2008).

A objetivação e a ancoragem são as formas específicas pelas quais as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de um determinado grupo e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social (JOVCHELOVITCH, 2011). A naturalização das noções lhes confere valor de realidades concretas, diretamente legíveis e utilizáveis na ação sobre os outros e o mundo (JODELET, 2001).

Ao se considerar o caráter ativo das representações sociais, a maioria dos estudiosos defende que a análise das mesmas não deve focar o sujeito individualmente, mas sim, partir da interpretação dos processos de interação social. Entretanto, a teoria das Representações Sociais não pode abarcar a eliminação do sujeito, uma vez que ele é o seu protagonista (ARRUDA, 2015).

Jodelet (2015) chama atenção para o fato de que o emergente interesse pelos saberes experienciais tem alterado a direção do olhar que agora se volta para

subjetividades, singulares e para os mais distintos contextos – como os do meio de vida, do trabalho, da formação, entre outros. Essa mudança de ótica remete à íntima ligação entre indivíduos e seu contexto de vida (JODELET, 2015).

Tais especificidades terão efeito sobre a forma como os sujeitos se apropriam e se posicionam em relação aos discursos que circulam no espaço social (ARRUDA, 2015; JODELET, 2015). Afinal, “o sujeito contemporâneo não é unificado, nem é constantemente idêntico” (ARRUDA, 2015, p. 114). A representação é relativizada mesmo que seus autores não apresentem pontos de vista divergentes, pois entre os participantes de todos os grupos coexistem diferentes níveis de participação e associação (ARRUDA, 2015). Logo, a representação social não é apropriada da mesma maneira por todos os membros de um mesmo grupo (ARRUDA, 2015), como no caso dos idosos, por exemplo. Associando estas questões ao interesse da teoria das Representações Sociais pelas narrativas, devido a sua natureza comunicativa (LÁSZLÓ, 2015), o próximo capítulo apresenta o percurso metodológico delineado para este estudo.



## 7 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresenta-se o percurso metodológico pensado para a realização desta pesquisa que objetivou *compreender como as representações sociais de trabalhadores idosos permeiam sua relação com o trabalho*. Partindo de uma perspectiva interpretativista, este é um estudo qualitativo (CAVEDON, 2005; DENZIN e LINCOLN, 1994; FLICK, 2009), conduzido de acordo com pressupostos do método narrativo<sup>22</sup> (FLICK, 2003; GERMANO, 2013; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2003; ROSENTHAL, 2014). Trata-se ainda de uma pesquisa exploratória – possibilitando a proposição de um novo discurso interpretativo (MINAYO, 2011) e a formulação de problemas e hipóteses para estudos posteriores (GIL, 2010; 2008; LAKATOS e MARCONI, 1995). Na sequência, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos que regeram este estudo e o detalhamento do percurso.

### 7.1 PARADIGMA INTERPRETATIVO E PESQUISA SOCIAL QUALITATIVA

O paradigma interpretativo percebe o sujeito como agente e conhecedor. Nesse sentido, o indivíduo não se apresenta contraposto ao mundo, reagindo a ele, mas como produtor da realidade social a partir da interação com seus pares. Desses processos interativos resultam os significados e suas constantes modificações (ROSENTHAL, 2014). Trata-se de uma perspectiva que leva em consideração as interpretações dos sujeitos para a compreensão das inúmeras peculiaridades da realidade social (SANTOS, 2014) e pode ser articulado, dentre outras teorias, pela Teoria das Representações Sociais (MORAIS e MARTINS-SILVA, 2018). No paradigma interpretativo, tanto o método de levantamento de dados quanto o de

---

<sup>22</sup> Na década de 70, o sociólogo alemão Fritz Schütze, elaborou um método para geração e análise de dados conhecido como “entrevista narrativa”. A principal característica deste método é a exploração de narrativas improvisadas, ou seja, relatos produzidos pelo entrevistado sem preparação e sem interrupção do pesquisador. Uma variação do método pode ser aplicada a entrevistas biográficas – “entrevista narrativa biográfica”. Neste caso, partindo de um convite amplo e não diretivo, solicita-se ao entrevistado que conte sua história de vida. O entrevistador faz perguntas somente ao final da narrativa (GERMANO, 2013). No Brasil, o método foi difundido por Bauer e Gaskell (2002) (GERMANO, 2013).

análise seguem uma lógica de descobrimento de hipóteses e teorias elaboradas a partir do objeto investigado (ROSENTHAL, 2014).

Sobre as possibilidades da pesquisa qualitativa, predomina o consenso de que ela oportuniza a investigação de fenômenos desconhecidos ou ainda pouco analisados (ROSENTHAL, 2014). Em outras palavras, a pesquisa qualitativa permite a captação daquilo que compõe o mundo representacional (CAVEDON, 2005; MINAYO, 2011).

Já a pesquisa social apoia-se em dados sociais, ou seja, em dados sobre o mundo social, que resultam e são construídos nos processos de comunicação (BAUER, GASKELL e ALLUM, 2003). O interesse está centrado no modo espontâneo como as pessoas se expressam, na maneira que falam sobre o que consideram importante e o que pensam sobre suas ações e a de terceiros (BAUER, GASKELL e ALLUM, 2003).

Logo, a pesquisa social qualitativa harmoniza-se com a 'lógica de descobrir', ou seja, com a geração de teorias sobre o objeto em foco ao longo do processo de investigação, além de permitir que se volte a atenção para o desenvolvimento de tendências (ROSENTHAL, 2014). Seus principais objetivos são a reconstituição do sentido subjetivamente visado – ou seja, o propósito da ação – e a reconstrução do sentido latente e, com isso, do conhecimento implícito que o acompanha – relativo aos atores no mundo social (ROSENTHAL, 2014). Rosenthal (2014) explica que 'sentido subjetivamente visado' não corresponde a processos privados ou psíquicos internos; pelo contrário, os sujeitos do cotidiano conferem significados a suas ações e à realidade social a partir da apropriação de estoque de conhecimento social ao longo da socialização.

Considerando que este estudo versa sobre a Teoria das Representações Sociais, convém esclarecer que, no que se refere à coleta e análise de dados, não existe uma técnica específica, mas uma variedade de técnicas, como entrevistas, observação, grupos focais, entre outras (SÁ, 1998; SILVA e CARRIERI, 2014). As próximas seções tratam sobre as técnicas adotadas neste estudo.

## 7.2 ENTREVISTA NARRATIVA BIOGRÁFICA E NOTAS DE CAMPO

Os métodos interpretativos possibilitam que se lance outro olhar sobre os fenômenos, reconstruindo as correlações e os sentidos latentes de casos concretos particulares (ROSENTHAL, 2014). Por esta razão, adotou-se como técnicas de coleta de dados a entrevista narrativa biográfica (GERMANO, 2013; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2003; ROSENTHAL, 2014) e as notas de campo (JOVCHELOVITCH, 2003; ROSENTHAL, 2014).

### 7.2.1 Entrevista narrativa biográfica

A entrevista narrativa biográfica é um procedimento aberto que possibilita ao entrevistado a moldagem da situação e dos processos comunicativos. Neste tipo de entrevista, evidencia-se o sistema de relevância dos sujeitos pesquisados – “fio condutor para a compreensão das ações e escolhas realizadas pelos indivíduos em um determinado contexto social” (SANTOS, 2014, p. 12). Por isso, o pesquisador não organiza a entrevista a partir de seus próprios interesses de pesquisa, mas centra a escuta no falante, mesmo que ocorram mudanças de enquadramento ao longo da conversa – o que não é interpretado como ruído ou algo que deva ser controlado (GERMANO, 2013; ROSENTHAL, 2014; SANTOS, 2014).

A entrevista narrativa tem sido utilizada de forma interdisciplinar em diferentes problemáticas na pesquisa social, acompanhando o avanço dos estudos biográficos e o interesse por métodos que equilibrem as perspectivas micro e macrosociais (GERMANO e COLAÇO, 2012). Este procedimento objetiva a reconstrução de biografias marcadas pelas mais distintas experiências que se almeje pesquisar, a exemplo de migração, violência, traumas de guerra, desemprego, manejo e reestruturação de carreiras profissionais, enfrentamento de doenças e marginalização de grupos populacionais (GERMANO e COLAÇO, 2012; ROSENTHAL, 2014; SANTOS, 2014).

Nesta tese, a utilização da entrevista narrativa biográfica relaciona-se não apenas com um interesse pela perspectiva dos idosos trabalhadores – por sua vivência, suas experiências, conhecimento e ação –, mas também pela origem dessas perspectivas e pelo histórico de vivência de seu processo de envelhecimento

(ROSENTHAL, 2014). Busca-se obter informações sobre trajetórias pessoais na visão do próprio informante, além de capturar tipos e peculiaridades de trajetórias individuais e sociais em determinada coletividade (GERMANO, 2013). As histórias contadas podem clarear os processos de interação indivíduo-sociedade-cultura que ocorrem nas circunstâncias particulares que envolvem os narradores (GERMANO, 2013).

Operacionalmente, Rosenthal (2014) sugere que, sempre que possível, as entrevistas narrativas sejam realizadas em dois encontros. No primeiro encontro, antes do levantamento de questões que a princípio pareçam importantes para a pesquisa, é solicitado ao entrevistado que, dentro do eixo temático, fale livremente sobre o que julgar mais relevante. Para isso, o pesquisador deve apresentar uma questão gerativa, com vistas a estimular uma narração extemporânea ao invés de respostas pontuais (FLICK, 2009; GERMANO, 2013). Desta forma, supera-se o tipo de entrevista baseado em pergunta e resposta (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2003). A questão gerativa, aplicada a este estudo, foi apresentada aos entrevistados da seguinte forma:

*Estou pesquisando a relação de idosos com o trabalho e gostaria de conhecê-lo melhor. Para isso, peço que conte sua história de modo que eu compreenda sua trajetória pessoal e profissional. Você pode levar o tempo que quiser. Não irei interrompê-lo. Após sua fala farei algumas perguntas para esclarecer o que não entendi bem. Ok?*

Durante a narração central, o relato produzido pelo informante deve ser espontâneo e sofrer o mínimo de interrupções possível. Intervenções devem ocorrer apenas em casos nos quais o pesquisador não compreender o que foi dito (GERMANO, 2013; JOVCHELOVITCH e BAUER, 2003). No segundo encontro, o entrevistador pode fazer perguntas concernentes a potenciais narrativos da história contada, a perguntas descritivas sobre situações vividas, sobre outras pessoas, sobre relações sociais, entre outros. Desta forma, busca-se preencher lacunas que eventualmente surjam com as primeiras análises (FLICK, 2009; GERMANO, 2013). Por fim, o entrevistador faz perguntas que reflitam seu interesse enquanto pesquisador. Uma vez que, o interesse está na teoria que o informante tem de si mesmo, ou seja, em suas representações de si, esse é o momento de esclarecer o

processo de construção dessas teorias (GERMANO, 2013). Neste momento, é possível fazer uso de um roteiro ou tópico guia (GASKELL, 2003).

### **7.2.2 Notas de campo**

As notas de campo, realizadas desde o primeiro contato e durante e após as entrevistas, são utilizadas na análise global dos dados que constitui base para o desenvolvimento do *corpus* – ou seja, para a decisão sobre a necessidade de entrevistas adicionais, aprofundamento na investigação de determinado caso, ou ainda, sobre quais depoimentos devem ser transcritos e analisados. Ademais, essas anotações podem ser posteriormente aproveitadas na reconstrução dos casos (ROSENTHAL, 2014). Nesta tese, as notas de campo também foram utilizadas como base para a construção da seção sobre os bastidores da pesquisa, apresentada no final deste capítulo.

## **7.3 CORPUS DA PESQUISA**

Um dos princípios fundamentais da pesquisa social interpretativa é o princípio de abertura (ROSENTHAL, 2014). Tal princípio – em comprometimento com a lógica da descoberta –, não apenas admite que a questão inicial de pesquisa seja vaga em sua formulação, como também que possa ser modificada, emergindo pouco a pouco no decorrer do contexto investigativo. Ao longo desse processo, suposições e questionamentos, antes considerados centrais, podem assumir caráter apenas complementar. Logo, não é possível definir de antemão a quantidade dos casos, pois não se sabe quais se mostrarão teoricamente relevantes ao longo da pesquisa (FLICK, 2009; ROSENTHAL, 2014).

O *corpus* deste estudo foi construído durante seu desenvolvimento, de acordo com a ideia de um processo de pesquisa circular e reflexivo (BAUER e AARTS, 2003). Seguindo os fundamentos de uma pesquisa exploratória, definiu-se um critério aberto para a seleção dos participantes: idosos trabalhadores do meio urbano – com 60 anos ou mais e distintas ocupações. Por se tratar de uma pesquisa de caráter exploratório, este estudo não intencionou investigar um grupo específico de profissionais idosos ou uma vinculação específica ao trabalho. Pelo contrário,

optou-se pela variabilidade de casos – tanto no que se refere ao gênero, idade, escolaridade e profissão, quanto ao tipo de atividade laboral.

O número de informantes foi definido por inclusão progressiva (DESLANDES, 2011). A ampliação do *corpus*, ou seja, a incorporação de sujeitos ao estudo, ocorreu de acordo com a relevância dos casos, de acordo com o nível (esperado) de novos *insights* para a pesquisa em desenvolvimento (FLICK, 2009; ROSENTHAL, 2014).

Admitindo-se que um elevado número de entrevistas não corresponde, necessariamente, a maior qualidade na pesquisa ou a uma compreensão mais detalhada do fenômeno, ao todo foram entrevistados oito idosos. Todavia, duas participações foram desconsideradas por não ter sido possível alcançar o método de entrevista narrativa biográfica<sup>23</sup>.

Sendo assim, este estudo contou com a participação de seis sujeitos, com idades entre 64 e 82 anos – conforme Quadro 1 que apresenta o perfil dos entrevistados. Com a finalidade de preservar a identidade dos participantes, os idosos são identificados com nomes fictícios. Para a seleção dos participantes partiu-se das relações sociais da pesquisadora e indicações.

Todos os sujeitos selecionados foram convidados a participar livremente, sendo esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e à garantia de sigilo em relação às suas identidades. Aos participantes foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

---

<sup>23</sup> Encontrei o Sr [...], 88 anos, funcionário de uma empresa de transportes de Porto Alegre, em seu local de trabalho. Ele não lembrava que havia agendado a entrevista, apesar da confirmação ter sido realizada por telefone no turno anterior. “A memória não está boa”, afirmou. Apresenta sinais de surdez. Mostrou-se bastante objetivo, limitando-se a responder o que lhe era perguntado. Em várias ocasiões, questionou o nome do jornal para o qual eu trabalhava. Percebi que o Sr. [...] não tinha ideia do que estava participando (NOTA DE CAMPO, elaborada pela autora).

O contato com o Sr. [...], 71 anos, sapateiro, parecia promissor. Acostumado a dar entrevistas, “inclusive para estudantes da Unisinos”, como relatou, marcou a entrevista para uma terça-feira, no meio da tarde. [...] No dia da entrevista fui recebida na própria sapataria. Permaneci em pé, em frente ao balcão, como se fosse uma cliente. Ele disse que continuaria trabalhando enquanto conversávamos. “Vou tentar ser o mais certo possível”, iniciou. Relatou sobre sua origem e trajetória profissional. Após dois minutos e meio, encerrou sua fala. “A gente não tem grandes histórias pra contar”. Na tentativa de fazer com que ele falasse, lancei algumas perguntas. A partir dali a entrevista seguiu no modelo pergunta e resposta. Ainda assim, o entrevistado limitou-se a respostas curtas (NOTA DE CAMPO, elaborada pela autora).

PERFIL DOS ENTREVISTADOS						
SUJEITO	GÊNERO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	VÍNCULO COM TRABALHO
Eva	Feminino	82	Solteira	Doutorado	Professora (aposentada)	Voluntário
Bertoldo	Masculino	69	Solteiro	Superior completo	Procurador de Justiça	Formal
Miguel	Masculino	64	Separado	Superior completo	Analista de sistemas	Formal
Nilda	Feminino	80	Viúva	Ensino médio	Professora (aposentada)	Voluntário
Jonas	Masculino	71	Casado	Ensino fundamental incompleto	Relojoeiro	Autônomo
Francisco	Masculino	69	Solteiro	Mestrado	Geólogo	Formal

**Quadro 1 - Perfil dos entrevistados**

As entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos participantes, com exceção de Nilda (80) que solicitou a realização das entrevistas em sua residência – tendo em vista a possibilidade de inúmeras interferências em seu local de atuação. Ao todo foram realizados 10 encontros para entrevista, com duração média de 67 minutos cada. Os dados foram gravados e transcritos na íntegra para posterior análise.

#### 7.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS: MÉTODO RECONSTRUTIVO

A análise e interpretação dos dados correspondem ao núcleo central da pesquisa e é parte do contínuo processo de investigação (BAUER e AARTS, 2003; LAKATOS e MARCONI, 1995; MINAYO, 2011). Na pesquisa qualitativa, o foco principal é explorar o conjunto de opiniões e as representações sobre o tema investigado (GOMES, 2011). Por esta razão, faz-se necessário um método que abra

espaço à interpretação, possibilitando que os significados emergjam da esfera simbólica, do desvelamento das intencionalidades (SPINK, 2011).

Tanto o método de levantamento quanto o de análise deve possibilitar a descoberta da maneira como o indivíduo interpreta e engendra seu mundo em processos interativos (ROSENTHAL, 2014). O material coletado deve ser o ponto de partida para que as teorias sejam desenvolvidas. “A análise dos dados assume as características de uma *interpretação* dos eventos pesquisados” (VICTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000, p. 38).

O foco principal da análise e interpretação na pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas, explorar o conjunto de opiniões e as representações sociais sobre o tema investigado (GOMES, 2011). Para análise dos dados coletados, partiu-se da perspectiva das representações enquanto produto (SPINK, 2004) – quando a pesquisa busca compreender os elementos constituintes das representações (informações, imagens, opiniões, etc.), devendo ser analisadas com base no contexto onde emergem, circulam e se transformam (MARQUES, 2011).

De acordo com o método reconstrutivo de análise, cada caso deve ser individualmente interpretado, e o significado das passagens reconstruído na atualidade do discurso, na totalidade do texto (ROSENTHAL, 2014). O que para um caso pode apresentar importância, para outro pode ter pouca ou nenhuma relevância (ROSENTHAL, 2014). Portanto, busca-se reconstruir os eventos e os processos biográficos do narrador (GERMANO, 2013).

A observação do maior número possível de casos não constitui objeto da análise reconstrutiva, mas sim a construção tipológica relacionada ao problema que originou a pesquisa, com vistas a desenvolver afirmações sobre os diferentes tipos encontrados em um determinado período e quiçá sobre a dinâmica existente entre eles (FLICK, 2009; ROSENTHAL, 2014).

O método reconstrutivo também não busca derivar categorias a partir da análise de uma entrevista inicial, ou ainda encontrar passagens correspondentes em textos posteriores (ROSENTHAL, 2014). Todavia, a elaboração de macro categorias se mostrou um caminho natural no processo de análise. Por esta razão, após a elaboração dos casos, o material foi novamente explorado. Nesta etapa buscou-se por aproximações e distanciamentos entre os casos, principalmente no que se refere



às representações de envelhecimento e trabalho. A próxima seção apresenta um pouco dos bastidores da pesquisa e foi elaborada a partir das notas de campo.

## 7.5 OS BASTIDORES DA PESQUISA: UM ENFOQUE A PARTIR DAS NOTAS DE CAMPO

Esta seção é dedicada aos bastidores da pesquisa e foi elaborada a partir da seleção das notas de campo consideradas relevantes para a compreensão do leitor a respeito da construção deste estudo e de cada entrevistado. Com vistas a uma maior fluidez do texto, optou-se pela escrita em primeira pessoa e pela remoção das citações seguidas pela referência “NOTA DE CAMPO”.

### 7.5.1 Eva

Ainda na fase exploratória do estudo, Eva foi a primeira entrevistada. Contatei-a por e-mail e agendamos uma conversa na Universidade em que trabalhava. Por solicitação dela, fomos para uma sala reservada na biblioteca. Solicitei permissão para gravar a entrevista. “Tu tem limite de tempo? Tem bastante coisa pra contar e conto [risos].” Extremamente bem humorada, ela relatou sobre sua infância, estudos, trabalhos que desenvolveu ao longo da vida e relacionamentos. O encontro, que já durava duas horas, foi encerrado por solicitação da entrevistada que se disponibilizou para um novo agendamento.

O segundo encontro foi agendado em uma sala de reuniões. Quando Eva chegou, eu a estava aguardando, munida de um roteiro de questões que gostaria de aprofundar. Ao cumprimentar-nos, ela nem mesmo havia acomodado seus pertences e começou a falar. Tive que me apressar em acionar o gravador. Após alguns minutos de fala ininterrupta, Eva demonstrou interesse pelo andamento de minha pesquisa. Fez algumas perguntas, teceu alguns comentários sobre o tema: “O tipo do tema que tu escolheu é muito bom porque os velhinhos vão te dar entrevista quando tu quiser [risos]. Agora esse é um segmento em crescente, tá crescendo!”

A entrevistada que prefere não falar em “velhice”, mas em “idosidade”, demonstra ter muita paixão pela vida, e lamentou as perdas físicas, sociais e profissionais que começa a perceber. Este segundo encontro, em minha opinião,

revelou-se tão fecundo quanto o primeiro, pois a entrevistada, mantendo a mesma disponibilidade e bom humor, recontou algumas histórias, mas também acrescentou outras informações sobre sua etapa de vida atual. Percebi que na segunda entrevista, Eva foi mais aberta em relação aos seus sentimentos e percepções. A entrevista narrativa biográfica mostrou-se promissora como técnica de coleta de dados.

### **7.5.2 Bertoldo**

O contato com Bertoldo se deu por indicação e foi realizado inicialmente por telefone. Após identificar-me e apresentar de forma sucinta o objeto de estudo, solicitei o agendamento de uma entrevista pessoal. Bertoldo relatou que sua agenda estava cheia. Viajaria dentro de poucos dias. Por esta razão, solicitou que um novo contato telefônico fosse realizado após seu retorno, o que demorou aproximadamente um mês. Bertoldo se lembrava do primeiro contato, mas não dispunha de horário livre para agendamento. Afirmou que os dias estariam mais atribulados no futuro, mas que gostaria de me ajudar. Por fim, uma data e o horário foram definidos. Entre o primeiro contato e a data da entrevista passaram-se quarenta e cinco dias.

No dia da entrevista, fui recepcionada por sua secretária que imediatamente anunciou minha chegada. Aguardei aproximadamente 30 minutos até que ele me recebesse. O andar em que Bertoldo trabalha me pareceu bastante tranquilo. Apesar do som dos teclados de computadores e chamadas telefônicas, quase não havia ruído. A entrevista ocorreu em sua sala – não muito grande, mas organizada. Atrás de si o *banner* de um programa social. Durante sua narrativa, Bertoldo explicou que aquele havia sido um programa social criado por ele e reconhecido nacionalmente.

O entrevistado apresentou postura formal e vocabulário rebuscado. Ao longo da entrevista foi se mostrando mais descontraído. Com receio de não ter a oportunidade de um novo encontro, ao término de sua fala, apresentei questões a fim de esclarecer alguns pontos.

Ao final da entrevista, Bertoldo solicitou a exclusão de algumas falas. Acertamos que os trechos seriam suprimidos e a transcrição da entrevista encaminhada por e-mail. O envio deste e-mail foi nosso último contato.

### **7.5.3 Miguel**

A entrevista com Miguel se deu por indicação e foi mediada por um amigo em comum. Contatei-o por telefone e agendamos nosso primeiro encontro em seu local de trabalho. Quando cheguei, encontrei-o na porta do prédio. Ele carregava uma sacola de doces. Explicou-me que havia comprado os doces para comer durante a entrevista. Após minha identificação na recepção, percebi que ele já havia comunicado a respeito de minha chegada. “Esta é a Patrícia?”, perguntou a recepcionista.

Ao subir as escadas até a sala de reuniões, reservada para a nossa entrevista, Miguel relata que passou mal à noite. Segundo ele, o nervosismo com a entrevista teria feito sua pressão subir. Tentei acalmá-lo dizendo que íamos apenas conversar.

Acomodamo-nos na sala de reuniões, um em frente ao outro. Liguei o gravador. Miguel espalhou os doces na mesa. A entrevista iniciou com suas anotações. Ele havia rabiscado um roteiro com sua história de vida, endereços, nomes, locais e tentou segui-lo durante a narrativa. O papel afixado em uma prancheta também serviu de apoio para as mãos durante os mais de 80 minutos que conversamos. Por vezes, em momentos de pausa, ele batia com a prancheta na mesa, como se estivesse arrumando os papéis.

Neste primeiro encontro Miguel iniciou sua narrativa por sua infância. Apresentou informações geográficas (nomes de ruas, de empresas, de escolas), detalhou prédios... Todavia, falava de forma superficial, sem aprofundar-se em sua história. Por várias vezes questionou se o que dizia vinha ao caso e se seria aproveitado. Mais de uma vez, pediu que eu verificasse o gravador. Segundo ele, sua voz era muito ruim. Pigarreou diversas vezes e riu durante quase toda a entrevista. Seu nervosismo e desconforto com a condição de entrevistado era evidente.

Diferentemente do primeiro, em nosso segundo encontro Miguel mostrou-se mais relaxado. Em substituição à prancheta trouxe um envelope com fotos – algumas delas muito antigas. A partir delas recontou suas histórias. Acrescentou informações e detalhes não anteriormente mencionados. Quando já não havia mais fotos para mostrar, Miguel falou de suas coleções – de selos, de moedas e notas antigas, de chaves, de bolachas de *chopp* – e do gosto pela leitura – pelos seus cálculos foram mais de dois mil e quinhentos livros lidos, sem contar os repetidos. Em alguns momentos ele se perdeu em sua narrativa: “O que eu ia dizer mesmo?”. Em outros pediu que eu o interrogasse: “Me pergunta alguma coisa.” Este segundo encontro teve duração de aproximadamente uma hora.

#### **7.5.4 Nilda**

Nilda e eu frequentamos a mesma comunidade religiosa. Seu trabalho é conhecido e reconhecido por todos. O contato, a fim de convidá-la para a pesquisa, ocorreu em um dos dias de culto. Encerrada a reunião, dirigi-me a ela, assim como muitas outras pessoas que intencionavam cumprimentá-la. Esperei até que chegasse minha vez e convidei-a a participar. Ela prontamente aceitou. Quando questionada sobre o melhor local para a entrevista, Nilda optou por fazê-la em sua casa, visto que na igreja, local onde realiza o trabalho voluntário, haveria muitas interrupções.

Marcamos o encontro em seu apartamento. Ela, sempre organizada, estava me aguardando. Quando cheguei, senti o cheiro do chá que estava sendo preparado. Uma vez acomodada em sua sala de estar, voltei a explicar-lhe a pesquisa. Ela, então, iniciou sua narrativa. Começou a falar da infância, dos irmãos, do abandono do pai quando ainda era um bebê. A fala era tomada de melancolia. Enquanto relatava sobre perdas, doenças, lutas e sofrimento, frequentemente ela suspirava. Era como se revivesse cada situação. Mas tinha orgulho de sua trajetória, de “ter vencido”, como afirmou.

Nilda não precisava de estímulo para falar. Contou sua história com riqueza de detalhes. Tão absorta estava em seu relato que acabou esquecendo-se do chá. Sua fala foi interrompida pelo cheiro da chaleira já seca que queimava no fogão. “Mas eu botei um chá pra ferver e queimou minha chaleira!”, exclamou. Apressou-se

a desligar o fogão. Ao retornar trouxe-me um prato com biscoitos. “Quer um suco?” Esse gesto diz muito sobre ela.

Aproximadamente duas semanas após termos realizado a primeira entrevista, encontramos-nos novamente. Ao cumprimentá-la, ela de pronto solicitou que eu fizesse uma inclusão em sua entrevista, pois havia se esquecido de mencionar que diariamente assiste aos noticiários. Dessa forma, mantém-se informada. Julgava ser uma informação relevante.

A casa de Nilda é decorada com muitos porta-retratos e quadros com fotos de família. Ela fez questão de apresentar cada um, começando pelo quadro onde o rosto de seus pais fora pintado. Nilda orgulha-se de sua história e do sucesso dos seus filhos e netos. Com o gravador já desligado, voltou a falar sobre suas perdas familiares (pais, irmãos e netos). Ao final, agradei sua disponibilidade em participar. “Eu acho que eu disse muita bobagem. Se vai servir pra ti, tudo bem! Agradeço por você vir aqui me procurar”, respondeu.

### **7.5.5 Jonas**

Jonas já era conhecido. Sua loja fica próximo à minha residência e não raras vezes estive ali como cliente. Trata-se de uma relojoaria pequena, construída no mesmo terreno de sua residência e recentemente reformada. Apesar da fachada recém-pintada e dos balcões novos, há poucos itens expostos para venda. O negócio é mais voltado para o conserto de relógios do que para a comercialização. A movimentação de clientes é bastante tranquila. Parece não haver muita demanda de trabalho. Muitos vêm apenas para conversar. Mas todos são tratados de forma atenciosa e cortês.

Suas companhias de trabalho são um rádio portátil e a esposa que passa boa parte do horário de expediente sentada na loja. Possivelmente, “fiscalizando” como fez durante o encontro para entrevista. O primeiro contato foi realizado na relojoaria, durante o expediente. Identifiquei-me como pesquisadora, expliquei a respeito do estudo e questionei se gostaria de participar. Jonas aceitou e imediatamente começou a falar sobre a família, os filhos, a profissão. Passados poucos minutos, entra um cliente. Jonas interrompeu sua narrativa para atendê-lo. Quando retornou, não lembrava onde havia parado. Sugeri que agendássemos um horário fora do

expediente para conversarmos. Jonas propôs que nos encontrássemos na relojoaria, no horário do almoço, dali a dois dias.

No dia e horário combinados a relojoaria estava fechada. Chamei por Jonas no portão de sua residência. Ele atendeu e pediu que o aguardasse enquanto terminava de almoçar. Após 20 minutos, ele abriu a porta e iniciamos a entrevista. Reapresentei o objetivo da pesquisa e pedi que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi neste momento que a esposa de Jonas entrou pela porta. “O que é isso que está assinando?” “Me dá aqui, deixa eu ver!” Tentei explicar que se tratava de uma pesquisa, enquanto ela tentava arrancar o papel de sobre o balcão e Jonas a afastava. Ela ficou nitidamente contrariada. Olhava-me com ar de desconfiança, como se eu fosse uma oportunista.

A entrevista durou aproximadamente uma hora e meia. Nos primeiros 30 minutos a esposa entrou e saiu várias vezes, a despeito das tentativas do entrevistado de exotá-la. Em uma das vezes, ela levantou a mão ameaçando batê-lo. Sempre que voltava, ficava parada por um período, observava e depois falava: “Por que tá contando toda a tua vida pra ela?” Por que ela precisa saber de tudo isso?” “Minha filha fez faculdade e não precisou de nada disso!” “Eu acho que tu quer é aparecer [referindo-se a mim].” Por que de tanto idoso que tem por aí tu foi escolher o meu marido?” “Tu é casada?” “Quantos anos tu tem?” O entrevistado apenas maneava a cabeça em sinal de desaprovação.

Ponderei a possibilidade de interromper a entrevista devido ao constrangimento de todos os envolvidos, principalmente quando a esposa fez menção de pegar o gravador. Neste momento, instintivamente, coloquei minha mão acima do gravador e afirmei que ela não poderia mexer. Por fim, ela foi para casa e não retornou mais. A entrevista prosseguiu tranquilamente. Ao final da mesma, Jonas desculpou-se pela esposa. Justificou que ela era assim. Que não participava de nada com ele. Perguntei se podíamos marcar um novo encontro, caso surgissem dúvidas durante a transcrição e análise dos dados. Jonas consentiu, mas em seguida afirmou: “Pode, pode, mas eu acho que tá claro”. Percebi que um novo encontro poderia ser inoportuno.

### 7.5.6 Francisco

Eu já conhecia Francisco de meu local de trabalho. Há aproximadamente três anos, ele chegou transferido de outro setor. De baixa estatura e ar sisudo, não era de falar muito. A relação com os colegas sempre foi cortês, mas estritamente profissional. Após verificar que ele se enquadrava no segmento idoso – pois sua aparência deixa margem a dúvidas –, o convite para participar da pesquisa foi realizado por e-mail. Francisco prontamente aceitou e marcamos a primeira entrevista.

Os dois encontros foram realizados em uma sala de reuniões. Mais de uma vez, Francisco mencionou que talvez não tivesse o perfil esperado. “Talvez eu fuja do perfil, não sei se tu procuras por um... Mas o comum das pessoas pela trajetória de vida é um perfil diferente.” Expliquei que se tratava de uma pesquisa aberta e que não havia um perfil predefinido. Conhecer sua história de vida e de trabalho foi surpreendente. Pelas atividades desenvolvidas por ele na época da entrevista, era inimaginável que fosse tão qualificado.

Em nosso segundo encontro, Francisco repetiu algumas histórias e eu realizei algumas perguntas. Ele respondeu a todas as questões, mas quando a narrativa o levava a questões de cunho pessoal, ele preferia não se aprofundar: “Na minha vida particular da minha família, alguns fatos eu não vou comentar”. Francisco se colocou à disposição, caso fosse necessário outros esclarecimentos.

Para Tavares (2015), dada a heterogeneidade do processo de envelhecimento, é cada vez mais difícil arriscar um parecer único sobre o quanto o trabalho realmente contribui ou prejudica a vida de um indivíduo idoso, de forma outra que não seja caso a caso. Em conformidade com esta visão, o próximo capítulo – elaborado a partir dos pressupostos do método de análise reconstrutivo – é dedicado à apresentação dos seis casos selecionados para este estudo.

## 8 “NINGUÉM REPETE O ENVELHECIMENTO DO OUTRO” – A APRESENTAÇÃO DOS CASOS

Neste capítulo são apresentados seis distintos casos de idosos que mantêm vínculo ativo com o trabalho. Conforme o método reconstrutivo de análise, cada caso é exposto de forma individual. Com vistas a aproximar o leitor à história de vida e de trabalho de cada entrevistado, as seções iniciam com uma biografia resumida. Sequencialmente, partindo-se da narrativa biográfica de cada um, são apresentadas as representações sociais do entrevistado e sua relação com o trabalho.

### 8.1 EVA, PESQUISADORA: O TRABALHO COMO REALIZAÇÃO

*Acho que algumas pessoas se realizam sendo mãe, outras se realizam sendo dondoca. Se realizam. Eu precisava do trabalho.*

*(EVA, PESQUISADORA)*

#### 8.1.1 Biografia resumida da entrevistada

Eva, pesquisadora, solteira, nasceu na cidade de Otávio Rocha, estado do Rio Grande do Sul (RS), no ano de 1936. Meses após seu nascimento, a família mudou-se para Caxias do Sul – RS, cidade onde passou sua infância e adolescência. Começou a trabalhar com aproximadamente nove anos de idade vendendo flores de tecido – trabalho manual desenvolvido pela mãe para auxiliar no sustento familiar. Aos 11 passou a trabalhar no restaurante do pai.

Em 1954, aos 17 anos, mudou-se para Porto Alegre – RS – com a intenção de cursar Filosofia, mas teve que ingressar no curso de Pedagogia – única faculdade em que podia de inscrever, uma vez que havia cursado a Escola Normal. Durante a graduação – o curso de Pedagogia foi concluído em 1957 –, trabalhou como professora primária e secretária em um escritório de engenharia. Também obteve aprovação em concurso público para o cargo de Estatístico.

Em 1958, foi contemplada com uma bolsa para estudar na Escola Nacional de Ciências Estatísticas, no Rio de Janeiro, pelo período de um ano. Ao retornar a Porto



Alegre, prestou vestibular para o curso de Ciências Sociais e concurso para o cargo de Assessora Administrativa do Estado, obtendo aprovação em ambos. Também cursou Especialização em Administração Pública.

Em 1963, partiu para os Estados Unidos (EUA) a fim de cursar o Mestrado em Administração Pública. Em 1965, com o curso já concluído, retornou ao Brasil. Em 1984, concluiu o curso de Doutorado em Educação da Universidade de Harvard - EUA.

Em 2006, aos 70 anos de idade, aposentou-se compulsoriamente do cargo de professora de ensino superior, mas continuou atuando como docente convidada<sup>24</sup> até 2012. Atualmente, trabalha como pesquisadora e revisora de artigos, além de presidir, em caráter voluntário, um Conselho de Administração e um Conselho Fiscal.

### **8.1.2 As representações sociais de Eva e sua relação com o trabalho**

A narrativa biográfica de Eva iniciou pela lembrança de um evento marcante em sua infância, “a grande emoção de repente saber ler” (EVA, 82 anos). Apaixonada pelos estudos, como revela sua trajetória de vida e de trabalho, a entrevista relata:

Tem um episódio que marcou muito... Ficava na mesma sala crianças que tinha Jardim de Infância, de cinco, seis anos, depois tinha os de sete, que já estavam no primeiro ano, e a cartilha que ela [professora] dava pras crianças do primeiro ano pra ler era ‘Queres Ler’. [...] E aí a professora pediu pra fulano ler a lição da ovelha, um não queria, o outro não queria e eu disse: Eu sei! E eu tava completamente fora! Eu tava do lado de cá! E li “a ovelha” e a professora elogiou muito! Eu fiquei muito feliz! É uma das minhas memórias mais antigas (EVA, 82 anos).

A entrevistada recorda com muito orgulho deste evento porque, segundo relata, seus pais não tiveram oportunidade de continuar os estudos. A mãe cursou até o quarto ano primário e o pai até o segundo. Ela recorda que o pai não tinha profissão. “Ele tinha muitos azares assim. Mas sempre tava inventando coisas.” (EVA, 82 anos).

---

<sup>24</sup> A vinculação como Docente Convidado é destinada a professores aposentados que desejam atuar em atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão, em caráter voluntário.

Então, meu pai sempre teve uma trajetória assim oscilante. Teve períodos um pouquinho melhor, depois piorava, depois melhorava e cada vez ele mudava de atividade. Então foram assim: dono de pensão, dono de restaurante, durante a guerra foi chofer de caminhão. [...] Sempre tava inventando coisas. “Agora vou me empenhar num armazém.” Ele já foi dono de posto de gasolina. De churrascaria (EVA, 82 anos).

Já a mãe sempre trabalhou em casa. Cuidava dos filhos, cozinhava “para fora” e fazia flores artesanais, que eram vendidas por Eva, à época com nove anos.

Ela [mãe] não tinha a mão esquerda. Ela nasceu sem a mão esquerda. Tinha só uns dedinhos assim. Atrofiadinho. E ela fazia flores de pano [...] Ela bordava, ela fazia um tipo de trabalho que era do Paraguai. “Nhanduti”. [...] Fazia uma porção de coisas pra ganhar dinheiro. Pra vender, pra ganhar dinheiro. [...] O pessoal gostava... E lá ia eu com as flores. Batia nas portas das casas lá em Caxias. Eu tinha uns 10 anos já, uns nove (EVA, 82 anos).

A venda de flores, ainda na infância, foi o primeiro trabalho realizado por Eva. Posteriormente, aos 11 anos, ela começou a trabalhar no restaurante da família. “Tinha um período que eu tinha 1,5cm a mais nesse braço do que nesse de tanto fazer pastel” (EVA, 82 anos). Movidos pela necessidade financeira, o trabalho fazia parte do cotidiano de toda a família. De acordo com Gomes *et al.* (2015), boa parte da população idosa do Brasil teve a infância marcada por precárias condições socioeconômicas e de saúde. Em sua narrativa, Eva fez referência ao falecimento – ainda na infância – de dois de seus irmãos, mas sem aprofundar o assunto. Sobre trabalhar em tão tenra idade, a entrevistada explica que se tratava de uma obrigação.

Trabalhar tinha que trabalhar. Se não, não sobraria dinheiro. E assim, no meu caso, não tinha esse negócio do meu pai e a minha mãe “o trabalho enobrece, o trabalho enobrece”. Nada disso! Tem que trabalhar pra ganhar dinheiro pra poder se vestir. Comer nunca teve problema. Porque sempre ele [pai] arranjava jeito da gente comer bem. Demais! [risos]. Mas roupas é que era o negócio muito difícil (EVA, 82 anos).

Não tinha nada de hobby, não! Esse negócio de hobby não tinha. Eu, por exemplo, na minha turma, era a que tinha a roupa mais feia, o sapato forrado com papel de jornal, palmilha. Caxias era muito frio, mais frio do que é agora, neve, né? A gente ia amassando, subindo o morro. Ia amassando, aquilo alto assim de gelo (EVA, 82 anos).

Conciliando trabalho e estudo, Eva concluiu o ginásio aos 14 anos. “As meninas terminavam o ginásio, ou iam fazer Escola Normal ou casar. E os rapazes é que tinham o Clássico e o Científico e iam ser ou engenheiros ou médicos ou advogados” (EVA, 82 anos). A entrevistada relata que, na opinião de seu pai, ela deveria estudar datilografia e trabalhar em um escritório. “Esse era o máximo de aspirações.” (EVA, 82 anos). Mas Eva tinha outros planos. Ela então propôs ao pai que se a deixasse prosseguir os estudos, ela continuaria ajudando no restaurante da família.

Aí eu terminei o ginásio e combinei com ele, eu continuava a estudar e ia fazer a Escola Normal. O ginásio equivalia ao fundamental. O normal era o médio. Aí eu fiz o normal e o meu pai vinha vender sonhos e pastéis, coisas no recreio na escola normal. E aí eu ficava lá, servindo as minhas amigas. Era uma vergonha pra mim, mas tinha que fazer (EVA, 82 anos).

O relato de ter de servir as amigas, apesar da vergonha, mais uma vez exemplifica a relação de obrigatoriedade com o trabalho. Por volta de 1953, aos 17 anos, Eva concluiu a Escola Normal e decidiu cursar a faculdade. O apoio da mãe neste período foi fundamental. “Então, ela [mãe] sempre teve muita atividade e sempre estimulou a gente a estudar. Ela estimulava principalmente as filhas a estudar porque daí não precisava depender de marido. Pra ter independência do marido.” (EVA, 82 anos).

Em seu estudo com mulheres idosas, Barros (1998) explica que, em comparação aos homens de sua mesma geração, a maioria das mulheres não teve vida profissional ativa, ao mesmo tempo em que experimentaram uma vida social e sexual muito mais restritiva e reprimida. Locatelli (2012) apresenta o exemplo de uma idosa de 86 anos que após relatar uma vida de sofrimento e perdas, vê na morte do marido uma oportunidade para o descanso, para a liberdade de uma vida permeada por obrigações. A fala de Eva reflete a realidade vivenciada pelas mulheres à época – a exemplo de sua mãe – quando manifestações de liberdade eram impedidas pela educação e controle de pais e maridos (ALCÂNTARA, 2004).

Aí eu fiz o Normal e disse que queria fazer faculdade. Eu tinha 17 anos, mas aí tinha que vir pra Porto Alegre. Aí foi um bafafá na família porque imagina uma guria de 17 anos sair de casa pra estudar em Porto Alegre! Minhas tias-avós diziam: “Vai se perder!” [risos]. Mas a minha mãe segurou a barra! Ela sempre ficou com um pouco de frustração de ela não ter estudado mais,

de não ter sido professora. Na época que ela terminou o primário, com um ano a mais era professora, e ela não fez isso (EVA, 82 anos).

O meu pai achava que eu tinha que aprender datilografia e que já tinha ido muito longe. A pessoa que tinha ido mais longe na família, de todos os cinco irmãos, de todos os tios, todos os primos. A que tinha estudado mais. Por ter terminado o ginásio, eu tinha um primo que dizia: “Mas não tem mais livro pra ti!” [risos] (EVA, 82 anos).

Apesar dos empecilhos e contrariando a opinião dos familiares, Eva mudou-se para Porto Alegre com a intenção de cursar a Faculdade de Filosofia. Todavia, por ter cursado a Escola Normal, teve que ingressar no curso de Pedagogia, como relata:

Na época, quem fazia Normal, só podia fazer Pedagogia. Mas eu não sabia que era assim [risos]. Eu tinha outros planos! Eu queria fazer Filosofia, não sei por que, porque era um padre até meio antipático que dava Filosofia lá, mas eu queria. Achava lindo! Queria fazer Filosofia. Não podia. Aí eu fui lá e me disseram que eu só podia fazer Pedagogia. Então, tá! Fazer o que, né? (EVA, 82 anos).

Com a mudança de Caxias para Porto Alegre, a entrevistada sentiu-se liberta da família. “[...] Foi o que me jogou no mundo! Foi a minha experiência mais marcante.” (EVA, 82 anos). Apesar da mudança para a casa de uma tia, Eva não contava com apoio financeiro da família e era responsável por seu próprio sustento. No primeiro ano de graduação, trabalhou como professora primária e, posteriormente, como secretária em um escritório de engenharia. Eva relembra que estes foram os únicos trabalhos que não gostou de ter realizado.

Então, eu fiz Pedagogia e comecei a lecionar num colégio de freiras e eu fiquei muito chateada no dia que o padre da igreja entrou na minha sala de repente e reclamou do barulho dos alunos. [...] E ele chegou, entrou na minha sala, me ignorou completamente e disse: Que barulho é esse? Vamos ficar quietos? Sentem aí! Se virou e saiu. Então, esse foi um trabalho que eu quis terminar logo e nunca mais voltar. Fiquei um ano. No ano seguinte eu fui trabalhar num escritório de engenharia fazer recibo, datilografia. E tinha uma chefe que tinha tido um namorado, um noivo. E eu vinha pra faculdade às quatro horas que a Pedagogia era das 4 às 8 e ela me fazia voltar porque tinha coisas pra fazer e quando chegava lá ela só queria conversar, me contar do namorado. Então, esse foi outro trabalho que não... Então eu comecei a ter prazer no trabalho quando eu comecei a trabalhar na Fundação de Economia e Estatística (EVA, 82 anos).

No ano seguinte, Eva foi aprovada em um concurso público para o cargo de Estatístico. Ela afirma que foi a partir desta experiência que o trabalho deixou de ser encarado como obrigação e passou a representar realização.

Eu sabia média, mediana, moda e resultado. Direitinho. Fui aprovada e comecei a trabalhar no Departamento Estadual de Estatística. Eu trabalhava no Departamento e estudava. Eu fiquei um ano no escritório e ainda assim guardava um dinheirinho sempre pra mandar pra casa. Depois que eu fui pro Departamento Estadual de Estatística, eu ganhava mais do que magistério, professor de ginásio, que era o professor que tinha faculdade. Eu não tinha concluído a faculdade, mas ganhava mais do que... Aí as coisas começaram a melhorar. Aí eu comecei a comprar roupa [risos] (EVA, 82 anos).

Em 1958 – concluída a graduação –, Eva foi contemplada com uma bolsa de 12 meses para estudar estatística na Escola Nacional de Ciências Estatísticas no Rio de Janeiro. Aproximadamente quatro anos após seu retorno a Porto Alegre, partiu para os Estados Unidos a fim de cursar mestrado em Administração Pública em uma universidade na Califórnia. À época, ela já havia se desligado do trabalho como estatístico e acumulava os cargos de Assessora Administrativa do Estado e Auxiliar de Ensino em uma Universidade Pública. A entrevistada relembra que as idas para o Rio de Janeiro e depois para os Estados Unidos foram as duas oportunidades que teve de apenas estudar. “Só estudei. Puxa vida! Era a primeira vez que eu só estudava! Não tinha que trabalhar fazer outras coisas. Ah! No Rio também foi só estudar. E era muito bom! Foi muito bom!” (EVA, 82 anos).

Em 1970, Eva foi admitida para cursar doutorado na Universidade de Harvard nos Estados Unidos. O curso foi concluído em 1984 – quatorze anos após seu início. Diferentemente das experiências anteriormente citadas quando ela pode dedicar-se exclusivamente aos estudos, a entrevistada conta que, por ter sido aceita em Harvard, recebeu uma série de convites de trabalho. Consequentemente, “a tese foi ficando” (EVA, 82 anos).

Eu fiz os créditos do doutorado em Harvard em 70, 71. [...] Eu fiz os créditos, voltei pro Brasil, e ao invés de fazer a minha tese, eu fui fazer uma porção de outras coisas. [...] Aí eu fui ser Vice-Diretora da Faculdade de [...], fui trabalhar pra UNESCO, onde eu conheci todos os países de fala hispânica da América do Sul. Adorei fazer isso! [...] Talvez não devesse ter demorado tanto, porque talvez eu tivesse mais produção científica, mas também não faz muita diferença agora. O currículo tá grande, continua aumentando (EVA, 82 anos).

Eva dedicou sua vida ao trabalho, e apesar dos relatos de vários relacionamentos, optou por não se casar e não ter filhos. A entrevistada revela que por duas vezes rejeitou possibilidades de casamento em função da carreira. A primeira, na época do mestrado: “Veio uma oferta de bolsa pra fazer o mestrado na Administração Pública numa universidade na Califórnia. Aí meu noivo ficou desesperado e eu doída pra ir embora. Já não queria mais nada com o noivo. Não quis casar... Agora não dava mais. E eu fui-me embora, feliz da vida.” (EVA, 82 anos). A segunda durante o curso de doutorado:

Eu tinha um namorado americano... Eu trabalhava na Faculdade de [...], e ele ligando dos Estados Unidos e na época a ligação de telefone era danada! A gente pedia, a moça fazia a ligação. Então, uma hora eu recebi o telefonema e a moça dizia: “Ele tá perguntando se tu quer casar com ele” [risos]. Diz pra ele que eu vou pros Estados Unidos daqui há quatro meses daí a gente discute lá. Aí fui pros Estados Unidos. Mas deixar de terminar meu doutorado pra me casar? Ficar morando lá? Fazendo o quê? Dona de casa não dá! Nem mesmo sendo um alto executivo como ele era. Não dá! (EVA, 82 anos).

Em alguns momentos de sua trajetória, Eva se questionou sobre a maternidade. “Existem situações assim... Quando a gente fica com 35, 38 anos... Ai, não vou ter filho? Então, dá sempre uma crisezinha, mas... passou! Não foi por falta de pedido de casamento!” (EVA, 82 anos).

Não é propriamente um arrependimento, porque foi muito intencional. Como toda mulher, e principalmente numa família de sete irmãos, o negócio de ter filhos é... [risos]. A maternidade sempre foi um negócio que... Um projeto que foi sendo adiado. O casamento até que nem incomodou muito, mas a maternidade sim. Mas também não encaixou (EVA, 82 anos).

Cepellos e Tonelli (2017b) encontraram situação semelhante em seu estudo com mulheres executivas. Segundo as autoras, a trajetória destas mulheres foi marcada por sacrifícios e abdicação de desejos pessoais em prol da carreira, algumas relacionadas à maternidade, como descrito por Eva.

Ao analisar sua trajetória, a entrevistada define seu trabalho como uma forma de realização. Inicialmente, a realização de ter condições de suprir-se materialmente. Posteriormente, a realização de ter feito algo importante, de ter contribuído para a formação de seus alunos, de ter deixado uma marca.

Acho que algumas pessoas se realizam sendo mãe, outras se realizam sendo dondoca [risos]. Se realizam. Eu precisava do trabalho. Pra primeiro conseguir algumas coisas de caráter material. Coisas que eu me sentia muito privada. Pela história que eu tava te dizendo, faltava roupa, faltava casaco... E depois ele foi assumindo, quando já não era isso, aí realmente a satisfação de... Pô, pego a minha listinha, a relação de bolsistas de iniciação, pega professores daqui, que foram meus bolsistas, que eu fui orientadora deles, que eu fui... Dá uma sensação de que a vida valeu a pena! De que eu deixei uma marca (EVA, 82 anos).

Eva relata que algumas coisas marcaram muito sua trajetória profissional e, conseqüentemente, sua vida. A quantidade expressiva de alunos que formou, a criação de um grupo de pesquisa e de uma área inédita na Administração e a conquista do título de Professora Emérita<sup>25</sup> constituem algumas delas.

O volume de gente que durante esse período todo se formou comigo, a criação do [grupo de pesquisa]. Em 1991, quando eu criei o [...], ninguém dava valor à [área]. As áreas eram Marketing, Finanças e de repente eu venho com uma área nova. Dentro da própria Capes o pessoal pensava: “Mas vai me criar mais uma área?” E eu insisti, insisti e ficou. E agora tem filhote em uma porção de lugares. Realmente sei que foi algo importante que eu fiz e que se mantém até hoje. E as pessoas que passaram por lá que estão criando em vários lugares. Então, essa é uma das coisas que eu fiz, que acho que foi importante. Vendo agora um dos meus ex-alunos sendo professor titular é muito bacana. Os filhotinhos (EVA, 82 anos).

Foi uma das coisas que o título de professora emérita me deu muita satisfação, que eu continuei sendo chamada de professora. Uma das coisas que me deixava chateada de largar... Professora aposentada. Ex-professora. Não perdi o título. Pelo menos isso, né? Não vou perder o título de professora nunca! Professora emérita. Posso botar no cartão. Ao invés de botar professora aposentada [risos] (EVA, 82 anos).

Sendo o trabalho central na vida de Eva, a entrevistada temia pela perda do título de professora e, conseqüentemente, a perda de sua própria identidade. Isso ocorre porque, segundo Post *et al.* (2013), entre indivíduos com maior nível de centralidade do trabalho, no final da carreira, a relutância em abandonar seu papel de trabalho é mais forte. Se o término, previsto ou não, de uma fase da vida é percebido como uma perda, ele pode ser interpretado como uma morte simbólica. (MIRANDA, 2012). O título de Professora Emérita é algo do qual a entrevistada fala

---

<sup>25</sup> Para Siedler e Rocha (2013, p. 11): “A outorga do título de Professor Emérito a um integrante do seu quadro é por si só, uma homenagem aquele que se destaca em sua área. É uma manifestação pública de reconhecimento e de agradecimento ao trabalho e à dedicação dispensados à instituição.”

com muito orgulho. Todavia, segundo declara, ao mesmo tempo em que ele representa um reconhecimento pelo trabalho realizado, também se apresenta como um marco do envelhecimento.

Mas teve um negócio bom que me deu muita alegria que foi o processo de ser Professora Emérita, que aí tem esse reconhecimento, mas também é um marco dizendo: Olha... Valeu! Estamos te dando o máximo que a gente pode te dar. E foi muito bom! Muito bom pro ego. Mas também é um outro aviso (EVA, 82 anos).

Ao se referir a “outro aviso”, Eva faz menção à aposentadoria compulsória. Segundo ela, este teria sido o primeiro aviso do envelhecimento. De acordo com Färber (2012), doenças, amputações, desemprego e aposentadoria tendem a caracterizar as mudanças que mais fortemente incidem para desencadear a percepção de que o envelhecimento se aproxima. Entretanto, na opinião de Viorst (2008), embora experiências como aposentadoria compulsória possam tecnicamente marcar o começo da velhice, algumas perdas relacionadas à idade avançada podem ocorrer apenas muitos anos mais tarde.

A aposentadoria do cargo de Professor de Ensino Superior ocorreu de forma compulsória no ano de 2006, aos 70 anos de idade. Eva relembra que à época, ela estava em período letivo, lecionando. Além disso, estava elaborando uma disciplina criada por ela havia pouco tempo. Ela narra este fato como “um dos dias tristes de sua vida”.

Um dos dias tristes da minha vida foi o dia que eu recebi o papelzinho da Reitoria, que foi exatamente um dia depois de eu fazer 70 anos. Tu vê que a burocracia da Universidade... Eu fiquei 45 anos lecionando aqui, desde 1961, não 63, e não diz assim... Podia ter uma frasezinha formal dizendo: “A Universidade agradece...” Uma frasezinha que fosse. Mas nada! Não tem nada! Só diz que eu tô aposentada! Por impedimento de idade, segundo o artigo tal. Eu não dei bola, né? Quer dizer, não dei bola pra ordem que tava dentro daquele papel. Que quer dizer: para de trabalhar! Eu continuei trabalhando (EVA, 82 anos).

Então, quando eu recebi o papelzinho da Reitoria dizendo que eu tava aposentada foi também um papelzinho dizendo que tu tá velha! Tu não pode continuar lecionando! Sabe que eu não esperava?! Primeiro porque, em geral, a burocracia leva meses. Mas no meu aniversário eu recebi flores e tal e foi muito bacana. Mas aí aquele papelzinho no dia seguinte foi um marco. Daqui pra diante, minha filha, o negócio vai ser assim. Tu vai perder coisas (EVA, 82 anos).



Para Souza e Lautert (2008), a aposentadoria representa uma consequência da velhice e, muitas vezes, traz em seu bojo o ostracismo e o isolamento social. Após a aposentadoria compulsória, Eva continuou atuando na Universidade em caráter voluntário, sob o vínculo de docente convidada. Todavia, a entrevistada percebeu alguns entraves à manutenção de suas atividades.

O diabo é isso! É um negócio que vai se desmanchando. Não tem repercussão. Alguém chegou e disse: “Ah, não é possível, tu vai continuar trabalhando aqui?” Ninguém me disse! Ou então, tu vai ser nosso professor convidado. Eu tive que pedir pra ser professora convidada! (EVA, 82 anos).

A Universidade ainda tem a história do professor convidado, mas tu tem que ser convidada! E nem sempre teus colegas... [risos]. Tem muita gente que tá querendo o teu lugar. Assumir a tua posição. O teu grupo de pesquisa. Fica muito claro que tu vai perdendo coisas. A minha sala agora tem o meu nome lá. Doze anos depois da aposentadoria, tá lá meu nome, um mundo de porcaria minha lá dentro ainda e muitos livros e coisa e tal. E eu tô sempre adiando o dia de ir lá pra fazer a arrumação. E adio. Adio [risos]. (EVA, 82 anos).

Quando questionada sobre a razão para tal adiamento, a entrevistada respondeu: “Tão bom tá lá o meu nome ainda! Isso me dá o direito de, de vez em quando, aparecer lá sem ser considerada intrusa ou que tá investigando.” (EVA, 82 anos). A aposentadoria constitui uma ruptura significativa na história individual, pois além de implicar mudanças em relação à organização do tempo, vem especialmente carregada de valor simbólico, pois o papel social desempenhado até este limite é alterado (FÄRBER, 2012). O afastamento do meio produtivo habitual, por ocasião da aposentadoria, demanda a reorganização espacial, temporal e de identidade do indivíduo (FÄRBER, 2012). Quando este afastamento não se concretiza, como mencionado por Eva, conseqüentemente, o mesmo ocorre com a necessidade de reorganização. Mais do que o adiamento da “arrumação” da sala, a entrevistada tem adiado a perda da própria sala, o que representaria a perda completa de seu *status*, o enfrentamento de sua condição de aposentada (SARGENT *et al.*, 2013).

Eva permaneceu como docente convidada até o ano de 2012. Atualmente, trabalha como pesquisadora e revisora de artigos, além de presidir, em caráter voluntário, um Conselho de Administração e um Conselho Fiscal.

Continuei ainda discutindo orientação. Até agora eu tenho minha última orientanda. Agora eu não tenho mais vínculo, só com o [grupo de pesquisa].

Então, trabalho com duas pesquisas. Faço revisão de artigos. E sou presidente do Conselho de Administração da [...] e essa que me ocupa bastante tempo. [...] É voluntário. Não pode ser remunerado. [...] Além disso, eu sou presidente do Conselho Fiscal da [...]. Esse não me dá muito trabalho. Nos reunimos umas três, quatro vezes por ano só (EVA, 82 anos).

Segundo a entrevistada, apesar de as atividades como revisão de artigos não gerarem reconhecimento – “É que isso não aparece no Lattes, só aparece a listagem das revistas, o artigo não tem nada de identificação, nada.” (EVA, 82 anos) –, elas geram trabalho o que ela considera muito positivo. “São atividades que dão muito prazer! Porque me deixam ativa.” (EVA, 82 anos).

Mas aí a parte boa. Revisão de artigos pra revistas, não te dá reconhecimento, mas te dá trabalho. Isso é importante porque te obriga a ler, te obriga a ler às vezes as referências. Pode te dar até indignação às vezes pelas besteiras que são ditas. E a gente diz, meu Deus isso aí é artigo de doutorando! Não pode ser de tão mal escrito. [...] Mas isso ocupa a cabeça da gente. Faz com que a gente fique antenado (EVA, 82 anos).

De acordo com Faríaz-Antúnez *et al.* (2018), a atividade laboral acarreta desafios diários, que mantêm o trabalhador ativo, contribuindo para a manutenção de sua capacidade funcional. Torelly (2010) verificou que a maioria dos idosos com mais de 70 anos que continuam trabalhando consideram o trabalho uma fonte de satisfação e realização. A continuidade das atividades laborais se deve, respectivamente, à manutenção da vida ativa, ao gostar de trabalhar e aos ganhos financeiros (TORELLY, 2010). Com exceção da questão econômica, uma vez que são voluntárias as atividades atualmente realizadas pela entrevistada, as motivações de Eva para o trabalho coadunam com os achados de Torelly (2010). De acordo com a abordagem do envelhecimento ativo, fatores como participação e segurança também afetam o modo como indivíduos e populações envelhecem (ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013; TERRA, 2013; WHO, 2005).

Durante sua narrativa, Eva discorreu sobre uma série de perdas que, em sua opinião, são decorrentes do processo de envelhecimento. Seriam elas, as perdas físicas, as perdas sociais e as perdas profissionais – estas últimas desencadeadas principalmente pela aposentadoria.

No envelhecimento tem muitas coisas que começam a falhar no corpo da gente. Quer ver? Coisas que me incomodam agora: colocar meias. Enfiar as meias. É um negócio que me cansa. Eu ainda tô procurando o melhor jeito

de botar meia sozinha. Porque eu tenho uma funcionária comigo, empregada, e ela diz: “Porque não me chama?” Porque eu quero fazer sozinha! Nem sempre tu vai tá aqui (EVA, 82 anos).

[...] Eu sou mais lenta. E esqueço nomes. Autores eu esqueço. Aquele autor... Tem que esperar um pouco e tal. Daqui a pouco tô fazendo qualquer outra coisa, já mudei de assunto e vem o nome. [...] A memória é uma parte assim. Principalmente a parte dos nomes, lugar onde botou as coisas, papéis, onde estão, onde é que foi guardado (EVA, 82 anos).

[...] No Rio de Janeiro eu arranjei um namorado que tava no quarto ano de Estatística. [...] Depois ele veio ser professor aqui. Ele já morreu [melancólica]. Então, essas coisas também que agora tá começando com mais frequência. Os colegas morrerem. Morreu recentemente um colega chileno e tem outro que tá muito mal que é da Nicarágua, que a gente se reencontrou por causa do Facebook. A gente reestabeleceu contato de 1958. E agora começam as perdas (EVA, 82 anos).

Mas a gente sente falta sim, do contato humano, conversar com os alunos, de ser chamada pra uma banca, não chamam mais! Antes eu era mais chamada, agora vai indo, vai indo... Quer dizer, a expressão “vai morrendo” a tua vida acadêmica vai morrendo. Vai ficando só umas coisinhas assim... Vai morrendo. [...] Eu não tô encerrando. Estão encerrando pra mim. A gente começa a não fazer muita falta (EVA, 82 anos).

Em seu estudo sobre o processo de envelhecimento de mulheres executivas, Cepellos (2016) e Cepellos e Tonelli (2017b) adotam os termos ‘morte social’ e ‘morte executiva’ ao tratar sobre as implicações da aposentadoria para mulheres executivas. Do caso de Eva, pesquisadora, pode-se depreender outro termo: “morte acadêmica”.

Como visto nos excertos acima apresentados, na opinião da entrevistada, o envelhecimento constitui um período de perdas. “Envelhecimento quer dizer curva decrescente. Envelhecimento dá sempre a ideia de maior proximidade com a morte. E se a gente gosta da vida, é um negócio que não agrada. Que preferia que não existisse. Que chegasse um ponto que ficasse retinho” (EVA, 82 anos). Nas palavras de Viorst (2008, p. 276): “Em cada dor, em cada mudança no nosso corpo, em cada diminuição de nossa capacidade vemos indicações de nossa mortalidade.”

Ainda de acordo com Viorst (2008), é inegável que a velhice significa o peso de profundas e várias perdas – de saúde, de pessoas que amamos, de um lugar na comunidade familiar, de trabalho, de *status*, do controle, das escolhas, entre outros. No corpo, os sentidos ficam menos aguçados e os reflexos mais lentos. A

concentração diminui, informações novas são processadas com menor eficiência e há lapsos na memória de curto prazo (VIORST, 2008).

A velhice também é percebida por Eva como algo negativo. “O tipo do tema que tu escolheu é muito bom porque os velhinhos vão te dar entrevista quando tu quiser [risos]. Nunca imaginei que na minha... Ai nem gosto de dizer a palavra “velhice” [risos], que na minha “idosidade” [risos] seria tão comentado, né?” (EVA, 82 anos). A preferência de Eva pelo uso do termo “idosidade” ao invés de “velhice”, justifica-se, segundo ela, pelo fato de que velhice remete à ideia de um tratamento pejorativo. “Acho que as pessoas já tem uma certa concepção na palavra. Que é uma pessoa... Quase todas têm Alzheimer [risos]. Dá a impressão, sabe? Do jeito que falam. Fragilizando” (EVA, 82 anos).

De acordo com Alcântara (2004), Debert (1999), Ferreira, Cunha e Menut (2008), Peixoto (1998) e Sargent *et al.* (2013), o termo ‘velho’ apresenta conotação negativa, pois é utilizado para expressar incapacidade laboral, falta de *status* e exclusão social. Por sentir-se desqualificada e inútil, a maioria das pessoas não aceita ser identificada como tal (FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008), como no caso de Eva.

Tal representação da velhice estaria ancorada em sua própria experiência de vida. No tratamento recebido por parte das irmãs – em um âmbito mais restrito – e no discurso vigente do meio social.

Eu sou a mais velha de sete irmãos. E eu tenho duas irmãs que moram aqui em Porto Alegre. Eu moro sozinha. E elas também. Uma é viúva e a outra é divorciada. Moram sozinhas, mas elas têm filhos, eu não tive filho. E aí, elas agora com a mania de... Pra mostrar carinho não querem que eu dirija, querem que eu me mude, que eu vá morar pertinho delas, que não sei o que, quer dizer... “Mas a gente tá querendo te cuidar” [risos]. Que tipo de cuidado vocês tão querendo me dar que eu não tô pedindo? Agora o tipo de coisa que eu gostaria que vocês fizessem vocês não tão me dando! Porque de vez em quando as outras duas saem juntas e não me convidam. Vão pro teatro e não me convidam. Vão pra praia e não me convidam. Porque a velha, né? (EVA, 82 anos).

[...] Então tem esse negócio, acho que a gente também tem esse preconceito. As coisas que os outros acham sobre a velhice, elas influenciam o jeito que a gente olha a velhice. Então, não é o preconceito dos outros contra o velho, é o preconceito geral, inclusive o meu (EVA, 82 anos).

Mesmo que se receba a velhice com saúde e esperança, todos têm de enfrentar a visão social a respeito dela (VIORST, 2008). A fala de Eva sobre o preconceito que envolve a velhice exemplifica as dimensões individual e social das representações sociais, pois ao mesmo tempo em que necessitam ser ancoradas em sujeitos para que possam ser aceitas como existentes, na medida em que perpassam uma sociedade, elas passam a existir em certo nível de generalização (GUARESCHI, 2000). Segundo Jodelet (2001, 1986), a representação atribui a posição que as pessoas ocupam na sociedade. Representar ou se representar constitui um ato de pensamento onde um sujeito se reporta a um objeto (JODELET, 2001; 1986), neste caso, a velhice.

Ao tratar sobre os planos para o futuro, Eva afirma que continuará viajando. “Eu sempre viajei muito. Que é uma das coisas boas da minha vida. Eu fui a 52 países já. E vou continuar indo. Eu tenho planos. Antes as viagens eram por causa dos congressos e agora não, agora é lazer, mesmo.” (EVA, 82 anos). Já em relação ao trabalho, a entrevistada apresenta uma postura de aceitação e declara que continuará atuando enquanto houver demanda.

Eu não preciso fazer planos nesse negócio de parar de trabalhar, porque vai acontecer naturalmente. Vão parar pra mim! Uma hora dessas, não vão me convidar mais pra ser membro do Conselho da [...], não vão me convidar mais pra ser do Conselho da [...]. Enquanto houver demanda, tô trabalhando. [...] Então, eu vou continuar fazendo. Porque eu dependo. Eu não posso dizer eu vou ser membro da banca. Ah! Eu quero ser orientadora. Eu não posso! O que eu continuo fazendo é atender os convites que eu tenho (EVA, 82 anos).

Questionada sobre quais atividades desempenhará quando não tiver mais demanda de trabalho, Eva respondeu não ter pensado a respeito. “Ainda não pensei [...] Mas ficar em casa sem fazer nada é muito ruim” (EVA, 82 anos).

A minha irmã tem 60 anos e tá louca pra se aposentar. Assim. Uma coisa que eu tenho falado bastante com ela é: Mas o que tu vai fazer depois que... “Ah! Vou descansar!” Como descansar? Ficar dentro de casa com os pés pra cima? Vendo TV? O que que é o descansar? Ela disse: “Ué, ainda não sei bem, eu tô estudando inglês...” Tá, mas e o que tu vai fazer com o inglês? (EVA, 82 anos).

Como alguém que dedicou e ainda dedica a vida ao trabalho, causa estranhamento à entrevistada, a forma de pensar de alguns idosos, inclusive de uma

de suas irmãs. “Tem uma palavrinha que eu não gosto: Ai, tem que descansar. É a mesma palavra que é usada: Coitadinho, descansou. Morreu! Então, descansar é um negócio que não gosto de ouvir, porque descansar é morrer” (EVA, 82 anos). Para Eva, a definição de aposentadoria como uma fase de “descanso” tem direta associação com a morte.

Fraquelli (2010), Torelly (2010) e Novaes (1997), acreditam que o envelhecer com qualidade de vida e bem-estar ocorre quando as pessoas se reorganizam, mantendo a independência e um envolvimento ativo com a vida pessoal e a vida social, desenvolvendo novos projetos e relacionamentos como forma de compensar o que foi perdido em função da idade. A entrevistada fala na “vida física” como uma forma de suprir, ainda que parcialmente, a ausência da “vida acadêmica”.

Uma das coisas do envelhecimento é que a gente tem que cuidar do corpo. [...] Tem algumas coisas que a vida física até supre. Eu continuo fazendo ginástica, eu continuo caminhando, eu continuo fazendo exercício. Então, a vida física dá uma certa continuidade e agora tem os sobrinhos neto. Um negócio muito gostoso do contato, só que eles também não tem lá grande apreciação... (EVA, 82 anos).

“Sou dona de casa também, tenho que ir no super, tenho que mandar consertar a janela, tenho que mandar consertar o fogão. Apesar de que eu tenho uma auxiliar que faz a comida pra mim, mas a tarde ela não tá lá” (EVA, 82 anos). Segundo Barros (1998), as mulheres idosas que realizam atividades domésticas sentem-se mais saudáveis e vigorosas, pois esta é a maneira que encontram para se auto afirmarem como as “donas” do trabalho doméstico e ainda resistir ao processo de envelhecimento, provando ter autonomia para agir e decidir por si próprias, de maneira independente, sem contar com a ajuda de terceiros, principalmente nas tarefas do cotidiano.

Ao tratar sobre sua trajetória de vida e de trabalho, Eva evidenciou suas representações sociais a respeito de seu trabalho e seu processo de envelhecimento. A partir dessas representações, elaborou-se o quadro esquemático a seguir apresentado.

	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INDICADORES
TRABALHO	OBRIGAÇÃO	<p><b>Nos períodos da infância e adolescência:</b>  Necessidade financeira da família;  Trabalho como parte do cotidiano familiar;  Atividades designadas pelos pais e condizentes com o(s) negócio(s) familiar(es);  Realização da atividade a despeito do sentimento de vergonha.</p> <p><b>Na juventude:</b>  Responsabilidade pelo próprio sustento;  Auxílio financeiro à família após a saída de casa;  Realização de trabalhos considerados não prazerosos.</p>
	REALIZAÇÃO	<p><b>Na fase adulta:</b>  Suprimento de necessidades de ordem material;  Manutenção do auxílio financeiro à família;  Períodos de dedicação exclusiva aos estudos;  Satisfação pela relevância das contribuições e trabalhos realizados;  Centralidade do trabalho;  Abdicação de matrimônio e filhos em prol da vida profissional.</p>
	ATIVIDADE	<p><b>Fase atual:</b>  Trabalho por si só é considerado como algo positivo;  Atividades realizadas em caráter voluntário;  Trabalho como meio de ocupação do tempo e da mente;  Descanso como sinônimo de morte.</p>
ENVELHECIMENTO	APOSENTADORIA	Marco do envelhecimento; Caráter de compulsoriedade; Vínculo como Professora Convidada; Prenúncio de perdas.
	TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA	Marco do envelhecimento; Reconhecimento pelo trabalho realizado; Informativo de que a carreira institucional chegou ao ápice; Perpetuação da identidade como professora.
	“IDOSIDADE”	Termo utilizado para tratar sobre envelhecimento pessoal; Manutenção das atividades profissionais enquanto existir demanda; Dedicação aos cuidados com o corpo; Ocupação do tempo com questões ligadas ao âmbito doméstico; Tempo e recursos financeiros disponíveis para viagens.
	VELHICE	Termo com conotação negativa; Sinônimo de doença e fragilização; Preconceito pessoal e social.

<b>ENVELHECIMENTO</b>	PERDAS	<p><b>Físicas:</b>  Diminuição da capacidade funcional;  Lapsos de memória de curto prazo;  Necessidade de cuidados com o corpo.</p> <p><b>Sociais:</b>  Falecimento de amigos, colegas e familiares;  Redução do contato com alunos e pares.</p> <p><b>Profissionais:</b>  Desencadeamento gerado pela aposentadoria;  Entraves à atuação como Professora Convidada;  Diminuição do ritmo do trabalho devido ao "esquecimento" por parte dos pares;  “Morte da vida acadêmica”;  Vida física como forma de compensação de perdas.</p>
-----------------------	--------	--

**Quadro 2 - As representações sociais de Eva sobre trabalho e envelhecimento**

Percebe-se que a representação de trabalho passou por alterações ao longo do curso de vida da entrevistada. Se na infância e adolescência o trabalho constituía uma obrigação – “[...] trabalhar pra ganhar dinheiro, pra poder se vestir” (EVA, 82 anos) –, na fase adulta passou a ser sinônimo de realização – “Eu precisava do trabalho”. Atualmente, além de uma forma de realização, as atividades desenvolvidas pela entrevistada contribuem para a manutenção de uma vida ativa.

Todavia, gradativamente o trabalho tem se apresentado de forma menos intensa – o que Eva considera ser um reflexo do processo de envelhecimento. Deste modo, a entrevistada adotou uma postura de aceitação e compensação, mantendo sua relação com o trabalho enquanto houver demanda. Como forma de suprir, ainda que parcialmente, a lacuna deixada pelo trabalho, ela tem cada vez mais se dedicado ao cuidado do corpo e se ocupado de questões ligadas ao âmbito doméstico.

Durante sua narrativa Eva elencou uma série de conquistas profissionais, que, em sua opinião, “fizeram a vida valer a pena”. Percebe-se que, na vida da entrevistada, o trabalho exerceu papel central. Entretanto, eventos marcantes como a conquista do título de Professora Emérita – apesar de seu caráter de reconhecimento pelo trabalho realizado – e a aposentadoria compulsória desencadearam questões voltadas ao envelhecimento.

Logo, no que tange ao envelhecimento, as representações de Eva tem sido ancoradas em sua experiência pessoal e são embasadas na perspectiva das



perdas. Ao narrar dificuldades para colocar as meias e lapsos de memória, Eva exemplifica como o envelhecimento pode acarretar perdas físicas. Já as perdas sociais são referenciadas nas mortes de colegas de trabalho e conhecidos, na falta que sente do contato com os alunos e no tratamento recebido por parte das irmãs. Por fim, as perdas profissionais relatadas como “esquecimento” são definidas pela entrevistada como a “morte da vida acadêmica”.

Tem-se ainda no caso de Eva, um exemplo do que autores como Ferreira e Goulart (2010), Neri e Cachioni (1999), Nunes (2010), Souza, Matias e Bretas (2010), Vargas e Jacques (2010), entre outros têm definido como velhice bem-sucedida. Quando não há negação das perdas, mas enfoca-se na capacidade de adaptação dos indivíduos.

## 8.2 BERTOLDO, PROCURADOR: O TRABALHO COMO MEIO

*O trabalho é um meio, é um grande meio, e deve ser levado muito a sério quando se faz porque é o meio que te deu toda a sustentação da tua vida econômica, intelectual e social.*

*(BERTOLDO, PROCURADOR)*

### 8.2.1 Biografia resumida do entrevistado

Bertoldo, Procurador de Justiça, solteiro, nasceu na cidade de Pelotas – RS, no ano de 1947. Oriundo de uma família de comerciantes, ele começou a trabalhar aos 13 anos de idade na loja da família.

Formado em Direito – faculdade que cursou em universidade pública –, o interesse pela área surgiu quando tinha aproximadamente 17 anos. Durante a graduação teve a oportunidade de estagiar na área. Após a formatura abriu seu próprio escritório em sociedade com um dos partícipes do escritório em que havia estagiado.

Por aproximadamente seis anos, morou no interior do Estado e atuou como Advogado, principalmente em questões voltadas ao agronegócio. O retorno à cidade de origem foi motivado pelo falecimento do pai e a necessidade de, juntamente com

a mãe e os irmãos, assumir os negócios da família. Atividade que desenvolveu paralelamente à advocacia.

Como forma de aprimoramento, cursou pós-graduação em Sociologia, a Escola Superior de Magistratura e a Escola Superior do Ministério Público. Por volta de 1985, em decorrência da crise financeira – que abalou significativamente as perspectivas de negócios e o próprio exercício da advocacia –, decidiu prestar concurso para os cargos de juiz e promotor. Apesar da aprovação em ambos, optou pela carreira de promotor, cargo que melhor se adequava ao seu perfil.

Como Promotor de Justiça, atuou em várias regiões do RS. Em 1990 foi designado para a cidade de Porto Alegre. Durante sua trajetória profissional sempre lidou com questões sociais – infância e juventude, prevenção de drogas e saúde. Em 1997, aos 51 anos, sob o risco de perda de direitos, ponderou a possibilidade de aposentadoria precoce. Em 1998, foi promovido ao cargo de Procurador de Justiça, no qual permanece até esta data.

## **8.2.2 As representações sociais de Bertoldo e sua relação com o trabalho**

O contato de Bertoldo com o trabalho iniciou cedo. Os pais eram comerciantes. Desde criança, juntamente com os dois irmãos, frequentava a loja da família. “Loja de relógios, relojoaria, armarinho” (BERTOLDO, 69 anos).

Comecei a trabalhar bem jovem, bem menino. Bem menino mesmo! Aquela ideia de trabalho em família e eu era o primogênito. Tinha que ajudar o pai e a mãe. [...] Antes eu ia com aquela ida que a gente vai. Também participava, mas o trabalho assíduo mesmo... 13, 14 anos eu comecei a trabalhar assiduamente na loja. Participando e tal. Uma hora arrumando relógio, outra hora atendendo no balcão. Depois vai aprimorando, começando a trabalhar e ajudar a administrar (BERTOLDO, 69 anos).

A inclinação pela área do Direito iniciou quando tinha 17 anos. “Naquele sentido geral de fazer justiça. Busca da justiça pra todos os fatos que acontecem a nossa volta” (BERTOLDO, 69 anos). Dentro dessa perspectiva, Bertoldo prestou vestibular em faculdade pública, na qual obteve aprovação.

De acordo com Tavares (2015), a atitude de um indivíduo em relação ao trabalho começa a se desenvolver ainda na adolescência – normalmente quando o

jovem está em fase de preparação para o mercado de trabalho – e tem papel importante sobre as decisões de carreira. Segundo a autora, quanto mais envolvido um jovem indivíduo estiver, quanto mais papéis sociais ocupar, melhor será sua adequação.

Durante a graduação, sua primeira oportunidade de trabalho na área do Direito foi um estágio em um escritório de advocacia. Como o próprio entrevistado define: “[...] em um escritório de advocacia muito bom” (BERTOLDO, 69 anos). Isso porque, “as pessoas que estavam lá eram pessoas bem pensantes e tinha um deles que se distinguia pela filosofia, pela poesia e pela cultura literária e que fez com que se acentuasse esse gosto pelo aspecto jurídico e também pelo aspecto filosófico” (BERTOLDO, 69 anos).

Ao longo de seus relatos de trajetória de vida e de carreira, nota-se que essa primeira experiência de trabalho na área do Direito influenciou fortemente as escolhas posteriores do entrevistado. Tanto no que se refere aos cursos de aprimoramento realizados, quanto às técnicas adotadas para a condução de seu trabalho como advogado, promotor e, posteriormente, Procurador de Justiça, Bertoldo sempre buscou conciliar teoria e prática.

Trabalhei como advogado no interior bastante tempo. Desenvolvi minha capacidade de compreender sociologicamente diversos lugares, porque eu morava numa cidade maior, depois fui pra uma cidade pequena, interior [...] Quando eu entrei no Ministério Público eu entrei já pós-graduado em Sociologia e com base, conhecimentos grandes, em sociologia e filosofia. Eu me tornei um advogado da sociedade com algum conteúdo filosófico e sociológico mais forte do que o simples conteúdo de direito. Daí comecei a desenvolver as minhas promotorias no interior todo. Praticamente laboratórios de sociologia e de observação sociológica. Eu pegava as técnicas de sociologia, quando eu atendia o público, e cada caso eu observava à luz das técnicas de observação sociológica. Isso pra mim era muito bom. Eu gostava. [...] As minhas promotorias eram os meus laboratórios de sociologia e os encaminhamentos de Direito como devidamente era a minha profissão (BERTOLDO, 69 anos).

Apesar da possibilidade de atuação como Juiz, a escolha pela carreira de Promotor foi baseada em aspectos como criação, iniciativa e mobilidade. Características que, segundo Bertoldo, condizem mais com seu perfil. Ainda segundo o entrevistado, “essa carreira é uma coisa que é muito apaixonante, muito emocional e puxa muito, exige muito” (BERTOLDO, 69 anos).

Eu tinha mais o perfil de advogado do que de juiz. [...] E o promotor é assim como o advogado. Ele leva a demanda ao judiciário, ele cria a demanda, ele provoca e aí o judiciário é que vai resolver. [...] Eu acho que como juiz eu me sentiria muito inerte. Muito preso. E como promotor eu pude exercer aquilo que eu fazia como advogado. Ter iniciativa de ações. Ações penais principalmente. Na época ainda não existia o código do meio ambiente, não existia a infância e juventude, mas já existiam ensaios disso. Então se faziam ações que se buscava, por exemplo, proteger o meio ambiente, as crianças, os adolescentes e tal. Consumidor também não existia, mas existia sempre possibilidade de se bolar ações buscando um resultado que viesse a contemplar essas áreas todas de necessidades sociais. Então isso é uma coisa que me identificou bastante como promotor, ser advogado da sociedade (BERTOLDO, 69 anos).

Pouco tempo antes de ser promovido ao cargo de Procurador de Justiça, Bertoldo precisou considerar a possibilidade de aposentadoria precoce, ou seja, saída do mercado de trabalho à aposentadoria em idades ainda consideradas jovens (CAMARANO e FERNANDES, 2018). Segundo relata, se seguisse trabalhando corria o risco de perder uma série de garantias. “Muita gente se aposentou. Eu ainda tive... como se diz... barriga fria de aguentar a última hora. E na última hora, a tal de PEC na época caiu e eu não precisei me aposentar. Foi uma sorte!” (BERTOLDO, 69 anos).

De acordo com Bertoncini (2002), a forma como a aposentadoria precoce é vivenciada está diretamente relacionada à história de vida, expectativas de futuro, projeção e recriação de novos projetos de vida. Ao tratar sobre a não aposentadoria como “uma sorte”, Bertoldo explicita suas representações a respeito do envelhecimento e do trabalho. Em sua opinião, a aposentadoria precoce constituiria um erro e uma obrigação.

Eu iria me aposentar com 51. Eu achava muito cedo. Sempre fui contra isso. Sempre fui contra aposentadoria precoce. Achava um erro isso! [...] Eu sempre disse pra mim que eu achava que o ideal era se aposentar no mínimo, no mínimo, no mínimo com 60. O pessoal falava em 55 anos, que era razoável, mas eu achava que tinha que ser 60. No mínimo! Naquela época! [...] Ia me aposentar porque tava sendo obrigado a me aposentar. Eu ia ter perda. Como eu não tive perda, eu pude ficar (BERTOLDO, 69 anos).

Interessante mencionar que as “perdas” às quais Bertoldo se refere não se limitam apenas ao aspecto econômico, mas afetariam também realizações profissionais futuras. Se tivesse optado pela aposentadoria precoce, esta representaria, de acordo com o entrevistado, a interrupção de uma situação profissional da qual gostava e a impossibilidade de utilizar o conteúdo que detinha e

que, posteriormente, foi de extrema importância para a criação de programas sociais específicos. Em sua opinião, a decisão pela aposentadoria deve representar uma escolha individual.

Na área do serviço público em que às vezes as pessoas têm 30 anos de serviço público, como eu tenho, 30, 35, 40 anos de serviço público. Evidentemente que é uma biografia isso. É a vida de uma pessoa que no momento que te obrigam... Tu te retirar é uma coisa, mas te obrigar a te retirar é outra! [...] Eu acho que as opções devem ser dadas à pessoa. Se surge uma coisa boa, se surge uma oportunidade ou uma mudança na vida da pessoa que ela possa refazer alguma circunstância que possa lhe dar satisfação, prazer, ímpeto de vida, eu acho que a pessoa pode se aposentar e fazer isso. Muitos já fizeram e fazem isso. Mudar o rumo da história pessoal é uma coisa muito forte e às vezes muito boa (BERTOLDO, 69 anos).

Ao explicar sobre as razões pelas quais continua trabalhando, Bertoldo elenca, em primeiro lugar, o gosto pelo que faz. Em segundo lugar, o fato de saber fazer, o que para ele é uma facilidade. “Quando tu tem o domínio da matéria tu faz aquilo já com uma desenvoltura que se torna uma facilitação” (BERTOLDO, 69 anos). Para Tavares (2015), as habilidades cristalizadas, como fluência de palavras e significado verbal, podem melhorar com o conhecimento acumulado e permanecer em alto nível funcional até idades mais avançadas. Ao mesmo tempo em que as grades de idade podem desqualificar um trabalhador idoso – quando lhe são requeridas capacidades físicas incompatíveis com a velhice –, elas contribuem para qualifica-lo quando se faz necessário o desempenho de atividades profissionais que exijam acúmulo de experiência (TAVARES, 2015). Como no caso da carreira de Procurador.

Na continuidade de sua narrativa, Bertoldo apresenta outras justificativas para a manutenção do vínculo com o trabalho. Os excertos a seguir exemplificam:

E não me incomoda em nada! Não impede em nada de eu realizar as coisas que eu gosto de fazer na minha vida privada. Meus esportes, essas coisas tudo eu faço. Claro, tem alguma restrição em termos de tempo, mas não impedimento. Eu posso administrar isso (BERTOLDO, 69 anos).

E hoje também eu tenho uma filha que tá estudando, tenho uma mãe que eu ajudo a sustentar bastante, que é doente, eu tenho despesa grande. Hoje, eu tenho uma despesa grande que evidentemente na ativa eu ganho um pouquinho mais do que se eu tivesse me aposentado. Então, é uma conjugação de interesses (BERTOLDO, 69 anos).

[...] A dinâmica pra mim é uma coisa muito importante. Eu estar em dinâmica de raciocínio. Porque o Direito vai sempre te exigir um contínuo aprimoramento. No mínimo, uma reflexão. No mínimo, um pensamento dialético. [...] Isso faz com que tu esteja crescendo. Esteja descobrindo coisas sempre. E quanto mais a gente conhece, mais a gente sabe, mais necessidade a gente tem, porque a gente começa a descobrir coisas e as indagações se tornam de outro nível. Quanto mais cultura tu tem, as tuas indagações se tornam maiores. Então, é nesse prisma que eu me encontro hoje (BERTOLDO, 69 anos).

Como visto, para Bertoldo o trabalho é um meio. Não constitui centralidade em sua vida, como acreditam os autores Morin (2001) e Torelly (2010), mas “um trampolim para outras coisas” (BERTOLDO, 69 anos). Nota-se que a percepção sobre o tempo e o lugar do trabalho na vida tem indicado mudanças de atitudes. Os trabalhadores já não almejam apenas o retorno financeiro ou ainda o trabalho no papel de fim em si mesmo, mas sim de meio para experiências engrandecedoras e variadas, que tenham valor agregado para si e para as organizações (TAVARES, 2015).

De acordo com a representação do entrevistado, o trabalho constitui um meio para a manutenção de seu crescimento intelectual, um meio de garantir o apoio financeiro aos estudos da filha e aos cuidados com a mãe doente, um meio para a manutenção de seu estilo de vida. Ele acrescenta:

Tu trabalha pra poder... Não as coisas vulgares, mas tudo! Até algumas coisas vulgares, porque as coisas materiais te dão conteúdo de diversão muito grande. Aquela história de que dinheiro não é tudo... Claro que dinheiro não é tudo! Mas que o dinheiro ajuda bastante pra tu adquirir... Se eu tenho uma caneta aqui, pô essa caneta não escreve e eu tenho que comprar uma caneta boa... É aquele negócio, dinheiro não é tudo, mas aquele cara tá livre porque ele tem o melhor advogado! Aquele cara que tem o melhor advogado, ele tem o melhor médico, ele tem o melhor engenheiro agrônomo, ele tem o melhor engenheiro que fez a casa dele, ele tem o melhor psicólogo. Tudo ele buscou o melhor. Então, ajuda bastante. O crescimento intelectual. O crescimento cultural e o crescimento econômico. Te ajuda. Te facilita. Não é tudo, evidentemente, porque a base do amor, o carinho, o afeto, essas coisas não estão inseridos nisso. Mas te facilita alguns trâmites (BERTOLDO, 69 anos).

A representação do trabalho como meio se torna ainda mais explícita no excerto apresentado a seguir.

O trabalho é um meio, é um grande meio, e deve ser levado muito a sério quando se faz porque é o meio que te deu toda a sustentação da tua vida econômica, intelectual e vida social. Agora, não é o fim. O trabalho é um meio. O fim é a própria vida em si. É a existência. É a alegria. É o sabor de

extrair da vida aquilo que a vida pode te dar de melhor (BERTOLDO, 69 anos).

Nota-se que as percepções do entrevistado – do trabalho como meio e de que o fim consiste em “extrair da vida aquilo que ela pode te dar de melhor” – norteiam tanto sua relação com o trabalho quanto a forma como conduz sua vida pessoal.

Além das restrições que eu te falei, legais, e alguma restrição comportamental que tem que se ter, pelo zelo que tem, e não é muito grande, eu nunca me restringi de nada na minha vida. Eu sempre fiz o que eu quis. Eu namorei quem eu quis. Vivi como eu quis. Andei de carro, de jipe, de caminhonete. Viajei. Tomei meu aperitivo e tomo meu aperitivo, minha cerveja, meu espumante. Eu não tenho restrição (BERTOLDO, 69 anos).

Como já mencionado, para Bertoldo a dinâmica representa elemento de extrema importância tanto nos âmbitos profissional – escolha pela carreira de promotor ao invés da de juiz – quanto pessoal. A condução da vida de forma diversificada e ativa constitui uma lição que afirma ter aprendido com seu pai.

Isso é uma coisa que não é de agora. Evidentemente que essa autorreflexão não é de agora. Eu sou esportista há muito tempo. Eu velejo desde pequeno. Meu pai era remador, meu pai era velejador, meu pai foi campeão de vela, campeão de remo. Meu pai era um esportista e me criou assim: com a ideia da competição, da esportividade, da lealdade na competição. Mas ser competitivo, dinâmico. Ser dinâmico. A dinâmica da competição. Isso aí é muito bom! A ideia da dinâmica na vida da gente. Tem sempre que fazer uma coisinha e tem que tá mudando. Isso é uma coisa muito boa. E a competição exige isso. Tu sabe que o esporte tem sempre que tá evoluindo. Tem que tá sempre te aprimorando. Então, isso é uma coisa que eu comecei a enxergar e eu vi com meu pai isso. Tu tem que ter várias coisas (BERTOLDO, 69 anos).

Tu não pode ter um foco só em uma situação e criar que a tua vida seja polarizada nisso. Porque no momento em que esse polo for ceifado, fracassar ou falhar por A ou B ou C, N motivos que isso for subtraído da tua vida, tu fica em desamparo total. Tu fica solto. Então, isso eu criei há muito tempo. Eu velejo desde guri! Eu gostei de carro, de corrida, há muitos anos. Jipe. Esses negócios. Tudo dentro da limitação, da possibilidade. Nada grandioso, mas pequeno. É barco pequeno. Carrinho velho. Eu mesmo reformando. Toda essa dinâmica também da conquista da coisa, faz com que vá se enraizando determinados comportamentos que são teus (BERTOLDO, 69 anos).

As falas de Bertoldo sobre a dinâmica da vida e a necessidade de não polarização também permeiam o tema ‘aposentadoria’. Em sua opinião, o rompimento com o trabalho hoje significaria para si uma “imposição”, um “expurgo”

(BERTOLDO, 60 anos). A aposentadoria não faz parte dos planos do entrevistado para um futuro próximo. Todavia, caso fosse “imposta” sua retirada do mundo do trabalho, o entrevistado afirma estar preparado. “Eu tenho meus projetos de vida particular como eu tenho há 10, 15 anos, são projetos que independem da minha profissão” (BERTOLDO, 69 anos). Tal posicionamento coaduna com Garcia (2015), quando este afirma que a aposentadoria não deve representar a exoneração da vida.

Se agora me impusessem me aposentar hoje, o que que eu ia fazer? Claro que tem que sair, tem que limpar a mesa. Isso aqui não é meu. Eu estou Procurador de Justiça, não sou procurador. Vou embora. Eu vou, evidentemente. Não quero encher o saco da minha filha, porque eu também não quero colar nela. A vida é dela. Mas evidentemente, eu vou poder dar uma assistência pra ela. Vou poder cuidar do meu barco um pouquinho melhor. Vou poder cuidar do meu jipinho velho um pouquinho melhor. Vou começar a fazer mais umas viagens pra cá, umas viagens pra lá. Eu vou dinamizar aquilo que eu já tenho. Eu não tenho que buscar, eu já tenho estrutura (BERTOLDO, 69 anos).

Para exemplificar esta questão, o entrevistado relata o caso de uma colega:

[...] Tem uma menina aí que joga futebol. Uma colega nossa, que é promotora. E ela disse: “Bah! Quando eu tô de saco cheio, às vezes eu tô com um processo... Eu vou lá e jogo futebol, dou chute na bola!” Descarrega. Joga futebol. Se tu não tem esse escape, não tem essa multifaceta de atividade social, isso aí vai te fazer uma falta muito grande! (BERTOLDO, 69 anos).

A preparação para a aposentadoria, na visão do entrevistado, constitui uma necessidade. Por conseguinte, a não preparação é representada como sofrimento. “Eu tenho algumas coisas já que são coisas antigas, não é do momento que eu me aposentar. Mas sei de pessoas que sentem que se tiverem que se aposentar, isso vai criar um vazio muito grande” (BERTOLDO, 69 anos).

No ato da aposentadoria, se elas não se prepararam, elas sofrem muito. Elas entram em depressão<sup>26</sup>. Entram em choque. Elas começam a incomodar a família. Entram pra dentro do lar e se é mulher, incomoda marido e filhos, se é o marido, incomoda a mulher... Se tem frustrações, começam a fazer coisas que nunca fizeram, mas desordenadamente. Entram em depressão. Mas, por quê? Porque não construíram, com

---

<sup>26</sup> De acordo com Herédia, Corteletti e Casara (2010), a depressão está, frequentemente, relacionada às perdas afetivas, de papéis familiares, laborais e sociais.



anterioridade aquilo que seria, não digo o suprimento, não digo que vá suprir o trabalho, mas é uma forma de diminuir a falta que aquela polarização no caso fará (BERTOLDO, 69 anos).

[...] Eu tenho um colega meu que eu vou te dizer, ele era um cara daqueles assim: procurador. Um cara certinho, um cara... Eu gosto de ler, gosto de tudo, mas eu tenho as minhas atividades esportivas, mas gosto de ler, gosto de discutir, consigo questionar. E ele aquele cara assim literato, formal, bastante formal, sempre de gravata, ele era procurador mesmo. O cara teve que se aposentar aos 70 anos. Ele é mais velho que eu uns quatro anos. O cara sentiu! O cara sofreu! E sofre até hoje. Porque ele não se preparou. [...] Aí o cara se aposentou, foi aposentado compulsoriamente, e volta e meia ele vem pra cá. Passa o dia conversando com um e com outro. Faltou pra ele, ele se preparar (BERTOLDO, 69 anos).

Considerando-se o trabalho como valor máximo enquanto reconhecimento do papel social, o trabalhador tem sua posição social determinada por sua identidade profissional. Logo, dependendo de como foram criadas as relações com esse papel profissional, se de fusão da identidade com o papel ou como uma dentre várias vertentes do projeto de vida, as consequências da aposentadoria serão diferentes (BERTONCINI, 2002). Ao mencionar o despreparo para a aposentadoria, Bertoldo também referencia, como um de seus pontos negativos, a diferença de rendimentos entre um profissional na ativa e um aposentado e as consequências deste “desnível” (BERTOLDO, 69 anos).

O que tá na ativa ganha muito mais do que tá aposentado. Então, tu estás aposentado, perdeste aquela circunstância que te motivava e te dava a dinâmica dia-a-dia e ainda estás ganhando menos! Não consegue realizar algumas coisas que gostaria de fazer porque tu não tem o conteúdo econômico financeiro do mesmo nível da ativa. Quer dizer, é muito depreciativo. A aposentadoria hoje. Pra maioria das pessoas (BERTOLDO, 69 anos).

A partir do trecho anterior, é possível retomar a representação do trabalho como meio. Segundo o entrevistado, a insuficiência de recursos econômicos, resultado do desligamento do trabalho, atuaria como impeditivo à realização de uma série de objetivos pessoais. Tal compreensão harmoniza-se com Tavares (2015) e Viorst (2008) que afirmam que a percepção de renda exerce influência direta sobre a forma como as pessoas experimentam a velhice.

Como servidor público, Bertoldo acompanhou, em 2015, a mudança da legislação em relação à aposentadoria compulsória de servidores públicos que passou de 70 para 75 anos<sup>27</sup>. Alteração que, em sua opinião, vem ao encontro de recentes constatações científicas a respeito da longevidade – não apenas no que se refere ao aumento da expectativa de vida, mas também da possibilidade de contribuição intelectual e cultural das pessoas idosas.

As pessoas estão vivendo mais, e a capacidade física e mental tá muito maior, mais dilatada... O que se constatou? Que o serviço público não deve perder essas pessoas que estão na plenitude laboral e no amadurecimento laboral. Amadurecimento cultural, vamos dizer assim. [...] Então, essa é uma das coisas que hoje dá perspectiva da pessoa passar dos 70 e ir até os 75. Como tem gente que eu conheço que trabalha aí até os 80, 90 anos, numa plenitude fantástica! Em várias áreas, não só na área do Direito. Claro, a área do Direito tem muito disso, mas na área da literatura, na área do ensino, na área do magistério tem grandes mestres aí. Doutores, mestres, professores. Essas cabeças que estão no auge do amadurecimento intelectual, no ápice, vão ser ceifadas de poder transmitir aos outros essa cultura? E é memória! Isso é memória! Quando tu tira as grandes cabeças de uma instituição, tu tá cortando a memória também. Porque essa memória se não é passada aos novos que estão ingressando, ela é cortada essa memória! E isso é algo trágico! Porque um povo sem memória, um povo sem história, uma instituição sem memória e sem história, ela não sabe de onde veio nem pra onde deve ir. É uma coisa que hoje a gente pensa bastante... (BERTOLDO, 69 anos).

“Cada vez mais vemos líderes políticos e corporativos, educadores respeitados, cientistas de renome e outros profissionais permanecerem ativos em seus trabalhos até cerca de 90 anos.” (TAVARES, 2015, p. 84). Para Novaes (1997), por ser um representante vivo de tradições, cultos e valores, os idosos podem representar um marco de significação e de referência de extrema importância. O estigma do idoso improdutivo está em desacordo com o desempenho intelectual e profissional de muitos idosos que, segundo Novaes (1997), influenciam mais a história e a sociedade do que muitos indivíduos jovens. Na opinião de França e Carneiro (2009), a organização que dispensa o potencial destes trabalhadores corre o risco de perda da memória do trabalho e do patrimônio representado por sua história.

No estudo realizado por Gonzalez e Seidl (2011), com homens idosos, tendo em vista que os mais velhos possuem capacidade adquirida de diagnosticar e prever

---

<sup>27</sup> Emenda Constitucional nº 88, de 7 de maio de 2015.

situações, o acúmulo de experiência ao longo da vida foi apontado como favorecedor na resolução tanto de questões pessoais quanto daquelas de indivíduos mais jovens. Porém, Debert (1999) alerta para o fato de que a idade cronológica nem sempre é sinônimo de sabedoria e experiência.

Ao tratar sobre o processo de envelhecimento, de modo geral, Bertoldo o vê como “retardado”. “Na minha concepção, o envelhecimento está retardado. Ele chega mais tarde pra determinadas pessoas. Pra outras não, mas pra determinadas pessoas ele chega mais tarde” (BERTOLDO, 69 anos). Segundo o entrevistado, tal prolongamento seria resultado do avanço de áreas como a medicina e da possibilidade que as pessoas idosas têm de usufruir de melhor qualidade de vida.

Hoje a ciência tem verificado e vai aferindo, de dois em dois anos, se não me engano, a faixa etária de vida média do homem e da mulher, e a gente tem observado que ela vem crescendo, vem melhorando. A ciência como um todo tá muito evoluída. Algumas áreas negativamente, outras – a maioria das áreas –, positivamente, como a área da medicina. O tratamento de algumas doenças vem sendo superado ou prolongado, no mínimo, o desfecho, a morte. Então, eu acho que o envelhecimento ele é hoje... Não é que seria natural o avanço da idade, do envelhecimento, mas é uma coisa que tá vindo com normalidade, por causa da própria situação de vida que a humanidade tá tendo. No momento em que as pessoas podem ter mais qualidade de vida, alguns, claro, não são todos, tem mais acesso a remédios, a medicina, a informação e elas vão buscando, as pessoas vão vivendo mais (BERTOLDO, 69 anos).

Todavia, complementa:

Podem viver melhor ou pior. Isso vai depender também da escolha que cada um faz. Se o cara resolver fumar toda a vida aí, beber que nem um louco, evidentemente, ele não vai ter aquilo que o outro que beber menos e fumar menos vai ter. Hoje a medicina te dá a informação: o cigarro faz mal, a bebida faz isso, a gordura faz assim, o açúcar faz aquilo. Se tu comer muito açúcar tu vai morrer. Se comer muito sal vai morrer (BERTOLDO, 69 anos).

[...] Não digo que tu vai te isolar e levar isso aí a ponta de faca, mas se criar uma organização razoável em cima dessa informação é óbvio que a vida vai ser mais prolongada, a velhice vai chegar mais tarde. Aí que eu quero te dizer o seguinte: que hoje não é questão da velhice. [...] Tem amigos meus que com 80, 90 anos os caras estão velejando, tão andando de bicicleta, outros estão trabalhando aqui, trabalhando ali, viajando, fazendo de tudo. Uma dinâmica, que tu olha pros caras e diz não é possível que o cara tem 87 anos, o outro tem 90! Pô, mas o cara faz isso! Vem cá, mas o cara de 50 não faz! O cara de 90 tá fazendo! O cara rema. O cara tem 91 anos e o cara rema! Corre regata no mundo inteiro. Regata de remo. O envelhecimento desse cara? Ele não tá velho! Ele tá mais moço que os caras de 50 anos que tem vida sedentária, que são cheios de mania (BERTOLDO, 69 anos).

Na visão de Bertoldo, as escolhas individuais e a forma de conduzir a vida dizem mais sobre o envelhecimento de um indivíduo do que sua idade cronológica. De acordo com essa concepção, um idoso de 90 anos pode ser menos envelhecido que um adulto de 50.

Eu tenho um colega meu que ele tem todas as restrições, se alimenta super bem, ele não fuma, não bebe, é um cara todo metódico, mas tem uma vida extremamente enclausurada. É um cara inteligente, culto, boa pessoa, excelente pessoa, mas tem uma vida muito enclausurada na forma de pensar, de se mover, de fazer as coisas, entende? Então eu acho que esse é um pré-envelhecimento. Ele é pré-envelhecido (BERTOLDO, 69 anos).

Essa forma de pensar encontra amparo em Viorst (2008, p. 295) que afirma: “[...] doentes ou saudáveis, algumas pessoas mergulham na velhice aos sessenta e cinco anos, condenando a si mesmas a uma morte em vida” enquanto que “[...] doentes ou saudáveis, algumas pessoas aos oitenta anos – ou até o último suspiro – vivem o máximo possível.” Para o entrevistado, além de um estilo de vida sem dinâmica, casos de doença também coadunariam com a representação de velhice. “Eu tenho uma mãe também que... é um desfecho. Essa sim, coitadinha, tá bastante velha, com 96 anos, com Alzheimer” (BERTOLDO, 69 anos).

Ao tratar sobre seu próprio processo de envelhecimento e sobre os planos para o futuro, Bertoldo é categórico ao afirmar que para ele a velhice ainda não chegou.

Não, ainda não. Não chegou. Não. Tenho muita coisa pra fazer ainda, muita coisa! Pode ser até que eu seja interrompido. Mas o sujeito com 48, 50 anos ele é interrompido também, fulminantemente pelos ataques cardíacos, pelos cânceres e as coisas que estão existindo aí. Então, pra mim ainda não chegou. Tenho muita coisa pra fazer ainda. Trabalhar é uma das coisas. Seguir, né? [...] Eu quero seguir velejando bastante. Melhorar até o meu equipamento. O barco é velhinho, o jipe é velhinho. Melhorar o equipamento, esse é o objetivo. Melhorar o equipamento, os brinquedinhos. Esperar também que a filha se consolide profissionalmente. Ajudá-la. São tudo objetivos. Coisas que vem pela frente! Coisas que tem que fazer! [...] Ajudar também essa situação da minha mãe e dos meus irmãos do sustento da minha mãe. Melhorar os brinquedos, passear, namorar, casar, separar... Tudo tá em aberto (BERTOLDO, 69 anos).

Ao detalhar seus planos para o futuro, Bertoldo relata que auxiliar na formação da filha é sua prioridade. “Fazer, em primeiro lugar, que a filha se

consolide profissionalmente. É a primeira coisa, evidentemente. Ajudá-la. Ter tempo pra isso e trabalhar pra isso!” (BERTOLDO, 69 anos).

Tenho uma filha que eu tô criando. Tem 24 anos, é uma moça. Isso aí é um dos grandes fatores que me mantêm também intelectualmente ativo. Ela tá na área do Direito, então é muito bom essa reciprocidade. Eu tenho meus estagiários tudo aí, mas com ela a coisa funciona muito intimamente. Então tem isso aí da formação dela (BERTOLDO, 69 anos).

Estudos como os de Cockell (2014) e Coutrim (2006), realizados com idosos de baixo poder aquisitivo, retratam a realidade de idosos que atuam como apoiadores de seus familiares. É interessante pensar que esta relação, na qual o idoso se coloca na posição de provedor ou apoiador de filhos e familiares, pode se dar nos mais distintos níveis sociais, a exemplo do que se observa no caso apresentado.

No contexto atual, como apontaram Alcântara (2004), Balbinotti (2012) e Garcia (2007) não causa estranhamento o fato de que idosos sejam responsáveis pelo sustento de seus filhos e netos. Todavia, como visto no caso de Bertoldo, uma nova configuração tem surgido e deverá receber cada vez mais atenção por parte de indivíduos e organizações: idosos que apoiam financeiramente seus pais ou sogros idosos. Idosos que se tornam pais de seus pais (VIORST, 2008). De acordo com Tavares (2015, p. 121):

Esta é uma realidade que poderá se tornar cada vez mais comum, pois graças ao fenômeno do aumento da longevidade, várias gerações de uma mesma família estarão vivas em um cenário onde haverá mais velhos do que jovens no núcleo familiar e eles poderão responder pelo sustento da família por tempo prolongado.

Ao mencionar sua trajetória profissional, Bertoldo rememora algumas de suas realizações e destaca o fato de que esta ainda encontra-se em curso. “A minha trajetória eu acho que é uma trajetória boa. Eu realizei coisas que eu queria realizar. E ainda continuo realizando!” (BERTOLDO, 69 anos).

Eu realizei muitas das minhas ideias, muitas das minhas perspectivas de busca cultural e de realização social. Implementação, materialização de projetos e ideias na minha profissão. As minhas promotorias. Como advogado, eu trabalhei, fiz muita defesa da ativa, trabalhei muito em causas que eu acreditava, deixei de trabalhar em causas que eu não acreditava. Como promotor de justiça eu fiz das minhas promotorias os meus

laboratórios de sociologia e de soluções sociais. A minha promotoria era cheia de gente! Da manhã até a noite, cheia de gente. Eu era, por exemplo, o conselheiro matrimonial, era o conselheiro paternal, era o conselheiro do sujeito no negócio, era orientador educacional, eu era tudo! [...] Muita coisa que eu realizei através da minha profissão são coisas que eu pensava e que eu queria instrumentalizar. E eu consegui instrumentalizar! (BERTOLDO, 69 anos).

A narrativa biográfica de Bertoldo apresenta um perfil de idoso ativo e dinâmico, condizente com a perspectiva da Terceira Idade (DEBERT, 2010; 2007; 1999; GROISMAN, 1999; LOPES, 2007; ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013). Orientado por valores internalizados desde a infância, o entrevistado não confere ao trabalho um papel de centralidade, apesar de reconhecer sua importância. O Quadro 3 apresenta as representações do entrevistado a respeito do trabalho e do envelhecimento.

	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INDICADORES
TRABALHO	COMPROMISSO	<b>Nos períodos da infância e adolescência:</b> Trabalho como parte do cotidiano familiar; Atividades condizentes com os negócios da família.
	MEIO	Segurança financeira; Escolha do cargo baseado em satisfação pessoal; Trabalho não apresenta impeditivo às atividades da vida pessoal; Manutenção do crescimento intelectual; Apoio financeiro aos familiares; Manutenção do estilo de vida; Vida pessoal e profissional regidas pela lógica da dinamicidade; Busca constante por aprimoramento e evolução; Trabalho não central.
ENVELHECIMENTO	APOSENTADORIA	Aposentadoria precoce como obrigatoriedade; Redução dos rendimentos financeiros; Interrupção do trabalho como contribuição social; Rompimento com o trabalho como escolha individual; Dinamicidade e não polarização; Preparação para aposentadoria; Planejamento futuro consolidado, sem o fator trabalho.
	PROCESSO RETARDADO	Evolução científica; Usufruto de melhor qualidade de vida; Aumento da expectativa de vida; Contribuição intelectual e cultural das pessoas idosas; Responsabilização dos indivíduos; Escolhas individuais sobrepujam idade cronológica; Não identificação como “velho”.
	VELHICE	Doença e fragilização; Vida sem dinâmica; Pré-envelhecimento.

**Quadro 3 - As representações sociais de Bertoldo sobre trabalho e envelhecimento**

Pautado pela lógica de que é preciso “extrair da vida o que a vida pode dar de melhor”, a representação do trabalho como meio manteve-se inalterada ao longo de seu curso de vida, norteador tanto sua relação com o trabalho quanto a forma como conduz sua vida pessoal. Na opinião do entrevistado, o trabalho constitui um meio para a manutenção de seu crescimento intelectual, a garantia do apoio financeiro aos familiares e a manutenção de seu estilo de vida.

Bertoldo considera sua trajetória profissional ainda em curso. E embora a aposentadoria não faça parte de seus planos para um futuro próximo, ele afirma estar preparado. Seus planos, todavia, não envolvem o fator trabalho, mas a continuidade de atividades e projetos que vem desenvolvendo ao longo da vida – “vou dinamizar aquilo que eu já tenho” (BERTOLDO, 69 anos). De acordo com SARGENT *et al.* (2013), esta seria uma maneira de reinventar a aposentadoria. Mantendo-se o conceito deste período de vida bem definido que ocorre no final de uma trajetória de carreira, mas com mudanças no tempo, nos tipos de atividades pós-aposentadoria buscadas e nos significados associados a esse período de vida.

Em relação ao processo de envelhecimento, considerando que cada pessoa o percebe a partir de suas próprias experiências com idosos, passadas ou presentes, o entrevistado destaca o aumento da expectativa de vida e a possibilidade de contribuição intelectual e cultural das pessoas idosas. Para ele, as escolhas individuais e a forma de conduzir a vida dizem mais sobre o envelhecimento de um indivíduo do que sua idade cronológica. Ao tratar especificamente a respeito de si, não foram tecidas muitas considerações em relação ao processo de envelhecimento, possivelmente porque, na opinião do entrevistado, para ele a velhice ainda não chegou.

### 8.3 MIGUEL, ANALISTA DE SISTEMAS: O TRABALHO COMO SEGURANÇA

*Em alguns momentos eu já tive vontade de ir pra outro lugar, mas... Só dentro do seguro! Eu sou muito cagão.*

*(MIGUEL, ANALISTA DE SISTEMAS)*

#### 8.3.1 Biografia resumida do entrevistado

Miguel, analista de sistemas, separado, nasceu na cidade de Porto Alegre – RS, no ano de 1953. Durante a infância e adolescência viveu na cidade de Canoas – RS. Perdeu a mãe aos nove anos de idade. A partir de então, ele e o irmão foram criados pelos tios.



Cursou o primário e o ginásio em escolas particulares e o Curso Científico, em escola pública. Apesar do interesse por Artes, ingressou na Faculdade de Direito. Um ano depois, prestou vestibular para Administração. Foi admitido, mas não cursou. Durante a graduação, trabalhou durante três meses em um escritório de advocacia. Formou-se em Direito no ano de 1979, mas nunca exerceu a profissão. Após a conclusão do bacharelado em Direito, solicitou reingresso para cursar Ciências da Computação. O curso foi abandonado três anos depois.

Em 1982 – aos 30 anos de idade –, foi admitido como bolsista no Centro de Processamento de Dados de uma universidade pública. Quatro meses depois, foi contratado como Analista de Sistemas – função que vem desempenhando há 34 anos no mesmo setor. Atualmente, ele aguarda o cumprimento do prazo legal para aposentar-se com 35 anos de serviço.

### **8.3.2 As representações sociais de Miguel e sua relação com o trabalho**

Miguel iniciou sua narrativa falando da infância. Apesar de ter nascido na cidade de Porto Alegre, a família residia em Canoas. Nesta cidade passou os primeiros anos e conheceu os primeiros amigos. “Era uma casa pobre. Tinha um mato lá perto, que era onde nós fazíamos todas as nossas aventuras quando crianças.” (MIGUEL, 64 anos). Ao referir-se a “nós”, o entrevistado faz menção aos amigos, mas também ao irmão – um ano e meio mais novo. A infância é lembrada como um período de liberdade.

Nós sempre tivemos cachorro. Me lembrei agora. Cada um tinha o seu cachorro sempre pra cuidar. E não era cachorro de apartamento. Naquele tempo ele ficava solto. Vivia a vida dele e só vinha comer alguma coisa. Muita brincadeira fizemos nesse mato... Tornamos exímios subidores de árvores. Às vezes, pra buscar uma pandorga, nós subia em cada eucalipto que equivalia a três ou quatro andares, ou mais! E naquele tempo isso era... Isso era ainda com a minha mãe. E parece que eles não tinham tanto medo como agora. Qualquer criança sobe numa bolinha de terra ali já tem medo de se pisar. Isso nos deu uma certa habilidade de muitas coisas. Essa liberdade ensinou bastante (MIGUEL, 64 anos).

Aos nove anos de idade a mãe de Miguel faleceu. Este fato representa um momento marcante na vida do entrevistado e durante os encontros foi

frequentemente por ele lembrado. “A partir dali é que mudou profundamente a vida.” (MIGUEL, 64 anos). Viorst (2008) afirma que a perda de um membro próximo da família constitui o fato mais estressante da vida cotidiana e, se estas perdas ocorrem na infância, elas podem permanecer com o indivíduo durante toda a vida.

Para uma criança, a perda de um dos pais representa um evento muito traumático (VIORST, 2008). Miguel relata ter sentido a perda de ambos. Em decorrência da morte da mãe, o entrevistado teve que enfrentar também o afastamento do pai. Ele explica que a mãe havia atribuído à tia a responsabilidade de cuidar dele e do irmão, caso ela não pudesse fazê-lo. “Foi como se morresse meu pai também. Ela [tia] quase nos sequestrou do pai. Ele era meio desorganizado, bebia um pouco... [...] Aí ela atuou como se nós fôssemos filhos dela. Nos criou muito bem, com tudo o que podia.” (MIGUEL, 64 anos).

Sob o cuidado dos tios, os irmãos mudaram-se para Palmares do Sul – RS, onde o tio trabalhava como agente dos Correios. Em decorrência da mudança de residência, também foi necessário mudar de escola, mas poucos meses depois, a família retornou à cidade de Canoas. Sobre as lembranças da vida sem os pais, o entrevistado relata: “Minha tia era do lar. Não fazia nada. Não fazia nada, não! Fazia muito! Mas em casa. Ela não tinha experiência com criança grande, até que se deu bem.” (MIGUEL, 64 anos).

Acho que apesar dos pesares eu não dei tanto amor pra eles porque lá no fundo eu ficava culpando eles que me tiraram do meu pai que sobrou e foi como se perdesse os dois quando morreu a minha mãe. Mas, tem seu mérito. Nos pagaram colégio particular pra estudar toda a vida. Devo a eles ter pegado uma educação boa (MIGUEL, 64 anos).

Eu me lembro que nós éramos livres pra fazer o que queria, andava pela rua solto. E a minha tia, insegura, nos mantinha sempre em casa. Não queria que saísse muito. Às vezes jogava uma bolinha na frente com os guris. Mas ela nos segurou mais e isso era uma frustração em relação ao que era. Mas criança sem pai nem mãe tem suas frustrações (MIGUEL, 64 anos).

Apesar de reconhecer o esforço dos tios em proporcionar a ele e ao irmão uma boa educação, Miguel imputava-lhes culpa pela perda de liberdade e, mais ainda, pelo afastamento do pai. Desta maneira, o entrevistado vivia em conflito.

Eu não aceitei muito bem o fato da minha tia não querer que a gente nem visse o nosso pai. Pelo jeito dele, pela vida dele. Queria nos fazer não gostar dele, mas no fundo eu gostava [risos]. Apesar de tudo era meu pai. Mas ele também se retirou um pouco, visto a recepção que ele tinha (MIGUEL, 64 anos).

[...] Uma ou duas vezes por ano. No máximo. No Natal ele vinha trazer um morro de presente e ele gostava de embrulhar bonitinho com papel bonito. A gente gostava... Depois foi parando. [...] A minha tia nunca entendeu ele. Ele poderia ter coração também, apesar dela achar que não. Que achou aliviado... Filho não pensa isso. Essas coisas... Quando ele chegava ficava todo bobo e depois a minha tia se queixava. E uma vez o meu tio veio com a ideia: “Bah! Vocês aí podiam chamar a tia de mãe, porque tá cuidando de vocês”. Eu não gostei! Eu não reconhecia como minha mãe e tinha uma certa revolta no fundo. Mas nunca transpareceu isso. Eles não tinham filhos. Por isso acho que pegaram de bom grado a gente. Se não ia ser com o meu pai. Pra um lado podia ser bom ou ruim. Ele não era muito responsável, eu acho... Às vezes ele bebia pra tomar coragem, pra ir lá nos visitar e enfrentar certo desdém da minha tia. Então ficou essa coisa... Eu tinha que garantir que quem tivesse me cuidando não ficasse brabo e tinha que esconder meus sentimentos pelo meu pai. Isso também é uma coisa ruim (MIGUEL, 64 anos).

Quando fala do pai, além de justificar suas ações, como visto nos excertos acima, Miguel o descreve sempre de forma positiva. “No tempo do meu pai era bom. Eu não tinha nada pra me queixar.” (MIGUEL, 64 anos).

Ele era um cara legal. Era um grande homem! Trabalhava na Varig com motor de avião a jato. Contava piada de aviação sempre, todos os tipos de piada. E tem muitas! Brincava com a gente de... Contava história, só que as histórias era: “Tá e aí o cavalinho foi visitar a mãe dele e telelem, telelem, telelem... [risos] e ficava no telelem. Não tinha criatividade pra seguir mais adiante [risos]. Continuava a corrida do cavalinho. Mas a gente achava engraçadíssimo, gostava. Pra criança o pai era bom. Pra nós. Mas era bom! Naquele tempo... Tudo era bom naquele tempo! (MIGUEL, 64 anos).

Em contrapartida, o tio é lembrado por suas deficiências:

O meu tio era uma inutilidade no sentido de primeiro fazer alguma coisa. Usar uma ferramenta, ele não era muito bom. Mas ele tinha um vizinho que supria tudo isso. O cara era mecânico na base aérea de Canoas e tudo o que tinha envolvido, até reforçar motor de carro, ele mesmo fazia. O meu tio só ia lá: Seu [...], deu problema aqui! [risos]. Esse meu tio era inábil em certas coisas... Hábil só em tomar mate e fumar [risos] (MIGUEL, 64 anos).

Aos sete anos de idade, ele começou a frequentar a escola. “E daí com sete anos começou o colégio regular. Os Irmãos Maristas. Era bom. Tudo regrado, tinha aula de religião, tinha... Eles davam aula com uma criatividade boa.” (MIGUEL, 64 anos). Miguel cursou o primário e o ginásio em escolas particulares. O Curso

Científico – orientado para engenharia – foi realizado em uma escola pública. “Embora o Científico eu fiz no colégio público, mas era bom também.” (MIGUEL, 64 anos). Sobre o ingresso no curso de Direito, o entrevistado explica: “[...] Fiz o vestibular pro Direito. Não, eu pedi o Ciclo Básico como primeira opção que dava naquele ano. Começou em 73. Daí eu fazia o básico e o desempenho no curso básico lotava. Segunda ou terceira opção o Direito foi.” (MIGUEL, 64 anos).

Um ano após ter iniciado a graduação em Direito, Miguel prestou vestibular para o curso de Administração. Foi admitido, mas desistiu, seguindo na área do Direito. Apesar de todo o suporte recebido dos tios para que se dedicasse exclusivamente aos estudos – “Eles [os tios] que bancavam tudo” (MIGUEL, 64 anos), a graduação foi concluída em sete anos. Houve períodos em que o entrevistado cursava apenas uma disciplina. Para que os tios não descobrissem, lançava mão de artimanhas, como revela o excerto a seguir:

Fazia recibo, carimbo pago no supermercado, quando eu tava fazendo uma cadeira só e não podia contar que tava fazendo uma só e ficava com o resto do dinheiro porque não podia entregar o dinheiro porque ela [tia] ia saber que não me matriculei. Era na UFRGS, mas tinha que pagar alguma taxa de matrícula ou por disciplina (MIGUEL, 64 anos).

A relação de Miguel com o trabalho teve início na fase adulta, visto que os tios priorizavam a educação: “Eu fui começar a trabalhar com 30 anos. A minha tia sempre dizia: ‘Não, eu só quero que vocês estudem, terminem o curso, faculdade’” (MIGUEL, 64 anos).

Não fizemos nada até os trinta anos. Meu irmão até começou a trabalhar mais cedo em algum lugar. Ele trabalhou uma vez na Purina. Conseguiu um emprego e achou que “Bah! Eu tenho ginásio, vou pegar um serviço de escritório”. Chegou lá e o cara mandou: “Carrega aquelas sacas lá, descarrega... ajuda a descarregar o caminhão”. Bah! Um saco daqueles na cabeça! Ele trabalhou um dia e chegou com febre em casa [risos]. Nunca mais! Pediu demissão (MIGUEL, 64 anos).

Sua primeira vivência profissional foi no final do curso de graduação em um escritório de advocacia e teve a duração de três meses. O entrevistado relata sobre essa experiência:

Antes de me formar eu trabalhei três meses em um escritório de Advocacia. Mas o cara esperava mais de mim porque ele queria que eu arranjasse mais

alguns negócios também. Algumas ações pra entrar. Eu ficava só lá sentado, esperando cliente, fazendo alguma coisinha. [...] Fiquei só como secretário. Tinha uma secretária [risos], mas eu ficava lá enrolando. A coisa que eu mais gostava de fazer era viajar. Fazer cobranças pra ele. Entrar com ações na Justiça. Eu gostava dessa parte das viagens. [...] Um dia ele me mandou com um colega dele. Trabalhei mais um mês no colega dele e saí. [...] Aquele emprego mostrou que eu sou mais parado. Acho que não é o meu metiê (MIGUEL, 64 anos).

Apesar de formado, Miguel nunca exerceu a profissão de Advogado. “É, eu não tive coragem de começar a trabalhar. Daí fiquei só uns três meses ali. Eu podia ter tentado nessa área aí... Mas resolvi vir pro CPD” (MIGUEL, 64 anos). A ida para o CPD, e, conseqüentemente, o trabalho como analista de sistemas, nas palavras do entrevistado foi “uma oportunidade rara” e se deve “ao acaso”.

Ainda no final da graduação em Direito, Miguel decidiu cursar algumas disciplinas na área de Ciências da Computação. Uma delas sobre Fortran<sup>28</sup>. Tempos depois, tomou conhecimento sobre a oferta de um curso preparatório para estudantes que desejassem atuar como bolsistas no Centro de Processamento de Dados da Universidade. O curso era formado por várias disciplinas – entre elas fluxograma, linguagem de programação e técnicas de programação – e a admissão do aluno como bolsista dependeria do desempenho obtido. Miguel se classificou e foi admitido como bolsista em 1982 e quatro meses depois foi contratado como Analista de Sistemas. “Não tinha concurso público ainda. Essa foi minha entrada no CPD.” (MIGUEL, 64 anos).

A contratação teria sido uma forma de recompensá-lo por sua dedicação ao trabalho. O entrevistado relata que o convite para a efetivação veio depois de ele ter trabalhado três dias seguidos, sem dormir, a fim de solucionar problemas de um programa de avaliações. “Tinha um programa de avaliações, eu que fiz o programa e tinha umas coisas dando errado e eu fiquei aqui trabalhando e ele [chefe] sentado na mesa, dava umas cochilada de noite e eu trabalhando.” (MIGUEL, 64 anos). “Logo, logo tava contratado. E aí a vida toda...” (MIGUEL, 64 anos).

Enquanto trabalhava, em duas diferentes oportunidades Miguel pediu reingresso para o curso de Ciências da Computação. Foi aceito, mas não deu continuidade.

---

<sup>28</sup> Linguagem de programação desenvolvida a partir da década de 50.

Depois que terminei o Direito pedi reingresso pra possível formando pra Computação, ganhei pro Projeto 15 que era antes da Ciência da Computação. Também não... Trabalhando eu não consigo me concentrar em outra coisa. Ou eu fico me dedicando muito aqui e de qualquer maneira não me dedicava ao estudo. Pedi reingresso... Nesse meio tempo deu pra converter pra Ciência da Computação, também não... Mas acho que não é minha vocação (MIGUEL, 64 anos).

A minha verdadeira vocação eu não sei. Sempre quis Medicina, sempre quis Engenharia Eletrônica... Todo mundo quer, mas não sabe o quanto é puxado. E eu não sou muito matemático. Cálculo fiz umas cadeiras, algumas repetências de cálculo [risos]. Não consigo. Acho que não é pra mim isso. Mesmo esse da Computação que era um ou dois semestres só. Artes! Isso aí que eu gostaria talvez. É uma coisa que me atrai. Eu pintava até algumas coisas antigamente. Aqueles com água que tinha uns tubinhos de tinta. Já fiz algumas poesias de amor [risos] quando tava apaixonado (MIGUEL, 64 anos).

Apesar de trabalhar durante toda a vida como Analista de Sistemas, Miguel acredita que sua verdadeira vocação seja Artes Plásticas. Todavia, não se arrepende por não ter seguido sua vocação. “Ainda bem que eu não peguei... Eu queria Artes Plásticas, mas não teria tido acesso ao CPD.” (MIGUEL, 64 anos).

As histórias de vida e de trabalho de Miguel tornam-se particularmente imbricadas a partir de sua admissão no CPD como bolsista. A relação com os colegas de trabalho, inicialmente profissional, evoluiu ao âmbito pessoal. Estavam sempre juntos – no trabalho e fora dele. “A gente saía muito. Ia muito à praia, Santa Catarina. Cada indiada...” (MIGUEL, 64 anos). Foi, inclusive, em uma dessas viagens que Miguel conheceu sua esposa – de quem se separou há cinco anos.

Quando eu era bolsista ainda eu tava sempre com eles, a gente ia a bar, tomar cerveja, a gente tinha a mesa pra poder contar as garrafas, colocava as garrafas tudo vazia. Fazia vaquinha pra pagar. Sobrou tanto. A saideira! Três saideira! E daí eu fiquei amigo também. Até quando eu não tinha dinheiro, eu era bolsista, eles eram contratados, pagavam pra mim e depois eu pagava. A gente vivia na rua jantando, fazendo festa, torneio de futebol. E daí teve pessoas ali marcantes. Daí começamos a ir pra Santa Catarina, Tramandaí, casa de algum parente de alguém. Chegou um momento em que moravam quatro em um apartamento de quatro quartos, tinha seis eu acho, eu tava sempre lá, às vezes dormia lá também. Davam festas homéricas. Batia Polícia toda hora nas festas por causa do barulho. [...] Houve grande convívio e grande interação entre a gente. Um ajudava o outro. Se penetrava nas vidas... (MIGUEL, 64 anos).

Esse engajamento emocional com os colegas foi considerado quando, enquanto trabalhava no CPD, Miguel foi aprovado em concurso público para outra

instituição. Apesar da possibilidade de melhor remuneração e outros benefícios, o entrevistado optou por priorizar as relações pessoais existentes.

Uma vez eu fiz concurso pra PROCERGS. Bah! Tinha milhões de vantagens! O salário era maior. No tempo, eu acho, do FHC. Daí eu pensei, pensei. Os caras queriam que a gente entrasse de uma vez. Eu passei. No fim eu deixei passar três meses, não fui lá, perdi. Mas era outro tipo de administração. Eu já tava acostumado com a daqui e aqui é tipo uma família. Muita gente foi pra lá também. Eu ia ter conhecidos lá, mas separava muito a gente. Resolvi ficar aqui com baixo salário, mas a segurança. Não me arrependo disso até hoje (MIGUEL, 64 anos).

É a partir deste ponto na narrativa que começa a se delinear a representação social do trabalho como segurança. Se inicialmente, o entrevistado se refere a uma segurança afetiva, instituída pelo vínculo com os colegas – “Aqui é tipo uma família” e “Todos os amigos estão aqui. Sei lá! Todo mundo conhece as minhas qualidades e as minhas fraquezas e se adaptam a isso.” (MIGUEL, 64 anos) –, no decorrer de sua explanação, surgem outras esferas, tais como segurança financeira – “No outro lugar eu acho que ainda era celetista. Não ia ter a estabilidade que eu tenho aqui. Eu ia estar instável, é algo a se pensar. Foi um prêmio aquela estabilidade.” (MIGUEL, 64 anos) – e segurança psicológica – “A minha ex também deu a força pra não ir. Ela disse: “Eu sei como tu é acomodado. Lá na [...] vai ser bem melhor. Já tá acostumado.” (MIGUEL, 64 anos).

Minha única incursão num concurso pra fora da [...] foi essa. Mas tive o prazer de ter passado e o prazer de poder decidir: - Não! Quero ficar aqui! E não que aqui seja como alguns lugares que o cara gosta porque não faz nada. Aqui se fazia bastante. Hoje em dia que eu tô mais devagar. Não tem tanta tarefa pra mim (MIGUEL, 64 anos).

Todavia, esta não foi a única vez em que Miguel ponderou a possibilidade de abandonar o trabalho na Universidade. “Houve uma época... naquele tempo do PDV<sup>29</sup>. Eu fiquei com uma coceira pra ganhar uma grana, mas aí eu não fiz. A minha ex também me aconselhou a não fazer e eu vi gente que se arrependeu.” (MIGUEL, 64 anos).

---

<sup>29</sup> Plano de Demissões Voluntárias

Devido ao seu perfil “acomodado”, Miguel desconsiderou toda possibilidade de mobilidade, inclusive dentro da própria Universidade. “Em algum momento de pressão grande até pensava: Pô, eu podia tá num negócio um pouco mais light. Mas nunca vingou isso, porque eu acho que tenho o pé no chão, de alguma forma [risos]” (Miguel, 64 anos). Na visão do entrevistado, uma mudança de setor significaria uma atitude arriscada. “Em alguns momentos eu já tive vontade de ir pra outro lugar, mas... Só dentro do seguro! Eu sou muito cagão [risos]. Assim com essas coisas. Depois eu não vou gostar... [...] Se eu saio daqui, vem outro pra cá...” (MIGUEL, 64 anos). Além disso, ele poderia perder condições que julga favoráveis em seu ambiente de trabalho, como o estilo de liderança, por exemplo. “[...] Há uma certa liberdade, não tem chefe cobrando” (MIGUEL, 64 anos).

Ao relatar sobre sua trajetória profissional e o cotidiano de trabalho, mais uma vez, Miguel externaliza sua representação de trabalho como segurança: “Tô aqui por um acaso. Fiz Direito, mas não me serviu de nada. Mas aquilo [trabalho como analista de sistemas] era que me alimentava. Daí segui em frente” (MIGUEL, 64 anos). Apesar de ter iniciado no trabalho de programação, o entrevistado foi pouco a pouco migrando para atividades, segundo ele, menos complexas. “Chegou um ponto em que eu me dediquei mais a fazer relatórios de qualquer coisa” (MIGUEL, 64 anos).

“Então, eu deixei de fazer sistemas pra fazer consultas. Eu me sinto às vezes por fora do que está havendo. Métodos de desenvolvimento... Mas é o que eu optei e agora acho melhor não mudar. Não vou mudar mais, vou seguindo até o fim assim” (MIGUEL, 64 anos). Questionado sobre a razão pela qual prefere não mudar, Miguel responde: “Ah! Preguiça! Eu acho que é preguiça. Medo de não dar certo, de não saber. Se eu mudasse pra aprender HTML... Eu já tive tentando algumas vezes, mas como não tinha uso, acabei me esquecendo. Aí não posso entrar em uma incursão, né?” (MIGUEL, 64 anos). Este relato de Miguel vai ao encontro de Cepellos e Tonelli (2017a) e Cepellos, Tonelli e Aranha Filho (2013) que constataram que as principais percepções negativas dos gestores sobre profissionais mais velhos referem-se à incapacidade de realizar trabalho físico pesado, dificuldade de adaptação às mudanças e novas tecnologias, preferência por atividades menos desafiadoras, inflexibilidade e falta de disposição para treinamentos.



Quando compara as atividades anteriores com as desenvolvidas atualmente, Miguel conclui que está mais parado. “O trabalho mudou. Tá mais devagar um pouco. Fazendo algumas tarefinhas rotineiras” (MIGUEL, 64 anos). A razão para isso, na opinião do entrevistado, seria sua falta de desenvolvimento.

Atribuo a eu não ter me desenvolvido, a não ter interesse em me desenvolver além do que eu já tava. Eu tenho certeza que a culpa... Mas é um pensamento diferente que envolve programação e HTML. Alguma coisa resiste a entender e usar. Isso foi resistível pra mim [risos]. Daí não investi. Chega num ponto que, sei lá, o obstáculo sou eu mesmo. Fico com medo de não dar certo. Mas tudo tem que aprender e se esforçar. Eu sei que eu não me esforcei tanto assim pra evoluir nessa modernização da programação. Fica mais restrito a mudanças. Às vezes eu penso em fazer por fora, por minha conta, um curso de HTML e outras linguagens. Tentar ficar à vontade com aquilo pra poder... Mas, entre pensar e agir fica um *gap* [risos] (MIGUEL, 64 anos).

Em seus estudos, Garcia (2007), Cockell (2014) e Coutrim (2006) abordam como a falta de qualificação pode representar um empecilho à manutenção dos idosos no mercado de trabalho. Sendo Miguel um servidor público, que goza de estabilidade, a falta de qualificação não representa um risco à sua permanência no emprego, todavia, pode afastá-lo de oportunidades de crescimento, como relatou nos excertos anteriores. Ao mencionar sobre a importância do trabalho em sua vida, o entrevistado declara que, em uma escala de prioridades, o trabalho ocuparia a primeira posição e explica:

Eu preciso do dinheiro. Não nasci em berço de ouro. Se eu ganhar na Mega Sena essa semana... Eu ia continuar aqui porque eu ia gastar muito dinheiro. Eu sou gastador e não tenho, imagina com. O trabalho eu não posso perder. A mulher pode se divorciar [risos] (MIGUEL, 64 anos).

A condição de servidor público dá ao entrevistado a estabilidade necessária para que se sinta seguro. “Acho que aqui foi o lugar certo pra mim” (MIGUEL, 64 anos). Ao analisar sua trajetória, Miguel afirma não ter arrependimentos. “Eu não fiz tudo que podia, mas se eu fizesse mais do que isso eu não seria eu. Seria outra pessoa. Eu não sou um cara tão sério nem tão molenga. Eu tô no meio termo. Sou mais apreciador da parte humana da vida.” (MIGUEL, 64 anos).

Eu sempre consegui fazer amigos! Eu não fico fazendo biquinho e ficando ofendido com qualquer coisinha. Então, uma coisa que eu acho que eu tenho de bom é me relacionar com todo mundo. Às vezes não tão

profundamente, mas sempre com um sorriso. Uma conversada assim e a coisa flui. Parece que todo mundo é simpático a mim e eu sou simpático a eles. Acho eu! Não sei o que falam pelas costas (MIGUEL, 64 anos).

Somando 34 anos de serviço, o entrevistado aguarda o cumprimento do prazo legal – 35 anos – para aposentar-se. Todavia, considera a possibilidade de permanecer mais tempo em atuação, uma vez que teme pela redução de seu benefício. Outra razão para continuar trabalhando seria pela possibilidade de manter-se ocupado.

Olha, com essa história do Temer, eu acho que vou ficar mais. Já que eu tô meio protegido por ter já passado dos cinquenta. Não sei... Depois disso pode ser pouco dinheiro, cair alguma gratificação. Cai o auxílio alimentação, cai o... Tem uma coisa que vai sair... Aquele negócio que veio do tempo que a gente se transformou de celetista pra... Na constituição que eles tão querendo desfazer... Horas extras incorporadas! Acho que isso que vai sair. Então já perco uns mil reais (MIGUEL, 64 anos).

Trabalho é uma terapia também. O cara sai de casa um pouco. Não fica lá só se olhando [risos]. [...] É uma terapia o trabalho pra mim por isso, se afasta de ficar em casa parado e vem conviver com mais gente aqui e botar a mente no trabalho e esquecer do resto. [...] Ficar em casa não tem o que fazer! Fica no micro, no Facebook ou no Netflix. Vendo filme ou lendo (MIGUEL, 64 anos).

Para Alcântara (2004) e Garcia (2007), o retorno do homem ao ambiente doméstico pode representar dificuldades de adaptação, principalmente quando não houve planejamento para esta experiência. O evento aposentadoria implica um processo de adaptação a uma nova etapa da vida que abarca dois períodos: transição para a aposentadoria – quando o indivíduo passa de empregado para aposentado – e trajetória pós-aposentadoria – fase de desenvolvimento da vida na aposentadoria (LEANDRO-FRANÇA, IGLESIAS e MURTA, 2018). Para Cepellos e Tonelli (2017b), a preparação para a aposentadoria está associada ao planejamento de atividades a serem realizadas fora do trabalho – a um plano B.

Do mesmo modo como conduziu toda sua vida, Miguel não tem planos para o período pós-aposentadoria. “Eu não faço nada planejado. Eu não fico pensando na vida. Eu não imaginava e eu nunca imaginei como que vai ser. Vou fazendo...” (MIGUEL, 64 anos). Segundo Tavares (2015), a qualidade de vida e o bem-estar de grande número de idosos pode sofrer grave redução no futuro, principalmente se a velhice não tiver sido planejada em longo prazo.

Pois é, eu queria achar alguma coisa que eu gostasse mesmo. Que fosse do meu agrado. Não uma obrigação pra sobreviver. Hoje não é só uma obrigação. É uma obrigação! Eu não posso parar! Se eu parar... Não posso parar um mês. [...] Mas eu queria fazer alguma coisa. Não sei ainda o quê. Alguma coisa dentro das minhas inclinações (MIGUEL, 64 anos).

De acordo com França e Carneiro (2009), considerando que cada um difere nas suas expectativas entre querer continuar ou retirar-se da esfera produtiva, não existe uma fórmula para a adaptação à aposentadoria. No momento, a única certeza de Miguel é que gostaria de manter o vínculo de amizade construído com os colegas ao longo dos anos: “O companheirismo aqui é muito bom. Espero mantê-lo depois de me aposentar. Mas pelo que eu vi todo mundo que se aposenta... [...] Nem churrasco grátis não atrai.” (MIGUEL, 64 anos).

Tendo o trabalho como sinônimo de segurança, o caso de Miguel exemplifica como as representações sociais norteiam a conduta dos indivíduos (JODELET, 2001). Destaca-se ainda como na entrevista narrativa biográfica é possível ao entrevistado moldar a situação e os processos comunicativos. Mesmo tendo conhecimento a respeito da temática da pesquisa, o entrevistado apresentou o seu sistema de relevância, ou seja, aquilo que ele considerava mais importante relatar de sua história de vida.

Em nenhum momento da narrativa, por iniciativa do entrevistado, houve menção à questão do envelhecimento. Razão pela qual, no Quadro 4, apresentam-se apenas as representações sociais do entrevistado a respeito do trabalho. Miguel priorizou destacar a perda dos pais, ainda na infância, como os tios assumiram a responsabilidade por sua criação e a relação com os colegas de trabalho.

	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INDICADORES
TRABALHO	SEGURANÇA	Perda dos pais na infância; Criação superprotetora; Dedicção exclusiva aos estudos até a fase adulta; Indecisão sobre escolha da carreira; Imbricamento das trajetórias de vida e de trabalho; Vida pessoal e profissional regidas pela lógica do não planejamento; Perfil acomodado; Avanços tecnológicos; Falta de atualização e migração para atividades menos complexas; Trabalho como meio de ocupação do tempo e da mente. <b>Segurança afetiva:</b> Engajamento emocional; Relação com colegas de trabalho; Abdicação de melhores oportunidades de trabalho; Desconsideração de oportunidades de mobilidade interna. <b>Segurança financeira:</b> Estabilidade. <b>Segurança psicológica:</b> Sentimento de aceitação; Estilo de liderança; Manutenção do <i>status quo</i> .
	APOSENTADORIA	Aposentadoria por tempo de serviço; Redução dos rendimentos financeiros; Ausência de planejamento.

**Quadro 4 - As representações sociais de Miguel sobre trabalho**

O apoio financeiro garantido durante todo o período de estudos e início da carreira profissional, aos 30 anos de idade, revela que o trabalho passou a representar para Miguel a segurança que até então recebia dos tios. Em várias ocasiões, o entrevistado relatou depender do trabalho uma vez que ele lhe garante a segurança financeira. Todavia, depreende-se de seu relato que, além da segurança financeira – garantida pela estabilidade de um cargo público –, o trabalho lhe proporciona segurança afetiva – materializada na relação com os colegas – e segurança psicológica – uma vez que se sente aceito em suas peculiaridades e confortável em relação ao estilo de liderança. Nota-se ainda que durante sua

trajetória profissional, Miguel tem pautado suas ações e decisões com base nesta representação, abrindo mão de desenvolvimento profissional e de melhores oportunidades de trabalho, como relatou.

A falta de planejamento em relação à aposentadoria, primeiramente no que tange à decisão de aposentar-se e continuar trabalhando ou não, mas também em relação a quais atividades desempenharia, uma vez que optasse pelo desligamento do trabalho, reflete a forma como sempre conduziu sua trajetória de vida e de trabalho.

#### 8.4 NILDA, VOLUNTÁRIA: O TRABALHO COMO MISSÃO

*Eu quero ver aquelas pessoas sair daquela vida difícil que elas tão enfrentando. O meu objetivo é esse. Levar as pessoas a um bom caminho.*

*(NILDA, VOLUNTÁRIA)*

##### 8.4.1 Biografia resumida da entrevistada

Nilda, professora aposentada, viúva, nasceu na cidade de Redentora - RS, no ano de 1935. Ainda na infância, mudou-se com a família para a cidade de Tenente Portela – RS, onde cursou o primário. Aos dez anos de idade, ela já trabalhava vendendo pães, doces e hortaliças. Produtos produzidos e cultivados no meio familiar.

Casou-se aos 17 anos. Tempos depois, mudou com o marido e o primeiro filho para a cidade de Canoas – RS, onde permaneceram por aproximadamente dois anos. Neste período, trabalhou em uma indústria de componentes eletrônicos.

Ao retornarem para a região de seu nascimento, iniciou um curso técnico em Contabilidade, retomando os estudos. Enquanto estudava, foi contratada pela Prefeitura de Miraguai – RS para atuar como professora. Primeiramente em uma escola estadual, depois na área indígena. Para atender a exigência do cargo, abandonou o curso de Contabilidade e voltou-se para a área do Magistério, na qual

se formou. Em 1976, foi contratada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI)<sup>30</sup>. Nilda trabalhou com comunidades indígenas por 31 anos, até sua aposentadoria.

Em 1985, ainda na cidade de Miraguai, iniciou trabalho voluntário junto à Ação Solidária Adventista (ASA)<sup>31</sup>. Em 1992, mudou-se para Gravataí, cidade em que atualmente reside e coordena o trabalho da ASA, em uma igreja local. O trabalho por ela desenvolvido atende mensalmente, em média, 400 famílias.

#### **8.4.2 As representações sociais de Nilda e sua relação com o trabalho**

A relação de Nilda com o trabalho teve início na infância – assim como sua narrativa. Suas primeiras memórias em relação ao trabalho mesclam-se com as memórias que tem da mãe, trabalhadora rural: “O pai deixou a minha mãe quando eu tinha um ano de idade. E a minha mãe criou nove filhos. Eu era a última. A caçula. Mas eu tive uma infância até boa porque ela era uma pessoa muuuito trabalhadora, honesta... que deu conta do recado” (NILDA, 80 anos). Em seu relato, a entrevistada conta que desde muito cedo a mãe “ensinou a responsabilidade de uma pessoa” (NILDA, 80 anos).

Ela [a mãe] era uma pessoa lutadora! Sempre foi assim de descobrir coisas pra fazer, pra sustentar a casa, não deixar passar nada! Era muito caprichosa! Mas era no extremo! Uma roupa, nós lavava no rio, tinha que chegar em casa e mostrar a roupa pra ela, se estava limpa. Se tinha uma manchinha ela mandava nós de volta (NILDA, 80 anos).

Residentes na cidade de Tenente Portela – interior do RS –, para estudar, ela e os irmãos faziam um longo percurso a pé. “Eu estudava muito longe, caminhava a pé. E eu sempre fui muito de atender meus compromissos, desde criança” (NILDA, 80 anos).

O meu uniforme, naquela época, era um avental branco. Lembro tão bem daquele avental! Era branco, limpo! Não podia ser mais branco! Era

---

<sup>30</sup> Informações em: <http://www.funai.gov.br/>.

<sup>31</sup> Informações em: <http://www.adventistas.org/pt/asa/>.

engomado. Eu saía pra ir pra escola, eu saía impecável, aquelas roupas, cabelo bem comprido que eu tinha uma trança. Então, eu tenho muita lembrança boa dela [mãe] (NILDA, 80 anos).

A responsabilidade a que Nilda se refere em sua narrativa envolvia mais do que a assiduidade à escola e à apresentação pessoal. O trabalho também fazia parte de sua rotina. Como forma de auxiliar na subsistência da família, aos dez anos de idade, a entrevistada vendia os produtos cultivados e produzidos pela família. “Com 10 anos eu já ajudava, vendendo coisas, sempre trabalhei” (NILDA, 80 anos).

[...] A minha mãe trabalhava... Sempre na roça! E ela fazia muito pão, fazia doce pra vender. Eu tinha dez anos de idade, eu ia levar num hotel pastel, doce, hortaliça pra vender neste hotel pra nós ter como sobreviver. [...] A minha mãe venceu. E eu também venci! (NILDA, 80 anos).

Eu lembro que a minha mãe fazia pão, bolo e essas coisas, e eu levava. Pastel. Eu levava. Ela fazia muito pastel. Tinha num hotel, a Dona [...], tinha dia certo de levar. Dia certo de levar verdura. Eu lembro bem que eu tinha um cesto, uma cestinha, eu era bem pequena, e eu levava couve, levava alface, temperinho verde, cenoura, tudo fresquinho. Levava lá no hotel e ela comprava. Já tava certo. Eu sempre fui de querer subir! Pra melhorar a vida, né? E nós ajudava em casa direto (NILDA, 80 anos).

Aos 16 anos de idade, a mãe adoeceu, sendo posteriormente diagnosticada com câncer. “Aí foi um sofrimento. Foi um sofrimento muito grande pra todos. Um desespero. A gente sem recurso. Difícil.” (NILDA, 80 anos). Por orientação da mãe, Nilda precisou decidir entre casar-se ou mudar-se para Porto Alegre, onde residiria com a irmã.

Eu casei com 17 anos. Como ela ficou mal, ela disse: “Ó, minha filha”, eu tinha um namorado, o pai do [...], aí ela disse assim, “tu quer casar, tu casa, ou tu quer ir embora pra Porto Alegre?”, com a outra filha, a [...], falecida. Aí eu pensei: O que que eu vou fazer? Ir pra Porto Alegre pra mim era um bicho! Não sabia o que era Porto Alegre! “Não, você vai estudar”. Só que eu não acreditei e disse: Não, vou casar e ficar por aqui. Aí quando eu casei... (NILDA, 80 anos).

Apesar da possibilidade de mudar-se e estudar, Nilda optou pela segurança que o casamento à época representava para a mulher. Já com família constituída, a entrevistada transmitiu aos três filhos os ensinamentos recebidos de sua mãe. Nas falas a seguir apresentadas é possível identificar a visão de Nilda sobre a forma de

conduzir a vida. Valores como responsabilidade, compromisso e “fazer o que é correto”, são recorrentes em sua narrativa.

Eu tive uma vida bem sacrificada de trabalho, sabe? Mas sempre procurei ensinar meus filhos o que é correto. O compromisso de responsabilidade. Muita atividade! Trabalhar! Nada de ficar parado! Sempre agindo! E não arrependo porque eu criei eles assim bem... Com carinho, com muito carinho, eu nunca bati nos meus filhos. Eu não bati. Eu conversava com eles. Pra fazer eles verem. Não é assim, meu filho. Não deve fazer isso. Não faça. Então hoje em dia, eu tenho isso comigo, uma lembrança deles boa, não é? Uma lembrança boa. Eu sinto que eles foram uns filhos bom pra mim, desde criança, e eles são maravilhosos pra mim. Os três. Um mais querido que o outro (NILDA, 80 anos).

Toda a responsabilidade. Orientei sempre eles, tenham responsabilidade pelo trabalho que assumirem. Inclusive pelo horário de trabalho. A começar pela aula. Está na hora da aula: Levante! “Eu já levanto.” Não! Vai levantar agora! Você vai agora pro colégio! Vai se arrumar e vai pro colégio e vai chegar na hora certa! Não vai chegar atrasado! Nunca eles chegaram atrasado. Uma vez ou outra por um motivo ou outro, mas eu era exigente com eles! Mas eu sempre fui (NILDA, 80 anos).

Nilda residiu com a família na cidade de Canoas por dois anos. Neste período trabalhou em uma indústria de componentes eletrônicos. Por questões familiares, retornaram à cidade de Tenente Portela, mudando-se pouco tempo depois para Miraguá. Nesta cidade a entrevistada iniciou o trabalho com os índios.

Aí depois voltamos pra lá, pra Portela, aí fomos morar em Miraguá, aí lá eu comecei a trabalhar com os índios. Comecei primeiro numa escola estadual. Eu era professora em uma escola estadual. Mas era contrato fechado, né? Terminava o ano, terminava o professor. Aí o meu cunhado era prefeito, aí ele disse: ‘Não. Você trabalha na área dos índios que mais tarde eles [FUNAI] te contratam’. Aí a Prefeitura me contratou e eu fui trabalhar com os índios (NILDA, 80 anos).

Eu sempre gostei de ser professora, porque as minhas irmãs mais velhas foram professoras. E eu achava muito bonito elas ensinarem e eu também queria ensinar. Corri atrás. Era cursinho daqui, cursinho dali, aí fui fazendo, fazendo, sempre procurei fazer a coisa certa (NILDA, 80 anos).

Apesar de ter sido contratada para lecionar, as atividades desenvolvidas por Nilda extrapolavam a prescrição da função. Os próximos excertos apresentam um esboço do trabalho desenvolvido durante os 31 anos em que atuou junto a comunidades indígenas.



[...] Depois em 76 a FUNAI me contratou. Pra trabalhar direto. Mas eu fazia trabalho lá... Não era só dá aula. Eu limpava a escola, fazia merenda pra eles, porque não existia lá essas coisas, ajudava até em parto. As índias ganhavam nenê, aí tinha a enfermaria e muitas vezes eu fui ajudar a enfermeira. Aí qualquer coisa, a enfermaria era dum lado, a escola era doutro, aí ela me chamava, a [...]. “Venha Dona [Nilda], vem me ajudar aqui.” Quantos e quantos partos a gente já ajudou a fazer! Então eu fiz de um tudo na minha vida. Nós tinha horta grande e eu ensinava eles a trabalhar. Tinha horta da escola pra verdura, né, pra ter alguma coisa pra colocar na comida deles. Então foi uma vida até divertida, porque foi bastante trabalho, mas com muito amor e carinho. Toda a vida foi assim, de ajudar as pessoas, sempre, sempre e sempre. Trinta e um anos e meio e depois eu me aposentei, na FUNAI (NILDA, 80 anos).

Aí quando eu trabalhava com os índios, eu era Chefe Substituta da Administração. Quando os chefes saíam, iam fazer os cursos deles, tinham que sair ou iam transferidos, eu é que assumia a chefia de todos os índios, de toda a área indígena. E tinha naquela época três mil e poucos índios, são 23 mil hectares de terra. Aí eu trabalhava, porque eles roubavam muito, os brancos roubavam muito a madeira e aquilo me marcou muito e aí tinha policiamento que eu convocava. Eu era assim uma pessoa que eu era uma autoridade na Administração. Aí vieram pra nós fazer o levantamento dos roubos e eu ia, 100, 200, 300 quilômetros com eles de carro, pra apreender as madeiras. Não sei, foi Deus que sempre me deu iluminação. Ele sempre me deu. E a gente apreendeu muita madeira, [...] Tinha serrarias muito grande. Tudo construído com madeira da área indígena (NILDA, 80 anos).

A entrevistada orgulha-se ao falar dos resultados de seu trabalho com os índios:

E os alunos, hoje em dia, tem um monte que foram meus alunos e são advogados, são enfermeiro, são pastores, são assim... Tem um que mora aqui em Viamão que ele tava fazendo Antropologia. Então esse trabalho que eu fiz, não foi em vão. Foi gratificante. Porque eles são alguém na vida deles... Hoje em dia eles são alguém. Eles são independente. Tem a capacidade de produzir. De ensinar os filhos (NILDA, 80 anos).

A inclinação para o trabalho social, segundo a entrevistada, também foi influência da mãe: “Ela [mãe] sempre ajudava as pessoas e eu via o que ela fazia e eu achava a coisa mais linda! Ela era patriota demais! [...] A comunidade reconhecia ela como uma líder” (NILDA, 80 anos). Apesar de um trabalho social já consolidado, após a aposentadoria, Nilda assumiu, em caráter voluntário, o serviço de assistência social da Igreja Adventista em Miraguai.

Mas eu lá em Miraguai já trabalhava no serviço de assistência social da Igreja Adventista. Quando começamos o trabalho, que eu assumi mesmo, eu não queria assumir, foi em 85. Eu disse, eu não posso, eu não sei nada do que... E fazia pouco tempo que eu tinha me batizado, rebatizado, né. Aí eu disse: Irmão, não posso assumir. Mas aí o pessoal da igreja: “Não, não,

vai assumir” e eu assumi. Pensei assim, tanta coisa já fiz na minha vida, vou assumir mais isso. Mas eu não sabia como era tanto! (NILDA, 80 anos).

[...] Sei que eu comecei a fazer campanha e comecei porque como eu aposentei eu fui indenizada, tempo de serviço, fundo de garantia, tudo. Aí eu pensei: Eu vou ir comprando o que dá, vou ajudar. Eu sempre fui de pensar em ajudar as pessoas, ajudar, fazer alguma coisa. Aí começamos a trabalhar e foi muito bom. Muito bom! Eu fiquei cinco anos na assistência social, de 1985 a 1992, aí eu vim pra cá [Gravataí]. Nós até conseguimos um pavilhão com a Prefeitura. Eu me dava muito com o prefeito de lá. Um pavilhão grande só pro nosso trabalho (NILDA, 80 anos).

Na fala “[...] eu não sabia que era tanto!”, a entrevistada faz menção à carga do trabalho por ela desenvolvido. Apesar do caráter voluntário da atividade, o trabalho exige da entrevistada dedicação que poderia ser comparada a de um trabalho remunerado.

[...] E eu não posso, eu não tenho tempo pra atender. A hora que eu tenho um tempinho, eu corro lá em cima na hora do estudo pra falar alguma coisa, né? [...] Porque não dá tempo! É muita coisa! Aí uma me chama, outra me chama. Então, é bem difícil. Eu tenho que atender! Tem que ver como é que tá a cozinha, como é que tá a costura, como é que tá o artesanato... Tudo! Tudo! É tudo o que eu tenho que fazer. E subo e desço. Sabe quantas vezes eu subi e desci aquela escada? Dez vezes. Mas eu não podia mais de tarde. Minhas pernas eram uma bola de inchada. Mas, faço por amor (NILDA, 80 anos).

Aqui tem muita coisa porque tem essa atividade dos alimentos que eu sou responsável também aqui. [...] Esse trabalho que eu faço com alimentação, que eu recebo ali, se eu parar de atender, não vai vir mais alimento pra cá. [...] Eu sou responsável. Eu não sou responsável só pela nossa igreja, eu sou responsável por toda a comunidade de Gravataí porque são oito, nove igrejas que recebem alimento. Se eu não receber, eles também não têm. Não tem distribuição. Só aqui são 60 famílias pra mais. Sessenta cadastradas. Em toda Gravataí dá mais de 350. Dá mais... Dá umas 400 famílias (NILDA, 80 anos).

O atendimento na sede da ASA ocorre duas vezes por semana, terças e quintas-feiras. Todavia, Nilda explica que quando não está na ASA, todo o tempo disponível é empregado em prol de ajudar outras pessoas. Segundo ela, não haveria tempo sequer de visitar os túmulos dos familiares. Os excertos a seguir exemplificam:

Quando eu não tô na ASA, eu tô envolvida. É visita... Eu vou fazer visita pros doentes. Eu vou ver se as pessoas estão precisando de alguma coisa, eu vou procurar ajudar. Essa semana mesmo, semana passada, eu recebi um bilhete pedindo ajuda, alimento. Falei com o irmão [...]. “Pode deixar,

irmã, que eu levo o alimento.” Aí foi aquele domingo de chuva! Ele foi lá levar o alimento, ele até falou na quarta que tinha ido levar o alimento e encontrou uma dificuldade muito grande e falou que precisavam de uma cadeira de rodas. Eu disse: Ah! Mas Deus vai me ajudar! Deus vai me enviar onde eu devo procurar. E comecei ligar, liguei pra um, pra outro, tantas pessoas e consegui! [...] Inclusive consegui uma cadeira pra banho. Ah! Eu agradecei! Meu Deus! Eu disse então tá, nós vamos buscar essa cadeira. “Mas é emprestada!” Não tem problema, a gente dá um jeito depois. Depois disso eu comecei a pedir uma nova cadeira. Tem uma irmã lá de Santo Antônio e ela disse: “Eu tenho uma cadeira de rodas.” Daqui a uns 10 dias ela vem de novo e vai me trazer a cadeira de rodas. Daí essa é doada! (NILDA, 80 anos).

Eu tenho uma vizinha que tá doente, tem 87 anos e não pode mais andar. Eu tô sempre lá. Levo uma coisinha, faço uma coisinha, levo, se não eu já passo na fruteira e já levo uma fruta, uma coisa, pra agradar a pessoa. E eles não me ligaram porque eu disse que tinha uma entrevista aqui, senão já tinham me ligado. E assim a minha vida é isso aí (NILDA, 80 anos).

O envolvimento de Nilda com o trabalho social se dá não apenas por meio do empenho do tempo, mas também do abandono de compromissos pessoais, muitas vezes relegando questões de saúde. Os relatos a seguir exemplificam: “Então, eu precisava de ir em Tenente Portela. Tem que ir lá, tem uns negócio pra resolver lá. O advogado me ligou ontem, pra mim ir. “Veja quando a senhora pode vir.” Não sei quando! Não sei quando eu posso ir!” (NILDA, 80 anos) e “Eu tenho uma requisição ali, porque eu tenho que fazer fisioterapia, e eu não pude ir, porque no dia que tem pra mim fazer, porque tenho o meu convênio, eu não posso, porque tô na ASA!” (NILDA, 80 anos).

Para a entrevistada, o trabalho sempre foi sinônimo de responsabilidade. Os valores aprendidos com a mãe foram repassados aos filhos – “Assim como eu fui criada, eu ensinei meus filhos” (NILDA, 80 anos) –, aos alunos – “Eu ensinava eles [índios] a trabalhar” (NILDA, 80 anos) – e, desde que iniciou o voluntariado, tem sido repassados às pessoas em situação de vulnerabilidade atendidas na ASA.

Começaram a trabalhar desde cedo. O meu filho mais velho começou a trabalhar num hotel. Ele tinha que fazer o segundo grau e era longe de onde eu morava e ele foi trabalhar na D. [...], falecida também, outra que também ensinou ele a trabalhar, tendo responsabilidade. Ele ajudava lá a arrumar as mesas, servir as mesas e de tarde já ia pra aula, mas era outra cidadezinha. Ele sempre trabalhou. Todos eles trabalharam, desde cedo. Minha filha trabalhou desde os 13 anos. O que a gente tem que fazer pelos filhos é isso. Ensinar a trabalhar, mandar trabalhar e exigir deles também. Não é só: Ah! Eu não posso ir, eu não vou. Nada disso! Vai fazer alguma coisa! Não pode ficar parado! E assim eu faço com eles [público atendido na ASA] ali (NILDA, 80 anos).

[...] Aí já veio os projetos. Já fiz projeto de plantação, daí veio o dinheiro pra semente pra eles [índios] todo mundo trabalhar. Que foi a roça comunitária. Começou ali na área indígena a roça comunitária (NILDA, 80 anos).

Tem outra também lá, tem umas quantas assim. Outra que eu coloquei ela na cozinha, ela e a [...] pra fazerem a merenda, o almoço e o pão. Gostei da mulher. Aí elas trabalharam, limparam, deixaram bem limpinha a cozinha, tudo. Aí ontem veio o recado. Arrumou trabalho. Pois vai trabalhar. Aí eu disse: Tudo bem! Que bom que arrumou. Eu incentivo muito eles a trabalharem. Vão sobreviverem! Vocês não podem esperar só a cestinha daqui [ASA]. Isso aqui é uma ajuda, não é um rancho. É uma ajuda pra vocês (NILDA, 82 anos).

Estamos trabalhando. A Dona [...], ela faz crochê e terno de cozinha, joguinho. Ela fez um e trouxe pra mostrar. [...] Ai ela não tinha máquina. Tava estragada e não tinha dinheiro pra arrumar. Aí ela me pediu uma emprestada. Dona [...], eu vou lhe emprestar essa máquina que era minha. A senhora leve, aproveite e faça as costuras. Ela tá fazendo algumas coisas pra vender. Já é alguma coisa. Então, a gente tá procurando melhorar a situação das pessoas (NILDA, 80 anos).

Ao ser questionada sobre a razão pela qual continua vinculada ao trabalho voluntário, Nilda é categórica ao afirmar: “Mas, enquanto eu tiver saúde, eu não vou parar. Enquanto eu tiver energia, aí eu quero trabalhar, até quando der!” (NILDA, 80 anos). E explica:

Não que eu precise de trabalhar. Dizer que eu quero trabalhar pra me mostrar. Não! Eu trabalho com muito amor e carinho. Eu quero ver aquelas pessoas bem. Eu quero ver aquelas pessoas sair daquela vida difícil que elas tão enfrentando. O meu objetivo é esse. Levar as pessoas a um bom caminho. E um bom caminho que eles possam ainda aproveitar a vida deles. Criando os filhos com honestidade. A ser honesto com as coisas. A ser compromissado (NILDA, 80 anos).

Ao longo de toda a narrativa, percebe-se que além da representação de trabalho como responsabilidade, Nilda encara seu trabalho social como uma missão. Seu objetivo consiste em ajudar as pessoas a melhorar sua condição de vida. “A gente tem que enxergar a necessidade das pessoas” (NILDA, 80 anos).

[...] Amanhã depois, quê que essas crianças podem aprender? Tem que pensar no futuro dessas crianças. Esse mundo tá muito cheio de pecado. É droga, é banditismo demais. E se eles se criam dentro de uma igreja cristã que aprende o amor, que aprende a ter responsabilidade... Eles não vão se tornar mais tarde uma pessoa má (NILDA, 80 anos).

Eu só quero que Deus me dê mais força pra eu continuar trabalhando. Fazer mais alguma coisa que eu não fiz ainda. Alguma coisa. Tô com 80 anos, mas tenho bastante fé, bastante coragem, ânimo e tenho muita persistência pelo que eu faço. Não sou de desistir assim das coisas. Eu quero fazer, eu penso em fazer, eu vou fazer. Não sou pessoa de desanimar. Não quero desanimar! Como eu vou desanimar? Não pode! Eu tenho que animar as pessoas. Se eu desanimar, o que eu vou ensinar pras pessoas? Nada de bom! Só a parte negativa (NILDA, 80 anos).

Ao declarar a impossibilidade de desanimar, Nilda revela ter tomado para si a incumbência de ser um exemplo. Apesar dos relatos sobre dores nas pernas, inchaço, necessidade de fisioterapia, entre outros, problemas que poderiam ser interpretados como decorrentes do esforço despendido para a realização das atividades, Nilda afirma que o trabalho lhe gera disposição.

Me sinto forte. E meu trabalho também é bom! O meu trabalho eu faço... Não é que eu tô cansada. Parece que eu não sinto cansa, a coisa mais engraçada. Tem dias assim que eu levanto e será que eu vou? Chovendo! Vou sim! Eu fiz um compromisso com Deus. Vou levantar, me arrumar e vou ir. O compromisso da gente é muito sério! Ainda mais com Deus! Como Deus é o principal, não é? Então a minha vida é assim. [...] Que Deus me proteja, estou sempre pedindo, e que eu possa ainda alcançar muita coisa que eu ainda não fiz na minha vida, porque muita coisa ainda não fiz (NILDA, 80 anos).

De acordo com Cepellos e Tonelli (2017b) o desenvolvimento de habilidades minimiza a sensação de envelhecer. A opção pelo prosseguimento de atividade produtiva pode ser encarada como fonte de precaução às doenças degenerativas, preservando da morte física. Já a morte social, pode ser afastada por meio da aquisição de conhecimentos gerais o que permite à mulher manter-se interessante e dar continuidade às atividades sociais (CEPELLOS e TONELLI, 2017b).

Para Nilda, o voluntariado caracteriza sua experiência de trabalho mais importante. A entrevistada relata com orgulho o resultado de seu trabalho. Para ela a melhor retribuição está em saber que atingiu seu objetivo de, por meio de seu trabalho, auxiliar na melhora da condição de vida de uma família.

Ontem [...]. Achei tão bonito! Chegou uma mulher de manhã, Dona [...]. “Dona [Nilda], eu vim aqui agradecer a senhora.” Eu digo: O que é? “Eu vim agradecer o que a senhora fez por mim. Me ajudou tanto nessa época que eu tava mal de vida. Eu quero agradecer porque a senhora foi muito boa pra mim. A senhora me orientou e me deu capacidade de eu também ter mais energia em casa. Meu marido arrumou trabalho, tá trabalhando, não

precisamos mais da cesta. Vim aqui agradecer de coração.” Me abraçou, me beijou. “Vim agradecer. Foi muito bom que a senhora me ajudou naquela hora que eu precisei muito. A senhora não me deu não pra mim.” Tá bom! Agradeço o abraço e o beijo e felicidades pra senhora. Foi embora feliz. Eu daí já dei baixa na fichinha dela, diminuiu. [...] Então pra gente é gratificante isso. Ver essas pessoas agradecidas e que a gente pode ajudar (NILDA, 80 anos).

O Quadro 5 esquematiza as representações sociais de Nilda a respeito do trabalho e do envelhecimento.

	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INDICADORES
TRABALHO	RESPONSABILIDADE	<p>Espelhamento no exemplo de vida da mãe;  Necessidade financeira da família;  Trabalho como parte do cotidiano familiar;  Atividades designadas pela mãe e condizentes com o negócio familiar;  Vida pessoal e profissional regidas pela lógica da responsabilidade;  Casamento como segurança;  Transmissão de valores.</p>
	MISSÃO	<p><b>Fase atual:</b>  Vida pessoal e profissional regidas pela lógica da responsabilidade;  Auxílio às pessoas como objetivo de vida;  Atividades realizadas em caráter voluntário;  Abdicação de cuidados com a saúde e compromissos pessoais em prol do trabalho;  Centralidade do trabalho;  Trabalho como gerador de saúde e disposição;  Satisfação pelo trabalho realizado como gratificação;  Incumbência de agir como exemplo.</p>
ENVELHECIMENTO	PERDAS	<p><b>Físicas:</b>  Diminuição da capacidade funcional;  Lapsos de memória de curto prazo;  Necessidade de cuidados com o corpo.  <b>Sociais:</b>  Falecimento de amigos e familiares.</p>
	ATIVO	<p>Realização de atividades produtivas enquanto for possível;  Doença como único impeditivo à realização do trabalho;  Disposição para elaboração de planos futuros.</p>

Quadro 5 - As representações sociais de Nilda sobre trabalho e envelhecimento

A representação social do trabalho como responsabilidade foi transmitida à Nilda por sua mãe e tem norteado sua conduta pessoal e profissional desde a infância – período em que ela iniciou sua relação com o trabalho. Nota-se neste caso como as representações sociais se originam nos processos de comunicação (JOVCHELOVITCH, 2011; VALSINER, 2015) e nas práticas sociais, como o diálogo, o discurso, os padrões de trabalho e produção, entre outros (JOVCHELOVITCH, 2011). Ao longo dos anos, a entrevistada, por sua vez, tem retransmitido esta representação a seus filhos, alunos e pessoas que atende na ASA, garantindo o compartilhamento desta representação social (CAVEDON, 2003) e a uniformidade de pensamento e ação (MOSCOVICI, 2001).

Segundo Cavedon (2003, p. 105) “as representações, ao serem criadas, acabam ganhando uma vida própria, circulam, encontram-se, repetem-se e abrem espaço para o surgimento de novas representações, enquanto outras, mais antigas acabam desaparecendo”. Todavia, existem casos em que as representações passam a coexistir, como visto na narrativa de Nilda que, após a aposentadoria, assumiu o trabalho voluntário como uma missão, mas sem desconsiderar a representação de trabalho como responsabilidade que carregou ao longo da vida. A incorporação de uma nova representação, não desqualificou o significado anterior.

O caso de Nilda apresenta ainda um exemplo de como a realização de atividades produtivas – não limitadas unicamente ao trabalho remunerado – pode constituir fator determinante para a manutenção do bem-estar e da qualidade de vida do idoso, conforme proposto pela abordagem do Envelhecimento Ativo (ROSA, BARROSO E LOUVISON, 2013; TORELLY, 2010; WHO, 2005). Para Souza e Lautert (2008), o trabalho voluntário desponta como uma ferramenta que possibilita aos idosos sentirem-se ativos e socialmente úteis.

## 8.5 JONAS, RELOJOEIRO: O TRABALHO COMO DOM

*Na verdade, a minha função é essa. Nasci pra esse dom e morrerei com esse dom, se Deus quiser!*

*(JONAS, RELOJOEIRO)*

### 8.5.1 Biografia resumida do entrevistado

Jonas, relojoeiro, casado, nasceu na cidade de São Gabriel - RS, no ano de 1945. Filho de um homem do campo – como se descreve –, viveu na casa dos pais até os 18 anos, idade em que partiu para prestar o Serviço Militar Obrigatório.

O interesse por relojoaria começou na adolescência. Aos 14 anos consertou o primeiro relógio – um despertador emprestado da avó. Dos 14 aos 18 anos, trabalhou, de forma autônoma, com conserto de relógios, máquinas de costura e outros reparos. Durante o período em que estava no Exército, buscou especializar-se na área trabalhando informalmente em uma pequena relojoaria aos finais de semana. Após o cumprimento do período de Serviço Militar, retornou à casa dos pais – onde permaneceu por dois anos –, retomando o trabalho voltado a consertos de equipamentos mecânicos.

Com escolaridade equivalente ao quinto ano primário, em 1966, Jonas mudou-se para a cidade de Santana do Livramento - RS, onde ingressou na Polícia Militar. Tempos depois, foi designado para a cidade de Porto Alegre - RS a fim de integrar o grupo de policiais do 1º Batalhão Pedro e Paulo<sup>32</sup>. Durante os 10 anos em que permaneceu vinculado à Polícia Militar manteve, secundariamente, sua atividade com relógios. Exonerou-se, em 1976, após receber uma proposta para

---

<sup>32</sup> Criada na década de 1950, na cidade de Porto Alegre, em caráter experimental, a Companhia Pedro e Paulo desenvolvia suas atividades de policiamento em duplas, aos moldes do que vinha sendo realizado nas grandes metrópoles. Seu nome foi uma homenagem aos padroeiros do Rio Grande do Sul – São Pedro, apóstolo consolador e persistente, e São Paulo, apóstolo virtuoso e disposto ao bom combate. Inicialmente, realizavam policiamento no aeroporto, rodoviária e estação férrea, ampliando, mais tarde, seus locais de atuação. Três anos depois, a Companhia foi transformada em Batalhão Pedro e Paulo, que manteve o mesmo sistema de policiamento em duplas. Em 1967, assumiram a missão de Policiamento Ostensivo de Trânsito na zona norte da capital gaúcha (SILVA, 2012).



trabalhar como técnico relojoeiro na assistência técnica de um fabricante suíço de relógios de luxo.

Durante sua trajetória – marcada pelas mudanças de tecnologia –, especializou-se em relógios de diversas marcas, tornou-se técnico relojoeiro oficial, gerenciou sua própria equipe de trabalho e, a convite do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), ministrou cursos de formação em relojoaria. Em 1990, com aproximadamente 45 anos de idade, assumiu negócio próprio na cidade de Porto Alegre. Anos depois, mudou-se para Gravataí – cidade localizada na região metropolitana de Porto Alegre –, onde mantém sua loja e atua até esta data.

### **8.5.2 As representações sociais de Jonas e sua relação com o trabalho**

Oriundo da região da Campanha Central do RS, Jonas nasceu e foi criado na vida de campo. Os pais tinham “provisão de terra, gado, coisas da campanha” (JONAS, 71 anos). Diferentemente dos meninos de sua idade, apesar de compartilhar do mesmo contexto bucólico, Jonas demonstrava ter outros interesses.

Com 14 anos, eu era muito curioso. Pessoas de fora, geralmente guri, menino, a arte deles é outra, né? É brincar com gadinho, fazer de conta que é... Gado de osso que se chama, né? E eu já era diferente dos outros meninos. O meu negócio era ver roda de moinho, fazer roda de moinho. Com 14 anos já fazia roda de moinho com água (JONAS, 71 anos).

O primeiro contato com relógios ocorreu na adolescência e teve o apoio da avó. O relato a seguir trata deste marco na história de vida do entrevistado – o ponto inicial de sua relação com a relojoaria.

Com 14 anos ia sempre pra casa da minha vó. Tinha uma fazenda lá. Ela era viúva e eu tava sempre com ela. Ela tinha uns relógios despertadores que não tava funcionando. E eu com 14 anos! E eu queria, muito curioso, queria arrumar o relógio da vó. Até que ela me emprestou e eu arrumei. Tinha, naquela época, querosene e graxa pra botar no relógio e eu desmontei e montei o relógio todinho. Botei óleo, montei tudo e o relógio saiu funcionando. Dali pra adiante eu comecei a mexer nessas coisas, relógios... (JONAS, 71 anos).

Ao descrever sua primeira experiência com relógios, logo no início de sua narrativa, Jonas explicita suas representações sociais. Representações que, como será visto durante a apresentação deste caso, o têm acompanhado durante sua trajetória de vida. Para ele, o trabalho com relógios é um dom e o relojoeiro um artista. “[...] Então, eu comecei o meu dom de relojoeiro... É um dom do relojoeiro, é um artista esquecido<sup>33</sup>, como se diz hoje.” (JONAS, 71 anos).

A atividade voltada ao conserto de relógios e outras máquinas foi realizada, na casa dos pais, até os 18 anos quando Jonas partiu para servir ao Exército de São Gabriel – sua cidade natal. Todavia, seu vínculo com a relojoaria não foi interrompido. Ao contrário, a atuação como militar oportunizou tempo para o aprendizado prático.

Aí lá dentro do Exército mesmo, na cidade lá, tem um hospital grande que é a Nossa Senhora das Graças, caridade, né? Na frente da Casa de Caridade tinha um barbeiro, mas também tinha uma lojinha de relógios. Ele consertava relógio. E eu, militar, sábado e domingo não faz nada, eu ia pra lá ajudar ele. Pedi pra ele me dar uma mão, né? E ele me deu uma mão. Pra mim limpar as máquinas dos relógios mais comuns. Limpar, lavar... Me ensinou como é que dava polimento no eixo, porque o eixo fica rombudo aí o relógio não funciona bem. E começou já uma parte mais avançada pro meu lado. Isso já no tempo que eu tava no Exército. E eu consertava os relógios dos milico e até do coronel. Uma vez pediu pra consertar o relógio dele... Despertador [ar de satisfação]. Coisa nossa, né? E assim ficou (JONAS, 71 anos).

Após a saída do Exército, o entrevistado retornou à casa dos pais e ao trabalho anteriormente realizado – conserto de equipamentos mecânicos. “Lá eu

---

<sup>33</sup> Algumas vezes, em sua narrativa, Jonas fez menção ao termo “artista esquecido”. Trata-se de um poema “O artista esquecido”, de autoria desconhecida, que se encontra emoldurado e pendurado em uma das paredes de sua loja. Segundo o entrevistado, o poema foi um presente do professor que ministrou o curso da Champion. Jonas fez questão de retirar o quadro da parede e me entregar em mãos para que eu pudesse lê-lo. Segue a reprodução do mesmo:

O artista esquecido

Nós os escravos do tempo homenageamos o maravilhoso trabalho do relojoeiro. Este homem que trabalha com humildade e afincos para fabricar um instrumento que é um eterno companheiro. Aquele que o acompanha desde o nascimento até a morte. Que marca no tempo nossos momentos felizes e tristes. Que registra os acontecimentos mais importantes de nossas vidas. O relógio. Mas você já pensou no trabalho e na arte de quem o fabrica? Acreditamos que não, por este motivo desejamos que você se lembre dele, nesta data que lhe é muito especial. Dia 1º de dezembro, dia do relojoeiro. O artista que sempre foi esquecido dentro de suas pequeninas lojas. Junto a sua lente de aumento, elaborando com precisão e rapidez o objeto que talvez seja o que permanece junto a você durante a maior parte de sua vida. Ao passar pela porta de uma relojoaria, entre, por mais simples que lhe seja e cumprimente nosso querido e humilde artista esquecido. Nós temos certeza que ele jamais esquecerá de você (Autor desconhecido). (NOTA DE CAMPO, 25/04/2017).

fazia tudo lá fora. Todo o pessoal que precisava de qualquer coisa, mecânica, assim, máquina de costurar, aquelas máquinas antigas de costura... eu ajudava” (JONAS, 71 anos). Passados dois anos, Jonas mudou-se para a cidade de Santana do Livramento e ingressou na Polícia Militar. Todavia, como destaca em seus relatos, não se desvinculou de sua atividade com relógios.

Aí eu fui pra Livramento e fiquei lá 3 meses, estudando. [...] Lá tinha uns parentes que eram coronéis da Brigada, uns primos segundo, e eu estudei lá pra me especializar. E assim eu me especializei e fiz um curso pro Estado, Polícia Militar. Mas, sempre mexendo nos meus relógios! Não larguei o relógio! (JONAS, 71 anos).

Depois vim pra Porto Alegre que eles precisavam 800 homens aqui em Porto Alegre pra formar o primeiro Batalhão Pedro Paulo. Como chamavam, Polícia Militar. Elite, né? Hoje seria elite. Não era a Polícia de hoje. Vim pra Porto Alegre. E ali sempre consertando os meus relógios. Sempre na lida dos relógios. Fazendo o meu trabalho e ali eu fiquei. Fiquei por ali. Nas horas vagas eu ficava com os colegas. Tinha um outro militar que era relojoeiro, então nós fazia... Se ganhava pouco, o que que vamos fazer, né? Vamos trabalhar! E assim fiquei 10 anos na Polícia Militar (JONAS, 71 anos).

Como integrante do Batalhão Pedro e Paulo, Jonas foi designado à missão de Policiamento Ostensivo de Trânsito de Porto Alegre. Suas principais atribuições eram o comando do trânsito e a aplicação de multas, em caso de eventual infração. Foi durante essa atuação que conheceu o proprietário de uma relojoaria.

Aí comecei a trabalhar ali perto da Santa Casa. E tinha um relojoeiro ali na avenida... Um cara tinha uma relojoaria ali. Ficou meu amigo porque ele vinha ali, sempre ali, e nós que comandava sempre o trânsito na época. Comandava o trânsito, se tivesse que multar, multava. O que que eu fiz... Aquele cidadão chegava ali... e me perguntou se podia deixar o carro dele ali estacionado, porque outro chegava e multava. E eu fui sempre mais humilde assim. Pode estacionar! Não tem problema! “Mas o senhor não vai multar seu Pedro Paulo?” Chamavam a gente assim. Não! A vaga é minha e quem tá comandando sou eu. E essa semana tô toda semana aqui. Pode estacionar! E acabou que ficamos amigos, né? Aí, vira e mexe... aí um dia eu perguntei pra ele qual era a profissão dele. “Eu tenho aqui uma loja Edox.” Edox que era um relógio meio caro. Aí ele me falou: “Eu tenho aqui quatro relojoeiro comigo e eu sou o representante da Edox”. Bah! Quando ele me falou isso aí, me arrepiou! (JONAS, 71 anos).

O trabalho externo e o contato diário com várias pessoas oportunizaram o início de uma relação pessoal. Dos encontros, cada vez mais frequentes, resultou

uma amizade. De forma despretensiosa, Jonas foi conhecer a “loja da Edox”. Após a visita, recebeu uma proposta de trabalho na área da relojoaria.

Aí nós tava conversando, tomando um cafezinho num bar assim, conversando com ele, e ele disse: “Quanto é que o senhor ganha na Brigada?” Naquela época... vamos falar que fosse 500 real, 500 mil, não sei que dinheiro era naquela época [risos]. Eu ganho assim, assim. Mas primeiro ele me levou aonde ele tinha o escritório da Edox. Ele me levou lá e me apresentou os colegas dele ali e tal. Não colega, mas funcionário dele. E eu olhei aquela banca bonita de relógios... Mas tudo bem! Fiquei na minha, né? Aí depois, no outro dia, ele apareceu lá de novo e convidou pra tomar um cafezinho, lá em cima, na Rua da Praia. Aí eu fui lá, tomei um café com ele e ele me falou o seguinte: “Eu tô precisando de um relojoeiro. O senhor ganha 500 real? Eu te pago o dobro e mais uma comissão”. Eu não tinha como recusar! Aí eu fui do que eu gostava... tudo que eu gostava, e gosto até hoje, é de relógio! E ali então, pedi a demissão do Estado (JONAS, 71 anos).

Uma vez desvinculado do Estado, Jonas assumiu como relojoeiro. E apesar de trabalhar com relógios desde os 14 anos, reconheceu-se como profissional da área apenas quando o exercício da relojoaria veio acompanhado da formalização. “Aí, sim, peguei a minha profissão” (Jonas, 71 anos). O entrevistado trabalhou com diferentes marcas de relógios, especializou-se acompanhando as mudanças de tecnologia, liderou e treinou equipes de trabalho. Os excertos a seguir retratam um pouco de sua trajetória.

Aí esse cidadão que tinha Edox comprou da Omega. E fui pra lá. A Omega era um dos relógios mais caros que tinha na época. “Tu vai comigo e tu vai assumir comigo, os funcionários ali vou ficar com dois e tu vai assumir comigo”. E assim fiquei 10 anos na assistência técnica da Omega. Relógio caríssimo! Omega era assim, tinha assistência técnica só ali. De todo o Rio Grande do Sul. Então, eu passei, logo em seguida... Tinha um relojoeiro chefe que tava lá e ele foi embora e eu assumi tudo. Assumi toda a assistência. Ele o patrão e eu assumi como técnico já. Arrumei uns relojoeiros pra trabalhar junto e formei bastante relojoeiros pra trabalhar junto (JONAS, 71 anos).

Aí nos anos 1980, como o relógio tinha mudado e o Omega é suíço... eu fui convocado pra São Paulo. Aí eu fui pra São Paulo fiquei 12 dias lá com um professor suíço da Omega dando curso pra nós. Eu aqui do Sul. Nós fomos entre doze. [...] E foi indo. Gente de cima, do norte também. Relojoeiros pra consertar esse tipo de relógio. Aí eu recebi o curso. Recebi diploma da Omega e vim embora pra minha firma (JONAS, 71 anos).

Então, o relógio veio. Esse das pilhas. Aqui no Sul eu era o que comandava isso aí. Ele era o patrão, mas eu que era... e ainda sou, né, o técnico relojoeiro oficial. Porque eu fiz um curso com o professor da Suíça que veio pra São Paulo dar curso pra nós. E depois, logo em seguida, ficou a

Champion. Se lançou também vários relógios, mas lá em Manaus. Aí também. De Manaus veio um professor suíço de Manaus dar curso pra Champion. Relógio Champion. Aí eu fiz o curso aqui. Claro que eu era o responsável e a minha firma também comprou a Champion. Aí eu fiquei responsável pela Champion, mas tinha que fazer um curso antes. Aí eu já sabia mais ou menos, mas aí dei o curso pra outras pessoas que trabalhavam comigo, pras meninas... Aí já eram doze pessoas que trabalhavam comigo. Além do pessoal da Omega que era diferenciado. E assim fiquei... Assim fiquei trabalhando nessa linha de relógios (JONAS, 71 anos).

Com aproximadamente 45 anos de idade, Jonas decidiu ter seu próprio negócio. “Esse meu patrão, eu fiquei 10 anos com ele também, só que eu preparei gente pra ele, pra não deixar o homem mal. Então, eu preparei o chefe e o subchefe pra deixar o patrão bem. E assim ficou e se damos bem até hoje” (JONAS, 71 anos). Inaugurou uma loja em Porto Alegre e, após um tempo de atuação, mudou para Gravataí, cidade onde possuía residência e ainda mantém seu estabelecimento. E mais, atendendo à demanda do mercado relojoeiro, ministrou cursos de formação na área.

Nesse meio tempo, aí precisou pessoal da Technos, da Mondaine e outros relógios. Precisou de gente e não tinham gente especializada. Aí me botaram no Senac pra dar curso de relojoeiro. Sou professor relojoeiro. Aí eu dei curso pro pessoal, né? Eu dei todo o curso de relógio. Diploma e tudo pra esses relojoeiros (JONAS, 71 anos).

Esse pessoal que trabalha no Shopping aqui no [...], Shopping da [...], Shopping do [...] e mais uns outros ali. Aqueles rapaz que trabalham ali são tudo meus alunos. Hoje eles tão com aquelas monstra loja, né? Tem um sobrinho também que fez curso comigo. É o único da família que... Tá em Torres, tá muito bem, graças a Deus! Fez curso comigo, lá na época noventa e poucos, de relógio. No próprio Senac já fez o curso de ótica e hoje ele tá com uma loja em Torres, muito bem (JONAS, 71 anos).

Como resultado de sua trajetória profissional, Jonas granjeou clientes no Brasil e no exterior e ainda hoje é considerado uma referência para outros profissionais da área. Todavia, além do conhecimento técnico adquirido ao longo de décadas de atuação, Jonas destaca a conquista de ser respeitado e bem quisto.

Eu tenho clientes no Sul da Grécia, eu tenho clientes em Montevideú. Isso internacional. Fora os que eu tenho em Santa Catarina e Rio Grande do Sul em peso. São alguns tipos de relógio. Alguns tipos de relógios meio... Pessoas que me conhecem... [...] Novo Hamburgo, São Leopoldo... “Vai lá naquele relojoeiro assim, assim.” O de lá vem aqui “Ô, Seu [Jonas], como é que...?” Vem com um problema no relógio assim, assim. “Como é que eu

vou fazer?” Ah! Faz assim, assim, assim. Então, eu sempre tô auxiliando. Tem muitas coisas aqui que eles não conseguem fazer. Porque não sabem ou não tiveram curso. Então fazem aí... e como relógio é hoje meio descartável, mudou um bocado (JONAS, 71 anos).

[...] Então, a minha área comercial ou, como se diz, de trabalho pra mim é cheio, cheio, cheio. Cheio que eu digo é cheio de gostosura, de pessoas que gostam de mim. São pessoas que me querem bem por tudo quanto é lugar. Os clientes aqui também a mesma coisa. Eu formei tanta amizade e a minha técnica! As pessoas me respeitam como profissional e gostam de mim (JONAS, 71 anos).

Para Tavares (2015), são cada vez mais comuns os casos de idosos, inclusive octogenários, nonagenários e até centenários, que ao continuar trabalhando conseguem manter bons níveis de produtividade. Nos excertos acima, é possível perceber que, apesar de orgulhar-se de sua carteira de clientes, a produtividade de Jonas não é medida pela quantidade de trabalho, mas pela especificidade do mesmo, pelo conhecimento adquirido – que com satisfação compartilha com outros profissionais –, pela qualidade da qual não permite questionamentos.

Eu sou uma pessoa assim, dentro do meu meio, bastante conhecida. Só elogio! Eu nunca tive assim de cliente chegar aqui e dizer: “Bah! Esse relógio o senhor não consertou! Ficou ruim”. Não, não ficou não! O senhor que não soube funcionar com a coisa! Adianta eu consertar o relógio aqui, o senhor chega ali e atira na parede? Aí quebrou o vidro! Não fui eu que quebrei! Coisas assim, né? Na verdade, a minha função é essa. Nasci pra esse dom e morrerei com esse dom, se Deus quiser! (JONAS, 71 anos).

Embora já aposentado, os planos de Jonas para o futuro não envolvem o desligamento do trabalho. “Eu sou aposentado já faz tempo... Mas se eu não trabalho, eu vou morrer!” (JONAS, 71 anos). Ao associar a ausência de trabalho à morte, Jonas explicita a importância deste em sua vida.

Ah! Morro! Porque eu sou apaixonado por relógio! Todo relógio que eu monto, eu limpo, faço o trabalho que preciso fazer, eu monto ele e boto a funcionar e no momento em que ele funcionou, aquilo ali pra mim é um filho. Dá uma sensação... Vamos falar assim, que o relógio faz barulhinho assim, tic tac, tic tac, tic tac, parece um filho. Pra mim é um filho! Paixão que eu tenho por relógio. Paixão! Sabe o que que é? Tudo pelo relógio. Tudo! Jamais eu largaria. Só se eu não puder mais. Mas mesmo assim, eu quero ir lá pra cima, de repente, consertar aquele grande relógio do universo porque parece que tá meio errado, né? Essa é a minha parte (JONAS, 71 anos).

Então hoje... eu não quero mais sair do relógio! Não quero mesmo! Eu me dou muito bem! Meu trabalho é expediente, sou aposentado, eu e a esposa, mas continuo aqui. Jamais eu quero largar o relógio. A não ser que a saúde não me deixe. Mas como eu tenho saúde... Graças a Deus! (JONAS, 71 anos).

Chama atenção o cuidado com que manuseia os relógios. Após a troca de uma pilha, por exemplo, Jonas ajusta o horário do relógio e o devolve carinhosamente ao pulso do proprietário (NOTA DE CAMPO, 23/04/2017).

Para o entrevistado, o trabalho é ao mesmo tempo produto e produtor de saúde. Em sua fala anterior, Jonas declara que o único impedimento para o abandono de sua atividade seria a falta de saúde. Já no excerto a seguir, ele atribui sua boa condição de saúde ao trabalho com relógios.

Parece que isso me traz saúde. Tenho a impressão que me traz saúde. Eu tenho uma visão boa. Eu uso óculos porque pra longe é mais... A verdade, como é que eu vou te dizer, com a idade que eu tenho, eu não tenho nada! Não tenho glicose, não tenho pressão, não tenho nada! Só tenho vontade de consertar relógio! Sou doente, doente não, apaixonado por relógio! As pessoas vêm aqui e perguntam: "Seu [Jonas] quantos anos o senhor tem?" Isso é porque eu conserto relógio, se eu trabalhasse na roça, seria diferente [risos] (JONAS, 71 anos).

Nessa idade, 71 anos. Graças a Deus não tenho nada. Não tenho nenhuma doença. Então, eu na minha idade, jamais eu largo o meu relógio! A loja tá tudo legalizada. Minha visão é essa aí. E quero continuar, se Deus quiser! Não tenho porque não continuar, porque se eu gosto de alguma coisa, né? Se é o que me satisfaz (JONAS, 71 anos).

Existem casos em que o trabalho não apenas minimiza a percepção do envelhecimento como também retarda seu processo (CEPELLOS e TONELLI, 2017). Por outro lado, a aposentadoria pode representar um indicador do processo de envelhecimento, uma vez que ela significa doença, morte e pesadelo (CEPELLOS e TONELLI, 2017b). Alcântara (2004), Nascimento *et al.* (2016) e Tavares (2015) percebem o rompimento com o trabalho produtivo como uma mudança brusca na vida dos sujeitos. Da mesma forma que Jonas atribui sua condição física à atividade desenvolvida, ele entende que o desligamento do trabalho pode acarretar decadência física, doenças e até a morte. O embasamento para esta visão está no exemplo de pessoas conhecidas. O entrevistado relata o que tem presenciado:

Eu vejo muito triste. Pessoas que se aposentam e se atiram num canto. Se atira! Principalmente, vamos imaginar numa área bastante conhecida, metalúrgicos. Eu já vi aqui muita gente aposentada. Não dura assim... Infelizmente, daqui a pouco mais desaba, já fica todo triste, e geralmente não duram três, quatro anos, aposentado. É o que a gente vê aqui. Então, o que que ele faz? Fica assim sem fazer nada. Não sabe fazer outra coisa a não ser aquilo ali, aí não faz mais, acaba ou bebendo ou numa cancha de bocha jogando. É mais ou menos por aí. Vamos falar 80% acabou o homem! Eu penso assim. Isso que eu tenho visto. Tenho notado muito pessoas que passam aqui, se aposentado, passa aqui caminhando todo errado, todo torto, com hérnias, com outras coisas, coisas assim, é comum. Numa cadeira de rodas, numa muleta. Porque coitado... Coitado não, mas trabalhou, esqueceu de fazer o que ele gostaria, se aposentar no que gosta, o que que acontece? Acontece isso aí! Então, eu não penso pra mim isso aí! Eu tenho saúde, eu tenho tudo! (JONAS, 71 anos).

A percepção de Jonas, a respeito da aposentadoria, corrobora os achados de Souza e Lautert (2008). As autoras afirmam: “Pode-se considerar, ainda, que a aposentadoria e o excesso de tempo livre, para muitas pessoas, são situações que diminuem a satisfação pela vida e dispõem a saúde a uma maior vulnerabilidade.” (SOUZA e LAUTERT, 2008, p. 375).

Em diferentes momentos de sua narrativa, Jonas retoma a representação do trabalho como um dom. Nas falas a seguir, o entrevistado compara relojoaria e música. “Aí tem outro dom também, porque eu também sou músico. Relógios e música são meio parecidos. [...] Então, quer dizer que relojoeiros e músicos estão muito paralelos. Como eu sou músico também, então eu acho” (JONAS, 71 anos).

É um dom! É um dom! É uma arte! Relojoeiro é uma arte. Porque não adianta assim, é que nem o músico, nós temos uma parte relojoeiro e músico. Se eu pego meu filho e dou um acordeom, dou um violão, e digo: vai tocar. Se não tiver aquele dom, larga num canto e não toca. E o relógio é a mesma coisa. Se não tiver o dom... O meu filho chegou a trabalhar comigo aqui, mas não funcionou. Tá desempregado, vem aqui, me ajuda em alguma coisinha, mas não funciona! Quem não é do meio... Têm pessoas que já vem desde berço. Como eu falei, com 14 anos eu já mexia com relógio. Então, são coisas assim, é uma arte! Totalmente diferenciado. Tem uns que querem ser médico e são. Outros querem ser dentista e são. E o relojoeiro, se ele quiser mesmo, ele vai ser. Ele vai brigar por isso. Com 14 anos, como eu te falei, eu já consertava relógio com a minha vó. Lá pra fora! Que não existia isso aí! Então, é um dom que eu tenho! (JONAS, 71 anos).

A idade – 14 anos – e o contexto – rural – são frequentemente ressaltados pelo entrevistado como forma de evidenciar a existência do dom. Ao tratar sobre a família, a representação social do trabalho volta a permear as falas do entrevistado. Ao relatar que o filho “não pendeu pra relojoaria” ou que o sobrinho “saiu relojoeiro”,



Jonas associa o dom a algo que pode ser herdado. Ele mesmo teria herdado o dom da relojoaria de um tio e o dom para a música de sua mãe.

Eu tenho um casal de filhos. A minha filha é professora. O meu filho não pendeu pra relojoaria. A minha família é muito grande. Eu tenho um sobrinho que eu falei pra ti lá de Torres que foi o único que saiu relojoeiro. Eu dei curso pra ele em 93. Ele se aproveitou e saiu. E tá muito bem. Esse já era meio parecido comigo. Porque ele já era meio novo quando morava lá fora, meio curioso, já tinha vocação. Diz a minha mãe finada que ela tinha um tio que era ourives e relojoeiro. Ela falou que eu herdei isso dele. Pode ser. Ele era Uruguaio. Ele tinha esse dom, né? E da parte musical, eu vim por parte da minha mãe também. Porque ela também tocava harmônica. Ela era do lar. Do campo, né? (JONAS, 71 anos).

O entrevistado entende ainda que a curiosidade seria uma característica daquele que teria a verdadeira vocação para a relojoaria. Isso se torna evidente nos excertos em que descreve a si mesmo e ao sobrinho. Segundo ele, embora muitos trabalhem com relógios – pois o advento dos relógios chineses abriu portas para muitos profissionais –, poucos são de fato relojoeiros.

Eu peguei na primeira geração e hoje nós estamos na quinta geração. Quando eu peguei o relógio era na primeira geração. Era relógio de parede, cuco aqueles antigos, relógio assim, despertador desse tamanho, eles vinham da Alemanha. Aí foi indo, foi indo. Hoje nós estamos na quinta geração que é esses relógios chinesinhos que tão por aí. Da China, né? Descartável. Ali não precisa ser muito relojoeiro, porque só troca peça. O relojoeiro mesmo conserta! Agora o trocador de peça é outra coisa [risos]. Mas é um profissional também (JONAS, 71 anos).

Além da atividade com relógios, o entrevistado dedica seu tempo à música. “Eu toco a gaita harmônica, chamam de gaita de boca, mas não é gaita de boca, é gaita harmônica!” (JONAS, 71 anos). A representação do trabalho como um dom encontra-se ancorada em sua experiência como músico e na própria história de construção do seu instrumento. Jonas explica:

Eu toco harmônica, uma coisa que ninguém toca aqui. Nem conhece o que que é isso. O instrumento que tem toda a história dele há cinco mil anos na China. A primeira harmônica que fizeram... Há cinco mil anos, na dinastia Chinesa, eles fizeram uma flautinha de bambu, e aí entra também uns relojoeiros nessa época, pra fazer a palheta que é onde faz o zumbido da música. E eles botaram aquilo ali e deu som. A partir dali, o imperador chinês determinou que queria que fizesse... Ele determinou que os peão dele, não era peão, eu esqueço o nome, não tô com o livro agora, que pra fazer esse instrumento e daí se conseguiu. Essa é uma parte musical da coisa. Tudo veio da China ou quase tudo, inclusive o relógio. Então, o

primeiro relojoeiro que eu soube que tinha feito pela China uma palhetinha (JONAS, 71 anos).

O envolvimento de Jonas com a música propicia a realização de outras atividades. Durante sua narrativa, ele fez menção à importância, para os idosos, das atividades externas ao trabalho, como exemplificou ao falar dos metalúrgicos e como relata a respeito de si.

Nós participamos de muita coisa. Eu participo dentro do Estado também, nessa parte musical, com apresentações. Nós temos um dos grandes MTG<sup>34</sup>, eu sou credenciado pelo MTG. É o que comanda a gauchada toda do Rio Grande do Sul. [...] Dentro disso aqui, nós temos os nossos encontros dentro da região. A gente se encontra e em Santa Cruz tem um dos maiores eventos do mundo. Ali são mais de 300 mil pessoas que vai no nosso evento. Não pra concorrer, mas visitantes. Já tá uma coisa muito grande. E nisso aí nós participamos junto. Cada músico faz uma participação. [...] Em 2002 eu peguei o terceiro lugar no Estado. Todos os anos eu vou (JONAS, 71 anos).

[...] Hoje nós temos também, clube literário. Literaturas. Junto com os gaúchos. É uma parte muito bonita. Mário Quintana e grandes poetas. Então, nós temos essa parte também. [...] Nós nos encontramos de 6 a 8, um de harmônica, outro faz violão, outro faz... E misturamos Mário Quintana junto. Nós estamos integrados nessa parte. Essa coisa da arte e da cultura é muito forte. Pra mim é. E faz tempo que eu participo, né? [...] Nessas alturas, eu sou o único. Na grande Porto Alegre ninguém faz o que eu faço, musical, e no ramo [relojoaria] não dá nem pra pensar [risos] (JONAS, 71 anos).

“Então, eu tenho uma vida muito gostosa, uma vida... A minha esposa é uma pessoa que não participa de nada comigo assim. Mas a minha parte é muito gostosa. Só amizade, né?” (JONAS, 71 anos). O Quadro 6 apresenta as representações sociais do entrevistado a respeito do trabalho e envelhecimento.

---

<sup>34</sup> Movimento Tradicionalista Gaúcho.

	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INDICADORES
TRABALHO	DOM	Apoio da avó; Manutenção do vínculo com a relojoaria; Aprendizado prático; Mudanças de tecnologia; Satisfação pelo trabalho; Autorreconhecimento como relojoeiro mediante formalização da profissão; Aperfeiçoamento; Transmissão do conhecimento técnico; Títulos; Referência para outros profissionais da área; Especificidade do trabalho; Associação entre relojoaria e música; Características do artista relojoeiro; Unicidade do instrumento musical.
ENVELHECIMENTO	APOSENTADORIA	Manutenção do vínculo com o trabalho após aposentadoria; Implicações do rompimento com o trabalho; Sinônimo de decadência física e doenças; Não trabalho como sinônimo de morte; Necessidade de preparação para aposentadoria.
	SAUDÁVEL	Realização das atividades profissionais enquanto for possível; Doença como único impeditivo à realização do trabalho; Ausência de doenças e boas condições de saúde; Trabalho como produto e produtor de saúde; Participação em atividades culturais; Importância das atividades externas ao trabalho.

**Quadro 6 - As representações sociais de Jonas sobre trabalho e envelhecimento**

A representação social do trabalho como um dom foi elaborada por Jonas na adolescência e se manteve imutável ao longo de sua vida. Durante sua trajetória de vida pessoal e profissional, algumas pessoas contribuíram para o reforço desta representação, a exemplo da mãe – que afirmava ao entrevistado que ele havia herdado do tio o dom de trabalhar com relógios – e do professor do curso de relojoaria – quando lhe presenteou com o poema “O artista esquecido”. O fato de ter dom para a música, mais ainda, a unicidade do instrumento por ele tocado, é outro elemento que reforça para Jonas sua auto representação como artista.

Sendo o relógio o objeto de sua arte, Jonas declara-se apaixonado pela relojoaria e, mesmo aposentado, segue trabalhando. A justificativa para a manutenção da atividade produtiva encontra-se na satisfação que sente pelo que

faz. Além disso, o trabalho, em sua opinião, é ao mesmo tempo produto e produtor de saúde. Já a ausência de trabalho significaria, para o entrevistado, a morte. Esta representação encontra-se ancorada nos casos que têm presenciado.

Além do trabalho produtivo, o entrevistado dedica-se a outras atividades, em sua maioria, culturais. O caso de Jonas exemplifica o pressuposto de Rosa, Barroso e Louvison (2013), Torelly (2010) e WHO (2005) que acreditam que a forma como as pessoas mais velhas continuam a participar ativamente nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, independente de terem encerrado ou não suas atividades laborais, determina o nível de sua qualidade de vida.

## 8.6 FRANCISCO, GEÓLOGO: O TRABALHO COMO OBRIGAÇÃO

*O trabalho pra mim era um prazer. [...] Aqui eu tô fazendo... Completando tempo de serviço.*

*(FRANCISCO, GEÓLOGO)*

### 8.6.1 Biografia resumida do entrevistado

Francisco, geólogo, solteiro, nasceu na cidade de Caxias do Sul – RS, no ano de 1947. Filho de pai mecânico e mãe professora primária, viveu a infância em Galápolis – distrito de Caxias do Sul. Quando concluiu o quinto ano, a família retornou para Caxias do Sul para que ele pudesse prosseguir os estudos.

Após a mudança, a família começou a trabalhar com compra e venda de farinha. Francisco auxiliava no ensaque – atividade realizada no porão de casa. Aos 14 anos, começou a atender no balcão da padaria da família. Em 1969, mudou-se para Porto Alegre para cursar a faculdade de Física em uma universidade pública.

Durante a graduação, deu aulas particulares de Física e Matemática e dedicou um ano ao estudo do idioma russo. Foi contemplado com uma bolsa para estudar Geologia na Rússia, onde permaneceu por nove meses. Da Rússia partiu para a Suécia – onde trabalhou como lavador de pratos e garçom – e da Suécia para a França.

Após cursar um ano de Geologia na França, por falta de recursos financeiros, decidiu retornar para o Brasil e continuar o curso de Física. De volta ao País de

origem, enquanto se preparava para prestar novo vestibular para o curso de Geologia, cursou disciplinas na área. Em 1976, ingressou no curso de Geologia na mesma universidade e, posteriormente, no Diretório Acadêmico.

Mestre em Geologia, Francisco atuou por 23 anos como docente na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – função na qual é aposentado. Em 1983, foi admitido na universidade de sua formação para o cargo de geólogo e durante 15 anos trabalhou com pesquisa na área da Geologia.

Atualmente Francisco exerce a função de síndico do prédio onde reside em Porto Alegre e trabalha em um setor administrativo da Universidade, enquanto aguarda o cumprimento do prazo legal para a aposentadoria por tempo de serviço.

### **8.6.2 As representações sociais de Francisco e sua relação com o trabalho**

A narrativa de Francisco – após breve apresentação – iniciou pela história de sua família. Mais detalhadamente pela história de seu pai. Segundo relata, tratava-se de um homem simples, sem estudo, nascido em Fazenda Souza – RS, que perdeu o pai aos três anos de idade e a mãe aos 12, e que desde muito cedo começou a trabalhar.

Ele saiu com essa idade tocando carro de boi e fazendo trabalho de campo até ele conseguir se mudar pra Galópolis, onde ele começou a trabalhar num açougue. [...] Depois ele conheceu a minha mãe. Minha mãe dava aula no colégio primário. Desses de interior de ir a cavalo. Aí eles se conheceram, casaram e foram morar ali. [...] Depois a minha mãe abdicou de dar aula pra nos cuidar. Inclusive ensinou meu pai a ler, a escrever, junto com nós ali (FRANCISCO, 69 anos).

Ele se tornou sócio de uma oficina. Começou a trabalhar. Nunca tinha trabalhado com mecânica. Mas ele sempre foi muito... Ele tinha um dom, se é que a gente pode dizer assim, pra comércio, pra negócio, pra tudo, então ele sempre... Mesmo não sabendo, quando ele tomava conta, ele se tornava ou procurava ser sempre o melhor (FRANCISCO, 69 anos).

Em seu relato, Francisco recorda da infância vivida em Galópolis. Dos problemas de saúde da irmã e das dificuldades financeiras. Na época, nas duas únicas escolas que havia em Galópolis, era possível estudar apenas até o quinto ano primário. Por esta razão, a família mudou-se para Caxias do Sul. “Quando

terminei o primário, não tinha mais como continuar e meu pai, sempre pensando no melhor pra gente, se mudou pra Caxias. Largamos tudo e fomos morar numa casa alugada dos meus avós em Caxias” (FRANCISCO, 69 anos).

Aí fomos pra li. Meu pai... O que que vai fazer? Não tinha nada! Ele começou... Comprou uma caminhonete. Tinha um carrinho, vendeu, comprou uma caminhonete e começou a vender farinha. Comprávamos farinha e no porão da casa eu ajudava, minha irmã, todos, ensacávamos e íamos vender na redondeza. Até Novo Hamburgo a gente vinha. Ele conseguiu montar de sócio daí uma padaria. Aí começou a fazer pães. Eu comecei a atender no balcão com 14 anos. Tanto é que eu poderia já estar aposentado, eu não tinha carteira, nada. Naquela época não tinha. Eu estudava e ajudava ali (FRANCISCO, 69 anos).

Pelo excerto acima apresentado, percebe-se que a relação de Francisco com o trabalho teve início ainda na infância – a partir da mudança da família para Caxias. Até os 18 anos, quando partiu para Porto Alegre para estudar, sua história laboral mesclava-se com a história de trabalho de seu pai e, por conseguinte, de sua família. Primeiro envolvido com ensaque e venda de farinha, depois com o atendimento da padaria.

Fiquei até os 18 anos ali e depois eu vim pra Porto Alegre. Vim pra Porto Alegre pra estudar aqui. Fazer o primeiro curso. Eu ainda não tava, não fui pra Geologia. Eu vim pra cá e fiz vestibular na Física e eu entrei na Física. Comecei a estudar aqui e me mantinha dando aula particular de Física e Matemática e meus pais também me mandavam algum dinheiro (FRANCISCO, 69 anos).

Ainda em Caxias, Francisco já fomentava a ideia de ir embora. Queria sair do Brasil. Inicialmente, tentou obter uma bolsa junto ao Consulado Mexicano, todavia não obteve sucesso.

Eu tava ainda trabalhando em Caxias, antes de vir, eu tinha um amigo que estudava aqui na Geologia e a gente conversava muito e eu queria ir embora. Tinha um consulado do México na época. Eu me inscrevi pra ver se conseguia uma bolsa... Eu queria ir embora. Eu não consegui (FRANCISCO, 69 anos).

Por intermédio de um amigo, tomou conhecimento a respeito de outra oportunidade. Desta vez para estudar na Rússia.

E esse [...], ele me avisou: “Tem um curso de russo lá em Porto Alegre, quem sabe tu faz? No fim do ano, eles fazem concursos e tem bolsas”. Eu vou fazer! Não falei nada pra ninguém. Estudei um ano de russo. Aí fiz a prova e tinha duas bolsas garantidas. O exame era feito aqui, no Rio e em São Paulo. As bolsas garantidas eram pra quem fosse melhor no idioma russo e quem fosse melhor nas provas em geral que era física, química, matemática, conhecimentos, essas coisas de vestibular. Eu tirei primeiro lugar. Tanto no geral e no russo eu tirei dez na prova escrita e oral. Então, eu fui contemplado! (FRANCISCO, 69 anos).

Aí fui falar com meus pais que tava indo embora. Não foi agradável. Eles não queriam que eu fosse. Mas eu tava indo pra sair, pra fazer um curso, pra buscar um espaço pra mim, construído por mim. Aí eu acabei indo pra lá. Primeira viagem internacional, falando parcamente inglês e um pouquinho de francês. Eu fui pra lá já pra estudar Geologia (FRANCISCO, 69 anos).

A busca por estudar fora do Brasil refletia o desejo de Francisco de construir a própria história. A mudança de País e de curso, nas palavras do entrevistado, lhe proporcionou “um aprendizado de vida muito interessante” (FRANCISCO, 69 anos). Após nove meses de estada na Rússia, juntamente com mais três amigos, Francisco partiu para a Suécia em busca de trabalho.

Saí de lá e fui pra Suécia. Nós fomos em quatro. Pegamos um trem, fomos até a Finlândia e depois fomos pra Suécia porque na Suécia os estudantes, nas férias, tinham a possibilidade de trabalhar. Tu tem que ter uma permissão da Polícia e tu pode trabalhar três meses. Não paga imposto e ganha um bom dinheiro pra te manter se tu quer estudar no local (FRANCISCO, 69 anos).

Durante os três meses em que permaneceu na Suécia, Francisco – na época com 20 anos –, trabalhou como lavador de pratos e como garçom. Depois partiu para a França a fim de cursar Geologia. No entanto, antes que se iniciassem os estudos, trabalhou, por um curto período, como safrista na coleta de uvas.

Nesse meio tempo, antes de começar a aula, no jornal saiu que no Sul da França, na época da colheita da uva, eles chamam as pessoas, ou seja, terceirizam pra coleta, principalmente estudantes. Vão pra lá, ficam uns quinze dias, ajudam a colher, ganham um dinheiro. Aí me inscrevi, peguei o trem e fui pra lá, em Dijon. Aí trabalhei. Trabalhei ali quinze dias, ganhei mais um dinheirinho, foi bem interessante! Aí voltei pra Paris e comecei (FRANCISCO, 69 anos).

Após um ano de estudos na França, por falta de recursos financeiros, decidiu voltar ao Brasil e ao curso de Física. “Eu digo: O que que eu vou fazer? Ficar aqui na

Europa por ficar, só pra dizer que eu tô aqui? Não. Eu vou voltar pro Brasil e fazer meu curso” (FRANCISCO, 69 anos). Ao todo, Francisco permaneceu o período de dois anos e meio no Exterior. “Voltei pra Física e comecei a fazer algumas cadeiras como curso dois na Geologia e me preparei. Fiz o vestibular e entrei na Geologia. Na Geologia já fui pro Diretório Acadêmico, comecei a participar e a minha vida começou a ser nesse sentido” (FRANCISCO, 69 anos).

Além da graduação em Geologia, o entrevistado concluiu o Mestrado na mesma área. Após duas tentativas de admissão em concursos para professor na instituição de sua formação, Francisco aceitou o convite para lecionar uma disciplina no curso de Engenharia Agrícola da ULBRA<sup>35</sup>.

Daí uma amiga minha que eu conhecia, que se formou na Geografia, até já faleceu, ela foi convidada pra dar aula de Aerofotogrametria na ULBRA no curso de Engenharia Agrícola, e ela não se achou capaz. Não era a área dela. “Tu não gostaria de...” Olha, não é a minha área, mas eu conheço, tive a cadeira tudo... Eu vou! E aí eu fui. Montei todo o curso, consegui, comprei as fotos. Montei todo. Ficou muito legal! E daí fui ficando ali na Ulbra (FRANCISCO, 69 anos).

Na ULBRA fui ampliando, eu fui ajudando a montar o curso de Geografia, fui dando Geologia na Geografia, na Química, em vários cursos. Montamos um museu lá. Escrevemos livro lá. Tudo. Eles nos deram bastante espaço. [...] Fiquei 23 anos lá na ULBRA dando aula. Eu saía daqui e dava aula à noite lá. No sábado de manhã e de tarde (FRANCISCO, 69 anos).

“Os concursos quando eu não passei, me magoou bastante, mas vou ficar o tempo inteiro aqui chorando? Não! Aqui não me querem? Tchou, amor! Eu vou onde me querem. E eu vou dar o que eu posso dar onde me querem.” (FRANCISCO, 69 anos). Francisco dedicou-se ao ensino por 23 anos. Os relatos sobre esta etapa de sua vida são carregados de orgulho.

Então isso aí pra mim também foi muito gratificante. Fui homenageado, muitas vezes paraninfo, mesmo sendo uns dos primeiros, ser lembrado lá no fim... Acho que era muito a minha filosofia de proceder e tudo mais que eu tentei passar pra eles. Acima de tudo que ninguém ensina ninguém (FRANCISCO, 69 anos).

[...] Consegui formar gente que hoje fez mestrado e tá fazendo doutorado. Alguns tão aqui na [...] de vários cursos. É uma coisa muito agradável pra quem trabalha. Tu ver um aluno teu indo além de ti e aproveitando a

---

<sup>35</sup> Universidade Luterana do Brasil.



oportunidade, aquela pequena semente que a gente semeou. Alguns vieram pra Geologia. Mudaram até de curso, pelo entusiasmo... Eu sempre fui muito entusiasmado pra dar aula (FRANCISCO, 69 anos).

De acordo com Cepellos (2016) e Cepellos e Tonelli (2017b), além da motivação financeira, a paixão pela atividade profissional pode atribuir ao trabalho uma posição de centralidade. No excerto a seguir é possível identificar a importância que o entrevistado atribuía a esta atividade.

Pra te dizer a verdade, dos 23 anos, eu faltei um dia que foi o dia que minha mãe faleceu. Um único dia. Mesmo operado, porque eu me operei de hérnia, ia dar aula e dava aula de lado. Fui pra campo sentar ajoelhado no banco. Por que não sei. Isso tá em mim. Sempre foi muito prazeroso até que eu acabei me aposentando dessa parte (FRANCISCO, 69 anos).

Paralelamente à atividade de ensino, o entrevistado também se dedicou à pesquisa. Em 1983, foi admitido como geólogo na universidade de sua formação. Este período – que compreendeu 15 anos –, também é descrito por Francisco como “prazeroso”. Seu relato, permeado por informações técnicas e detalhes, reflete o entusiasmo que sente ao contar sobre suas experiências e conquistas. No excerto a seguir, apresenta-se um pálido exemplo.

E na [...], foi muito prazeroso também. Eu dei a felicidade de entrar no [...]. No [...] eles tinham uma área de Geologia Marinha e uma área de Geologia Costeira. Trabalhávamos junto, mas um trabalhava na parte marinha, coleta de dados em alto mar, tanto é que eu fui pra Antártica num projeto. Fui duas vezes pra Antártica. Fiquei 42 dias numa ilha, enfim, toda uma história ali também e a outra parte que era costeira que não tinha nada em termos de Geologia. Não é que não tinha nada... Tinha, mas era muito pouco o conhecimento da Geologia na parte costeira. De Torres ao Chuí. Trabalhei ali 15 anos, coletando e fazendo toda uma proposta de devolução, ou seja, uma paleogeografia, a evolução dessa nossa planície costeira pensando em tempos pretéritos, ou seja, quando nós tínhamos uma costa idêntica à Santa Catarina, com todas aquelas enseadas. Não tinha aquela barreira formando. Não existia Laguna dos Patos, nem Lagoa Mirim, nem nada, né. Então a gente começou a estudar com fotografias aéreas, examinar, ver as feições, ir a campo, coletar e começar a formar toda uma teoria com todo um grupo nosso. E foi se formando toda a proposta, a primeira e inédita no Brasil a tal ponto que o pessoal começou a vir pra cá pra estudar, não só no Brasil, mas da América Latina toda vim estudar conosco. [...] Aí eu fiquei ali trabalhando, fizemos um mapa todo da evolução, apresentamos, até hoje ele é válido [...] Em quinze anos a gente fez um trabalho inédito no Brasil. [...] Eu gostava muito do que eu fazia. Às vezes toda a semana passava no campo, vinha no final de semana e fazia os mapas e tinha um grupo todo, quase que uma família (FRANCISCO, 69 anos).

Francisco dedicou sua vida ao ensino e a pesquisa em Geologia. “Esse foi um prazer que eu sempre tive de trabalhar, de pesquisar” (FRANCISCO, 69 anos). O trabalho para ele era tão importante que inclusive as viagens de férias eram vistas como oportunidades para ampliar seus conhecimentos, coletar amostras que pudessem ser úteis em suas aulas. “Depois que eu comecei a viajar, todos os anos eu viajo” (FRANCISCO, 69 anos). “Eu viajava muito sempre tentando contemplar o lado turístico, mas também o lado da Geologia. Até pra trazer pros alunos. Eu sempre trazia amostras. A bagagem de mão vinha com 15 quilos e não podia. Hoje em dia tão pesando até essa” (FRANCISCO, 69 anos). Havia um forte imbricamento entre vida pessoal e laboral. “Passei minha vida aqui e ali trabalhando...” (FRANCISCO, 69 anos).

Todavia, a relação de Francisco com o trabalho, passou por alterações. Aposentado da sala de aula, a despeito dos convites recebidos e do gosto por lecionar, optou por não retornar.

Eu fui convidado pra retornar várias vezes, mas eu não quis mais. [...] Eu digo não, eu não vou querer mais, vou ficar por aqui. Me convidaram pra dar aula por aqui também. Tenho amigos que tem outra universidade por aqui, mas eu não quis mais. Já foi e tal. Gosto e tudo, mas... Até um pouco pra aproveitar também, porque eu sacrificava muito todas as noites, então, tinha que abdicar bastante de um outro lado e com a idade eu também quero usufruir dessa... Poder compartilhar com as pessoas, de sair, de amigos, de jantar, de ir no cinema, dormir mais cedo ou não dormir, não ficar sempre naquela coisa de chegar em casa meia noite e no outro dia... (FRANCISCO, 69 anos).

Apesar do prazer que sentia pelo trabalho realizado, Francisco admite ter abdicado de sua vida pessoal em prol do trabalho. A rejeição de convites para continuar lecionando foi uma forma de recuperar sua liberdade. Atualmente também afastado de suas atividades de pesquisa – com o término do projeto no qual estava envolvido, ele foi convidado a trabalhar em um setor administrativo da Universidade –, o entrevistado declara:

Tô aqui agora... Como eu não tinha carteira assinada desde os 14 anos e tudo, se eu quisesse me aposentar, se eu quisesse utilizar esse trabalho privado, trazer pra cá, eu teria que fazer o recolhimento desse dinheiro todo. Então, não compensa. Casualmente eu vim pra cá agora porque o [...] me convidou. Porque na realidade, esse tipo de trabalho que eu faço agora, ele não condiz com a minha formação. Ele pode ser feito, mas não é o que eu fazia antes, essa parte administrativa. Até fazia dentro de um projeto, coisa assim, mas não isso (FRANCISCO, 69 anos).

Mas que isso aqui não seria a minha meta... nunca! Minha meta era lá [pesquisa] e aula. Aqui eu tô fazendo... Completando tempo de serviço. Mais ou menos assim. Claro que tentando fazer o melhor possível e muitas coisas eu fui aprendendo e tô aprendendo ainda, porque nunca tinha lidado com essa parte. Então, é isso! (FRANCISCO, 69 anos).

O trabalho administrativo tem sido encarado por Francisco de forma bastante pragmática. Está “completando tempo de serviço”. Habitado a atividades de ensino e pesquisa, Francisco não sente o mesmo prazer no trabalho atualmente realizado. Por esta razão, tem buscado preencher essa lacuna de outras formas.

Então... Eu venho pra cá, faço o meu melhor, não me causa nenhum problema... Também não é aquela maravilha que eu queria, mas não é uma coisa que eu não goste. É mais completando tempo de serviço. [...] Claro, lá no outro eu me achava muito mais produtivo em termos de... Sei lá... Até intelectualmente. Com certeza, muito mais, na aula e na pesquisa, aqui é muito menos! Mas aí eu compenso com outras coisas. Com leitura, com cinema, com outras partes. [...] Continuando minha vida cultural que quando eu dava aula foi bastante castradinha, porque eu não tinha muito espaço pra isso, pra essas atividades. Agora eu tenho (FRANCISCO, 69 anos).

A incorporação de mudanças gradativas na rotina pode representar uma forma de mitigar o sofrimento resultante de uma dissociação da atividade profissional (CEPELLOS e TONELLI, 2017b). Com uma menor carga de trabalho, a vida pessoal do entrevistado vem reassumindo o protagonismo. Ao mesmo tempo em que preenche a lacuna deixada pelo trabalho antes realizado, Francisco tem descoberto outras possibilidades e vivenciado experiências que não puderam ser realizadas durante o tempo em que se dedicava exclusivamente ao trabalho.

Fora do trabalho, eu tenho meu relacionamento que é muito maior fora do que dentro do trabalho. Eu gosto de ir ao cinema, eu gosto de ir ao teatro, gosto de sair pra jantar e convivo com várias pessoas. E viajo bastante. Seja viagens aqui perto ou longa, com amigos ou sozinho, mas geralmente com amigos. Tento levar a vida assim (FRANCISCO, 69 anos).

Em pesquisa realizada por Post *et al.* (2013), a satisfação com o trabalho foi proeminentemente apontada como fator decisivo para decisões sobre aposentadoria. Francisco tem planos de se desvincular do trabalho administrativo tão logo complete o tempo de serviço necessário para a aposentadoria. “Ele [o trabalho] é importante na medida em que eu ocupo uma parte do meu dia com ele”

(FRANCISCO, 69 anos). Após a aposentadoria, o entrevistado intenciona dedicar-se a outras atividades.

Eu tenho ideias de continuar, mesmo depois, fazendo outras atividades. Talvez vá pro interior, comprar um sítio ou alguma coisa assim. Alguma cidade também, ajudar na biblioteca da cidade ou nas escolas e montar algumas coisas. Eu tenho bastante material. [...] Eu tenho uma biblioteca muito grande. Eu tenho muito material que eu vou querer dar, repassar. [...] Porque eu não vou depender monetariamente. [...] Tô com umas ideias assim [riso tímido] (FRANCISCO, 69 anos).

Ao expor suas ideias para a fase pós-aposentadoria, Francisco apresenta conformidade com o exposto pelas autoras Cepellos e Tonelli (2017b), Debert (1999) e Nunes (2010) que entendem que as etapas mais avançadas da vida são momentos propícios para novas conquistas, para a busca do prazer e da satisfação pessoal e para produção intelectual. Um tempo para voltar-se a si, um renascimento (CEPELLOS e TONELLI, 2017b).

“Quando eu terminar eu tenho planos e projetos pra continuar trabalhando. Não quero botar um pijama e ficar em casa. Eu não sou desse tipo!” (FRANCISCO, 69 anos). Na sequência de sua explanação, Francisco explica:

Eu me sinto mentalmente mais jovem do que eu tô. Pelo fato de acompanhar sempre e tá em atividade e com pessoas, e acompanhando todo o desenvolvimento da vida, então a gente vai se atualizando, às vezes não completamente, e não assimilando totalmente algumas mudanças que entra em choque, mas aprende também a aceitar e contemporizar algumas. E fisicamente também. Eu me sinto, pelo fato de eu sair muito a campo e caminhar, eu ainda me sinto bastante bem. [...] Eu me sinto bem. Acho que pela minha idade, claro que a gente nunca sabe o que vem amanhã, mas se vier... Me sinto bem [risos] (FRANCISCO, 69 anos).

Mesmo na Geologia... O fato de eu ter um preparo físico bom, os alunos de 20 anos, de 22, ficavam lá em baixo e eu tava lá em cima do morro já esperando. Então, a minha atividade... E eu tenho uma resistência, tanto é que eu fiz uma cirurgia de hérnia, eu fui dar aula, eu tive que contratar um micro-ônibus, porque eu não conseguia entrar em carro, e no micro dava porque daí tu bota esse pé pra cima e puxa. Então, fui, dava aula sentado assim. E fui pro campo com eles. Eu não podia sentar no banco, fiquei ajoelhado no banco assim e fui pro campo bem. Operei em um feriado. Aproveitei. Fiquei fim de semana, sexta, sábado e domingo, segunda fui dar aula. Não tirei nem licença pra nada. Então, eu tenho uma certa resistência física nesse sentido. Talvez alguns trabalhos da Antártica ter feito numa idade mais jovem, hoje em dia não sei se daria pra fazer. Fisicamente eu acho que sim, mas talvez tivesse alguma limitação. [...] Às vezes pelo contrário, tenho que pensar, calma que tu não tem mais 40. Calma! Nem 50. Já passou bastante disso aí! Aí eu reduzo o ritmo. Porque a cabeça vai, mas o corpo também tem que... (FRANCISCO, 69 anos).

Ao tratar sobre a forma como se sente física e mentalmente, Francisco adentra no tema do envelhecimento e expõe sua visão sobre o processo de envelhecimento da população em geral.

Eu vejo bastante triste no Brasil. Eu não vejo legal. Principalmente pela situação do País. Quando o velho... Já culturalmente, a família... O velho é descartado praticamente. Ou se não é descartado, ele é usado na medida em que possa contribuir economicamente pra família. Então, falta respeito, falta uma série de coisas. Isso falando genérico. E acho triste porque a maioria ganha um salário mínimo, não consegue nem pagar às vezes seu medicamento. A estrutura toda é contra, no sentido de mobilidade, de acessibilidade, de coisas que possam beneficiar. Ainda quando tu tens uma situação econômica boa, eu acho que tu consegue. Tem coisas que podem ser oferecidas, mas é pra uma minoria. Ah! O cinema é menos. Mas a maioria não tem nem possibilidade de ir num cinema, num teatro, seja o que for, num restaurante então! Espero que no futuro melhore, mas não vejo com bons olhos a coisa da maneira como tá indo pro velho. O desrespeito em tudo. Não tem. Os jovens mesmo, essa cultura, não tem a cultura de amparar o velho, de cuidar do velho, de respeitar a sabedoria dele (FRANCISCO, 69 anos).

Apesar dos dados demográficos apontarem em outra direção, culturalmente o Brasil ainda se vê como um país de jovens (CEPELLOS e TONELLI, 2017b). Vive-se em uma sociedade que idolatra a juventude e na qual os velhos são geralmente ignorados (VIORST, 2008). Quando questionado se já teria enfrentado uma situação de desrespeito em função de sua idade, Francisco é incisivo:

Eu não sofro porque eu me defendo! Eu não deixo! Eu ainda consigo dar um cotovelo se precisa dar! E interiro também! Muitas vezes em ônibus! Eu não sento. Eu não procuro usar, por exemplo, a fila do idoso. Uso, já usei, às vezes uso. Mas às vezes eu não uso. Pô, eu tô bem aqui e tal. Aí acabo não usando. Mas eu vejo no ônibus, várias vezes. Às vezes sentam pessoas e não dão bola. Aí eu chamo. Até pro cobrador. Providência! A pessoa aqui! Ou eu se tô sentado acabo dando o meu lugar e senta. Então, pequenos detalhes. Pra subir num ônibus, descer, as pessoas não tem paciência não tem nada. É o velho! Ele é mais lento, é tudo, é tudo. Claro que tem pessoas que envelheceram e foram ruins a vida inteira e continuam! Não quer dizer que todo velho é bonzinho! Coitadinho! Não! Mas eu não sinto isso... Talvez pela minha postura. Eu sou mais carrancudo talvez, então afasta um pouco (FRANCISCO, 69 anos).

Sobre a afirmação “não quer dizer que todo velho é bonzinho” (FRANCISCO, 69 anos), Viorst (2008) explica que a experiência diária tem revelado, cada vez com maior clareza, que os velhos tornam-se aquilo que foram. A maneira como cada

indivíduo envelhece – com auto piedade, com amargura ou galantemente – em grande parte, é construído muito antes.

Interessante perceber, no exemplo de Francisco, como a representação social influencia no comportamento dos indivíduos. A forma como o entrevistado percebe o envelhecimento – e uma vez que não deseja para si a mesma condição –, o conduziu por um caminho de preparação para o fim de sua vida, como evidencia o relato a seguir:

Eu quero envelhecer dignamente. Continuar fazendo as coisas, como sempre fiz, dentro do que eu posso fazer agora. Tenho alguns planos ainda. E até chegar a minha hora... E isso eu me preparei também, estou preparado, pra não dar serviço pra ninguém. Eu tenho todos os planos direitinho de aposentadoria complementar. Tenho tudo, tudo certinho que pelo menos meu kit de sobrevivência dos remédios eu vou poder pagar, se precisar uma clínica, seja o que for, de não precisar depender economicamente dos outros. Talvez vá depender afetivamente, mas isso eu acho que eu vou ter. Até porque eu tenho um relacionamento muito bom com todos os meus familiares. Sobrinhos e tudo. A gente é muito afetuoso. [...] Economicamente, fiquem tranquilos que ninguém vai precisar... É claro que eu não falei pra eles! Mas nesse sentido. Imagina, começa a ter problema, vai ter que um irmão, um sobrinho, se não tem, vai ser, mas... Nesse aspecto talvez eu seja um pouco orgulhoso, de pedir. Eu prefiro eu dar do que ter que pedir. Do que depender. Felizmente, a vida me possibilitou isso. De estar nessa posição. Se vai ser sempre assim, eu não sei. Mas aí, deixa vir (FRANCISCO, 69 anos).

Ao analisar sua trajetória, Francisco afirma:

Eu me sinto um privilegiado se eu pensar em relação ao perfil da maioria das pessoas. Uma vida extremamente sofrida, por vários, já na criação, depois, às vezes com filhos pra criar e tudo mais, então é bem diferente. Eu consigo avaliar isso e vê. Me sinto um privilegiado, mas também não me culpo! Essa foi a minha trajetória! Muita coisa eu escolhi, outras não, mas eu consigo ver. E a maioria que tu vai encontrar eu acho que não é esse meu perfil. É outro perfil. (FRANCISCO, 69 anos).

No caso de Francisco, vemos que suas representações sociais e, por conseguinte, sua relação com o trabalho passou por transformações ao longo dos anos. O Quadro 6 esquematiza as representações do entrevistado.

	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INDICADORES
TRABALHO	OBRIGAÇÃO	<b>Nos períodos da infância e adolescência:</b> Necessidade financeira da família; Trabalho como parte do cotidiano familiar; Atividades designadas pelos pais e condizentes com o(s) negócio(s) familiar(es).
	MEIO	<b>Na juventude:</b> Espelhamento no exemplo de vida do pai; Responsabilidade pelo próprio sustento; Experiência de estudo e trabalho no exterior; Mudança de curso de formação.
	PRAZER	<b>Na fase adulta:</b> Atividades de ensino e pesquisa; Produção intelectual; Satisfação pela relevância das contribuições e trabalhos realizados; Intensa carga de trabalho; Segurança financeira; Imbricamento das trajetórias de vida e de trabalho; Centralidade do trabalho; Trabalho como gerador de saúde e resistência física.
	OBRIGAÇÃO	Trabalho administrativo; Visão pragmática do trabalho; Atividades não geradoras de realização; Trabalho como meio de ocupação do tempo.
ENVELHECIMENTO	APOSENTADORIA	Aposentadoria por tempo de serviço; Realização de atividades produtivas, enquanto for possível; Planos futuros delineados, sem as atividades atuais; Independência financeira.
	TERCEIRA IDADE	Perfil diferenciado; Boas condições de saúde; Recuperação da liberdade; Retomada da vida pessoal; Investimento na vida cultural; Tempo e recursos financeiros disponíveis para viagens; Atividades externas ao trabalho; Reação e defesa contra desrespeito; Utilização mínima de serviços voltados à terceira idade; Não identificação como velho.

VELHICE	Descartabilidade; Rendimentos financeiros insuficientes; Estrutura social desfavorável; Desamparo e desrespeito; Desesperança quanto ao futuro; Diminuição da capacidade funcional; Doença e fragilização; Preconceito social.
---------	---

**Quadro 7 - As representações sociais de Francisco sobre trabalho e envelhecimento**

Na juventude, o trabalho era visto como uma “catapulta”, um meio. Sendo seu principal objetivo a formação acadêmica, Francisco exerceu as mais diversas atividades a fim de garantir os recursos necessários para a manutenção dos estudos.

Na juventude o trabalho não era a meta. Na juventude a ideia era aproveitar. Mas trabalhei desde os 14 anos, mas era mais por... Não era o trabalho que eu queria fazer profissionalmente, tanto é que eu fazia aquilo porque eu precisava. E eu sempre encarei... Mesmo o trabalho que eu precisei, eu nunca encarei de uma forma de menosprezo. Pra mim era uma catapulta. Era uma coisa que ia me possibilitar outra coisa e todos os trabalhos eu sempre procurei dar o meu melhor (FRANCISCO, 69 anos).

A atitude de “encarar” e dedicar-se a todo trabalho que se lhe apresentava, com vistas a obter determinado objetivo, apresenta similitude com a postura do pai, conforme descrito por Francisco no início de sua narrativa. Após a formação, o trabalho passou a ser encarado como algo prazeroso. Como relatado pelo entrevistado, tanto o ensino quanto a pesquisa eram considerados um prazer. Francisco orgulha-se de suas conquistas. “Os dois me completaram bastante e me completam até hoje” (FRANCISCO, 69 anos). Durante a trajetória de Francisco, o trabalho constituiu prioridade como se pode verificar nos relatos de casos extremos – a exemplo da morte da mãe e da realização de uma cirurgia.

Atualmente, o trabalho é representado como uma obrigação. “Hoje na realidade, eu não tô fazendo o que é a minha profissão mesmo. Geologia eu não tô exercendo. Lá, eu trabalhava com pesquisa. Aqui eu tô com [...]. Eu tô esperando, na realidade, pra me aposentar” (FRANCISCO, 69 anos). Enquanto aguarda o prazo legal para a aposentadoria e como forma de suprir as lacunas deixadas pelo



trabalho – ensino e pesquisa –, Francisco tem se voltado para sua vida pessoal. Para o período pós-aposentadoria, ele também tem planos delineados.

Como já mencionado, não constitui objeto da análise reconstrutiva a observação do maior número possível de casos, mas sim a construção tipológica (FLICK, 2009; ROSENTHAL, 2014). De igual modo, o método reconstrutivo não tem por propósito derivar categorias a partir da análise de uma entrevista inicial (ROSENTHAL, 2014). Todavia, um olhar conjunto dos casos se mostrou um caminho natural no processo de análise. O próximo capítulo traz aproximações e distanciamentos entre os casos.

## **9 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TRABALHADORES IDOSOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DOS CASOS**

Este capítulo foi elaborado tomando-se por base as representações sociais que emergiram das narrativas biográficas dos entrevistados. Na busca por aproximações e distanciamentos, apresenta-se, neste capítulo, uma análise conjunta dos casos.

### **9.1 AS REPRESENTAÇÕES DOS IDOSOS SOBRE TRABALHO E ENVELHECIMENTO**

Partindo-se do pressuposto de que as representações sociais são interpretações da realidade (MINAYO, 1996; MOSCOVICI, 2003; SPINK, 1993), a respeito de sua origem, Cavedon (2003), Jovchelovitch (2011) e Valsiner (2015) afirmam que ela está situada nos processos de comunicação e nas práticas sociais. Nos seis casos apresentados, percebe-se que as representações iniciais dos entrevistados a respeito do trabalho emergiram no meio familiar – seja pela influência direta dos pais que transmitiram e/ou reforçaram essas representações (a exemplo dos casos de Eva (82 anos), Bertoldo (69 anos), Nilda (80 anos), Jonas (71 anos) e Francisco (69 anos)) ou pelo contexto de vida do entrevistado (como no caso de Miguel (64 anos) que recebeu uma educação superprotetora por parte dos tios) – não sendo necessariamente um processo consciente (MINAYO, 2011; 1996). O Quadro 8, elaborado a partir das narrativas biográficas dos entrevistados, apresenta uma síntese de suas representações sociais a respeito do trabalho nas diferentes etapas de vida.

ENTREVISTADOS	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	INFÂNCIA/ ADOLESCÊNCIA	JUVENTUDE	FASE ADULTA	FASE ATUAL
Eva		Obrigação		Realização	Atividade
Bertoldo		Compromisso	Meio		
Miguel		(Não trabalhou no período)		Segurança	
Nilda		Responsabilidade			Missão
Jonas		Dom			
Francisco		Obrigação	Meio	Prazer	Obrigação

**Quadro 8 - Representações do trabalho nas diferentes etapas de vida dos entrevistados**

Para boa parte dos entrevistados, a relação com o trabalho iniciou ainda na infância – Eva (82 anos) e Nilda (80 anos) – ou adolescência – Bertoldo (69 anos), Jonas (71 anos) e Francisco (69 anos). Apenas Miguel (64 anos), teve a oportunidade de dedicar-se exclusivamente aos estudos até a idade adulta.

Nesta etapa inicial da vida laboral, os entrevistados Eva (82 anos) e Francisco (69 anos) representaram o trabalho como uma ‘obrigação’. Entretanto, palavras como ‘compromisso’ (Bertoldo, 69 anos) e ‘responsabilidade’ (Nilda, 80 anos) também foram utilizadas para explicitar o contexto no qual o trabalho fazia parte do cotidiano familiar e todos os membros deveriam colaborar de alguma maneira – inclusive as crianças.

Os relatos dos idosos sobre seus primeiros trabalhos mesclam-se com as escolhas profissionais de seus pais e com as histórias de suas famílias. As atividades desempenhadas pelos entrevistados, durante na infância e adolescência, eram designadas pelos pais e condizentes com o negócio familiar – como exemplos têm-se os casos de Bertoldo (69 anos) que trabalhava no comércio, Eva (82 anos) e Nilda (80 anos) que vendiam o que suas mães produziam no âmbito doméstico, entre outros.

Já na fase adulta, o trabalho recebeu novo significado para os idosos Eva (82 anos), Bertoldo (69 anos) e Francisco (69 anos). Por conseguinte, a relação com o trabalho também passou por alterações. Enquanto para Eva (82 anos) e Francisco

(69 anos) o trabalho passou a representar, respectivamente, 'realização' e 'prazer', para Bertoldo ele correspondia a um 'meio'. Sobre a alteração do sentido original de uma representação, Cavedon (2003) explica que, ao vivenciarem diferentes episódios de interação social, os indivíduos reelaboram as informações advindas dessas interações, constroem suas próprias representações e as compartilham com outros, incentivando um ciclo que é constantemente retroalimentado. É essa circulação das representações de um lugar social para outro que permite a mescla e a ressignificação (CAVEDON, 2003).

Por outro lado, Guareschi (2000) chama a atenção para o fato de que as representações sociais não podem ser consideradas como desprovidas de aspectos duradouros. Nos casos de Jonas (71 anos) e Miguel (64 anos), as representações do trabalho como 'dom' e como 'segurança', receberam reforços ao longo dos anos, permanecendo imutáveis até a fase de vida atual. Como afirmam Guareschi (2000) e Cavedon (2003), estes casos também revelam que as representações não são elaboradas por um indivíduo isoladamente, mas por indivíduos e grupos que as criam ao longo dos processos comunicativos e cooperativos.

Ainda segundo Cavedon (2003), ao serem criadas, as representações ganham uma vida própria, circulam, encontram-se, repetem-se e abrem espaço para o surgimento de novas representações, enquanto as mais antigas desaparecem. Todavia, percebe-se no caso de Nilda (80 anos) que a atual representação do trabalho como 'missão' não suplantou a representação de 'responsabilidade' – que transpassa a vida da entrevistada desde a infância. Admite-se, neste caso a coexistência de representações. Ademais, o caso de Nilda – por meio de relatos de ensinamentos da mãe para com ela e os irmãos, dela para os filhos, alunos e pessoas atendidas na ASA – apresenta um vívido exemplo de como pode se dar o compartilhamento das representações sociais.

Em sua fase atual, ao tratarem sobre a justificativa para a manutenção do vínculo com o trabalho, os idosos embasaram suas respostas nos seguintes tópicos: cumprimento do prazo legal para a aposentadoria (Miguel (64 anos) e Francisco (69 anos)), gosto pela atividade e satisfação (Bertoldo, (69 anos), Nilda (80 anos) e Jonas (71 anos)), manutenção da vida ativa (Eva, 82 anos), saúde (Nilda, 80 anos e Jonas, 71 anos), ocupação do tempo e da mente (Eva, 82 anos, Bertoldo, 69 anos, Miguel (69 anos) e Francisco (69 anos)) e recursos financeiros (Bertoldo, 69 anos).

Essas respostas condizem em parte com o encontrado por Torelly (2010). Em sua pesquisa, idosos com mais de 70 anos atribuíram a continuidade das atividades laborais a fatores como manutenção da vida ativa, ao gostar de trabalhar e aos ganhos financeiros (TORELLY, 2010).

Dentre as razões apresentadas pelos entrevistados, destacam-se o gosto pela atividade e a satisfação pelo trabalho realizado e a ocupação do tempo e da mente. Para Fontoura, Doll e Oliveira (2015), o sentido que os idosos atribuem ao trabalho representa fator relevante para sua permanência.

Chama a atenção o caráter de dualidade atribuído ao fator 'saúde'. Ao mesmo tempo em que o desempenho das atividades produtivas é viabilizado por boas condições de saúde dos idosos – trabalha-se porque a saúde assim o permite –, Nilda (80 anos), Jonas (71 anos) e Francisco (69 anos) atribuem a existência de saúde, disposição e resistência física ao tipo de atividade realizada. O trabalho se apresenta como produto e produtor de saúde. Essa encontra amparo em Tavares (2015) quando afirma que o trabalho influencia a forma como os indivíduos envelhecem e em Kalache (2015) que destaca a importância da participação continuada no mercado de trabalho como contribuição para a saúde cognitiva de pessoas idosas.

Para Post *et al.* (2013), as características individuais (como gênero, saúde e centralidade do trabalho) e os atributos do trabalho (como renda, satisfação e discriminação percebida) constituem instrumentais nas decisões para aposentadoria. Dentre os entrevistados, Eva (82 anos), Nilda (80 anos) e Jonas (71 anos) já são aposentados. Enquanto a primeira e a segunda realizam atividades em caráter voluntário, o último permanece como autônomo. Eva (82 anos) e Jonas (71 anos) priorizaram dar continuidade ao trabalho realizado antes da aposentadoria. Nilda (80 anos), por sua vez, voltou-se para o trabalho social. De modo geral, todos se mantiveram em suas respectivas áreas de atuação e intenciam continuar trabalhando enquanto for possível.

Para Nilda (80 anos) e Jonas (71 anos) apenas a falta de saúde constituiria um impeditivo para a continuidade de suas atividades sociais e com relógios, respectivamente. Já Eva (82 anos), apesar dos relatos de perdas físicas e da necessidade de maior dedicação aos cuidados com o corpo, acredita que o encerramento de suas atividades laborais será motivado por fatores externos e

alheios a sua vontade, mais especificamente pelo “esquecimento”, materializado na ausência de convites que garantam a continuidade de sua participação.

Em contrapartida, Bertoldo (69 anos), Miguel (64 anos) e Francisco (69 anos), funcionários públicos, ainda aguardam pela aposentadoria. Enquanto o primeiro segue trabalhando sem previsão para seu desligamento, os demais aguardam o cumprimento do prazo legal mínimo. Sobre os planos para o período pós-aposentadoria, Bertoldo (69 anos) – que tem no trabalho a representação de ‘meio’ e que tem suas trajetórias de vida pessoal e profissional regidas pela lógica da dinamicidade – os têm definidos há bastante tempo e eles não envolvem o fator trabalho – tratando-se de um período de liberdade (SARGENT *et al.*, 2013).

Francisco (69 anos) – que atualmente vê o trabalho meramente como uma obrigação – pretende desvincular-se da organização em que atua, e onde não mais exerce atividades voltadas à pesquisa, e dedicar-se a alguma ocupação que envolva seus conhecimentos em Geologia. Miguel – cuja necessidade de segurança permeou toda sua trajetória e que teve suas vidas pessoal e profissional guiadas pela lógica do não planejamento – é o único que não tem planos definidos. Tal como apontaram Jodelet (1986) e Spink (1993) a respeito das diversas funções das representações sociais, percebem-se, nos casos supramencionados, como as representações dos idosos entrevistados a respeito do trabalho exercem influência em suas decisões ao longo da vida e no planejamento para o futuro.

Ademais, o modo como as representações sociais permeiam a relação dos idosos com o trabalho pode ser percebida, por exemplo, nos casos contrapostos de Jonas (71 anos) e Miguel (64 anos) em relação aos avanços tecnológicos. Enquanto o primeiro, relojoeiro, investiu em qualificação, aperfeiçoamento e manteve-se atualizado em relação às mudanças de tecnologia dos relógios, o segundo, analista de sistemas, amparado pela estabilidade de sua condição de servidor público, abdicou de aprimoramento profissional priorizando a manutenção de seu *status quo* e dirimindo qualquer possibilidade de mobilidade e, conseqüentemente, de evolução.

Já a respeito da centralidade do trabalho, Post *et al.* (2013) concluíram que há direta associação entre ela e a idade pretendida para aposentadoria. Quanto mais central for o trabalho na vida de um indivíduo, maior será a relutância em abandonar seu papel profissional e mais ele tenderá a adiar o desligamento do trabalho, como no caso de Eva (82 anos), que abdicou de pedidos de casamento e da possibilidade

de ter filhos em prol da vida profissional e, por ocasião da aposentadoria compulsória, temia pela perda do título de professora.

De outro ângulo, no caso de Francisco (69 anos), o trabalho – que ocupou um papel de centralidade durante toda a vida adulta – acabou cedendo espaço para a vida pessoal à medida que ele foi se desvinculando das atividades que considerava prazerosas – ensino e pesquisa. O próprio entrevistado relata ter sentido a necessidade de investir mais tempo em sua vida pessoal – visto tê-la deixado em segundo plano durante muitos anos. Pela não identificação com as atividades atualmente desempenhadas, Francisco (69 anos) não demonstra ter dúvidas em relação à decisão pela aposentadoria. Tal posicionamento corrobora os achados de Post *et al.* (2013) e extrapola o entendimento de Souza, Matias e Bretas (2010) quando afirmam que, em sua relação com o trabalho, os indivíduos idosos desempenham funções que, independentemente de serem rotineiras, proporcionam reconhecimento social. Para Francisco, reconhecimento social revelou-se um fator insuficiente para a manutenção do vínculo com o trabalho atual.

Chama atenção ainda, no caso de Francisco (69 anos), que a representação social do trabalho como ‘obrigação’ identificada na etapa de vida inicial do entrevistado, ressurge, na fase atual, após o trabalho ter passado por distintas significações – como ‘meio’ e como ‘prazer’. Evidência do caráter circular das representações sociais (CAVEDON, 2005; 2003).

Em contraposição ao papel de centralidade do trabalho, tem-se, neste estudo, o caso de Bertoldo (69 anos). Apesar de reconhecer a importância do trabalho como o meio de sustentação econômica, intelectual e social, ao longo de sua trajetória, o entrevistado priorizou seu estilo de vida e o trabalho foi posto a seu serviço. A opinião de Bertoldo (69 anos) sobre preparação para aposentadoria apresenta similitudes com a narrativa de Jonas, uma vez que ambos abordaram a necessidade e a importância de os idosos realizarem atividades externas ao trabalho de modo a não sofrerem as consequências negativas advindas do desligamento de um trabalho polarizado.

A associação entre aposentadoria e envelhecimento – realizada, em alguns casos, de forma equivocada como apontam Locatelli e Fontoura (2013) – esteve presente nas narrativas dos entrevistados, principalmente no que se refere às perdas decorrentes do processo de envelhecimento. O Quadro 9 esquematiza os

principais indicadores do envelhecimento identificados nas falas dos participantes deste estudo.

ENTREVISTADOS	ENVELHECIMENTO	PERDAS	GANHOS
EVA		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aposentadoria compulsória</li> <li>- Perdas físicas (diminuição da capacidade funcional e lapsos de memória de curto prazo)</li> <li>- Perdas sociais (falecimento de amigos e familiares e redução do contato com pares e alunos)</li> <li>- Perdas profissionais (morte da vida acadêmica)</li> <li>- Necessidade de cuidados com o corpo</li> <li>- Doença e fragilização</li> <li>- Morte</li> <li>- Preconceito social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tempo e recursos para viagens</li> <li>- Vida física como forma de compensação das perdas</li> <li>- Realização de atividades produtivas</li> </ul>
Bertoldo		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aposentadoria precoce</li> <li>- Redução de rendimentos financeiros decorrentes da aposentadoria</li> <li>- Doença e fragilização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evolução científica</li> <li>- Aumento da expectativa de vida</li> <li>- Melhor qualidade de vida</li> <li>- Contribuição intelectual e cultural</li> <li>- Planejamento futuro consolidado, sem o fator trabalho</li> <li>- Tempo e recurso para viagens e <i>hobbies</i>;</li> <li>- Realização de atividades externas ao trabalho</li> </ul>
Miguel		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Redução de rendimentos financeiros decorrentes da aposentadoria</li> </ul>	
Nilda		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perdas físicas (diminuição da capacidade funcional e lapsos de memória de curto prazo)</li> <li>- Necessidade de cuidados com o corpo</li> <li>- Falecimento de amigos e familiares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de atividades produtivas</li> <li>- Disposição para elaboração de planos futuros</li> </ul>
Jonas		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Decadência física e morte decorrentes da aposentadoria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de atividades produtivas</li> <li>- Boas condições de saúde</li> <li>- Participação em atividades culturais</li> </ul>



Francisco	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Descartabilidade</li> <li>- Redução de rendimentos financeiros decorrentes da aposentadoria</li> <li>- Estrutura social desfavorável</li> <li>- Desamparo e desrespeito</li> <li>- Perdas físicas (diminuição da capacidade funcional)</li> <li>- Doença e fragilização</li> <li>- Preconceito social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de atividades produtivas</li> <li>- Planos futuros delineados</li> <li>- Independência financeira</li> <li>- Boas condições de saúde</li> <li>- Retomada da vida pessoal e da liberdade</li> <li>- Tempo e recursos para viagens</li> <li>- Realização de atividades externas ao trabalho</li> </ul>
-----------	---	--

**Quadro 9 - Indicadores de perdas e ganhos advindos do processo de envelhecimento**

Para boa parte dos entrevistados, o tema aposentadoria – não tomado como posse de benefício legal, mas como a interrupção das atividades produtivas – não é encarado de modo positivo. Sargent *et al.* (2013) afirma que para alguns idosos, a conotação da aposentadoria como um tempo para fazer nada, sentar e relaxar, não tem apelo.

Para Eva (82 anos), a aposentadoria compulsória significou um marco para o envelhecimento, um prenúncio das perdas, principalmente sociais e profissionais. Essa percepção vai ao encontro da ideia de concretude da velhice como resultado da ausência de trabalho, apontada por Alcântara (2004), Nascimento *et al.* (2016) e Souza, Matias e Bretas (2010).

O ‘descanso’, como o período pós-aposentadoria pode ser comumente identificado, significa, para a entrevistada, sinônimo de morte. Essa forma de caracterização é reforçada por Jonas (71 anos) quando fala sobre casos de pessoas que ao se aposentarem tiveram desencadeadas a decadência física, as doenças e, por via de consequência, a morte. Percebe-se a morte tomada sob dois pontos de vista: como decorrente da aposentadoria ou como resultado natural do processo de envelhecimento.

Todavia, atributos negativos não condizem apenas com a aposentadoria compulsória. Ao relatar a respeito de aposentadoria precoce, Bertoldo (69 anos) a representa como um erro e uma obrigação. A redução dos rendimentos financeiros, por ocasião da aposentadoria, foi outro ponto abordado por Bertoldo (69 anos), Miguel (64 anos) e Francisco (64 anos) ao tratar sobre o tema.

Do ponto de vista individual, Eva (82 anos), Nilda (80 anos) e Francisco (69 anos) apontaram, como indicadores do processo de envelhecimento, perdas

voltadas às questões físicas, a exemplo da diminuição da capacidade funcional e lapsos de memória de curto prazo – estes últimos evidenciados inclusive durante as narrativas quando, não raras vezes, os entrevistados precisaram ser relembrados do que estavam falando para que pudessem prosseguir com seus relatos<sup>36</sup>.

Os próprios idosos costumam definir a velhice como uma fase em que a capacidade funcional, mental e física está em declínio e as pessoas são mais propensas à doença ou deficiência (LOCATELLI, 2012; UNFPA, 2012). Todavia, apesar de mencionarem a respeito das perdas físicas, apenas Eva (82 anos) e Nilda (80 anos) admitem explicitamente a necessidade de cuidados com o corpo. Camarano (2006) e Lebrão e Duarte (20017) explicam que é nas idades mais avançadas onde se encontra maior incidência de doenças crônico-degenerativas e dificuldade em lidar com as atividades do cotidiano, a exemplo de colocar meias e subir e descer escadas. Ainda assim, Nilda (80 anos) desconsidera as indicações para fisioterapia em prol de mais tempo para a realização de seu trabalho social.

Aspectos como doenças, fragilização e morte foram pontuados por Eva (82 anos), Bertoldo (69 anos) e Francisco (69 anos) como consequências da velhice. Dentre os entrevistados, Francisco (69 anos) foi o que apresentou visão mais negativa a respeito do envelhecimento. Descartabilidade, desamparo, desrespeito, estrutura social desfavorável e preconceito – este último também mencionado por Eva (82 anos) – retratam, na opinião do entrevistado a realidade da maioria dos idosos. Todavia, não a sua.

Em oposição à visão negativa a respeito do envelhecimento, Bertoldo (69 anos) descreveu o fenômeno de modo positivo. Como um evento que vem sendo retardado, em decorrência do avanço da medicina, mais acesso à informação e melhor qualidade de vida dos idosos. Em sua opinião, com exceção de casos de doenças, o envelhecimento condiz mais com as escolhas individuais e a forma de conduzir a vida do que com a idade cronológica. Nesse movimento, os indivíduos tornam-se responsáveis por sua própria aparência e saúde (DEBERT, 2010; TAVARES, 2015). A contribuição intelectual e cultural dos idosos foi outro ponto por ele fortemente reforçado.

---

<sup>36</sup> Estes relatos encontram-se na seção 7.5 que trata sobre os bastidores da pesquisa.

Além das tradicionais associações da aposentadoria a períodos de liberdade para escolher como gastar o tempo e para a busca de lazer, Sargent *et al.* (2013) aborda que a reinvenção da aposentadoria pode ser associada a indivíduos que querem contribuir significativamente para a sociedade, compreendendo um período de retribuição. Nota-se que, na opinião dos idosos, a velhice não deve representar uma fase para ociosidade. Com exceção de Miguel (64 anos), os entrevistados declararam possuir planos quanto ao futuro. Destaca-se entre eles o desejo pela continuidade da realização de atividades produtivas.

Chama atenção ainda que, ao mencionarem sobre o futuro, Eva (82 anos), Bertoldo (69 anos) e Francisco (69 anos) fazem referência a viagens, inclusive internacionais, evidenciando um perfil de idoso com tempo e recursos disponíveis para tal, como apresenta a perspectiva da Terceira Idade (ALCÂNTARA, 2004; DEBERT, 1999; FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008; PEIXOTO, 1998). Os autores Groisman (1999) e Rosa, Barroso e Louvison (2013) definem como privilegiada esta fase de vida em que as pessoas aproveitam seu tempo intensamente, em busca de realizações pessoais.

Os idosos participantes deste estudo definem-se de forma positiva. Bertoldo (69 anos), Francisco (69 anos) e Eva (82 anos) não admitem para si a nomenclatura o e tratamento socialmente destinado aos “velhos”. Para eles, a velhice ainda não chegou. Percebem-se ainda, entre os entrevistados, boas condições de saúde e disponibilidade temporal e financeira para a realização de atividades externas ao trabalho como *hobbies* e atividades culturais.

Para Ribeiro e Janeiro (2015), o processo de envelhecimento caracteriza um estado de espírito decorrente do modo como a sociedade e o próprio indivíduo concebem essa etapa da vida. Sendo assim, a forma como são encarados o processo de envelhecimento e as pessoas idosas é determinada pelos valores culturais e as tradições (WHO, 2005).

De modo geral, a visão sobre o trabalho e sobre o envelhecimento surgiu de forma distinta nas falas dos entrevistados, revelando a heterogeneidade das representações a respeito dos temas. Haja vista o perfil dos entrevistados e as atividades por eles realizadas, a manutenção do trabalho por questões financeiras, apesar de mencionada em algumas narrativas, não foi apontada como fator preponderante. Destacou-se entre os idosos uma relação com o trabalho pautada

pela realização e satisfação que o desempenho da atividade pode oferecer, além da possibilidade de ocupação do tempo e da mente.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número de idosos que se encontram aptos e dispostos à realização de atividades produtivas tem-se elevado nos últimos anos. Esse movimento reflete não apenas o envelhecimento da população, mas também uma mudança de comportamento dos idosos brasileiros sobre suas decisões em relação ao trabalho (IPEA, 2018).

Para esta tese que apresenta o resultado de uma investigação que entrecruzou os temas envelhecimento e trabalho à luz da teoria das Representações Sociais (CAVEDON, 2003; GUARESCHI, 2000; JODELET, 2015; 2001; 1986; JOVCHELOVITCH, 2011; MOSCOVICI, 2003; 2001; SPINK, 1993), partiu-se do entendimento de que a relação que os idosos estabelecem com o seu trabalho está diretamente vinculada e pode ser mais bem compreendida a partir da interpretação das representações sociais por eles elaboradas ao longo de suas trajetórias pessoal e profissional.

Tendo em vista os inúmeros questionamentos que cercam essa temática, constituiu questão principal desta pesquisa: *Como as representações sociais de trabalhadores idosos permeiam sua relação com o trabalho?*

O objetivo geral foi *compreender como as representações sociais de trabalhadores idosos permeiam sua relação com o trabalho*. Para isso, delimitou-se como objetivos específicos:

- Reconstruir, por meio de relatos de trajetórias de vida e de trabalho, as biografias de trabalhadores idosos;
- Identificar e caracterizar as representações sociais dos trabalhadores idosos a respeito de seu trabalho e de seu processo de envelhecimento;
- Analisar de que forma essas representações influenciam na relação dos idosos com o trabalho.

A Figura 1 apresenta uma representação esquemática do estudo.

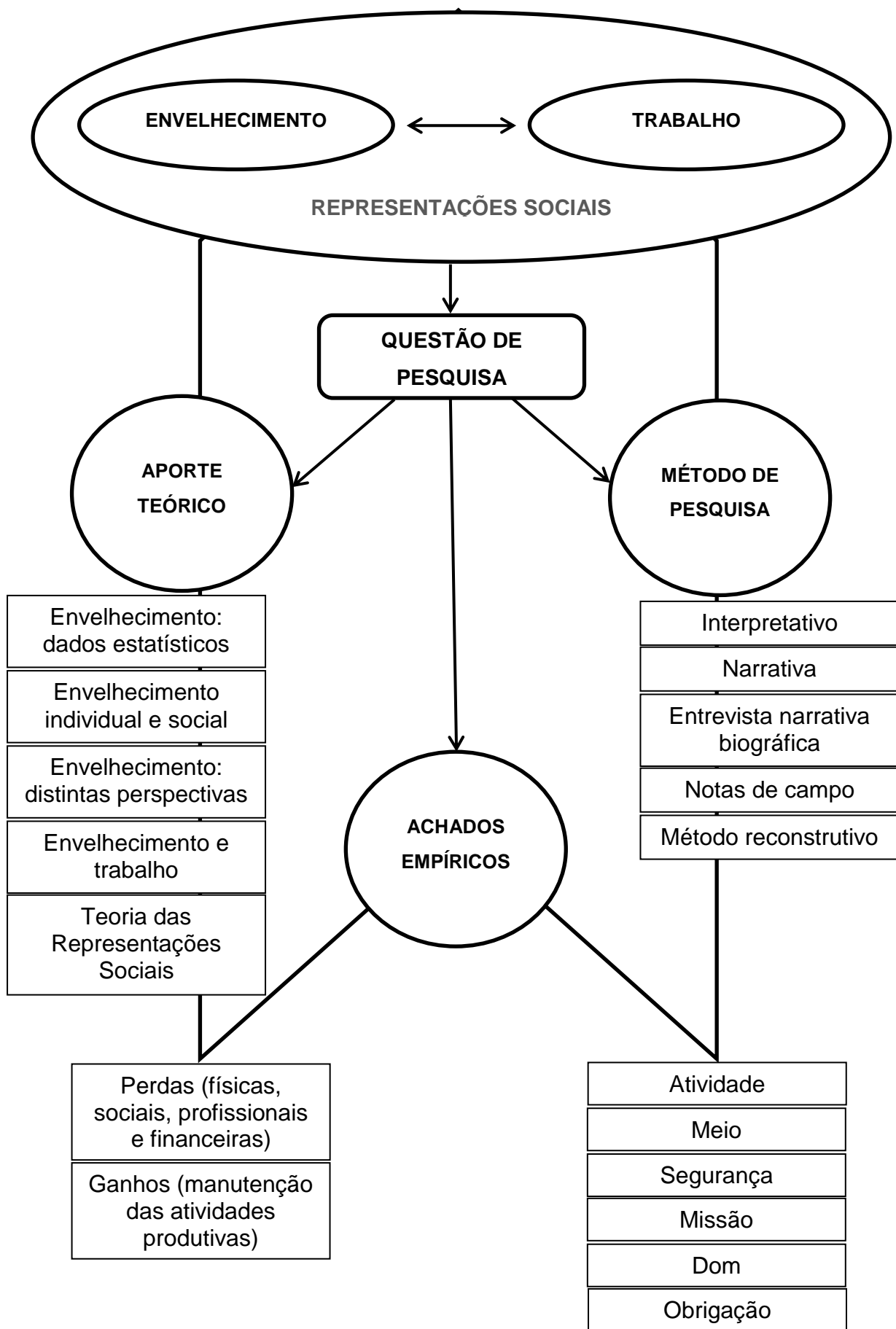


Figura 1 – Representação esquemática do estudo

Com vistas a responder a questão de pesquisa, este estudo apresentou seis distintos casos de idosos que mantém vínculo ativo com o trabalho. Foram eles: uma professora universitária aposentada de 82 anos que desenvolve atividades não remuneradas; um Procurador de Justiça de 69 anos ainda não aposentado – apesar da possibilidade para tal; um analista de sistemas de 64 anos em vias de se aposentar, mas indeciso quanto à manutenção do vínculo com o trabalho; uma professora aposentada de 80 anos que realiza atividades sociais, em caráter voluntário; um relojoeiro aposentado de 71 anos, que atua como autônomo; um geólogo de 69 anos que aguarda o cumprimento do prazo legal para aposentadoria.

Seguindo os pressupostos da análise reconstrutiva, os casos foram apresentados um a um, de modo individual, a fim de que fosse possível a visualização de diferentes tipologias. A partir das narrativas sobre suas trajetórias pessoal e profissional, foram reconstruídas as biografias dos idosos trabalhadores e identificadas e caracterizadas suas representações sociais sobre trabalho e envelhecimento.

Identificou-se que, para cada idoso, o trabalho apresentou diferentes significações, podendo variar inclusive nas distintas etapas de vida – infância, adolescência, fase adulta e fase atual. Apesar da singularidade das trajetórias de cada entrevistado, foi possível perceber similitudes e distanciamentos entre os casos. As narrativas revelaram que, para boa parte dos idosos, a relação com o trabalho iniciou nas fases da infância e adolescência. O trabalho fazia parte do cotidiano familiar e o envolvimento dos membros nas atividades ou negócios da família apresentava caráter de obrigatoriedade, tendo em vista necessidades de ordem financeira.

Percebeu-se ainda uma forte associação entre os relatos dos idosos sobre seus primeiros trabalhos, as escolhas profissionais de seus pais e as histórias de suas famílias. O espelhamento no exemplo de vida dos pais e a reprodução de valores e do modo de encarar o trabalho, vivenciado por alguns entrevistados, evidenciaram o processo de transmissão e compartilhamento das representações sociais (CAVEDON, 2003; JODELET, 1986).

Da infância/adolescência para a fase adulta, as representações sociais de alguns idosos e, conseqüentemente, a relação deles com o trabalho passaram por transformações. A alteração no sentido original das representações sociais – que

deixou de simbolizar “obrigação” para retratar uma visão mais positiva como ‘realização’, ‘prazer’ ou ‘meio’ – refletiu as mudanças de atividades e a vivência de diferentes contextos e episódios de interação social (CAVEDON, 2003). Outros casos, por sua vez – onde o trabalho foi representado como ‘dom’ e como ‘segurança’ – apontaram o caráter duradouro das representações (GUARESCHI, 2000). Sendo reforçadas ao longo dos anos, elas permanecem até a fase atual.

No que tange especificamente às representações sociais dos idosos a respeito do trabalho que desenvolviam na época das narrativas, foram identificadas seis distintas representações: ‘atividade’, ‘meio’, ‘segurança’, ‘missão’, ‘dom’ e ‘obrigação’. Todavia, em alguns casos constatou-se a coexistência e o atravessamento de representações oriundas de outras etapas de vida, distinguindo-se da ideia de que o surgimento de novas representações resultaria na eliminação das mais antigas (CAVEDON, 2003).

A função das representações sociais, como norteadoras da conduta dos indivíduos (JODELET, 1986; SPINK, 1993), foi evidenciada em todos os casos apresentados. A análise das trajetórias de vida e de trabalho dos idosos revelou como elas foram transpassadas pelas representações dos entrevistados. De igual modo, as representações exercem influência no comportamento dos indivíduos, na tomada de decisões e, conseqüentemente, em sua relação com o trabalho, inclusive no que se refere a planos futuros.

Em relação ao envelhecimento, a identificação e análise das representações sociais dos entrevistados revelaram a diversidade da população idosa e, por conseguinte, do processo de envelhecimento, além de confirmar que as representações são fruto do contexto social experimentado. As percepções dos entrevistados perpassaram duas perspectivas divergentes de velhice, uma com foco nas perdas e outra com foco nos ganhos.

A associação entre aposentadoria e envelhecimento esteve presente nas narrativas dos entrevistados, principalmente no que se refere às perdas decorrentes do processo de envelhecimento – físicas, sociais, profissionais e financeiras. Para boa parte dos entrevistados, a aposentadoria é encarada de modo negativo. Na opinião deles, a velhice não deve representar um período de ociosidade. Destacou-se entre os idosos a menção a planos futuros e o desejo pela continuidade da



realização de atividades produtivas, tal como proposto por Havighurst (1961) na Teoria da Atividade (FONTOURA, DOLL e OLIVEIRA, 2015; DOLL *et al.* (2007).

Os idosos definem-se de forma positiva. As representações a respeito de si mesmos – e o não reconhecimento como “velhos” – revelam a presença de mecanismos de controle da velhice. A análise da realidade de outros indivíduos, e a alegação de não estarem na mesma condição, posiciona os idosos em relação ao seu envelhecimento e afasta de si o estigma da velhice. Todavia, em boa parte das narrativas, as perdas decorrentes do processo de envelhecimento também foram contempladas (CAMARANO, 2004; DEBERT, 2007; 1999; DEBERT e SIMÕES, 2011; PAPALÉO NETTO, 2011).

Se analisados a partir da perspectiva do envelhecimento bem-sucedido, os casos apresentados neste estudo contemplam a combinação de elementos proposta por Rowe e Kahn (1998) – baixa probabilidade de doenças incapacitantes, elevada capacidade funcional cognitiva e física e engajamento ativo com a vida – com destaque para os relacionamentos interpessoais e as atividades produtivas. Também coadunam Fraquelli (2010), Torelly (2010) e Novaes (1997) que tratam sobre reorganização, independência, vida ativa nos âmbitos pessoal e social e compensações.

De igual modo, os casos encontram respaldo na abordagem do envelhecimento ativo (ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013; TERRA, 2013; WHO, 2005), uma vez que fatores como saúde, participação e segurança estão presentes em suas narrativas. Especificamente no que tange à participação, todos encontram-se ativamente envolvidos com atividades de desenvolvimento econômico ou voluntárias.

Considerando-se que o envelhecimento apresenta uma face de perdas e outra de ganhos (BALTES e SMITH, 2006), desde que tomados em conjunto, os diferentes discursos são relevantes em seu papel explicativo. Todavia, como visto nos casos apresentados neste estudo, se abordados de forma isolada, eles não dão conta de explicar a velhice em sua heterogeneidade.

Considerando essa diversidade da população idosa e que a representatividade de distintas realidades não foi contemplada, aponta-se como limitação deste estudo o perfil dos entrevistados. De modo geral, o *corpus* da pesquisa foi formado por idosos que apresentam boas condições de saúde, elevado nível de escolaridade,

tempo e recursos financeiros para viagens e investimentos em atividades culturais e *hobbies*, características condizentes com a perspectiva da Terceira idade (ALCÂNTARA, 2004; DEBERT, 2007; 1999; FERREIRA, CUNHA e MENUT, 2008; GROISMAN, 2014; 1999; PEIXOTO, 1998; ROSA, BARROSO e LOUVISON, 2013).

No que se refere à relação dos idosos com o trabalho, destacou-se entre os entrevistados uma relação pautada pela realização e satisfação que o desempenho da atividade pode oferecer, além da possibilidade de ocupação do tempo e da mente. Ao tratarem sobre a justificativa para a manutenção do vínculo com o trabalho, os idosos embasaram suas respostas no cumprimento do prazo legal para a aposentadoria, gosto pela atividade e satisfação, manutenção da vida ativa, saúde, ocupação do tempo e da mente e recursos financeiros.

Ainda sobre as razões apresentadas pelos entrevistados, aponta-se o caráter de dualidade atribuído ao fator 'saúde'. Na opinião deles, o trabalho se apresenta como produtor e produto de saúde. Ao mesmo tempo em que o desempenho das atividades produtivas é viabilizado pelas boas condições de saúde dos idosos, eles atribuem a existência de saúde, disposição e resistência física ao tipo de atividade realizada.

Sem a pretensão de se apresentar como algo definitivo, os casos contemplados neste estudo exploratório apenas iniciam as discussões sobre o cruzamento dos temas envelhecimento, trabalho e representações sociais. A análise das trajetórias de vida e de trabalho dos entrevistados suscita uma série de questionamentos e incita ao aprofundamento e à investigação de inúmeras outras possibilidades de pesquisa.

A mesma questão, apresentada neste estudo, pode ser estendida a grupos específicos de idosos trabalhadores. A exploração de fatores como gênero, profissão, idade, escolaridade, classe social, tipo de vínculo com o trabalho, contexto urbano ou rural, condições de saúde, entre outros possibilitarão a ampliação dos dados e a comparação com os resultados obtidos.

Casos em que os trabalhadores idosos atuam como provedores do sustento familiar (filhos e netos) ou como "pais de seus pais"; o modo como homens e mulheres percebem o desligamento do trabalho e diferem quanto à decisão para a aposentadoria; percepção sobre preconceito no trabalho em função da idade (idadismo); tratamento despendido aos idosos trabalhadores considerando as

diferentes culturas e regiões do país; trabalho voluntário idoso; compatibilidade entre trabalho realizado e qualificação; redirecionamento de carreira; entre outros, também podem constituir objetos de investigação.

De modo geral, propõe-se avançar teoricamente nos estudos sobre representações sociais que também podem se voltar para o cruzamento de significações de idosos trabalhadores, familiares, colegas, superiores, amigos, entre outros.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos Institucionalizados e Família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

ANTUNES, Ricardo. A crise da sociedade do trabalho. In: \_\_\_\_\_. **O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2005, p. 23-39.

ARRUDA, Angela. Modernidade & cia: repertórios da mudança. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 103-127.

BALBINOTTI, Helena Beatriz Finimundi. **A personalidade do adulto maduro: reflexões da clínica psicológica**. São Borja: Conceito, 2012.

BALTES, Paul B; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 17, n. 36, p. 7-31, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

BATH, Neha. Em busca do par perfeito. **Samuel**, São Paulo, n. 10, p. 20-21, 2013.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W; GASKELL George (editores). **Pesquisa**

**qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 39-63.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W; GASKELL George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17-36.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEHAR, Patrícia Alejandra; MACHADO, Letícia Rocha; RIBEIRO, Ana Carolina Ribeiro; EBELING, Larissa. Trabalho voluntário e inclusão digital: indicadores para uma qualidade de vida. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 95-101.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX.** Texto para discussão n. 1034. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

BERTONCINI, Elizabeth M. O. Luti. Trabalho, identidade e aposentadoria precoce: notas teóricas sobre o sofrimento do trabalhador. **Revista de Psicologia da UNESP,** São Paulo, v. 1, n. 1, p. 38-50, 2002.

BLOOM, Kevin. Terra de jovens. **Samuel,** São Paulo, n. 10, p. 18-19, 2013.

BÓS, Ângelo José Gonçalves. Prefácio. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 15-16.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 88**, de 7 de maio de 2015. Altera o art. 40 da Constituição Federal, relativamente ao limite de idade para a aposentadoria compulsória do servidor público em geral, e acrescenta dispositivo ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc88.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc88.htm#art1). Acesso em: 23/05/2017.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm). Acesso em: 04/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 8.842**, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, 1994. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8842.htm). Acesso em: 04/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 8.212**, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências. Brasília, 1991. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8212cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8212cons.htm). Acesso em: 04/07/2018.

BULLA, Leonia Capaverde; MEDIONDO, Marisa Zazzetta de. Velhice, dependência e vida cotidiana institucional. In: CORTELLETTI, Ivonne A.; CASARA, Miriam Bonho; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (orgs.). **Idoso Asilado**: um estudo gerontológico. 2. ed. Caxias do Sul: EducS; Porto Alegre: Edipucrs, 2010, p. 89-109.

CAMARANO, Ana Amélia. **Mecanismos de proteção social para a população idosa brasileira**. Texto para discussão n. 1179. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Jovens e idosos nordestinos**: exemplos de trocas intergeracionais? Texto para discussão n. 1031. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; BARBOSA, Pamela. Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: do que se está falando? In: ALCÂNTARA, Alexandre de

Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (orgs). **Política Nacional do Idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p. 479-514.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Eds). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 58-73.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas de crescimento para a população brasileira**: velhos e novos resultados. Texto para discussão n. 1426. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; FERNANDES, Daniele. Os homens maduros que não trabalham nem são aposentados: um estudo exploratório da PNAD contínua. **Mercado de Trabalho**, n. 64, p. 53-61, 2018.

\_\_\_\_\_. Menos jovens e mais idosos no mercado de trabalho? In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: IPEA, 2014, p. 377-406.

\_\_\_\_\_. **Saída do mercado de trabalho**: qual é a idade? Mercado de trabalho, n. 51. Rio de Janeiro: IPEA, 2012, p. 19-28.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão; CARVALHO, Daniele Fernandes. Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Comunicados do IPEA**. Rio de Janeiro, n. 93, p. 1-14, 2011.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia (Ed.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 253-292.

CARRERA-FERNANDEZ, José; MENEZES, Wilson F. O idoso no mercado de trabalho: uma análise a partir da região metropolitana de Salvador. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 32, n. 1, p. 52-67, 2001.

CARVALHO, Alessandra Silva. Gestão de Pessoas e Envelhecimento: Sentido do Trabalho para o Idoso. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 33, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009.

CASTRO, Odair Perugini de. Vivendo em seu Corpo: uma questão de consciência e de criatividade. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Envelhecer – revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004, p. 13-30.

CAUDURO, Adroaldo; CAUDURO, Maria Helena Fialho; NASCIMENTO, Nair Mônica Ribascik do; MORIGUCHI, Yukio. Religiosidade e espiritualidade. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 61-66.

CAVEDON, Neusa Rolita. Os Saberes Sociais Produzidos no Cotidiano. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Representações Sociais na Área de Gestão em Saúde: teoria e prática**. Porto Alegre: Dacasa, 2005, p. 11-19.

\_\_\_\_\_. **Antropologia para Administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CEPELLOS, Vanessa Martines. Envelhecimento nas Organizações: os grandes debates sobre o tema nos estudos de Administração de Empresas. **Teoria e Prática em Administração**, v. 8, n. 1, p. 138-159, 2018. DOI: 10.21714/2238-104X2018v8i1-37614

\_\_\_\_\_. Trabalho e Envelhecimento: temas em debate. In: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, 6, 2017, Curitiba, **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2017.



\_\_\_\_\_. **Os Sentidos da Idade:** morte e renascimento no processo de envelhecimento de mulheres executivas. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas (FGV)/ Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2016.

CEPELLOS, Vanessa Martines; TONELLI, Maria José. Envelhecimento Profissional: percepções e práticas de gestão da idade. **Revista Alcance** – Eletrônica – v. 24, n. 1, 2017a.

\_\_\_\_\_. Morte e Renascimento Simbólicos no Envelhecimento de Mulheres Executivas. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 41, 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2017b.

CEPELLOS, Vanessa Martines; TONELLI, Maria José; ARANHA, Francisco; PEREIRA FILHO, João Lins. Envelhecimento nas organizações: preconceito ou tendência?. **GV-executivo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 24-27, 2013.

CHAMIE, Joseph. População em trânsito. **Samuel**, São Paulo, n. 10, p. 16-17, 2013.

COCKELL, Fernanda Flávia. Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: trajetórias ocupacionais na construção civil. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 461-471, 2014.

COSTA, Sônia Mara Gusmão; AMARAL, Ana Karênina de Freitas Jordão do; RODRIGUES, Tatyanni Peixoto; XAVIER, Maria Lucrecia Aquino Gouveia; CHIANCA, Isa Mara Mamede; MOREIRA, Maria Adelaide Silva Paredes; SILVA, Antonia Oliveira. Funcionalidade em Idosos: revisão integrativa da literatura. **Revista Ibero-Americana de Saúde e Envelhecimento**, v. 3, n. 2, p. 941-953, 2007.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Idosos Trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 367-390, 2006.

CUPERTINO, Ana Paula Fabrino Bretas; ROSA, Fernanda Heringer Moreira; RIBEIRO, Pricila Cristina Correa. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 81-6, 2007.

DALEN, Hendrik P. van; HENKENS, Kène; SCHIPPERS, Joop. How do employers cope with na ageing workforce? Views from employers and employees. *Demographic Research*, v. 22, n. 32, p. 1015-1036, 2010. DOI: 10.4054/DemRes.2010.22.32

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 34, 2010, Caxambu. **Anais... Caxambu: ANPOCS, 2010.**

\_\_\_\_\_. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS/ANPOCS)**, São Paulo, v. 12, n. 34, p.39-56, 2007. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_34/rbcs34\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm)> Acesso em: 01/02/2017.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 49-67.

DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio Assis. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Eds). **Tratado de**

**geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 1571-79.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications, 1994.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 31-60.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer. In: NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p.109-123.

DOLL, Johannes; GOMES, Ângela; HOLLERWEGER, Leonéia; PECOITS, Rodrigo Monteiro; ALMEIDA, Sionara Tamanini de. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre: v. 12, p. 7-33, 2007.

EUZÉBIO, Gilson Luiz. Um país de cabeça branca. **Samuel**, São Paulo, n. 10, p. 9-12, 2013.

FÄRBER, Sonia Sirtoli. Envelhecimento e elaboração das perdas. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 23, n. 53, p. 7-17, 2012.

FARÍAS-ANTUNEZ, Simone; LIMA, Natália Peixoto; BIERHALS, Isabel Oliveira; GOMES, Ana Paula; VIEIRA, Luna Strieder. Incapacidade funcional para atividades básicas e instrumentais da vida diária: um estudo de base populacional com idosos de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2014. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 2, n. 2, 2018. DOI: 10.5123/S1679-49742018000200005.

FERREIRA, Anderson Jackle; GOULART, Denise. Convivendo em um mundo tecnológico. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 103-108.

FERREIRA, Janaina Medeiros; CUNHA, Neila Conceição Viana da; MENUT, Anaximandro Zylene Casimiro. Qualidade de Vida na Terceira Idade: um estudo de caso no SESC Alagoas. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 32, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

FIGUEIREDO, Nara Cristina Macedo de. **Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2005.

FIGUEIREDO, Marina Dantas de; CAVEDON, Neusa Rolita. A Invisibilidade dos Idosos: o Estigma Imputado aos Mais Velhos e suas Implicações em Centro Comercial de Porto Alegre. In: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, 2, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? **Mimesis**, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FONTOURA, Daniele dos Santos; DOLL, Johannes; OLIVEIRA, Saulo Neves de. O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n.40, v. 1, p.53-79, 2015. DOI: 10.1590/2175-623645774.

FONTOURA, Daniele dos Santos; PICCININI, Valmíria Carolina. Envelhecimento Populacional e Gestão de Pessoas: pesquisas internacionais e notas para o Brasil. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

FONTOURA, Daniele dos Santos; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. A construção social do(s) mercado(s) de trabalho: espaços de lutas de classe, gênero e idade. In: Encontro Nacional de Estudos Organizacionais, 8, 2014, Gramado. **Anais...** Gramado: ANPAD, 2014.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho. Influências Sociais nas Atitudes Frente à Aposentadoria: um estudo transcultural com top executivos. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho. CARNEIRO, Verônica Lopes. Programas de preparação para aposentadoria: um estudo com trabalhadores mais velhos em Resende (RJ). **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 12, n. 3, p. 429-447, 2009.

FRAQUELLI, Ângela Aita. A relação entre autoestima, autoimagem e qualidade de vida em idosos participantes de uma oficina de inclusão digital. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 119-125.

FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Ligia; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; PACHECO, Jaime Lisandro; GOLDMAN, Sara Nigri. (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. 2.ed. São Paulo: Editora Setembro, 2006, p. 15-34.

FRUTOS, Flávia Pellissari Pomin; CRUCIOL, Cristiane Vercesi. Administração e psicologia: Dialogando por meio das representações Sociais. In: Encontro de Estudos Organizacionais, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2008.

GARCIA, Miguel Angelo Baez. **O advento da longevidade no trabalho**: como continuar trabalhando após os 60 anos? Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 64-89.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em Psicologia Social. In: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2013, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ABRAPSO, 2013.

GERMANO, Idilva Maria Pires; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. Abrindo caminho para o futuro: redes de apoio social e resiliência em autobiografias de jovens socioeconomicamente vulneráveis. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.17, n.3, p.381-387, 2012. DOI: 10.1590/S1413-294X2012000300005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDANI, Ana Maria. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, 2010.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 79-108.

GOMES, Marília Miranda Forte; TURRA, Cássio Maldonado; FÍGOLI, Moema Gonçalves Bueno; DUARTE, Yeda A. O. ; LEBRÃO, Maria Lúcia. Passado e presente: condições de vida na infância e mortalidade de idosos. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, n. 93, 2015. DOI:10.1590/S0034-8910.2015049005555

GONZALEZ, Lilian Maria Borges; SEIDL, Eliane Maria Fleury. O envelhecimento na perspectiva de homens idosos. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 345-352, 2011.

GOULART JÚNIOR, Edward; MERGULHÃO, Lucila Russi; CANÊO, Luiz Carlos; NAJM, Marielly Bueno; LUNARDELLI, Maria Cristina Frollini. Considerações sobre a terceira idade e o mercado de trabalho: questionamento e possibilidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 429-437, 2009.

GROISMAN, Daniel. Envelhecimento, direitos sociais e a busca pelo cidadão produtivo. **Argumentum**, Vitória, v. 6, n. 1, p. 64-79, 2014.

\_\_\_\_\_. Asilos de Velhos: passado e presente. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v.2, p. 67-87, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos. **Temas em Psicologia da SBP**. Ribeirão Preto: v.8, n.3, p. 249-256, 2000.

HENDY, Sue. **Longevity**: will we enjoy a long life or will ageism spoil it? Toronto – Canada: International Federation on Ageing, 2015. Disponível em: <<http://www.ifafiv.org/Blog/page/7/>> Acesso: 15/02/2016.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; CORTELLETTI, Ivonne A.; CASARA, Miriam Bonho. Institucionalização do Idoso: identidade e realidade. In: CORTELLETTI, Ivonne A.; CASARA, Miriam Bonho; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (orgs.). **Idoso Asilado**: um estudo gerontológico. 2. ed. Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2010a, p. 15-62.

\_\_\_\_\_. O asilamento sob o olhar de histórias de vida. In: CORTELLETTI, Ivonne A.; CASARA, Miriam Bonho; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (orgs.). **Idoso Asilado**:

um estudo gerontológico. 2. ed. Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2010b, p. 65-85.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Tábua completa da mortalidade para o Brasil – 2016**: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2018a. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade/Tabuas\\_Completas\\_de\\_Mortalidade\\_2016/tabua\\_de\\_mortalidade\\_2016\\_analise.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2016/tabua_de_mortalidade_2016_analise.pdf). Acesso em: 10/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Projeções da População**: Brasil e Unidades da Federação – revisão 2018. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf>. Acesso em: 10/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Projeção da população brasileira**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 24/02/2016.

\_\_\_\_\_. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014. **Estudos e Pesquisas: informação Demográfica e Socioeconômica**, Rio de Janeiro: n. 34, 2014. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 09/03/2015.

\_\_\_\_\_. **Atlas do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 02/03/2015.

\_\_\_\_\_. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 02/03/2015.

\_\_\_\_\_. **Indicadores sociodemográficos**: prospectivos para o Brasil 1991-2030. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 09/03/2015.



IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Mercado de trabalho. **Carta de Conjuntura**, n. 39, 2º trimestre de 2018. IPEA, 2018. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/180622\\_cc\\_39\\_secao\\_mercado\\_trabalho.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/180622_cc_39_secao_mercado_trabalho.pdf). Acesso em: 25/10/2018.

\_\_\_\_\_. **Demografia**: Brasil. IPEA, 2000. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/> Acesso em: 24/02/2015.

IRIGARAY, Tatiana Quarti. Envelhecendo e Aprendendo. In: CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). **Envelhecer – revisitando o corpo**. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004, p. 55-67.

JESUÍNO, Jorge Correia. Introdução: a teoria das representações sociais. In: \_\_\_\_\_; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 9-19.

JODELET, Denise. O encontro dos saberes. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 59-79.

\_\_\_\_\_. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

\_\_\_\_\_. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, Serge. (Org.). **Psicologia Social: pensamiento y vida social**. v. 2. Barcelona: Paidós, 1986, p. 469-494.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Prefácio. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 7-8.

\_\_\_\_\_. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; \_\_\_\_\_. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 53-72.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 90-113.

KALACHE, Alexandre. Prefácio. In: TAVARES, Márcia Fernandes. **Trabalho e longevidade: como o novo regime demográfico vai mudar a gestão de pessoas e a organização do trabalho**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2015, p. IX-XIII.

KELLY, Luciana Torres de Souza; RIBAS, José Roberto; COSTA, Isabel de Sá Affonso da. Atividades Física, Educativa e de Dança: um Estudo dos Valores dos Consumidores Idosos. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 34, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

KOVACS, Ilona. **As metamorfoses do emprego: ilusões e problemas da sociedade da informação**. Oeiras, Portugal: Celta, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

LÁSZLÓ, János. Psicologia social narrativa e a análise de conteúdo de categorias narrativas (Narrcat). In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 235-252.

Leandro-França, Cristineide, Iglesias, Fábio, & Murta, Sheila Giardini. Futuro e aposentadoria: evidências de validade para uma medida de perspectiva temporal. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 18, n. 2, p. 390-395, 2018. DOI: 10.17652/rpot/2018.2.14246

LEBRÃO, Maria Lúcia; DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. Saúde e independência. In: NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p. 191-207.

LIMA, Thales Batista de; HELAL, Diogo Henrique. Trabalho na terceira idade: Uma revisão sistemática da literatura brasileira entre 2008 e 2012. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 7, n. 18, p. 369-394, 2013.

LOCATELLI, Patrícia Augusta Pospichil Chaves Locatelli. **As representações sociais sobre a velhice e os reflexos nos processos de gestão de pessoas de uma Instituição de Longa Permanência de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) / Escola de Administração, Porto Alegre, 2012.

LOCATELLI, Patrícia Augusta Pospichil Chaves; CAVEDON, Neusa Rolita. As representações sociais sobre a velhice na perspectiva dos usuários de uma instituição de longa permanência. In: Encontro Internacional de Ciências Sociais, 3, 2012, Pelotas. **Anais...** Pelotas: EICS, 2012.

\_\_\_\_\_. As gurias: exercício etnográfico realizado com mulheres idosas praticantes de hidroginástica. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 10, n. 18, p. 45-61, 2011.

LOCATELLI, Patrícia Augusta Pospichil Chaves; FONTOURA, Daniele dos Santos. Envelhecimento populacional e os estudos em Administração. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 7, n. 17, 2013.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Imagem e auto-imagem. In: NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p. 141-152.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte**: subsídios para possíveis avanços do estudo. Brasília: Editora Universidade de Brasília: 1998.

MARKOVÁ, Ivana. Ética na teoria das representações sociais. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 80-102.

MARQUES, Juliana Rodrigues. **“De homem-só a gestor”**: o significado da gestão nas representações sociais dos membros-coordenadores do MP-RS. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ Faculdade de Administração, Porto Alegre, 2011.

MARTINS, Caren Lara. Ser um idoso hipermóvel é saudável? In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs.). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 157-163

MERCURE, Daniel; SPURK, Jan (org.). Introdução. In: **O trabalho na história do pensamento ocidental**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, p. 9-14.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 61-77.

\_\_\_\_\_. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MIRANDA, Danilo Santos de. O envelhecimento e a transitoriedade da vida humana. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 23, n. 53, 2012.

MORAIS, Lucílio Linhares Perdigão de; BRAGA, Clarissa Daguer; METZKER NETTO, Christiana; PIMENTEL, Thiago Duarte, SOUZA, Mariana Mayumi Pereira de. Da Sereia ao Avestruz: metáforas da representação social identitária em uma instituição policial de Minas Gerais. In: Encontro de Estudos Organizacionais, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2008.

MORAIS, Pablo Augusto Panêto de; MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira; O processo de formação das representações sociais de competência dos profissionais de uma Instituição Federal de Ensino. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 10, n. 2, p. 88-100, 2018. DOI: 10.21118/apgs.v10i2.1375

MOREIRA, Myriam Levy Cardoso. Relacionamento familiar entre gerações. In: GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. (Orgs.). **Rejuvenescer a velhice**. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 125-130.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p.8-19, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Das representações Coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 45-66.

NASCIMENTO, Andréa Silva e. Fonoaudiologia no envelhecimento. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 191-198.

NASCIMENTO, Rejane Prevot; COSTA, Débora Vargas Ferreira; SALVÁ, Maria Nair Rodrigues; MOURA, Renan Gomes de; SIMÃO, Lutumba António Sebastião.

'Trabalhar é manter-se vivo': Envelhecimento e sentido do trabalho para docentes do ensino superior. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, p. 118-138, 2016.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: \_\_\_\_\_. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p. 33-46.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2005.

NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999, p.113-140.

NONATO, Fernanda J. A. P.; PEREIRA, Rafael H. Moraes; NASCIMENTO, Paulo A. Meyer M.; ARAÚJO, Thiago Costa. **O perfil da força de trabalho brasileira: trajetórias e perspectivas**. Mercado de trabalho, n. 51. Rio de Janeiro: IPEA, 2012.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU, 1997.

NUNES, Vivian Patricia Caberlon. Envelhecimento: olhando-se no espelho da vida, através da inclusão digital. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 109-117.

PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice: histórico, definição de campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Eds). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016, p. 3-13.

\_\_\_\_\_. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Eds). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 3-13.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. Qualidade de vida na velhice. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Eds). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 99-106.

PATRICKSON, Margaret; RANZI, Rob. Workforce ageing: the challenges for 21st century management. **International Journal of Organisational Behaviour**, v. 10, n. 4, p. 729-739, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

PHILLIPSON, Chris. Commentary: the future of work and retirement. **Human Relations**, v. 66, n. 1, p. 143-153, 2013. DOI: 10.1177/0018726712465453.

PICCININI, Valmíria Carolina; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; FONTOURA, Daniele dos Santos; SCHWEIG, Cristine. Quand travailler aurait-il un sens? In: Conference de l'AGRH, 16, 2005, Paris. **Anais...** Paris, 2005.

POST, Corinne; SCHNEER, Joy A.; REITMAN, Frieda; OGILVIE, Dt. Pathways to retirement: a career stage analysis of retirement age expectations. **Human Relations**, v. 66, n. 1, p. 87-112, 2013. DOI: 10.1177/0018726712465657.

RIBEIRO, Paula Regina de Oliveira; JANEIRO, Cássia. População Idosa. Coleção Caravana de Educação em Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República - SDH/PR e Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais - Flacso Brasil. Brasília: 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?publication=colecão-caravana-de-educacao-em-direitos-humanos-populacao-idosa>>. Acesso em: 17/07/2018.

ROSA, Tereza Etsuko da Costa; BARROSO, Áurea Eleotério Soares; LOUVISON, Marília Cristina Prado. Envelhecimento ativo: para onde rumar nessa invenção? In:

\_\_\_\_\_. **Velhices**: experiências e desafios nas políticas do envelhecimento ativo. São Paulo: Instituto de Saúde, 2013.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. 5. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROWE, John. W.; KAHN, Robert L. **Successful aging**. New York: Pantheon Books, 1998.

ROWLAND, Robert. Malefícios e Representações coletivas: ou seja, por que na Inglaterra as feiticeiras não voavam. **Revista USP**. São Paulo, n. 31, p. 16-29, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SALGADO, Carmen Delia Sanchez. **Gerontología Social**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Espacio Editorial, 2000.

SÁNCHEZ, Valmíria Carolina Piccinini. **Absorção de mão de obra em faixas etárias superiores**: um estudo na grande Porto Alegre – 1978/1979. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) / Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Porto Alegre, 1980.

SANTOS, Hermílio. Apresentação à edição brasileira: relevância e ação em reconstruções biográficas. In: ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**: uma introdução. 5. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 9-13.

SARGENT, Leisa D.; LEE, Mary Dean; MARTIN, Bill; ZIKIC, Jelena. Reinventing retirement: new pathways, new arrangements, new meanings. **Human Relations**, v. 66, n. 1, p. 3-21, 2013. DOI: 10.1177/0018726712465658.

SIEDLER, Clarice; ROCHA, Édina. **UFRGS Professores Eméritos – Memórias e História**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013.



SILVA, Najara Santos da. BM ampliou suas atividades e polícia ostensiva. **Revista da Brigada Militar** (Publicação Comemorativa dos 175 anos da Corporação), ano II, n. 3, p. 14-15, 2012.

SILVA, Pedro Joel. A motivação e as metas motivacionais: aspectos importantes para o envelhecimento com qualidade de vida. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 39-48.

SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A teoria das representações sociais nos estudos organizacionais. In: SOUZA, Eloisio Moulin de (org.) **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014.

SIMÕES, J. A. **Entre o lobby e as ruas**: movimento de aposentados e a politização da aposentadoria. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 25-34, 2000. DOI: 10.1590/S0102-69092000000200002.

SOUZA, Fabiane Azevedo de. Gerontoarquitetura. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 39-48.

SOUZA, Luccas Melo de; LAUTERT, Liana. Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 42, n. 2, p. 371-376, 2008. DOI: 10.1590/S0080-62342008000200022

SOUZA, Rosângela Ferreira de; MATIAS, Hernani Aparecido; BRETAS, Ana Cristina Passarella. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2835-2843, 2010.

SPINK, Mary Jane P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 95-118.

\_\_\_\_\_. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, 1993. DOI: 10.1590/S0102-311X1993000300017

STUCCHI, Deborah. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 35-46.

TAFNER, Paulo. **Brasil: o estado de uma nação**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

TAVARES, Márcia Fernandes. **Trabalho e longevidade: como o novo regime demográfico vai mudar a gestão de pessoas e a organização do trabalho**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2015.

TERRA, Newton Luiz. Apresentação. In: TERRA, Newton Luiz; BÓS, Ângelo J. G.; CASTILHOS, Nara (orgs). **Temas sobre envelhecimento ativo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2013, p. 13-14.

TERRA, Newton Luiz; BÓS, Ângelo J. G.; CASTILHOS, Nara (Orgs). Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Temas sobre envelhecimento ativo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2013, p. 11-12.

TOSIM, Alessandro; MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. O significado do envelhecer nos discursos de idosos cegos. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, v.14, n.1, p. 65-79, 2009.

TORELLY, Ivana Werner de Oliveira. Envelhecimento ativo: uma nova concepção. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 79-82.

UNFPA (United Nation Population Fund). **Situação da população mundial 2014**. UNFPA: Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/situacao-da-populacao-mundial>. Acesso em: 23/02/2015.

\_\_\_\_\_. **Ageing in the twenty-first century: a celebration and a challenge**. UNFPA: New York, HelpAge, London, 2012. Disponível em: <http://www.unfpa.org/public/home/publications/pid/11584>. Acesso em: 13/08/2013.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects: the 2015 revision**. United Nations: New York, 2015. Disponível em: [https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/Key\\_Findings\\_WPP\\_2015.pdf](https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/Key_Findings_WPP_2015.pdf). Acesso em: 05/09/2018.

UYEHARA, Ana Maya Goto. Despertando o mercado de trabalho para o idoso. **Revista Gerenciais**, São Paulo, v. 2, p. 43-49, 2003.

VALSINER, Jaan. Hierarquias de signos: representação social no seu contexto dinâmico. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina M. M.; LOPES, Manuel José (orgs.). **As representações sociais nas sociedades em mudança**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 29-58.

VARGAS, Luisa Santos de; TACQUES, Cláudia de Oliveira. Um empreendimento hoteleiro voltado para o hóspede idoso do município de Gravatal: um estudo de caso. In: TERRA, Newton Luiz, *et al.* (orgs). **Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 49-60.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p. 21-31.

VERAS, Renato. Atenção preventiva ao idoso: uma abordagem de saúde coletiva. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (ed.). **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996, p. 383-393.

\_\_\_\_\_. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 3, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102009000300020&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000300020&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23/03/2015. DOI: 10.1590/S0034-89102009005000025.

VICTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

WAJNMAN, Simone; OLIVEIRA, Ana Maria H. C. de; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de. Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p.463-479.

WHO (World Health Organization). **World report on ageing and health**. WHO: Geneva - Switzerland, 2015. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/1/WHO\\_FWC\\_ALC\\_15.01\\_eng.pdf?ua=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/1/WHO_FWC_ALC_15.01_eng.pdf?ua=1). Acesso em 16/02/2016.

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)>. Acesso em: 27/04/2015.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

**APÊNDICE A – ARTIGOS SOBRE ENVELHECIMENTO PUBLICADOS NO  
ENANPAD (2012-2018)**

<b>ANO</b>	<b>ARTIGO</b>	<b>ÁREA</b>
2012	Avaliação do Envio de Mensagens de Texto pelo Público de Terceira Idade nos Celulares dos Tipos Touch Screen e Convencional por Meio do Modelo GQM (BESSA; ALMEIDA; FERREIRA; SILVEIRA)	ADI – Administração da Informação
2012	Avaliação de Acessibilidade para Terceira Idade em WebSites Utilizando Lógica Fuzzy (SANTOS; SILVEIRA; LOIOLA; FERREIRA)	ADI – Administração da Informação
2012	Significado do Trabalho e Envelhecimento: Estudando os Gerentes Aposentados (MARRA; SOUZA)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2012	Envelhecimento Populacional e Gestão de Pessoas: pesquisas internacionais e notas para o Brasil (FONTOURA; PICCININI)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2012	As Representações Sociais sobre a Velhice e os Reflexos na Captação de Pessoas de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos de Porto Alegre (LOCATELLI; CAVEDON)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2012	Processo de Escolha de Alimentos por parte de Consumidores Idosos (QUEVEDO-SILVA; LIMA-FILHO; FAGUNDES)	MKT - Marketing
2012	Valores Pessoais de Idosos Usuários de Academias: Uma Análise Sob a Perspectiva da Teoria da Cadeia Meios-Fim (BORGES; MALVEZZI; COSTA; CARVALHO)	MKT - Marketing
2012	A Influência dos Fatores de Design do Ambiente de Loja na Interação Consumidorconsumidor: um Estudo junto a Consumidores de Terceira Idade no Varejo Supermercadista (TOMAZELLI; ESPARTEL)	MKT - Marketing
2013	O Impacto da Mudança da Regra de Cálculo das Aposentadorias por Tempo de Contribuição do INSS: O Fator Previdenciário é Atuariamente Justo? (PENAFIERI; AFONSO)	APB – Administração Pública

2013	Envelhecimento da População e Mercado de Trabalho: a opção do Empreendedorismo - notas para Portugal (MATOS; FONTOURA)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2014	Aposentadoria: Escolhas Diferentes, Caminhos Divergentes (FONTOURA; DOLL; OLIVEIRA)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2015	Envelhecer ou não Envelhecer, não É a Questão: os Desafios Subjetivos Inerentes ao Trabalho com Idosos (BARRETO; PAULA)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2015	O Bem-Estar ao Comprar no Contexto dos Shopping Centers: um Estudo com Idosos (PINTO; LEITE; ANDRADE; JOAQUIM)	MKT - Marketing
2015	A Experiência Vivenciada por Idosos em Suas Visitas a um Shopping Center: Proposição de um Modelo Teórico (TEIXEIRA; SHIGAKI; FERREIRA; CALIC)	MKT - Marketing
2015	A Contribuição da Internet na Melhoria da Qualidade de Vida Subjetiva do Idoso (PIRES; ABREU)	MKT - Marketing
2016	Além das Aparências: um Estudo sobre a Identidade de Idade de Mulheres na Terceira Idade (CORDEIRO; PEREIRA; GOMES)	MKT - Marketing
2017	Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na Terceira Idade: Um Estudo sobre Vulnerabilidade à Engenharia Social (VIANA; BELLINI)	ADI – Administração da Informação
2017	25 Anos do Grande Conselho Municipal do Idoso de São Paulo: Há o que Comemorar? (ARAUJO; ARAUJO)	APB – Administração Pública
2017	Territorialização do Cotidiano a partir de Intervenções Governamentais: o Caso das Academias da Terceira Idade (ATIs) no Município de Maringá – PR (GUARNIERI; CHAGAS; VIEIRA)	APB – Administração Pública
2017	Morte e Renascimento simbólicos no envelhecimento das mulheres executivas (CEPELLOS; TONELLI)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2017	Qualidade de Vida Subjetiva de Idosos Residentes em Instituições de Longa Permanência para Idosos (COELHO)	MKT - Marketing

2017	Uma Perspectiva Transformadora Entre Consumidores Idosos de Baixa Renda no Contexto de Consumo de Crédito e Violência Financeira (ALMEIDA; BATINGA; ÁSSIMOS; PINTO)	MKT - Marketing
2017	A Cultura e o Consumo de Crédito como (Re)Produtores de Violência Financeira em Idosos: Identificando Lacunas e Propostas de Trilhas de Investigação (ALMEIDA; PINTO)	MKT - Marketing
2017	Motivações de Consumo e Identidade do Idoso Brasileiro (FREGOLENTE; RIBEIRO; MEDEIROS)	MKT - Marketing
2017	A Ressignificação da Terceira Idade: Redescobrimo Corpo, Prazer, Vida e Sociabilidade na Dança de Salão (ARAUJO; ROCHA)	MKT - Marketing
2018	Trabalho e envelhecimento: uma revisão sistemática da produção científica internacional (KAI; LOURENÇO)	EOR – Estudos Organizacionais
2018	Envelhecimento nas Organizações: Postura dos Profissionais Maduros e Práticas de Gestão da Idade (TONELLI; PEREIRA; CEPELLOS; LINS)	GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
2018	Panela Velha é que Faz Comida Boa? A Influência da Idade e da Experiência dos Gestores nas Estratégias de Marketing (CAMARGO, COSTA, TOALDO; DIDONET)	MKT – Marketing

**Quadro 10 - Artigos sobre envelhecimento publicados nos anais do ENANPAD – 2012 a 2018**

Fonte: ENANPAD (2012 – 2017)



**APÊNDICE B – ARTIGOS SOBRE ENVELHECIMENTO PUBLICADOS NOS  
EVENTOS ANPAD DE CADA ÁREA (2004-2018)**

<b>ANO</b>	<b>ARTIGO</b>	<b>ÁREA</b>
2004	Existe uma Divisão Digital ou Cultural? O Uso da Internet por Consumidores da Terceira Idade no Brasil (FARIAS)	EMA
2006	A Compreensão do significado do termo terceira idade pela terceira idade em São Paulo (BACHA; STREHLAU; PEREZ)	EMA
2006	Idosos não são iguais: uma Análise de Agrupamentos Sobre as Atividades de Lazer da Terceira Idade (STREHLAU; BACHA; LORA)	EMA
2008	A Ambientação da Loja de Varejo de Confecções para o Mercado de Terceira Idade (GONZÁLES; PERIN; SAMPAIO; PASQUALOTTO; UGALDE)	EMA
2008	O Significado da Terceira Idade pela Terceira Idade: Autoconceito das Classes AB e CD em São Paulo (BACHA; STREHLAU)	EMA
2008	As Políticas Públicas para os Idosos no Brasil: A Cidadania no Envelhecimento (BRAGA; MAESTRO FILHO; SILVEIRA; GUIMARAES)	EnAPG
2009	Imaginário, Subjetividade e Aposentadoria: Uma Abordagem Interpretativa sob a Ótica Feminina (MARRA; BRITO; OLIVEIRA; DIAS)	EnGPR
2009	A Invisibilidade dos Idosos: O Estigma Imputado aos Mais Velhos e Suas Implicações em Centro Comercial de Porto Alegre (FIGUEIREDO; CAVEDON)	EnGPR
2010	Espelho, Espelho Meu, Existe Alguém Mais Vaidosa do Que Eu? A Vaidade Feminina e sua Influência na Autoestima e no Consumo de Procedimentos Estéticos (STREHLAU; CLARO; LABAN NETO)	EMA
2011	Aposentadoria – oportunidade de realizar projetos e/ou momento de crise? Um estudo com servidores da Universidade Federal de Santa Catarina (DEBETIR)	EnGPR

2012	A Internet e a Terceira Idade: Elaboração de um Modelo Teórico para a Compreensão deste Comportamento de Consumo (ESTEVES; SLONGO)	EMA
2012	Rupturas e Permanências: múltiplas trajetórias da aposentadoria de executivos (MARRA; MARQUES; MELO)	EnEO
2012	A Construção do Sentido de Envelhecimento para os Assistentes Sociais: uma Abordagem Contextualista das Emoções a partir do Cotidiano de Trabalho (LOCATELLI; OLIVEIRA; CAVEDON)	EnEO
2012	Envelhecimento Populacional: como este Fenômeno tem sido Abordado pela Administração? (LOCATELLI; FONTOURA)	EnEO
2013	Vida e Carreira de Executivos depois da aposentadoria (MARRA)	EnGPR
2013	Envelhecimento nas Organizações: Percepções e Práticas de RH no Brasil (CEPELLOS; TONELLI; ARANHA FILHO)	EnGPR
2014	O envelhecimento e a construção da idade profissional na esfera do trabalho (CEPELLOS; SILVA; TONELLI)	EnEO
2015	Reflexões sobre a Aposentadoria Compulsória (ou Seria Expulsória?) (LIMA; NÓBREGA; HELAL)	EnEPQ
2015	Aposentadoria: Mudanças de Hábito na Terceira Idade (ASSIS; LEAL)	EnGPR
2015	Demissão de Gestores mais Velhos: Reestruturação ou Etarismo? (PEREIRA; HANASHIRO)	EnGPR
2015	Significados do Trabalho antes e depois da Aposentadoria: uma História de Vida (LIMA; MELO; ALBUQUERQUE)	EnGPR
2015	Aposentadoria Gerencial Feminina: um Estudo sobre a Realocação do Poder (VALADARES; MARRA; PINHEIRO)	EnGPR
2016	O Envelhecer para Mulheres Maduras: Valores Pessoais de Senescentes Graduadas Quanto ao Uso do Cosmético Facial Anti-envelhecimento (OLIVEIRA; CURZIO; SHINODA; FONSECA)	EMA

2016	Pistas Sociais no Varejo e Avaliações Desfavoráveis aos Idosos. O Valor Preditivo das Atitudes em Ambientes Varejistas (BIZARRIAS; BRANDÃO; FERREIRA)	EMA
2016	Velho, Eu? Comportamento Materialista e Suas Relações entre Consumidores Maduros e Idosos (MANTOVANI; SILVEIRA)	EMA
2016	Metamorfoses Identitárias e Aposentadoria Gerencial Feminina (MARRA; VALADARES; MORAES SOBRINHO; SILVA)	EnEO
2017	Trabalho e Envelhecimento: temas em debate (CEPELLOS)	EnGPR
2017	Papel de trabalho, Carreira, Satisfação de vida e Ajuste na Aposentadoria (BOEHS; SILVA)	EnGPR
2017	Reflexões sobre a Aposentadoria: perspectivas e desafios para os trabalhadores e para a Gestão de Pessoas (HELAL; NÓBREGA; LIMA)	EnGPR
2018	Reinventando o Cotidiano: Uma Análise de Práticas de Consumo de Idosos Sob a Ótica de Michel de Certeau (GUARNIERI; VIEIRA)	EMA
2018	IDENTIDADE COM O TRABALHO E APOSENTADORIA: Manifestações Biopsicossociais em Professores Universitários Aposentados (PEREIRA; BATISTA; SOUSA)	EnEPQ

**Quadro 11 - Artigos sobre envelhecimento publicados nos anais dos eventos específicos de cada área promovidos pela ANPAD – 2004 a 2018**

Fonte: ANPAD (2004 – 2018)

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar em uma pesquisa sobre envelhecimento e trabalho. Para tanto, serão realizadas entrevistas em dois ou mais momentos. Na primeira, o entrevistado contará sua história de vida. Nas entrevistas seguintes serão aprofundados alguns pontos que suscitaram dúvidas e que permitam aprofundar a compreensão do tema pesquisado. As entrevistas serão gravadas e depois transcritas, sendo devidamente arquivadas após o término da pesquisa.

Embora esta pesquisa não traga nenhum benefício direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico nesta área e beneficiar perspectivas de intervenções futuras. O único incômodo previsto é o de disponibilizar o tempo para a realização das entrevistas.

É importante salientar que a sua participação na pesquisa é voluntária; portanto, caso não queira participar da pesquisa, você não precisa assinar este termo. Você também poderá interromper a entrevista a qualquer momento, se assim desejar, sem qualquer prejuízo para você. Os resultados globais da pesquisa serão publicados posteriormente em uma tese de doutorado e em periódicos científicos, porém com o seu anonimato assegurado.

**Título da Pesquisa:** A relação do idoso com o trabalho: uma proposta de compreensão à luz da teoria das Representações Sociais.

**Pesquisadora:** Patrícia Augusta Pospichil Chaves Locatelli

**Telefone e e-mail para contato:** (51) 98131 0058 – [patriciaposp@gmail.com](mailto:patriciaposp@gmail.com)

Esta pesquisa é orientada pela Profa. Elaine Di Diego Antunes, da Escola de Administração da UFRGS, com quem podem ser obtidas maiores informações, caso seja do seu interesse (e-mail: [elaine.antunes@ufrgs.br](mailto:elaine.antunes@ufrgs.br) ou telefone 51 3308-3284).

Pelo presente Termo de Consentimento, eu,

---

declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado dos objetivos e da justificativa

da presente pesquisa, e estou de acordo em participar da mesma. Fui igualmente informado: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas.

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_